

JAVIER CASTILLO

**O DIA
EM QUE
PERDEMOS
A CABEÇA**





JAVIER CASTILLO

O DIA EM QUE
PERDEMOS A CABEÇA

Tradução de
JORGE PEREIRINHA PIRES





À minha tudo, pela qual daria a minha vida inteira,
pela qual faria qualquer coisa.

Tudo na vida tem o seu porquê,
mas este só se conhece quando se olha para trás.

Introdução

24 de Dezembro de 2013. Boston

São doze horas da manhã de 24 de Dezembro, falta um dia para o Natal. Caminho pela rua tranquilo, com o olhar perdido, e tudo parece estar em câmara lenta. Olho para cima e vejo erguerem-se quatro balões brancos que se afastam em direcção ao Sol. Enquanto ando, ouço gritos de mulheres e percebo como as pessoas, ao longe, não param de me observar. Para dizer a verdade, parece-me normal que olhem para mim e gritem, ao fim e ao cabo estou nu, coberto de sangue, e transporto uma cabeça entre as mãos. O sangue do meu corpo já está quase seco, embora a cabeça ainda continue a gotejar lentamente. Uma mulher ficou paralisada no meio da rua quando me viu. Quase soltei uma gargalhada quando deixou cair as compras ao chão.

Ainda não consigo acreditar no que fiz ontem à noite, embora no fundo tenha uma sensação de tranquilidade e de paz interior que jamais conheci antes. É estranho, mas é a verdade.

Olho de novo para a mulher, e ela continua imóvel. Mostro-lhe um sorriso de orelha a orelha e vejo como começa a tremer. Meu Deus, como sou bom.

Recordo com nostalgia os quatro meses que passei a ensaiar o olhar perdido em frente ao espelho. Dia sim, dia sim, quatro horas diários de ensaio. Satisfaz-me pensar que sou um autodidacta, mas suponho que seja aquela sensação semifalsa de auto-realização que sentem todos os que se proclamam autodidactas. Sempre me foi fatal a interpretação, e nunca soube mentir. Não soube fazê-lo, nem sequer quando lhe disse a ela, à minha mais que tudo, há muitos anos, o motivo pelo qual íamos àquele sítio a meio da noite. Encantava-me o sorriso dela, e o seu olhar era uma verdadeira perdição. Não se podia mentir àquele olhar. Eu poderia ter passado uma vida

inteira a observá-la enquanto amanhecia, enquanto os raios do Sol lhe iluminavam o cabelo e enquanto ela abria os olhos e me sorria ao despertar.

No meu silêncio interior, começo a escutar ao fundo as sirenes da polícia e, pouco a pouco, percebo tudo o resto: o caos das pessoas, bebês a chorarem, passos a toda a velocidade.

Detenho-me onde estou, solto a cabeça de J. T. e sorrio para os polícias quando eles se aproximam, cercando-me e apontando-me as suas armas. Ajoelho-me no chão e, antes de cair, inconsciente, devido a uma pancada na cabeça, só tenho tempo para dizer:

— Falta um dia para o Natal.

Capítulo 1

26 de Dezembro de 2013. Boston

Creio que é o segundo dia que estou aqui fechado. Quando abro os olhos, não há nada. A luz que entra por baixo da porta mal me permite ver a minha mão a vinte centímetros. Do lado de fora, ouvem-se, de vez em quando, os passos dos guardas e uma ou outra voz ao longe. Durante todo este tempo, imaginei que isto iria ser muito mais aterrador e, pelo contrário, sinto-me relaxado nesta obscuridade. Talvez seja por causa daquilo que acabei de fazer, por causa do que aconteceu há duas noites. Creio que pouco a pouco tudo começa a compor-se e que por muitos actos, tanto bondosos como malévolos, que uma pessoa realize, no final continuamos a ser nós próprios. Poderemos não ser o mesmo eu, mas ao fim e ao cabo somos nós próprios. Ainda ressoam dentro de mim os prantos da noite de anteontem e aquele grito dilacerante. As imagens do fogo atormentam-me enquanto adormeço. Todavia, creio que nunca me senti melhor em toda a minha vida.

Capítulo 2

26 de Dezembro de 2013. Boston

Intensificaram-se os passos e a agitação lá fora. «Já aí vêm», pensou o prisioneiro. No interior do quarto ouvia-se ao fundo o que eles diziam no exterior.

— Está nesta cela? — perguntou uma voz grave do outro lado da porta.

— Sim, senhor director — sussurrou outra voz.

— Há quanto tempo está aqui? Alguém o visitou? — perguntou de novo a voz grave.

— Desde ontem de manhã, senhor director, tal como me ordenou, não foram permitidas visitas. Os jornalistas impacientam-se e querem saber tudo. Hoje de manhã uma jornalista tentou fazer-se passar por familiar para ir lá dentro vê-lo e falar com ele. Passou por todos os controlos até chegar a esta porta, onde eu próprio a expulsei. Já tomámos medidas para que isso não volte a suceder. Os vigilantes do centro foram chamados para explicarem o que aconteceu e estão neste momento a prestar declarações — respondeu a segunda voz.

— Despeçam todos os que a deixaram passar. Além disso, quero uma lista com os nomes deles. Encarregar-me-ei pessoalmente de que não voltam a trabalhar num centro psiquiátrico para o resto da vida — respondeu, taxativa, a voz grave, em tom de comando. — Quanto a si, muito obrigado. Fez um bom trabalho. Pode retirar-se — acrescentou.

— Obrigado, senhor director, às suas ordens — respondeu a segunda voz. Depois daquelas palavras, ouviram-se uns passos que se afastavam da porta.

A partir da obscuridade do interior, a única luz que se percebia era a da soleira por baixo da porta, onde agora se podiam ver as duas sombras dos pés

de quem estava do outro lado.

«Aí vem», pensou o prisioneiro. Nesse momento, o ambiente ficou em silêncio, como se o vazio se tivesse apoderado do quarto e houvesse absorvido o som.

De repente, a escuridão absoluta do interior cindiu-se com uma luz ofuscante, permitindo ver o prisioneiro, que se encontrava enroscado no chão e olhava para o director, sorrindo de modo desembaraçado. O prisioneiro vestia o uniforme branco do centro psiquiátrico e tinha a pele pálida e umas amplas e profundas olheiras. O seu cabelo era castanho-escuro e, embora o seu aspecto actual parecesse algo abatido, aquele olhar, com os seus olhos azuis, surpreendia pela sua beleza. As íris haviam-se contraído tanto com a mudança de luz que só se percebia o azul intenso daqueles olhos. O prisioneiro apertava os joelhos com os braços num canto da cela e permaneceu imóvel, apesar da expressão ameaçadora do director. O quarto branco estava acolchoado e fora concebido para os pacientes e doentes mentais mais perigosos ou que tivessem tendência para se automutilarem, e, embora até agora ele não tivesse mostrado sinais de automutilação, o director optara por proteger o paciente mais mediático da sua carreira como psicólogo.

Assim que soubera que o seu centro seria o destino temporário do «decapitador», como lhe haviam chamado na imprensa, reunira todo o pessoal do centro na cantina e explicara durante uma palestra de meia-hora a importância que tinha para todo aquele complexo psiquiátrico o tratamento, os cuidados e as precauções que se deviam levar a cabo com o novo inquilino temporário.

— Lembrem-se: enquanto a avaliação psicológica durar, teremos a imprensa à porta do centro todos os dias. Irão tentar entrar por todos os meios possíveis. Tentar conseguir uma entrevista com algum de vós ou com o próprio «decapitador». Procurarão comprar-vos, com dinheiro, viagens, qualquer coisa. Só vos faço uma advertência: uma viagem ou o dinheiro que vos ofereçam só vos irá durar vários dias, várias semanas ou até vários meses; em troca, tereis de procurar trabalho para toda a vida. Se algum de vós comentar algo na imprensa acerca do que acontece dentro do centro ou sobre

o estado do novo inquilino, eu próprio me encarregarei de que não encontre trabalho em nenhum outro centro psiquiátrico — resumiu o director no fim da palestra.

O director sabia perfeitamente manejar as subtilezas da linguagem e os medos das pessoas e aproveitava a sua situação de poder no centro para manobrar o pessoal a seu bel-prazer.

Ficou a olhar fixamente o prisioneiro nos olhos, o qual continuava a oferecer-lhe um sorriso e o observava sem pestanejar. Durante um segundo, o prisioneiro sorriu mais, e aquele perfeito sorriso de dentes brancos surpreendeu-o. De certo modo, e apesar do seu aspecto pálido, o prisioneiro era atraente. Ao director fazia lembrar Tom, um antigo colega da faculdade com quem costumava estudar. Durante os anos de estudo na Faculdade de Psicologia, ambos partilhavam apontamentos, festas e mulheres. O director surpreendia-se com a facilidade com que Tom conseguia encontros com raparigas na universidade. Com um sorriso, um olhar e a sua descarada maneira de ser, Tom flirtava com raparigas que acabara de conhecer e daí a poucos minutos voltava com um *post-it* que trazia um nome e um número de telefone.

O prisioneiro tinha as pontas das unhas sujas, com restos de terra, e os nós dos dedos esfolados. Apresentava um ou outro arranhão nos braços e na cara. O director mirou-o de novo fixamente nos olhos. «Que tipo de pessoa decapita outra e caminha tranquilamente pela rua?», pensou o director. O olhar do prisioneiro desconcertava-o.

— Muito bem, levanta-te — ordenou.

O prisioneiro sentou-se devagar, sem desviar o olhar.

— Tenho aqui o teu processo — disse-lhe ele. — São mais de cento e cinquenta páginas. O centro de investigação da polícia elaborou um dossiê descritivo das doze horas posteriores à tua detenção. Interrogaram mais de trinta pessoas da zona em que te viram a deambular nu às doze horas da manhã do dia 24 de Dezembro — acrescentou. — A primeira chamada para a polícia foi às 12h01 da manhã, por um comerciante da Irving Street. Às 12h03 a polícia tinha recebido dezassete chamadas de gente que te tinha visto — disse ele em tom sério. — Nos últimos dois dias, não se fala de outra coisa

que não seja o teu caso. Notícias, tertúlias, jornais e até redes sociais. Continuas a ser *trending topic* mundial no Twitter desde há dois dias. Causaste um grande rebuliço. Fazem a mesma pergunta em toda a parte: quem é o decapitador? — resumiu ele. — A mim, por outro lado, só me interessa a única pergunta que na verdade oferece respostas: por que assassinaste e decapitaste aquela mulher?

O semblante do prisioneiro não se havia alterado perante a contundência das palavras do director. Corrigiu a postura, esticou as costas, olhou fixamente para o director e sorriu.

— Já me contaram que em doze horas de interrogatório não disseste absolutamente nada. Nem sequer para pedir água. A polícia está a considerar duas hipóteses: a primeira, que és mudo e não consegues falar. Essa hipótese, descarto-a completamente. Já terias respondido por escrito ou feito algum gesto para que te déssemos algo com que escrever. E a segunda, que és mais esperto do que pareces e queres brincar com todo o departamento de polícia — acrescentou. O prisioneiro sorriu. — Pelo que vejo, mesmo depois de dois dias de isolamento numa célula de nível 1, a tua disposição para falares ou te explicares não se modificou. Acho que mais um par de dias, desta vez sem comida, talvez te ajudem um pouco mais a recuperar a fala.

O prisioneiro alterou o semblante, ficou completamente sério. Foi como se tivesse posto de lado a sua alegria e estivessem a espezinhar-lha. O director pensou que resultara. Daí a umas horas, poderia começar o exame psicológico.

— Creio que nos vamos entender na perfeição. Estou aqui para te ajudar e para fazer que a tua estadia no nosso centro seja o mais agradável possível. Se estás disposto a cooperar comigo, a entender o que aconteceu, e porquê, tudo se resolverá — disse-lhe o director.

Ao longo de anos de trabalho como psicólogo em vários centros psiquiátricos do país, usara essa mesma frase, pela mesma ordem, com doentes mentais. No seu primeiro ano como psicólogo interno de um centro no Alabama, tivera de tratar uma rapariga com esquizofrenia que tentara afogar o seu bebé no lava-louça. Os médicos pensavam que ouvia vozes que lhe diziam o que fazer. A rapariga iniciou o seu tratamento contra a

esquizofrenia ao fim de seis meses de gravidez e, no primeiro aniversário do bebê, mergulhou-o no lava-louça até que o marido ouviu os gritos a partir da garagem e correu para o resgatar. Depois de uma semana no centro, e após somente três sessões, o Dr. Jenkins deduziu que a rapariga havia simulado a esquizofrenia para se desfazer do bebê, e do marido, de modo a fugir com um amante. O seu talento como psicólogo não passou despercebido entre os juízes e os promotores e depressa ganhou reputação suficiente para que o nomeassem director de um pequeno centro psiquiátrico a sul de Washington. Três anos depois, e na sequência de numerosos êxitos, foi nomeado director do complexo psiquiátrico de Boston, o mais prestigiado do país.

— Queres falar? — perguntou o director, na esperança de ter conseguido incutir medo na cela de isolamento.

De repente, o prisioneiro tornou a sorrir.

Capítulo 3

13 de Junho de 1996. Salt Lake

O município de Salt Lake era o destino de centenas de famílias no Verão. Nos últimos anos, a forte campanha de promoção do novo presidente do município, juntamente com o investimento na melhoria da zona costeira do lago, atraíra a classe média-alta do Leste do país de maneira a escolherem este local como destino de férias. Muitas famílias haviam adquirido as suas segundas residências na nova zona de Salt Lake, uma extensão de dois quilómetros que bordejava o lago a partir do centro da cidade. Apesar da sua nova imagem, Salt Lake não era um destino turístico por excelência, mas tinha um ar encantador que fazia lembrar Nova Orleães nos anos cinquenta. Os proprietários das grandes casas independentes em madeira branca e com grandes janelas da zona nova alugavam-nas por algumas semanas durante os meses de Verão a famílias que visitavam a cidade, ao preço de três mil dólares por semana, mais do dobro do salário mensal de um reparador de tapetes ou de um carpinteiro. Nos últimos anos, isso propiciara o auge da construção de casas na zona nova e a reabilitação das mais antigas, que se situavam perto do lago.

Salt Lake distribuía-se em forma de «C» pelo lado ocidental do lago Salgado. No centro da povoação erguia-se um pequeno campanário com uma praça central, onde, durante o Verão, se montava normalmente um pequeno mercado de coisas usadas. Duas ruas paralelas ligavam a praça central ao cais e ao lago. Ao redor da praça encontrava-se a rua Wilfred, a nova zona comercial da cidade, que, durante o dia, era um formigueiro de gente, com pequenas lojas de roupa, de móveis, de objectos antigos, e um ou outro posto ambulante de comida.

O cais ainda conservava a sua antiga estrutura de madeira e servia como ponto de atracagem para várias dezenas de pequenas embarcações de recreio. Durante a noite, esse longo cais era iluminado pelos antigos faróis, que ainda estavam a funcionar e lhe transmitiam uma luz ténue sob a qual passeavam numerosos casais.

A família de Amanda já visitava Salt Lake há vários anos, durante o Verão. Isso trazia-lhes a paz de espírito que lhes era roubada pelo *stress* de Nova Iorque, onde o pai dela trabalhava como jurista para um dos principais escritórios de advocacia da cidade. Este ano as férias de Verão tinham calhado em Junho, mais cedo do que nos anos anteriores, como prémio pela recente promoção do pai a sócio da firma. Steven Maslow havia-se tornado o advogado mais bem-sucedido do escritório, graças à sua imparável sequência de casos ganhos. Defendera todo o tipo de delinquentes, desde ladrões de jóias e de bancos a assassinos e políticos acusados de algum escândalo sexual. Era um advogado que conhecia as pessoas na perfeição e que gozava de uma assombrosa facilidade para reconduzir os outros ao seu ponto de vista. No âmbito pessoal, era um pai de família severo, que acreditava na disciplina e no trabalho duro. Apesar da sua severidade, adorava as duas filhas: Amanda e Carla.

Amanda tinha dezasseis anos, o seu cabelo era moreno acobreado, e os olhos cor de mel, tal como os da mãe. Tinha uns lábios finos, mas ao mesmo tempo carnudos, que, quando sorria, davam lugar a um sorriso branco que lhe marcava duas covinhas ao lado da boca. A sua irmã Carla, de sete anos, morena, com o cabelo pela altura dos ombros e ondulado, estava sempre a dizer-lhe que não sorrisse tanto, porque, se as covinhas ficassem mais marcadas, iria ver-se-lhe a língua através delas. Amanda respondia sempre o mesmo à irmã:

— É isso que eu quero! — dizia ela, sorrindo e acentuando-as ainda mais.

No táxi que tinham apanhado junto à pequena estação de comboio de Salt Lake, viajavam Amanda, Carla, o pai delas, Steven, e a mãe, Kate.

Kate, de quarenta e um anos, tinha o cabelo castanho-claro, e os olhos eram idênticos aos das filhas, de uma viva cor de mel. Tinha três sardas, que a Steven faziam lembrar o cinturão da constelação de Oríon. Kate adorava

brincar com Carla, e anteriormente com Amanda, mas nos últimos tempos a sua filha mais velha parecia interessar-se mais por outras coisas do que por brincar com a irmã ou com a mãe.

O táxi em que viajavam percorria a avenida de Saint Louis, um antigo bairro francês da cidade, que ainda conservava várias lojas de vinhos onde Steven gostava de comprar garrafas com sabores peculiares para oferecer a juizes, a promotores e a colegas de trabalho. Ao fundo da avenida encontrava-se a entrada para a zona nova, que bordejava o lago, e onde se erguiam as novas casas da cidade.

— Disse-me o número 35, senhor? — perguntou o taxista.

— O 36 — corrigiu Steven.

— Exacto, o 36. Queria só pô-lo à prova — gracejou o taxista.

— Risos, risos! — gritou Carla para o pai, ao ver que este não se rira, enquanto com as mãos esticava um sorriso nos seus lábios.

— Carla, por favor, comporta-te — resmungou o pai.

— Eu só queria que tu sorrisse, papá — respondeu Carla.

— Carla, querida, já sabes que o teu pai não gosta muito de galhofa — esclareceu a mãe.

— Chegámos — interrompeu o taxista — ao número 36 da New Port Avenue.

A casa onde costumavam ficar todos os anos em Salt Lake era a pequena moradia dos Rochester, na zona antiga. Uma pequena casa de madeira com um só piso, onde pouco a pouco a pintura fora cedendo ao passar do tempo. O Sr. Rochester todos os anos inventava mil motivos para não a ter pintado. O trabalho, o mau tempo nas datas em que pensara fazê-lo, ter estado fora da cidade e até as latas de tinta terem sido extraviadas pelo serviço de entregas quando encomendara uma cor especial a uma empresa de Nova Iorque. Steven Maslow sabia perfeitamente que o Sr. Rochester não a pintava porque era um mandrião, mas mesmo assim gostava daquela casinha. Tinha um encanto peculiar. O seu pequeno alpendre fora testemunha de numerosas cenas com Kate, anos antes de as meninas nascerem, quando ele ainda se preocupava mais em viver, e sobretudo em sorrir, do que com o trabalho, os casos e os jantares da empresa.

Este ano, porém, e devido à sua promoção a sócio do gabinete, o Sr. Maslow decidira alugar durante um par de semanas uma das novas casas vitorianas da zona nova. O número 36 da New Port Avenue era uma casa de dois pisos, branca e com grandes janelões. O telhado estava pintado de azul, o mesmo azul das cortinas que se viam através das janelas. A casa ocupava um grande lote de terreno. Desde a calçada até à porta principal, um caminho de grandes lajes brancas interrompia o verde vivo do relvado do jardim. A confiança das pessoas de Salt Lake, juntamente com a escassa delinquência da zona, dava azo a que praticamente nenhuma das casas tivesse cercas. A visão da casa surpreendia as pessoas que passeavam. As suas paredes, recentemente pintadas de um branco perfeito, destacavam-se diante das restantes casas das parcelas adjacentes.

— Ena! — gritou Carla ainda dentro do táxi.

Amanda ficou a olhar para a casa, calada, sem sair do táxi. Embora este ano não lhe apetecesse nada passar duas semanas em Salt Lake, ao ver a casa entusiasmou-se. Odiava o cheiro da antiga casa dos Rochester e, além disso, este ano esperara poder desfrutar do Verão na companhia da sua colega de escola, Diane, a sua melhor amiga, com a qual partilhava a carteira e os gostos pelos rapazes, no liceu.

— 12,20 dólares? — disse Kate ao taxista enquanto tirava do porta-moedas uma nota de vinte. — Tome lá, fique com o troco. Amanda! Sai e vai ajudar o teu pai com as malas — gritou ela para a filha mais velha, que ainda não tinha saído do táxi.

Lentamente, Amanda saiu do carro e caminhou até se pôr ao lado do pai, que estava a tentar pousar as malas no passeio. Pegou nelas sem dizer uma palavra, resmungando, e arrastou-as até casa. Ao pisar uma das grandes lajes do caminho que conduzia à casa, esta estava solta e deslocou-se, fazendo que Amanda tropeçasse e quase caísse com as malas. O tropeção fez que a alça da mala ficasse presa a uma das suas pulseiras, a qual se quebrou, fazendo cair ao chão dezenas de pequenas bolinhas coloridas.

— Ahh, parti a minha pulseira por causa desta laje solta! Mas que maneira de começar!

— Amanda, pára de te queixar, é só uma pulseira — respondeu-lhe a mãe.

— O teu pai trabalhou muito para conseguir umas férias bem merecidas nesta linda casa. Ou por acaso preferes passar o Verão na casa velha do senhor Rochester?

— Nem morta... — respondeu ela, irritada.

Quando se agachou para apanhar as bolinhas da pulseira, Amanda apercebeu-se de que a laje solta tinha uma pedra mesmo por baixo de um dos cantos. Debruçou-se para a retirar de lá e viu uma pequena folha de papel amarelada, manchada de terra, que fora dobrada várias vezes. Pegou nela e guardou-a no bolso.

— O que apanhaste? — perguntou-lhe a mãe, que a viu ficar nervosa.

— As bolinhas, mamã... — respondeu Amanda, mostrando a mão cheia de peças da pulseira.

— Deixa-as dentro de casa, vou tentar arranjar-ta.

— Está bem, mamã. Não te preocupes — assentiu Amanda, aliviada. — Carla, queres vir escolher um quarto? — perguntou ela à irmã.

— Siiiiiiiiim! — gritou Carla. — Quero ficar com o maior!

— Disso nem se fala! — retorquiu Amanda, sorrindo. — Anda, vamos! — acrescentou, enquanto deixava as malas no alpendre e incitava a irmã.

Steven e Kate trocaram um olhar sério, enquanto as meninas entravam. Há anos, quando eram jovens, transmitiam paixão e alegria em cada um desses olhares. Hoje já não havia amor naquele olhar, apenas um sentimento de complacência, de conformidade e de distância, como no de dois estranhos que se cruzam na rua e que, por um segundo, pensam que já se conhecem, mas não é assim.

Capítulo 4

26 de Dezembro de 2013. Boston

À porta do complexo psiquiátrico em Boston aglutinavam-se mais de cento e cinquenta meios de comunicação acreditados. Todos esperavam alguma notícia para entrarem em antena com as *breaking news*. Às três horas da tarde estava prevista uma conferência de imprensa por parte do Dr. Jenkins, para os informar acerca do estado do «decapitador» e lhes fornecer dados que ajudassem a esclarecer aquilo que todos queriam saber: «Quem é?»

O Dr. Jenkins olhou para o seu relógio de pulso. Eram 9h47, e encontrava-se cara a cara com o prisioneiro na sala de isolamento.

— Eu acho que tu tens muito para contar. As motivações, muitas vezes subvalorizadas, são o motor do comportamento humano. Vivi centenas de casos em que a principal motivação para matar era o dinheiro, o poder ou o interesse em geral. Contigo, no entanto, tenho a intuição de que não foi assim. Poderias ser um pobre homem que perdeu o juízo num momento concreto, foi ultrapassado pela situação e agiu sem pensar nas consequências. Se for esse o teu caso, e isso ficar provado, poderás prosseguir a tua vida dentro de pouco tempo — explicou-lhe o Dr. Jenkins.

O prisioneiro baixou os olhos... e começou a rir-se às gargalhadas.

O Dr. Jenkins inquietou-se, e olhou em volta para ver se continuava perto da porta. O protocolo de segurança do centro estabelecia medidas de controlo do pessoal que garantiam que os médicos, e os enfermeiros, não fossem feridos por nenhum recluso. O médico acabara de se lembrar que, desde o início daquela conversa, estivera a ignorar as novas medidas de segurança que ele próprio definira.

Tais medidas haviam sido adoptadas após a morte de uma enfermeira, anos antes, quando ela fora medicar um dos pacientes. O recluso começara a sorrir para a enfermeira, ao mesmo tempo que se recusava a tomar os seus três comprimidos diários de tranquilizantes. Quando ela se aproximou, o recluso mordeu-lhe o pescoço, cortando-lhe a carótida. Morreu em poucos minutos. Quando o pessoal de segurança chegou ao quarto, encontraram o recluso vestido com a roupa ensanguentada da enfermeira e com a boca e as mãos cobertas de sangue. A enfermeira estava caída na cama, inerte, nua, e com o enfermeiro improvisado a tentar dar-lhe a medicação. Foi um verdadeiro choque no centro.

— Não pensas falar? — insistiu o director enquanto caminhava para trás em direcção à porta.

— A polícia não conseguiu tirar dele nem uma palavra, senhor director — interrompeu uma voz feminina à porta do quarto.

— Julgava que tinha deixado bem claro que me deixassem a sós com ele — respondeu o director, enquanto desviava o seu olhar para a porta.

Sob a moldura da porta encontrava-se uma jovem de cabelo moreno e pele clara, magra, dos seus trinta e poucos anos. No rosto tinha algumas sardas, que seguramente teriam sido objecto de zombaria durante a infância, mas que agora lhe conferiam uma beleza invulgar.

— Creio que irá necessitar da minha ajuda, Dr. Jenkins — disse a jovem.

O prisioneiro sentou-se no chão acolchoado, sorriu e baixou os olhos.

O director descontraiu-se. Aproximou-se da porta, olhando fixamente a jovem, com superioridade. Afastou-a da entrada e, sem mais delongas, fechou a porta, inundando de escuridão o interior da sala.

— Quem é você? — perguntou o director à jovem.

— Chamo-me Stella Hyden, perita em perfis psicológicos do FBI — respondeu ela ao mesmo tempo que sacava da identificação. — Fui enviada pelo inspector Harbour para o auxiliar na avaliação psicológica. Tenho ordens para estar presente em todos os interrogatórios e durante cada uma das entrevistas que tiver com «o decapitador».

— O inspector Harbour? Há anos que ele não interfere em nenhum dos meus casos.

— Como compreenderá, este é um caso especial. Anda meio mundo a falar do assunto. Suponho que ele há-de querer proteger as suas costas e ter um maior controlo sobre o curso das investigações — respondeu Stella.

— Não entendo, nem sequer quando tivemos por cá Larry, o violador, que açambarcou bastantes notícias na imprensa, ele me telefonou uma única vez. Suponho que o inspector vai ficando mais velho e não sabe com que há-de entreter-se — retorquiu o director.

— Telefone-lhe e negocie com ele. Eu, entretanto, tenho de fazer o meu trabalho. Preciso do dossiê descritivo do caso e de conhecer as suas primeiras impressões — asseverou Stella. — O que pensa dele? Tem alguma ideia do nome dele ou do seu país de origem? Dadas as suas características faciais, poderia ser oriundo de qualquer país do mundo ocidental — acrescentou.

— Parece-me que está a ir depressa demais, agente — respondeu-lhe o director, ao mesmo tempo que começava a caminhar pelo longo corredor em direcção ao seu gabinete. — A única coisa que lhe posso dizer, para já, é que neste primeiro contacto que tive com ele pareceu-me invulgarmente destemido. O seu olhar não denotava qualquer arrependimento. O que mais me inquietou, sem dúvida alguma, foi aquele maldito sorriso. Ainda não percebi muito bem se ele entende a nossa língua ou se está a tentar brincar connosco — resumiu o director.

— Para que horas marcou a entrevista? Pelo que entendi, há uma conferência de imprensa às 15h00. Para dizer o quê? Ainda não sabe absolutamente nada sobre ele — inquiriu Stella, acompanhando o director no caminho para o gabinete.

— Tudo a seu tempo, agente Hyden. Ainda há coisas que tenho de entender em tudo isto. A minha conferência de imprensa pode esperar — respondeu o director.

— Por acaso tenciona cancelá-la? — disse Stella com nervosismo.

— Nada disso, agente. Essa conferência de imprensa será dada por si. Eu tenho de pensar que diabo há dentro da mente daquele filho da puta.

Capítulo 5

25 de Dezembro de 2013. Quebeque, Canadá

O Parque Nacional La Mauricie, no Quebeque, situa-se na zona boscosa-boreal do continente norte-americano e está repleto de pinheiros vermelhos, brancos, cinzentos e de sobreiros. Nesta época do ano, o frio da noite tinha congelado as partículas de água que se depositavam nas suas ramas, dando-lhes um tom mortiço. A densidade do bosque, com milhares de árvores por quilómetro quadrado, transformava-o num verdadeiro labirinto, que havia causado o desaparecimento de numerosos grupos de excursionistas que se aventuravam a descobrir a área sem a experiência necessária. Em 2008, e após cinquenta e quatro dias de busca, foram encontrados os restos mortais de uma família que praticava caminhada nas profundezas do bosque.

Às 16h30, pouco antes do entardecer, o silêncio do bosque do Parque Nacional apenas era acompanhado do som dos milhares de ramadas de árvores que se roçavam quando o ar as fazia mexer e do aleatório grasnido distante das aves da zona.

Alguém no bosque, e a setecentos quilómetros do centro psiquiátrico de Boston, uma silhueta encapuzada saiu de uma cabana de madeira com um machado nas mãos e penetrou por entre as árvores.

Minutos depois, ouviu-se um grito dilacerante.

Capítulo 6

13 de Junho de 1996. Salt Lake

Já no interior da casa, Amanda subiu as escadas para ir escolher o quarto. A escadaria de madeira branca situava-se do lado esquerdo do vestíbulo. O branco das paredes era apenas interrompido por vários quadros de paisagens espalhados pelo átrio. A cada passo de Amanda, cada degrau de madeira rangia brevemente. Quando chegou ao piso superior, contemplou por um instante o longo corredor, com as paredes revestidas a papel, em cada lado do qual se dispunham os quartos.

Ao abrir uma das portas, Amanda deparou com um quarto espaçoso provido de uma grande janela que o iluminava e cujas cortinas azuis se agitavam com a suave brisa. O mobiliário do quarto incluía apenas uma enorme cama de madeira branca e uma escrivaninha, sobre a qual havia unicamente um pequeno candeeiro.

Não havia nada, à excepção do grande janelão, e da sua luz, que despertasse a atenção a Amanda. O seu desânimo por este ano acompanhar os pais durante as férias levava-a a preparar a mala com pouca roupa, na intenção de passar a maior parte das férias dentro de casa, no seu quarto, a sentir a falta da vida da cidade. Enquanto atirava a mala vazia para cima da cama, Amanda gritou:

— Já escolhi o quarto!

Os passos rápidos de Carla aproximaram-se em correria até ao novo quarto de Amanda. Assomou à entrada da porta e perguntou:

— Vais escolher este, Amanda? O meu é melhor!

— Que bom para ti! — respondeu ela, zombando da irmã.

Embora Amanda estivesse sempre a irritar Carla e não partilhassem

nenhum interesse em comum devido à evidente diferença de idades, amava-a com todas as suas forças. Ela era a razão pela qual ainda desfrutava minimamente das férias com os pais. Não sabia como, mas Carla conseguia sempre arrancar-lhe um sorriso com o mais pequeno gesto.

No início do último ano lectivo na escola secundária, Amanda tivera algumas discussões com o professor de Educação Física, pois ele humilhara-a em frente de toda a turma por não querer subir pela corda, algo que ela considerava desnecessário para a sua educação. Quando Amanda chegou a casa, desanimada pelo que acontecera, Carla agarrou-se a uma das cortinas da sua sala e tentou trepar por ela. A meio do caminho, a cortina desprendeu-se, e Carla caiu de rabo no chão, fazendo Amanda rir-se às gargalhadas. Quando a mãe, Kate, chegou a casa e encontrou a cortina rasgada, e as duas meninas a rirem sem parar, também não conseguiu conter uma gargalhada.

Carla saiu novamente a correr pelas escadas abaixo, deixando Amanda sozinha no quarto. Abriu então as cortinas azuis e observou as vistas da casa. Dali ainda conseguia ver o táxi que os trouxera, afastando-se em direcção ao centro de Salt Lake. Em frente à casa, do outro lado da rua, havia outra, muito mais pequena, cuja fachada sucumbira à passagem do tempo. De certo modo tinha o encanto da velha casa dos Rochester. Por detrás dela, podia avistar-se um pouco mais longe o lago de Salt Lake, que estava rodeado de numerosas árvores.

Amanda largou o pequeno montinho de bolas da pulseira em cima da cama e a seguir a isso notou no seu outro bolso o papelinho que acabara de encontrar.

«Há quanto tempo poderá este bilhete estar ali escondido? Como o papel está tão gasto, poderia ter estado ali anos. Quem o terá lá deixado?», pensou Amanda enquanto o tirava do bolso.

Quando o abriu, e leu o que continha, uma torrente interna deteve-lhe o coração durante um microssegundo. Deixou cair o bilhete no chão e sentou-se na cama sem dar crédito ao que acabara de ler. Seguidamente, apanhou-o do chão e voltou a ler a mensagem outra vez: «Amanda Maslow, Junho de 1996.»

Não havia mais nada no bilhete, apenas o nome dela, a data e um estranho

asterisco escrito a lápis no verso.

Amanda não parava de dar voltas ao conteúdo daquele bilhete. Como era possível que o seu nome aparecesse num papel, que sabe Deus há quanto tempo estaria ali, com a data exacta em que ela iria àquela casa pela primeira vez? Acaso estaria alguém a pregar-lhe uma partida? Nada fazia sentido. Por mais que tentasse compreender porque tivera de encontrar aquele bilhete de maneira fortuita quando se lhe quebrara a pulseira, não conseguia encontrar nenhuma razão.

Os passos de Carla continuavam a ressoar por toda a casa enquanto ela a percorria de cima a baixo. Amanda segurou o bilhete mais uma vez e assomou à janela, deixando o olhar perder-se, controlando a respiração, e tentando acalmar as pulsações. Olhou para a distância e observou de novo o lago. Havia várias embarcações vogando nele. Deu-se conta da ampla vegetação que o rodeava e fixou-se no contraste das cores das diferentes árvores. Fechou os olhos e, quando os abriu, Carla estava mesmo ao seu lado a olhar para ela e a sorrir.

— Estás bem, Amanda? A mamã diz que estás zangada porque este ano não querias vir. Se quiseres, desta vez brincamos ao que tu disseres — disse-lhe a sua irmãzinha.

— Não te preocupes, Carla. Foi só o cheiro deste sítio que me deixou um pouco maldisposta. Se calhar foi porque acabaram de a pintar — respondeu Amanda, tranquilizando-a. — Vamos ver o resto da casa juntas? — acrescentou.

— Sim! — gritou Carla, entusiasmada.

Quando desceu novamente para o piso de baixo encontrou a mãe à porta, a conversar com um casal de vizinhos que tinham vindo dar-lhes as boas-vindas e desejar-lhes uma alegre estadia durante o Verão. A mulher trazia uma tarte de arandos e entregava-a alegremente a Kate. O homem que a acompanhava, moreno, de altura mediana e com um fato já um pouco fora de moda, estava sério e ouvia atentamente a conversa, até que desviou o olhar para Amanda, que descia as escadas ao lado da sua irmã.

Ela aproximou-se para ir cumprimentar os vizinhos.

— Olá, tenho muito gosto em conhecê-los, senhor e senhora... — saudou

Amanda, esperando que os vizinhos lhe dissessem o apelido.

— Ora, tu deves ser a Amanda. És bem bonita! — respondeu a mulher.

— Não têm apelido?

— Que garota tão engraçada.

— Adeus — interrompeu ela em tom categórico, e foi com a irmãzinha para a cozinha.

— Peço-vos imensa desculpa — interveio a mãe, ruborizada. — Não façam caso, ela está um pouco irritada por ter vindo para Salt Lake este ano. Aparentemente está «na tal» fase.

— Não se preocupe, Sra. Maslow. Nós também tivemos uma filha da idade dela e sabemos bem como é. As hormonas podem ser uma verdadeira montanha-russa — disse-lhe a mulher com empatia.

A partir da cozinha, Amanda continuou a ouvir a conversa da mãe com os vizinhos, enquanto via Carla abrir todos os armários, um após outro, em busca de alguma curiosidade.

— Que nojo! — gritou Carla quando tirou do fundo de um dos armários um frasco coberto de bolor. — Bolas! Isto é nojento! O que terá lá dentro? — acrescentou.

— Larga isso! Que nojo, por favor! Nem penses em abri-lo! — ralhou Amanda.

— Ups... — disse Carla ao mesmo tempo que levantava a tampa. Do interior do frasco saiu um cheiro nauseabundo, fazendo que Carla tapasse rapidamente o nariz. Ao fazer esse movimento bateu sem querer no frasco, que caiu da bancada da cozinha para o chão, quebrando-se em mil pedaços.

— Ahhhh! — gritaram Amanda e Carla em uníssono quando viram o conteúdo do frasco: um gato preto em decomposição, coberto de centenas de pequenos vermes.

Capítulo 7

26 de Dezembro de 2013. Boston

A caminho do seu gabinete, acompanhado pela agente Stella Hyden, o Dr. Jenkins não parava de matutar no sorriso do prisioneiro. Segundo o seu ponto de vista, um dos principais motivos pelos quais uma pessoa que havia cometido atrocidades, como neste caso decapitar, agia com normalidade era porque não percebia a realidade da mesma maneira que os outros. Esse tipo de doentes mentais distinguia a realidade de uma maneira difusa e não considerava as suas acções malévolas, sendo incapaz de compreender as consequências dos seus actos. Outra possibilidade, dado o comportamento revelado pelo prisioneiro, poderia ser a de que estivesse satisfeito com o que acabara de fazer. Qualquer uma dessas duas alternativas era válida, e exigiam a sua experiência em análise psicológica para determinar se se tratava de um doente mental ou de um assassino impiedoso.

Quando se aproximaram do gabinete, o director e a agente cumprimentaram a secretária, que se aproximou para lhes dar os bons-dias e o informar da agenda.

— Bom dia, Dr. Jenkins e menina... — saudou a secretária.

— Hyden, Stella Hyden — respondeu Stella.

— Telefonou o chefe do departamento de polícia a perguntar quando se poderão reunir para coordenar o processo. O procurador-geral também telefonou e pediu-me que entre em contacto com ele quanto antes. Também telefonou o director do *New York Times*, Dr. Jenkins, perguntando por si. Querem entrevistá-lo pessoalmente e fazê-lo o mais depressa possível. Além disso, chegaram muitas cartas e várias encomendas em seu nome. Adiantei-me e li a maioria das cartas. São todas de pessoas que pedem que não

tenhamos piedade com o prisioneiro. Quanto às encomendas, como acho que são algo mais pessoal, deixei-as no seu gabinete.

— Muito obrigado, Teresa. Assim que puder, faça-me uma nota com os números de telefone do chefe de polícia, do procurador e do director do *New York Times* — disse-lhe o director, enquanto entrava no seu escritório com a agente Hyden.

O director aproximou-se da sua secretária, que estava cheia de embrulhos e de correspondência, sentou-se e instou Stella a fazer o mesmo. Vasculhou um pouco entre os papéis da secretária e sacou uma pasta de cor bege, que tinha o selo do departamento da polícia de Boston. Nela, escrito a marcador vermelho, podia ler-se: «Caso 172/2013: Decapitador.»

— Aqui tem o relatório, Stella. Dispõe de duas horas para o ler. A primeira entrevista da análise psicológica será às 12h00. Espero sinceramente que ele fale. Se não, será um caso encerrado, entregamo-lo à polícia, e o seu trabalho aqui estará terminado. Haverá certamente um julgamento rápido, e ele será condenado a prisão perpétua. Pessoalmente, espero que fale. Preocupou-me mais do que qualquer outro prisioneiro até hoje — argumentou o director, enquanto passava o dossiê do caso à agente Stella.

— Disse-me duas horas? São mais de cento e cinquenta páginas. Vou ter de me apressar — respondeu Stella.

— Não temos tempo. A sua conferência de imprensa é daqui a nada — acrescentou o director, disposto a importuná-la, enquanto deitava uma vista de olhos a uma carta de uma das pilhas da correspondência recebida.

Uma das encomendas que estavam em cima da secretária chamou-lhe a atenção. Era uma caixa castanha, maior do que as outras, atada com um pequeno cordel. Na parte superior estava estampado o selo do Quebeque, no Canadá.

— Uma encomenda do Canadá? Vê-se bem que este caso já atraiu a atenção internacional — disse o director, enquanto cortava o cordel com um abre-cartas.

— A verdade é que aquela encenação do prisioneiro foi única — gracejou Stella.

O director levantou a tampa da caixa e, ao olhar para o interior, ficou

petrificado. A agente Hyden debruçou-se na cadeira para ver o que havia na caixa e não conseguiu conter o seu grito, caindo para trás no assento. O director perdeu a compostura e começou a chorar. Incapaz de conter as lágrimas, acercou-se de novo da caixa e observou o interior. Dentro de uma bolsa de plástico, encontrava-se a cabeça de uma mulher, ao lado de uma folha de papel envelhecido. A agente Hyden recompôs-se, tirou o bilhete de dentro da caixa e leu: «Claudia Jenkins, Dezembro de 2013.»

— Claudia Jenkins. Tem o seu apelido, doutor. Conhece-a? — perguntou-lhe Stella, ainda consternada.

O director, sem forças sequer para se manter de pé, respondeu entre lágrimas:

— É... a minha filha.

Capítulo 8

13 de Junho de 1996. Salt Lake

Amanda não podia acreditar que tivera de ser ela a apanhar do chão os pedaços de vidro do frasco e o gato em decomposição que Carla havia encontrado. A sua mãe procurava sempre ensinar lições a Carla através de castigos que era Amanda quem tinha de suportar, o que a ela parecia extremamente injusto.

Carla sorria enquanto observava da porta da cozinha Amanda pegar no gato com um saco entre as mãos e fechá-lo com um nó. Amanda olhou de soslaio para Carla com a sua expressão de «já vais ver como é» que lhe mostrava sempre que sofria algum castigo em nome da irmã.

Kate entrou na cozinha e ajudou Amanda a varrer os pedaços mais pequenos de vidro do frasco, enquanto despejava no ar uma lata de ambientador com aroma a lavanda que tinha encontrado debaixo do lava-louça.

— Sabes, Amanda? Eu não te castiguei por causa do gato, mas pela maneira como falaste com os vizinhos. Eles estavam só a tentar ser amáveis. Não debes pôr os outros a pagar por não queres vir para aqui. Este ano devemos considerar isto como uma celebração. Todo o esforço do teu pai deu os seus frutos, e a partir de agora poderemos gozar de uma posição económica muito mais desafogada — argumentou a mãe dela.

— Sim, mamã. Eu entendo. Tu é que não me entendes a mim — respondeu Amanda de modo categórico.

— Vamos lá ver, eu proponho-te um acordo. Tenta aproveitar durante esta primeira semana connosco aqui e, se no domingo ainda te apetecer ir para a cidade, poderás voltar para Nova Iorque e ficar com a tua tia — disse-lhe a

mãe com um ar reconciliador.

— Estás a falar a sério?

— Se é isso que queres, não posso ter-te aqui contra a tua vontade. Já és suficientemente crescida. Agora, tens de me prometer que até domingo te irás esforçar para gozar destas pequenas férias. De acordo? — propôs ela.

— Está combinado, mamã — respondeu-lhe Amanda, agradecida.

— Bom, e agora promete-me que não dirás nada ao teu pai a respeito disto do gato. Acho que ele não está de bom humor. Acabou de receber um telefonema de um cliente e ficou um pouco enervado.

— Está bem. Mas não te parece estranho que estivesse um gato dentro de um frasco de vidro? — perguntou Amanda.

— Poderia ter ficado ali preso acidentalmente, quem sabe? Não vamos pensar mais nisso — argumentou Kate, tentando não dar importância ao assunto.

— Que esquisito.

— É verdade! — interrompeu a mãe. — Os vizinhos disseram-me que na noite de quinta-feira começa a feira de Salt Lake. Lembras-te de que nunca conseguíamos lá ir, porque vínhamos de férias sempre no fim do Verão?

— Ena, uma festa de parolos. Viva! — respondeu Amanda, irónica.

— Tu prometeste-me. Tenta mostrar um pouco mais de entusiasmo — disse-lhe a mãe.

— Está bem... desculpa... — corrigiu ela. — Que fantástico! Uma festa de parolos! Viva! — voltou a acrescentar Amanda, agora num tom mais alegre, embora igualmente irónico.

— Bom, vou contentar-me com isso — respondeu Kate, compreensiva.

Steven Maslow entrou em casa. Tinha estado a falar ao telefone durante um bom bocado e nem sequer se apercebera da visita dos vizinhos, nem do rebuliço quando o frasco de vidro se quebrara.

Aproximou-se da cozinha um pouco alterado e bufou.

— Mas que raio vem a ser este cheirete a ambientador? — protestou ele, enquanto farejava energicamente com uma expressão de surpresa.

— Cheirava a canos, e as meninas puseram-se a brincar com a lata do ambientador. Mas, acredita no que te digo, este cheiro é melhor do que o que

aqui estava antes — disse-lhe Kate, encobrindo a travessura das meninas e a sua descoberta.

— Vou falar com o senhorio. Espero não ter de passar as férias inteiras com este cheiro a ambientador na cozinha — acrescentou Steven.

Kate piscou um olho para as meninas, que estavam encostadas a um móvel da cozinha, com uma expressão de dissimulação e um sorriso cúmplice.

Sempre fora muito conciliadora. Tentara educar as filhas no respeito e na compreensão e procurava aproveitar os momentos em que estava com elas. Steven, que passava muito menos tempo com as meninas devido ao seu trabalho, pretendia projectar uma figura de autoridade, tal como a vivera com o seu pai, que nunca mostrara carinho pelo filho, o que forjara aquele seu carácter inabalável que o levara ao sucesso no mundo da advocacia. Steven entendia que, embora a época em que ele fora educado fosse muito diferente da actual, um equilíbrio entre seriedade, disciplina e afeição devia ser a base do seu esquema familiar. Mas, por muito que tentasse moderá-lo, Kate fornecia todo o afecto que as suas filhas requeriam, e, portanto, ele tinha de se contentar em efectuar a parte séria e disciplinar da educação, embora cedesse em muitas ocasiões.

— Amanda, porque não vais até à vila comprar alguma coisa para comer? — perguntou-lhe o pai, em tom de ordem.

— Tenho de ser eu? A sério? — retorquiu a filha mais velha, um pouco incomodada.

— Não discutas, Amanda — respondeu o pai. — Podes ir dar um passeio com a tua irmã.

— E porque não pedimos umas pizzas? — sugeriu Amanda.

— Isso é comida? Não entendo essa moda que agora há de comer pão espalmado com queijo e enchidos.

— Sim, piza! — gritou Carla com um sorriso de orelha a orelha, pondo à mostra dois buracos deixados pelos dentes que tinham preferido tentar a sorte debaixo de uma almofada há poucas semanas.

Steven mirou os olhos de Kate, que estava a sorrir para ele. Sabia que aquele sorriso da esposa mostrava que ela já percebera que ele iria acabar por ceder uma vez mais. Que lhe era impossível resistir à alegria de Carla e,

acima de tudo, que lhe era impossível manter a estratégia de pai duro com as duas filhas.

— Bom, alguém sabe o número da pizaria? — disse Steven, descontraído e alegre.

Capítulo 9

23 de Dezembro de 2013. 20h34 horas. Boston

Está tudo preparado. Vejo-me mais uma vez no espelho, e observo com assombro o meu torso despido. É incrível a mudança que ocorreu. A palidez que exibio agora acentua-me ainda mais as costelas. A pouca barriga que tinha desapareceu. Passei de mais de oitenta e cinco quilos a quase sessenta e cinco em apenas quatro meses. A verdade é que este último período, em que tive de experimentar uma mudança física tão radical, surtiu efeito. As minhas olheiras também se acentuaram; têm um tom acinzentado que eu não teria conseguido se não fossem os comprimidos que me mantiveram activo nas últimas três noites, mais do que suficientes para o retoque final. Há quatro dias que não me barbeio e, quando afago o queixo, noto que ele me arranha a mão.

Não estou nervoso. É incrível, mas estou mais descontraído que nunca. Aproximo-me um pouco do espelho para observar de perto o meu olhar. Este olhar azul que estive outrora cheio de vida e no qual hoje, depois de tantos anos, parece que não resta nada, a não ser uma lembrança, uma noite, um suspiro.

Passo as mãos pelas costas e sinto o relevo das cicatrizes daquela noite. Daquela maldita noite.

Entro na saleta e verifico que está tudo em cima do pequeno sofá: cordas, fita adesiva, as fotografias, vários sacos e o machado. Aquele que ao longo de tanto tempo contemplei durante horas, visionando o seu objectivo.

Ainda me atormentam as lembranças daquela noite. Aconteceu tudo muito depressa, mas lembro-me daquele som persistente que me despedaçou a ilusão, que me destróçou a vida, que me aspirou a alma.

Naquele momento não duvidei nem por um segundo. Para mim foi claro o que tinha de fazer. Mudaria o mundo, moveria o céu e esperaria uma eternidade para lhe recuperar a lembrança, o sorriso. Sobretudo para recuperar o juízo, para redimir a minha culpa e para entender o sentido de todos estes anos.

Capítulo 10

26 de Dezembro de 2013. Boston

Os gritos do director ouviam-se por todo o centro. O seu pranto desmedido perfurava as paredes, percorria os corredores e regressava sob a forma de eco ao gabinete, onde estava com Stella e onde contemplava, colérico, o conteúdo da caixa. Stella mordia o punho, numa tentativa de controlar o seu pânico interior, enquanto começava a chorar inconsolavelmente.

O director arrebatou da mão de Stella o pedaço de papel amarelado que continha o nome da sua filha e releu-o. Não podia acreditar. Gritou mais uma vez e, frenético, saiu do gabinete a correr em direcção à zona onde se situavam as salas de clausura.

Os enfermeiros que o viam correr entreolhavam-se com estranheza e seguiam-no, ao compreenderem que devia ter acontecido algo grave. Nunca tinham visto o director perder a compostura. Ele nunca havia levantado a voz acima do seu tom de comando habitual, nem nunca acelerara o passo acima do que era considerado correcto.

O director aproximou-se da sala onde se encontrava o prisioneiro e bateu na porta de metal branco vociferando:

— Filho da puta! Filho da puta! — não parava ele de dizer, banhado em lágrimas.

Enquanto batia na porta e gritava, remexia no bolso da bata, tentando encontrar a chave da cela. Pouco a pouco, o desespero por não a encontrar apoderou-se dele, esvaziando-lhe a ira, libertando-lhe a dor e transformando os seus insultos de viva voz nuns meros sussurros para os quais já não lhe restavam forças. O director tombou, desamparado, em frente à porta, completamente dilacerado pela tristeza que se havia libertado dentro de si.

Os enfermeiros chegaram à porta da cela, onde o director, ajoelhado, estava a chorar. Olharam uns para os outros, procurando o sentido do pranto, da correria e da dor, e com a noção de haverem contemplado o desmoronamento de uma pessoa como nunca antes tinham presenciado.

Capítulo 11

14 de Junho de 1996. Salt Lake

Era o segundo dia em que Amanda e a família estavam em Salt Lake. Amanda concordara, muito relutantemente, em acompanhar o pai até ao centro, onde ele pretendia visitar uma loja de vinhos à procura de algo para oferecer aos seus novos clientes quando regressasse ao trabalho.

A caminho da avenida de Saint Louis, Amanda ia olhando pela janela do pequeno *Ford* azul que o pai acabara de alugar para aqueles dias. Observava cada uma das casas de madeira que iam ficando para trás e imaginava quem viveria nelas. Apesar de já ter visitado Salt Lake recorrentemente, nunca tivera a oportunidade de conhecer ninguém da povoação, a não ser o velho Sr. Rochester e os vizinhos daquela zona onde costumavam ficar. No seu íntimo, e ainda sem conseguir acreditar, algo lhe recordava constantemente aquele bilhete com o seu nome que tinha encontrado ao chegar. «É impossível que aquele bilhete tenha chegado ali por mero acaso. Alguém o deve ter deixado lá por algum motivo», pensou Amanda, enquanto notava que o coração acelerava com essa lembrança.

Steven verificou o nível do depósito de combustível e resmungou:

— Raios partam isto! O fulano que me alugou o carro disse que o depósito vinha cheio, e ao fim de apenas dez quilómetros já estou na reserva.

— Pois eu não tenciono ir a pé — respondeu Amanda, voltando a si.

Steven parou o carro na pequena estação de serviço situada à entrada da povoação.

Amanda ficou dentro do carro e viu o pai entrar na loja do posto de gasolina. Enquanto esperava, enfiou a mão no bolso dos *jeans* que trouxera vestidos e tirou de lá o bilhete. Aquele papel amarelado, um pouco gasto nas

bordas, denotava a sua antiguidade, embora a tinta preta, manchada por alguma terra, parecesse bastante recente. No verso do bilhete, desta vez a lápis, encontrava-se o estranho asterisco. Fora desenhado com esmero no centro do bilhete.

— O que significará isto? — disse ela em voz baixa enquanto olhava outra vez para o estranho desenho.

Quando levantou os olhos do bilhete, do outro lado da rua, pareceu-lhe ter visto uma silhueta negra, parada junto a uma esquina, que aparentava estar a observá-la. A figura permaneceu imóvel durante vários segundos. A respiração de Amanda começou a alterar-se, e os batimentos do seu coração não pareciam ter um plano alternativo. Não sabia como reagir.

Ficou quieta, tentando controlar o pânico que estava a sentir e calibrando os seus pensamentos para o que haveria de fazer.

Amanda pestanejou e tentou apurar a vista para distinguir com mais clareza o rosto daquela figura. Por mais que se esforçasse, a sujidade do pára-brisas do carro impedia-a de ver com total nitidez àquela distância.

Sem desviar o olhar da silhueta, a jovem agarrou o puxador da porta e abriu-a lentamente.

Quando se preparava para sair do carro e para assomar a cabeça por cima da porta entreaberta, alguém a empurrou para dentro a partir do exterior.

— Vamos embora, menina. A loja fecha à uma e meia, e já é uma e dez. O rapaz da estação de serviço disse-me para não me fiar no *rent-a-car* cá da terra, porque eles são uns aldrabões. Tu acreditas nisto? — disse-lhe o pai, enquanto fechava a porta e contornava a frente do carro até ao lado do condutor.

Quando o pai empurrou a porta dela para a fechar, Amanda desviou o olhar da figura para ele durante uma fracção de segundo e, quando olhou de novo para a esquina, a silhueta já não estava lá.

Tudo o que restava era a respiração sufocada dela e a sua pulsação agitada. Quando o pai entrou no carro e a viu assim, ficou preocupado:

— Sentes-te bem, querida? Que se passa?

Amanda continuava a respirar, ofegante, sem saber o que dizer.

— Nada, papá, acho que o cheiro da gasolina não me caiu bem. Vamos

embora, por favor — mentiu.

Capítulo 12

26 de Dezembro de 2013. Quebeque, Canadá

Ao amanhecer, no Parque Nacional La Mauricie, a temperatura rondava os três graus abaixo de zero. Os dias curtos e as longas noites, em resultado da proximidade do solstício, juntamente com a latitude em que se encontra o Quebeque, fomentavam a forte baixa das temperaturas no Inverno. Os ursos-pardos que costumavam vaguear pelo Parque Nacional já tinham decidido há semanas hibernar até à Primavera.

Na cabana de madeira situada numa pequena clareira da floresta, um homem acordou, com uma abundante barba de cor castanha grisalha a cobrir-lhe grande parte do rosto.

Levantou-se da cama ruidosa e cobriu a cabeça com o capuz do camisolão cinzento com que estava vestido. Aproximou-se da zona da cabana que fazia as vezes de cozinha, onde havia uma bancada, e que dispunha de uma cafeteira, de um fogareiro e de um pequeno frigorífico coberto de sujidade. Pôs a cafeteira ao lume, tirou de um dos bolsos uma navalha e, de um dos móveis inferiores, pegou num bocado de pão.

Quando ia cortar-lhe um pedaço da côdea, observou os restos de sangue nas mãos. O impacto dessa imagem fê-lo deixar cair a navalha ao chão. Durante vários segundos, e antes de se agachar para apanhar a navalha, ficou a olhar para o vazio, e a imagem do que fizera no dia anterior voltou-lhe à cabeça.

Fechou os olhos, suspirou e baixou-se lentamente para recolher a navalha. Cortou o pedaço de pão e serviu-se de uma chávena de café. Olhou para um dos cantos, onde estava uma caixa castanha vazia, idêntica à que utilizara no dia anterior para enviar a encomenda para Boston.

Aproximou-se de um velho televisor que se encontrava sobre uma pequena caixa de madeira que fazia as vezes de móvel e acendeu-o, pousando a chávena de café no chão e trincando o pedaço de pão enquanto se sentava, com ar de indiferença, num pequeno sofá, situado em frente ao televisor.

As notícias de última hora da manhã comentavam que, passados dois dias desde o seu aparecimento, ainda não estava esclarecido quem era «o decapitador». O resumo de imprensa da CBC News Network, o canal de notícias 24 horas por dia do Canadá, destacava em primeiro plano as capas dos principais jornais americanos. O *New York Times*, em capa completa, incluía uma imagem do momento da detenção do decapitador, captada com um telemóvel por uma das testemunhas, a partir de uma varanda. A imagem estava sob o título: «Será que ninguém sabe quem diabo é ele?» O *New York Post*, tranquilizador, mostrava uma capa sem fotografias. A sua manchete a negrito indicava: «O Dr. Jenkins entrará na mente dele.» O *Chicago Tribune*, um pouco mais moderado, incluía uma imagem da mesma cena que o *New York Times*, mas captada de outro ângulo e ao nível da rua. O seu título, por baixo da imagem, resumia: «O dia em que perdemos a cabeça.»

Vários minutos depois, e após vários sorvos na chávena de café, o homem levantou-se, calçou umas botas escuras um pouco amachucadas, pegou num casacão, que estava pendurado junto à porta da cabana, e saiu.

Com olhar sério, observou o machado que se encontrava caído no chão. Apoderou-se dele uma sensação de pânico. Penetrou na floresta e começou a correr sem parar, roçando-se nalguns ramos baixos que lhe arranharam ligeiramente o rosto envelhecido. Continuou a correr por mais um bocado até que a floresta terminou, e ele se encontrou perante a beleza do lago Gabet. Deteve-se na margem e contemplou os momentos iniciais do Sol, que se erguia do horizonte. O castanho dos seus olhos opacos, fruto de uma vida de sofrimento e solidão, resplandecia com o Sol a amanhecer diante dele.

Enfiou a mão direita no bolso e, ao sentir algo, não conseguiu conter as lágrimas. Quando a tirou para fora, entre os seus dedos encontrava-se um pequeno pedaço de papel amarelado. Observou-o com toda a sua raiva, com todo o seu ódio, e leu-o.

Capítulo 13

23 de Dezembro de 2013. 20h51. Boston

O carro que comprei, já há bastantes meses, um *Dodge* azul de há sete anos com matrícula do Illinois e que tem estado parado no estacionamento de um supermercado, a três quarteirões de distância de onde moro, tem uma coisa que me deixa desesperado. A cada mudança de velocidade, faz um barulho estridente. Espero que hoje não me falhe. Esta noite não. Devia ter conduzido um pouco mais com ele ou, pelo menos, verificado a bateria nos últimos dias. Mas não podia fazê-lo. Não podia sair. Não podiam ver-me.

Estou escondido há mais de uma década. Como o tempo passa. Lembro-me dos lugares onde vivi, em cidades de todo o mundo, seguindo-lhe o rasto, sempre escondido entre a multidão das grandes urbes. É impressionante a facilidade com que uma pessoa se esconde nas capitais, onde não se é ninguém entre milhões de pessoas, onde nos tornamos mais uma silhueta entre todas as que usam o metropolitano ou pisam as ruas.

Enquanto continuo a conduzir, em direcção ao meu destino, não deixo de vislumbrar todas estas luzes de Boston, que não param de piscar no Natal. A imagem das luzes na noite também me fazem lembrar dela. Como permiti tal coisa? Poderia ter feito mais alguma coisa? São muitos anos a perguntar o mesmo, e nunca encontrei a resposta. Nunca duvidei do meu amor, mas de mim próprio.

Quando chego ao semáforo vermelho no cruzamento das ruas Cambridge e Charles, junto à ponte Longfellow, paro e olho pelo retrovisor.

Não pode ser. Não pode ser! Não! Um carro-patrulha está mesmo atrás de mim. Que faço? Não posso crer que o plano se vá esfumar desta maneira. Começa a tremer-me o pulso, e não paro de espreitar pelo retrovisor enquanto

conto os segundos até que o semáforo fique verde. O meu eu interior, o meu eu mais profundo, teme o pior, afasta-me, empurra-me e assume o controlo. Surgem das profundezas todos os motivos pelos quais estou aqui esta noite. Suspiro por um segundo. Mais uma vez, desaparece a tensão, desaparece o medo.

O semáforo fica verde, e arranco. Sigo o meu caminho. Atravesso a ponte Longfellow e dirijo-me para os arredores. Quando olho outra vez pelo retrovisor, vejo a polícia a desviar-se. Já estou sozinho, rodeado por mais carros que também seguem a minha rota, mas com um destino diferente.

Capítulo 14

26 de Dezembro de 2013. Boston

As luzes dos carros da polícia faiscavam contra a fachada do complexo psiquiátrico de Boston. O suave chuveiro, que havia começado alguns minutos antes, obrigou a imprensa a cobrir-se sob os guarda-chuvas em frente à porta principal. Não sabiam o que estava a acontecer nem porquê, de repente a polícia havia tomado o centro. A maioria das estações interrompeu a sua emissão para informar que tinha acontecido algo no centro, e, embora não soubessem o quê, também se dispuseram a inventar teorias. Do lado de fora não se ouviam os gritos do director, nem muito menos se conseguia ouvir o choro em surdina de uma Stella atemorizada.

Rodeada de polícias da unidade científica que investigavam a embalagem e o conteúdo desta, Stella continuava ensimesmada. Não ouvia nada, não prestava atenção a ninguém. Visualizava apenas, com as mãos a tremer, os momentos vividos há poucos segundos.

Quando se juntara ao corpo policial, depois de terminar os estudos de criminologia na Universidade de Mayland, em College Park, participara na definição de vários perfis psicológicos juntamente com James Harbour, o psicanalista veterano mais prestigiado do FBI, que agora detinha o cargo de inspector, dirigindo as operações da unidade de Boston. Stella sempre havia considerado o seu trabalho seguro. A sua aproximação máxima ao risco eram as entrevistas a algum criminoso confesso, algemado, vigiado por dois ou mais agentes e, se fosse possível, com grades pelo meio. Nos casos em que ela participava nas análises psicológicas de criminosos, como acontecia desta vez, o poder de actuação dos enfermos limitava-se a levantarem a voz nas entrevistas, a cuspirem de longe ou, inclusivamente, a despirem-se diante

dela.

Stella não concebia um doente mental que estava trancado numa cela de reclusão, da qual não tinha saído nos últimos dois dias, assassinar uma jovem e enviar os pormenores pelo correio para o pai dela, a setecentos quilómetros de distância. Escapava à sua lógica.

Capítulo 15

14 de Junho de 1996. Salt Lake

A loja de bebidas à qual Amanda e o pai se dirigiam estava situada na avenida de Saint Louis, entre uma queijaria e uma loja de roupa usada. A fachada da loja de bebidas, pintada de verde-claro, contrastava com o amarelo da loja *vintage* e com o azul da queijaria. Quando chegou à porta, Steven saiu do carro e dirigiu-se para a entrada:

— Amanda, se quiseres espera por mim na loja de roupa. Parece que há por lá coisas fixes.

— Papá, responde-me a uma pergunta, desde quando dizes «fixe»?

— Desde que tenho uma filha adolescente.

— Pois eu acho que ninguém no universo diz «fixe», nem «fixola», nem «curtido». Estás muito desactualizado — exclamou ela.

— Bom, no meu tempo dizia-se — justificou-se Steven com cara de quem não entendia nada.

— Bah, deixa lá, papá. Não ias perceber — respondeu Amanda.

— Não, diz lá, explica-me.

— Então está bem. Para resumir, qualquer palavra que um adulto julgue que um adolescente diz está desactualizada.

— Ena — exclamou Steven. — Continuo a não perceber.

— Eu disse-te que não ias perceber.

— Bom, já me explicas melhor. Volto daqui a dez minutos. Não te percas, está bem?

— Posso entrar contigo? — disse Amanda.

— Não preferes ir ver a loja de roupa?

— Prefiro ficar contigo.

— Pois claro, filha. Mas diz-me uma coisa, tens a certeza de que estás bem? Desde que parámos na estação de serviço, acho-te um pouco preocupada.

— Não se passa nada comigo, papá. Só quero passar mais tempo contigo — disse-lhe Amanda, enquanto recordava a estranha silhueta escura que vira minutos antes.

— Está bem, entra comigo. Mas não toques em nada, prometes?

— Prometido — respondeu ela com um sorriso.

O interior da loja de bebidas era um espaço acanhado, repleto de prateleiras com garrafas de vinho e de licores. Do lado de fora, dava a sensação de ser um antro diminuto em que mal cabiam três pessoas. Ao entrar, Steven bateu com a porta numa senhora que estava a pagar na caixa.

— Ora esta, queira desculpar — disse-lhe ele.

— De nada, não se preocupe, Steven.

Steven ficou petrificado ao ouvir aquela voz rouca pronunciar o seu nome. «Porque sabe ela o meu nome?», pensou.

— Desculpe, nós conhecemo-nos?

Amanda continuava sob o arco da porta e esperava que o pai avançasse para entrar com ele.

— Nesta povoação todos o conhecem, Sr. Maslow.

— Bom, não sabia.

— É uma povoação pequena, e o senhor vem para cá há muitos anos. As pessoas já o conhecem, não acha, Steven?

— Bom, visto assim. Desculpe mais uma vez o meu encontro.

— Não se preocupe — disse-lhe a idosa, pegando no seu saco e preparando-se para sair.

Ao passar junto de Amanda, a idosa, vestida de preto, deteve-se por um segundo, virou-se um pouco para ela e acrescentou:

— Adeus, Amanda.

Amanda não respondeu. Não foi capaz. O seu coração voltou a sentir-se tão sobressaltado como quando vira a silhueta negra junto à estação de serviço. Deu dois passos para o interior da loja, assustada, sem cumprimentar o funcionário, que a olhava.

Capítulo 16

26 de Dezembro de 2013. Boston

— Bom dia a todos — saudou nervosamente Stella. — Estão a ouvir-me?

Deu duas pancadinhas no microfone com o dedo indicador. Queria verificar se os altifalantes que tinha ao seu lado ressoavam. Respirou fundo enquanto ordenava os papéis colocados sobre um púlpito improvisado. A imprensa observava-a, inquieta. Dezenas de câmaras apontavam directamente para ela, com umas minúsculas luzes vermelhas a piscarem, sinal de que estavam a emitir em directo. Esta situação era nova para a agente. Nunca antes dera uma conferência de imprensa para tantos meios de comunicação. Uma vez, quando acabara de entrar para o corpo policial, tivera de fazer uma apresentação sobre os criminosos mais procurados, na qual descrevia o seu *modus operandi* e especificava normas para conseguir encontrá-los, perante os novos membros do departamento de segurança nacional do FBI. Estava tão nervosa que, durante a exposição, bloqueou. Ficou petrificada, sem saber o que dizer acerca do atirador anónimo que andava a atormentar o estado de Michigan. Apesar do seu talento para indagar a mente dos assassinos, Stella sofria de um pânico que a paralisava nas apresentações em público. Já tentara várias técnicas para vencer esse medo do palco, e nenhuma dera resultado.

— Boa tarde a todos — repetiu ela. Nas últimas horas tinham ocorrido alguns factos que haviam alterado radicalmente o rumo da análise psicológica.

A mensagem reverberou nos altifalantes, e a imprensa começou a murmurar perante tais declarações. A mão direita de Stella, que se encontrava em cima do púlpito, começou a tremer ligeiramente, empurrando as folhas para o chão. Ela agachou-se muito depressa, ruborizada, e começou a apanhá-

las. O murmúrio tornou-se mais forte. Stella levantou-se e olhou em frente, tentando encontrar um ponto distante para se concentrar.

— Neste momento, o prisioneiro, cuja identidade ainda não foi confirmada — continuou Stella —, encontra-se numa cela de reclusão a aguardar as entrevistas para avaliar o seu estado mental e compreender as motivações que o levaram a realizar uma das maiores atrocidades de que há memória no estado de Massachusetts. De acordo com o procedimento habitual para este tipo de casos, seria o director Jenkins a encarregar-se da análise psicológica do prisioneiro, dada a sua experiência e o seu profissionalismo. Depois do que aconteceu esta manhã, o Dr. Jenkins não se encontra em condições de realizar essa tarefa tão intensa.

— O que aconteceu esta manhã? — interrompeu um repórter da *Fox News*.

Stella não sabia como responder a tal pergunta. Meditou por alguns segundos e interveio:

— O director Jenkins, de cuja competência ninguém duvida e que colaborou tão activamente no esclarecimento de casos importantes no país, encontra-se indisposto e não se sabe quando poderá assumir de novo as suas tarefas.

— Essa indisposição tem algo a ver com o facto de a polícia e o FBI terem, literalmente, tomado o centro psiquiátrico?

— Não tem nada a ver com isso — mentiu ela. — Esta manhã o FBI e a polícia optaram por colaborar nas investigações e participar activamente no caso para esclarecerem o sucedido com a maior celeridade possível.

Stella lançou uma olhadela a um dos jornalistas que estavam com a mão levantada, cedendo-lhe implicitamente a vez.

— Como é possível que, ao fim de dois dias, nem a polícia nem o FBI saibam quem é o decapitador?

— O decapitador, como lhe chamam, revela uma atitude não colaborativa no processo e, portanto, está a dificultar a sua identificação. Nas doze horas seguintes à sua detenção, a polícia recolheu-lhe as impressões digitais, mas não se encontrou qualquer registo da sua identidade. Estamos a consultar as bases de dados internacionais e ainda não se obteve qualquer

correspondência. Estranhamente, ninguém o reconhece nem nunca o viu. É como se não existisse.

— Quem se encarregará a partir de agora da análise psicológica e do curso da investigação? — perguntou outro jornalista.

— Essa tomada de decisão está pendente, mas, de momento, serei eu quem dirigirá o processo, até que...

A porta do complexo psiquiátrico abriu-se atrás de Stella. O murmúrio da imprensa aumentou de volume até quase se transformar no som ambiente de um bar em hora de ponta. Stella ficou bloqueada, sem saber o que dizer. Fixou o olhar num ponto distante e tentou prosseguir a sua resposta.

— A pessoa..., a pessoa... Verão..., quero dizer...

O murmúrio cresceu ainda mais, e Stella ficou aturdida. Não conseguia pronunciar nem mais uma palavra. Por um momento, a imprensa pensou que ia desmaiar. O murmúrio cessou, e os jornalistas observaram atentamente o olhar perdido de Stella. Uma silhueta saiu do interior do complexo psiquiátrico, causando uma enxurrada de *flashes* por parte dos fotógrafos. A tempestade de luzes desconcertou Stella ainda mais. No seu espírito, não parava de recordar o atirador do Michigan e o ridículo por que passara diante do departamento de segurança nacional do FBI. Sentiu que alguém se aproximava por trás de si e apercebeu-se da pressão de uma mão no seu ombro.

— Boa tarde — disse o director Jenkins, com ar decidido.

Capítulo 17

23 de Dezembro de 2013. 23h12. Boston

Há mais de duas horas que estou a conduzir até ao fim. Até ao meu final. Quando olho para trás, não me arrependo de nenhuma das decisões que tomei até chegar aqui, até este exacto momento. Acho que ninguém se deveria arrepender das suas decisões. Deve aceitá-las, vivê-las, pedir perdão quando for caso para isso, mas nunca arrepender-se. A vida é composta por momentos fúteis, por decisões insignificantes tomadas pelo nosso eu particular em cada instante, de maneira mais ou menos meditada, mas somos sempre nós que as tomamos. Quando se escolhe entre tomar um chá ou um café, não se faz isso de um modo puramente consciente, decide-se e já está, mas, no fundo, o nosso subconsciente recorda-nos todos os bons momentos que passámos a tomar um café ou um chá com alguém especial, todas as boas sensações que sentimos a cada chá, a cada café, e reordena-as e lança-as contra a nossa mente consciente, fazendo que indubitavelmente escolhamos aquele chá, aquele café, de cada vez que nos é oferecido. Ninguém toma as decisões por si mesmo. Ninguém me obrigou a fazer o que vou fazer, mas deram-se as circunstâncias adequadas para que o meu eu, o meu ser, decida acabar com tudo hoje.

Têm vivido todo este tempo sem um vislumbre de preocupação, de arrependimento, de perdão ou de redenção. Não posso permitir isso nem mais um segundo. Este é o meu destino. Cumprirei o meu objectivo e contarei ao mundo a minha história. Amanda merece que o mundo saiba o que aconteceu. Deus, como sinto a falta dela. No meu ser mais profundo, penso que ainda pode estar viva, embora eu tenha perdido a esperança há anos. Oxalá eu pudesse olhá-la uma vez mais. Oxalá pudesse beijá-la uma vez

mais. Oxalá pudesse afagar-lhe a mão uma vez mais.

Capítulo 18

14 de Junho de 1996. Salt Lake

Ao entrar na estreita loja de bebidas, sobressaltada pela rouca e estranha despedida da idosa, Amanda apenas acumulou mais dúvidas sobre a sua presença em Salt Lake, nesse ano. «Como é possível que aquela mulher saiba o meu nome e o do meu pai? Não há centenas de famílias diferentes que visitam Salt Lake todos os anos? O bilhete que eu encontrei terá alguma ligação com a misteriosa silhueta da estação de serviço?» Embora não tivesse a certeza absoluta de que estivesse a vigiá-la, já que mal pudera ver o rosto da silhueta, Amanda estava convencida de que assim era, de que aquela misteriosa pessoa estava a olhar para si e de que, por algum motivo, parecia estar à espera dela naquele ponto específico.

Steven estava a dar uma vista de olhos a várias garrafas expostas numa vitrina de vidro onde, aparentemente, se encontravam as bebidas mais selectas e, ao mesmo tempo, mais caras.

— Amanda, o que te parece o Château Latour de 1987? Acho que o preço não está nada mau, e tenho a certeza de que o Henry Lafite, da Lafite & Sons Co., irá adorar receber como presente um vinho da sua terra.

Amanda olhou para o pai, enquanto se debatia internamente entre o medo e a curiosidade.

— Já sabes que eu não faço ideia, papá!

— Só quero saber se a garrafa te parece elegante.

— Eu não percebo muito de vinhos, mas tu escolhes um vinho pela garrafa?

— Sabes, há estudos que demonstram que a grande maioria da população é incapaz de dizer se um vinho é de pacote ou se é um reserva com vários

anos.

— Então, porque te incomodas com isso?

— Sob esse aspecto, a garrafa é que importa. Por muito mau que seja um vinho, se estiver bem apresentado, se a garrafa parecer antiga, inexplicavelmente, ao prová-lo, toda a gente o adora. Não me perguntes porquê, mas comprovei isso no Dia de Acção de Graças.

— Serviste vinho de pacote no Dia de Acção de Graças?

— Passei a tarde inteira com a tua irmã a encher as duas garrafas de vinho de Rioja e a tentar selar a rolha de cortiça da melhor maneira que conseguimos — disse-lhe Steven com um sorriso, consciente da travessura.

Quando não estava com Kate, Steven esforçava-se por conviver com as filhas. Tentava fazê-las rir e aproveitar ao máximo o pouco tempo livre que tinha com elas, apesar de ter de cumprir com a sua faceta de pai responsável e disciplinado.

— E ninguém reparou? Eu lembro-me de que estiveram um bom bocado a falar de vinhos, mas a verdade é que não prestei muita atenção.

— Os teus tios adoraram. Além disso, disseram-me que era um dos melhores vinhos que alguma vez tinham provado. Creio que desde então não pararam de comprar vinho de Rioja. No ano passado até fizeram uma viagem de turismo enológico por Espanha. Ah, ah! Tu acreditas?

— Ah, ah! Pois então acho que o Sr... Lápis — era assim que ele se chamava? — irá adorar um bom vinho de pacote.

— Ah, ah! Lafite, não é lápis. E não posso fazer isso com ele. É um dos principais clientes da empresa — corrigiu ele. — De qualquer forma, tenho a certeza de que este empregado, que não parou de olhar para ti desde que entrámos, ficará encantado por nos ajudar a escolher.

— O quê? — exclamou ela, ruborizada.

Capítulo 19

26 de Dezembro de 2013. Quebeque, Canadá

A camioneta circulava a toda velocidade por um estreito caminho de terra em direcção ao sul, até à estrada principal que contornava o Parque Nacional La Mauricie. A cada mudança de velocidade, o motor roncava. Tinha-a comprado há alguns anos, quando iniciara o seu retiro. A parte traseira ainda continha restos da lenha que ele comprara no início do inverno numa aldeia da região.

Era uma camioneta *Ford* vermelha, meio oxidada pela geada e com metade do pára-choques solto. Efectuava cada curva no limite, fazendo saltar no ar as pedras do caminho. Quando entrou na estrada principal do interior do Parque Nacional, tomou a direcção oeste, contornando um formoso lago rodeado de árvores. O condutor chorava inconsolavelmente. Conduzia com a mão esquerda, enquanto com a direita segurava um bilhete amarelado que consultava de tantos em tantos segundos.

— Que fez esta jovem para merecer morrer? — repetia ele, murmurando continuamente com um fio de voz quase imperceptível.

Continuou a avançar pela estrada rodeada de árvores até chegar aos arredores do Quebeque. Entre lágrimas, o condutor parou a camioneta numa estação de serviço decrépita que já testemunhara uma época melhor. Levantou o capuz do camisolão e entrou na loja, empurrando energicamente a porta.

— Quarenta dólares de gasolina, por favor — disse o encapuzado ao jovem funcionário. A sua voz denotava tristeza, cansaço, desgosto e sofrimento. Era como se não houvesse nada dentro daquela voz rouca e quase idosa que alguma vez, talvez, tivesse sido feliz.

— Quer o jornal de hoje? Oferecemo-lo em todos os abastecimentos superiores a trinta dólares — respondeu o funcionário sem grande esperança de que a sua proposta viesse a ser aceite.

O homem encapuzado deixou os quarenta dólares em cima do balcão e saiu sem dizer uma palavra. Aproximou-se da cabina telefónica que se encontrava ao lado da área das bombas, levantou o auscultador e inseriu várias moedas. Ao marcar o número, as lágrimas apareceram-lhe de novo. Respirou fundo, fechou os olhos e encostou o auscultador à orelha.

Uma voz serena respondeu imediatamente.

— 904 da sétima avenida. Sexto andar E — pronunciou a voz do outro lado do auscultador.

A figura encapuzada desligou e encaminhou-se de novo para a camioneta com o rosto coberto de lágrimas. Olhou para trás, para a cabina, e deteve-se. Ficou por vários segundos a observá-la. Aproximou-se novamente dela, sacou das moedas que lhe tinham sido devolvidas e voltou a inseri-las. Levantou o auscultador e marcou novamente.

Ao fim de alguns segundos, soou o primeiro toque. Respirou fundo de novo. O segundo toque. Conteve a respiração, sabia que se aproximava o momento. A pessoa do outro lado iria atender o telefone, e já não haveria maneira de voltar atrás. O terceiro toque. «Vamos, atende lá, por favor», pensou ele. Quarto toque. «Vá lá, por favor». Quinto toque. Afastou o auscultador do ouvido e já se preparava para desligar o telefone, quando de repente ouviu ao longe:

— Sim? Quem fala?

Rapidamente, o homem encostou de novo o auscultador à orelha e ouviu:

— Olá? Está aí alguém? — dizia uma voz feminina.

As lágrimas voltaram a brotar-lhe dos olhos castanhos. Conteve a respiração, enquanto ouvia a voz do outro lado do telefone.

— És tu? Por favor, se és tu, diz-me alguma coisa. Só preciso de saber que estás bem.

Ele respirou fundo e dispôs-se a falar, mas não conseguiu. O nó na garganta, causado por tanto sofrimento, bloqueou qualquer palavra que pretendesse atravessar-lhe as cordas vocais. Do outro lado, apenas se

conseguiu ouvir um pequeno choro, seguido de alguns soluços.

— Por favor, Steven, eu sei que és tu. Volta para casa — implorou Kate ao telefone.

Ele reuniu forças, engoliu saliva e, com a garganta entrecortada, disse:

— Daqui a pouco acaba tudo.

E desligou, antes que Kate pudesse dizer qualquer coisa.

Capítulo 20

26 de Dezembro de 2013. Boston

Uma vez terminada a conferência de imprensa, o director Jenkins e Stella entraram de novo no interior do edifício. As ombreiras da bata branca do director tinham-se molhado durante a conferência de imprensa. Chegados lá dentro, Stella aproximou-se dele enquanto caminhavam por um dos corredores principais em direcção ao seu gabinete.

O director caminhava olhando em frente, sem se aperceber minimamente da presença de Stella, como se o mundo tivesse desaparecido à volta dele e só restasse o caminho que tinha à sua frente até ao gabinete.

— Lamento muito, Dr. Jenkins — disse Stella.

Decorreram vários segundos até que o director respondesse àquela demonstração de afecto.

— Lamenta o quê? — disse o director sem dirigir o olhar para Stella.

— Lamento imenso o que aconteceu à sua filha. Ainda não consigo acreditar.

— Nem eu — respondeu ele sem pestanejar.

— Vejo que é uma pessoa muito forte.

— Tenho muitas perguntas para resolver. Demasiadas. E preciso de respostas. Podia passar os próximos meses em casa, a chorar desconsoladamente, enquanto a senhora, ou qualquer outra pessoa, se encarregava deste caso. Mas dentro de mim há algo que me diz que depois terei tempo para chorar. Que não posso deixar a responsabilidade pela morte da minha filha nas mãos de qualquer outra pessoa. Devo ser eu a encarregar-me disso.

— Eu também quero que aquele filho da puta pague pelo que fez e acabe

atrás das grades para o resto da vida. A sua atitude honra-o imenso. É impressionante a rapidez com que assumiu o sucedido.

— Eu não o assumi. Não quero assumi-lo. É a maior desgraça que pode acontecer a uma pessoa.

— Pois se não o assumiu, parece decidido a fazê-lo.

Stella continuava absorta, a olhar para o director. Após uma tragédia deste calibre, recuperara a compostura em poucas horas. Talvez se tratasse de um escudo mental, de uma prisão imaginária que manteria os seus sentimentos cativos.

— Estou decidido a saber porquê. Por que motivo a minha filha teve de morrer.

— Nem sequer sabemos se foi ele, embora, na verdade, quem poderia ter sido senão ele? Mas como? Ele esteve aqui o tempo todo desde há quando? Dois dias? — insistiu Stella.

— Eu sei que não foi ele. Mas tem de haver mais alguém. Essa parte das investigações não me compete, para isso já existe a sua unidade. A mim compete-me saber o que ele pensa, como actua, porque o faz e, caso cheguemos a isso, se está suficientemente atinado para passar toda a vida na prisão.

Capítulo 21

26 de Dezembro de 2013. Boston

O director pediu a um dos guardas que preparassem o prisioneiro numa das salas de avaliação psicológica. Essas salas continham apenas uma cadeira aparafusada ao chão no centro do aposento, uma mesa sem gavetas com tamanho de secretária e um par de cadeiras almofadadas.

Ao fim de pouco tempo, o guarda regressou e informou-o de que estava tudo pronto, de que o prisioneiro estava à espera dele na sala 3E.

— Stella, suponho que quererá acompanhar-me.

— Claro que sim, doutor.

— Creio que não iremos conseguir nada. Ele não falou desde que chegou, mas temos de dar início ao procedimento. Recebi um telefonema do juiz que dirige a instrução do caso, e ele instou-me a apresentar a análise psicológica logo que possível, embora a apresente fundamentada nas minhas impressões, e não nas palavras e pensamentos dele.

— Como avaliar se uma pessoa tem juízo ou não, se ela não fala? — perguntou Stella com perspicácia.

— O primeiro passo deveria ser a análise da sua atitude, embora eu não saiba muito bem como prosseguir.

— Talvez possa convencê-lo a escrever.

— Que uma pessoa não fale não significa que ela não possa gritar, sabe?

— Em que está a pensar, doutor?

— Suponho que sabe o que são electrochoques. Não está demonstrada a sua eficácia como tratamento para algum tipo de doença mental, bom, exceptuando a hiperagressividade, mas está demonstrada a sua eficácia como ameaça.

— Pensa submetê-lo a electrochoques se ele não falar? Isso é ilegal e poderia custar-lhe a sua carreira, doutor.

— Stella, estava comigo quando recebi a encomenda. Quando abri a caixa. Parece que já esqueceu. Não sei se foi aquele filho da puta que assassinou a minha filha. Nem sequer sei como poderia tê-lo feito, mas o que sei é que esse homem, louco ou não, sabe o que aconteceu e tem algo a ver com isso. Penso submetê-lo aos electrochoques, quer ele fale ou não. Preciso de saber se conto consigo para isto — argumentou o director.

No fundo, algo havia mudado nele. Apesar da sua evidente autoridade e da disciplina que ministrava entre o pessoal, a sua atitude no centro sempre fora exemplar. Cumpria o seu horário, cada protocolo, cada procedimento. Quando se iniciara no mundo da psicologia, e antes de lançar a sua carreira como um dos melhores psicólogos do país, prometera a si mesmo que alteraria alguns dos procedimentos no mundo da psicologia. Era um momento em que se havia modificado o padrão que definia as doenças mentais e os métodos para as diagnosticar. A modificação das normas implicara um aumento do número de pessoas declaradas doentes mentais e abria-se livre curso à distribuição de antidepressivos. O seu carácter meticoloso e preocupado permitira-lhe ignorar essas tendências e realizar um trabalho exemplar à frente de vários centros psiquiátricos. Nunca saltara uma norma e agora pensava pôr em risco a sua carreira como psicólogo por um enigmático recluso, que fora reencaminhado para o centro e que seguramente teria algo a ver com a morte e a decapitação da sua filha.

— Pode contar comigo, mas pense bem, a sua carreira como psicólogo estará condenada se isto vier à luz.

— Eu já perdi tudo, Stella.

O director tirou do bolso o bilhete que ainda guardava com o nome da sua filha. Conseguira escondê-lo da polícia científica que se encontrava no gabinete a analisar meticulosamente a caixa. Stella fixou nele o olhar e seguiu o director pelo corredor até à sala onde se encontrava o prisioneiro.

— Devia entregar isso à polícia científica. Talvez ajudasse a esclarecer os factos.

— Entrego-o mais tarde. Agora quero que o prisioneiro o veja. Tenho de

conseguir que ele fale como deve ser.

Aproximaram-se da sala 3E. A porta branca de ferro era exactamente igual às outras que havia em redor. Junto à porta estavam dois enfermeiros que cumprimentaram o director quando este se aproximou com Stella.

Antes de a abrir, o director deteve-se por um segundo em frente à porta. Respirou fundo e fechou os olhos, tentando esquecer o que sentia. Stella ficou um passo atrás dele e por um segundo hesitou em saber se queria ou não ver o homem que fora provavelmente responsável pela morte e decapitação de duas pessoas. Uma delas, desconhecida; a outra, filha do director.

O director olhou para Stella e abriu a porta, entrando sem hesitar mais um segundo.

O prisioneiro estava sentado numa cadeira de ferro, manietado em cada um dos braços com umas correias. Olhava, cabisbaixo, para a mesa que tinha mesmo à sua frente e nem sequer se apercebeu da entrada do director com Stella.

O director sentou-se e instou a agente a fazer o mesmo. Enquanto se acomodava em silêncio, manteve o olhar fixo no prisioneiro, sem o desviar, procurando um encontro directo com ele, como já tantas vezes fizera com outros reclusos. O prisioneiro não alterou a sua expressão. Continuou a olhar, cabisbaixo, para a mesa.

— Suponho que sabes porque estou aqui — disse-lhe o director.

O prisioneiro continuou a olhar para baixo sem lhe prestar atenção.

— Estás a ouvir-me?

O prisioneiro suspirou por um segundo. Ergueu o seu olhar azul e sorriu. Mantinha uma atitude descontraída. O seu sorriso perfeito de dentes brancos atingiu Stella, que se surpreendeu ao ver pela primeira vez o olhar do prisioneiro.

— Vejo que me estás a ouvir. Escuta, preciso que fales. Se o não fizeres, passarás o resto da tua vida numa prisão, onde te garanto que serás muito famoso. O último recluso que tivemos aqui, e que acabou na cadeia, suicidou-se ao fim de três dias.

O prisioneiro fitava intensamente o director, sem pestanejar. O seu sorriso

dera lugar a uma expressão séria.

— Vê lá se percebes — interrompeu Stella —, tens de nos contar como te sentes, o que te levou a assassinar aquela jovem.

O prisioneiro ignorou-a. Continuava absorto, a olhar fixamente para o director.

— Não estás a pensar falar? — acrescentou o director com um ar ameaçador. Este centro é um dos poucos do país que continua a dispor de uma equipa para a prática dos electrochoques. Há mais de três anos que não os usamos, e acho que não faz mal verificar se o equipamento continua a funcionar correctamente.

O prisioneiro sorriu e, para surpresa da agente Hyden e do médico, disse:

— Lamento que a sua filha tivesse de morrer, Dr. Jenkins.

O olhar ameaçador do director transformou-se de repente numa expressão de medo. A agente Hyden recuperou a sensação de terror que tinha sentido poucas horas antes. A voz do prisioneiro era um pouco rouca, acompanhada de uma vibração que percorria a sala. Era a primeira vez que falava desde a sua detenção, e o director ficou surpreendido com aquelas primeiras palavras. Após vários segundos em que manteve um debate interno, o director perguntou-lhe:

— Como sabes?

O prisioneiro alterou a expressão, dando mostras da sua mágoa ao director. Continuou a olhá-lo por uns momentos, ignorando a pergunta dele. Fitava-o com uma expressão de compreensão, mas que ao mesmo tempo era desafiadora.

— Como sabes que a minha filha morreu? — repetiu o director.

— Há poucos motivos pelos quais um homem como o senhor se desmorona daquela maneira diante de uma porta de ferro.

As palavras do prisioneiro deixaram-no desconcertado. De certo modo, para ele não havia dúvida de que aquele homem era inteligente. Stella contemplava a conversa sem se intrometer. Sentia que estava a mais naquela sala. Estava prestes a travar-se uma batalha de egos, e não queria fazer parte dela.

— Diz-me que não tens nada a ver com a morte da minha filha.

— Lamento muito a morte da Claudia.

O nome de Claudia reverberou na sala. O director levantou-se da cadeira, largou o seu caderno e aproximou-se, agachando-se, até ficar a uns meros cinquenta centímetros do prisioneiro. Fitava-o fixamente nos olhos azuis, enquanto este mantinha a cabeça erguida. Não havia nele qualquer sinal de arrependimento. Somente uma atitude de indiferença perante o olhar ameaçador do director.

— Como sabes o nome dela? — exclamou, surpreendido.

— Lamento muito.

— Diz-me porque é que a Claudia teve de morrer — gritou o director, perdendo a paciência.

Desde que se deixara cair junto à porta, permanecera calado, a chorar numa das salas reservadas ao pessoal, enquanto o FBI e a polícia registavam e examinavam minuciosamente o gabinete e as restantes encomendas que ele recebera. Tinham estado a analisar a caixa durante várias horas, em busca de impressões digitais e de vestígios de ADN. Não haviam encontrado absolutamente nada. A embalagem que continha o macabro presente era uma caixa de dimensões regulares (sessenta de comprimento por cinquenta de largura por quarenta de altura) que se vendia em todas as estações de correio dos Estados Unidos e do Canadá. A bolsa de plástico em que se encontrava a cabeça era um saco para conservação em vácuo com fecho hermético que era oferecido como presente nos principais supermercados do país para o armazenamento de fruta. Na bolsa não havia impressões digitais nem vestígios de qualquer outro tipo que pudessem ajudar a esclarecer quem teria sido. A única pista que existia era o carimbo de um posto de correio do Quebeque, mas segundo o FBI isso de pouco servia, já que existiam por lá mais de trezentos postos de correio. A encomenda não incluía nenhum número de registo, pelo que era impossível rastrear por onde tinha passado antes de chegar ao seu destino. Quando o FBI se aproximou da sala para contar ao director os poucos avanços que haviam conseguido e as escassas pistas de que dispunham, este mandou-os embora aos gritos chamando-lhes incompetentes. Disse a si mesmo que aquela seria a última vez em que perderia a calma, que ele próprio se encarregaria de esclarecer porque tivera

de perder a sua filha, e fora então que se dirigira para o exterior do centro psiquiátrico a fim de assumir o controlo da conferência de imprensa.

— O que prefere? Saber porque morreu Claudia ou saber porque sei o seu nome?

Stella agarrou o braço do director, numa tentativa de acalmar a tensão que se estava a acumular. Acercou-se do ouvido dele e sussurrou-lhe algo. Momentos depois, saíram da sala fechando a porta atrás de si. Já lá fora, o director argumentou:

— Eu estou bem, Stella. Aquele homem está a brincar comigo. Porventura terei de me acalmar quando ele menciona a Claudia?

— Suponho que há-de compreender que não devo deixá-lo cometer nenhuma estupidez. Ele está a brincar consigo e quer irritá-lo. Talvez não seja a pessoa indicada para falar com ele.

— Se pensa que vou deixá-la encarregar-se da análise psicológica, é evidente que deveria estar internada.

— Não penso que deva deixar-me a mim essa incumbência. Penso apenas que está afectado pela morte da sua filha e que talvez a sua avaliação acabe por ser condicionada pelo seu estado.

— Aquele demente planeou tudo de antemão. Sabia que seria eu a ficar com o caso e sabia que, se quisesse deixar-me fora de jogo, teria de me atingir por onde se causa mais danos a uma pessoa. Nos seus entes queridos. No meu caso, a minha filha. Não penso abandonar o processo. A Claudia merece que eu faça isto por ela.

Por um momento, as lágrimas saltaram dos olhos do director. Stella observou-o consternada e não soube como reagir. Ficou a olhá-lo com compaixão.

— Estou só. Não me resta nada — disse o director, aflito. — A minha mulher desapareceu há dezassete anos, poucos meses depois de a minha filha nascer. Não sei o que lhe aconteceu, continua a ser um mistério para a polícia. O pior de se perder alguém não é sabermos que essa pessoa morreu, mas não sabermos o que lhe aconteceu: se continua viva, se lhe aconteceu alguma coisa, se fugiu com outro. Ao menos deixou-me a minha filha. Foi o melhor que me aconteceu na vida. Durante todos estes anos, criei-a sozinho,

sabe? Chama-se Claudia. Chamava-se — corrigiu ele. — Meu Deus, como isto vai ser difícil. Ela estava prestes a terminar o secundário e queria estudar veterinária. Nunca me irei acostumar a esta perda. Chamava-se Claudia e agora já não está aqui.

As pernas do director começaram a fraquejar-lhe, e teve de se sentar num dos bancos azuis que estavam junto à parede. Stella aproximou-se e abraçou-o, rodeando-o com os seus braços esguios. Ainda nem há meio dia conhecera o director, um sujeito implacável e com uma personalidade inabalável, e agora ele encontrava-se afundado entre os seus braços, na mais absoluta escuridão. O seu reaparecimento diante da imprensa não fora mais do que um espectáculo para tranquilizar as massas. Naquele momento o director sabia que havia sucumbido, que havia perdido a batalha e que, a menos que conseguisse resistir ao primeiro embate do seu encontro com o prisioneiro, teria perdido para sempre.

— Dr. Jenkins, creio que será melhor tirar um dia de folga — acrescentou Stella. — Só hoje. Deixe-me ir entrevistá-lo sozinha. Talvez consigamos sair desta conversa circular em que ele pede desculpa e o senhor o ameaça.

— Não posso fazer isso, Stella — respondeu-lhe o director entre lágrimas.

— Faça o que lhe digo. Vá para casa, descanse hoje e volte amanhã. Vai fazer-lhe bem sair daqui.

— Tenho de falar com ele. Quero que me explique tudo.

— Eu encarrego-me disso. Se amanhã não tiver conseguido nada, o senhor ficará responsável pelo processo, e não me intrometerei nos seus métodos.

O director levantou os olhos para Stella. O seu olhar estava carregado de resignação. No fundo sabia que a agente Hyden tinha razão e que talvez fosse melhor voltar no dia seguinte, depois de ter assimilado melhor o que acontecera.

— Está bem — disse-lhe ele.

Capítulo 22

26 de Dezembro de 2013. Boston

Stella acompanhou o director até a porta das traseiras do centro psiquiátrico para evitar o assédio da imprensa. Despediu-se dele com um aceno de mão, enquanto o carro do director se afastava pela estrada.

Enquanto caminhava de novo para a sala 3E, preparou-se mentalmente para a entrevista a sós com o prisioneiro. Recapitulou mentalmente a conversa com o director e, ao aproximar-se da porta branca, entrou sem hesitação.

O prisioneiro viu-a entrar e seguiu-a com o olhar. Stella sentou-se numa das duas cadeiras e permaneceu calada durante uns minutos enquanto dava uma vista de olhos pela pasta que o director lhe entregara antes do incidente da caixa. O prisioneiro manteve o silêncio, desviando o olhar para o chão e para o tecto, e só quando Stella falou pareceu recuperar a atenção.

— Olá de novo.

— Boa tarde, agente Hyden.

Stella não se recordava de quando o seu nome fora mencionado à frente do prisioneiro. «Mas ele também sabe o meu nome?», pensou, aterrorizada.

— Vejo que também sabes o meu nome.

— Conheço muita gente — chalaceou ele num tom sério.

— Como te chamas?

— Ena. A pergunta que vale um milhão de dólares. De certeza que a imprensa pagaria uma fortuna por uma resposta a essa pergunta.

— Creio que é o mais justo. Sabes o meu nome, e eu não sei o teu. Se vamos conversar, o mais educado seria apresentarmo-nos correctamente.

— Eu não poderia ser mal-educado diante de uma rapariga como a Stella.

— Stella surpreendeu-se a si mesma com o modo como estava a lidar com a situação. O prisioneiro, sem dúvida alguma, era o seu maior desafio desde que começara como analista de perfis do FBI. — Chamo-me Jacob.

Stella assentiu com a cabeça.

— Muito prazer, Jacob. Eu sou Stella Hyden. Embora já o saibas.

— O meu nome não servirá de muito em relação à investigação, agente.

— Agora, pelo menos, tenho um nome ao qual me posso dirigir.

— Acho que até agora foi a única pessoa que revelou ter boas maneiras.

Diga-me, agente, tem medo?

— Porque haveria de ter, Jacob? Estás manietado, e do lado de fora desta sala estão dois enfermeiros que entrarão se ouvirem algo de invulgar. Não me podes fazer nada.

— Eu não estava a perguntar-lhe se se sente a salvo, mas se tem medo. Aquela sensação que todos nós já sentimos. Aquela sensação de que apesar de se sentir segura, acha que há algo que lhe escapa. Pergunto-lhe se acha que, mesmo estando aqui trancado, posso colocar a sua vida em perigo, se, mesmo estando eu aqui manietado, tem a certeza de que aqueles dois homens lá fora a protegerão, caso seja necessário.

A argumentação de Jacob deixou-a consternada. Stella nunca tinha visto nenhum criminoso que controlasse tanto a situação. Que fosse capaz de incutir medo somente com um olhar. Jacob observava as reacções de Stella ao seu discurso, viu-a estremecer, duvidar da sua autoridade. Quando Stella ia falar, Jacob continuou:

— Suponho que há-de querer saber porque fui detido.

— Foste detido porque há dois dias andavas pela rua nu com a cabeça de uma rapariga que tinhas decapitado.

— Há dois erros na sua resposta, agente Hyden — respondeu o prisioneiro em jeito de cantilena.

— Dois erros? Não vejo nenhum.

— Reveja com atenção o seu comentário. Leia mais acima. Irá dar-se conta dos dois erros.

— Por acaso tens problemas em aceitar o que fizeste? Não aceitas as tuas atrocidades? É isso?

— A sua argumentação contém erros de novata. Vamos, abra os olhos. Como é a primeira vez que conversamos, irei ajudá-la.

— Novata?

— Em primeiro lugar, toma como certo que fui eu que decapitei a Jennifer Trause, a rapariga cuja cabeça trazia comigo no momento da minha detenção. Acredita verdadeiramente que foi assim? Que fui eu que fiz isso? — Stella observava-o, atónita, enquanto ele prosseguia a sua argumentação. — O segundo erro é ainda maior. Perguntei-lhe se queria saber porque fui detido.

— Diz-me, Jacob, porque foste detido?

— Porque precisava de te encontrar, Stella Hyden.

Capítulo 23

14 de Junho de 1996. Salt Lake

Amanda ruborizou-se ao ouvir o comentário do pai. Pelos vistos, o funcionário já estava absorto a olhar para ela desde que entrara na loja, sem sequer prestar atenção à idosa que saíra, nem a Steven, que seguidamente se pusera a olhar para as garrafas de uma das vitrinas. O rapaz vestia uma camisa tipo pólo branca e umas calças de ganga azuis. Estava em pé atrás do pequeno balcão que mal lhe chegava à altura das ancas. O seu cabelo era castanho e estava um pouco despenteado, mas dava a impressão de que era intencional.

Amanda olhou para trás e viu-o. Por um segundo, fechou a boca e conteve a respiração de uma maneira quase imperceptível. Susteve o olhar durante mais uns momentos. Perscrutava-lhe os olhos azuis. De um azul que nunca tinha visto antes. O rapaz devia ser da sua idade. Estava muito bem barbeado e olhava-a sem prestar atenção a mais nada. Ao fim de alguns segundos, Steven interrompeu:

— Vais perguntar-lhe se ele nos pode ajudar, por favor?

— O quê? — repetiu Amanda, voltando a si.

— Deixa lá. Não te preocupes. Olá, vejo que és novo aqui — disse Steven, dirigindo-se ao rapaz. — Antigamente quem trabalhava aqui na loja era o Sr. McCarthy. Aconteceu-lhe alguma coisa?

O rapaz pestanejou e dirigiu o seu olhar para Steven. Por uns momentos ficou aturdido.

— Olá? — repetiu Steven, tentando chamar-lhe a atenção.

— Sim, desculpe. O... o Sr. McCarthy é meu tio. Está ótimo. Aliás, acho que está melhor do que nunca. Este ano vim ajudá-lo no Verão, e acho que

ele está bastante satisfeito.

— Fico contente por ele estar a gozar umas férias merecidas. Desde que venho a Salt Lake, tenho visto que ele passa aqui muitas horas. É uma pessoa encantadora, mas nunca descansa.

— Sim, é muito trabalhador. Neste Verão, custou-lhe bastante aceitar-me aqui como ajudante, para que pudesse dispor de algum tempo livre. Agora acho que não vai querer voltar. Pelos vistos conheceu alguém.

— Não me digas. O velho Hans arranjou uma namorada. Ena, fico muito feliz. Conversávamos sempre acerca disso, sabes? Que ele não conhecia ninguém, que queria ir a França numa excursão enológica, mas que não o queria fazer sozinho. E olha, agora tem uma companheira.

— É assim.

— Pois é, rapaz. Genial. A propósito — acrescentou Steven —, preciso de uns conselhos sobre vinhos e não sei se me poderás dar uma ajuda.

— Claro que sim, senhor.

— Sabes se esta garrafa de Château Latour de 1987 seria um bom presente?

— A julgar pelo preço, mais de quatrocentos dólares a garrafa, tenho a certeza de que há-de ser.

— Tem aroma frutado? É que a pessoa a quem vou oferecer o vinho adora vinhos frutados com aromas cítricos.

— Não faço ideia, senhor.

— Bom, e sabes se foi armazenado em barril? — inquiriu Steven.

— Não faço ideia, senhor.

— Mas tu não disseste que me ias ajudar?

O rapaz começou a corar de vergonha. Baixou os olhos e respondeu:

— Lamento, senhor, mas até agora só tive tempo de olhar para as descrições dos mais baratos. Eu não sou muito de vinhos, sabe? Por causa da idade.

Amanda riu-se perante a atitude desajeitada do moço. Tinha estado a observá-lo, calada, enquanto o pai falava com ele, e já há algum tempo que o via expressar-se com dificuldade perante as diferentes perguntas.

Steven não conseguiu fazer nada senão rir-se da situação. Lançou uma

gargalhada para o ar, e o rapaz sentiu-se um pouco aliviado.

— Se quiser, posso telefonar ao meu tio num instante e perguntar-lhe. Tenho a certeza de que ele ficará encantado por ajudar.

— Não te preocupes, rapaz. Vou levar duas garrafas em todo o caso — disse-lhe Steven, enquanto piscava um olho a Amanda.

— Vai levá-las então?

— Sim, claro.

— Então vou já preparar-lhas.

O rapaz agachou-se atrás do balcão e levantou um pequeno alçapão que se encontrava sob os seus pés. Desceu por uma escada de madeira e, dali a poucos segundos, regressou com um par de caixas de madeira de formato alongado.

— Aqui estão as duas caixas do Château Latour 1987 — disse ele enquanto as pousava em cima do balcão. Fechou o alçapão que dava acesso ao armazém subterrâneo e recolheu as duas garrafas que estavam na vitrina. Sacou de uma pequena calculadora e pousou-a em cima do vidro do balcão.

— Serão, portanto, trezentos e oitenta e sete dólares vezes dois..., setecentos e setenta e quatro dólares. Menos dez por cento de desconto por ser amigo do meu tio..., seiscentos e noventa e seis dólares e sessenta centavos.

— Aqui tens, rapaz.

— Aqui tem o seu troco, três e quarenta. Pode voltar quando quiser — disse ele sorrindo, enquanto desviava o olhar para Amanda.

De certo modo, essas palavras eram dirigidas à jovem. Queria que ela voltasse à loja. Queria saber o nome dela e, acima de tudo, queria vê-la de novo.

Amanda tinha a respiração entrecortada, e nem quando Steven se despediu e se prepararam para sair da loja recuperou o fôlego.

— Assim farei, rapaz, não te preocupes. E, a propósito, não me trates por senhor, que eu ainda me considero relativamente jovem. Podes tratar-me por Steven. De certeza que antes de partir hei-de passar por aqui para ver se tenho sorte e cumprimento o teu tio.

— Muito prazer em conhecê-lo, Steven. Eu chamo-me Jacob.

Capítulo 24

23 de Dezembro de 2013. 23h17. Boston

Amanhã, por esta hora, estarei detido. É um pouco difícil de entender, mas é algo para que me venho preparando há demasiado tempo. Pergunto-me que cara fará o chefe de polícia quando decidir ceder o meu interrogatório ao centro psiquiátrico. Depois de muitas horas sem falar, sem mostrar qualquer sinal de bom senso, não lhe restará outra opção. O meu aspecto físico reforçará a sua convicção de que este caso não é mais do que o de um louco desconhecido que perdeu a cabeça quando decidiu cortar outra. Mas será mesmo assim? Se pensar friamente, pode ser que até tenha alguma razão. Que talvez o meu método não seja o mais lógico, que o meu caminho não seja o mais sensato para o resto do mundo, mas para mim, para o meu ser mais profundo, é o único que faz sentido. O único que me permitirá recuperar a minha vida, o único que me aproximará novamente de Amanda. Embora não signifique directamente estar com ela, gosto de pensar que será uma forma de me unir de uma maneira mais essencial a Amanda. Será como se uma parte de mim se reunisse com ela uma vez mais. Será, por um instante, como se eu voltasse a tê-la nos meus braços.

A auto-estrada termina. Já estou perto. O chocalhar do machado a vibrar na bagageira descontraí-me e permite que me concentre nas escassas luzes vermelhas que me acompanham pela estrada. É esta saída, sem dúvida alguma, é esta saída. Dedico os últimos momentos do meu caminho até à mansão a pensar em Amanda, naquele olhar em que o tempo parou, naquela conversa sem importância acerca de vinhos com o pai dela e que marcou o início desta história, o início do meu caminho, o de uma vida que poderia ser e que acabou por não ser.

Capítulo 25

26 de Dezembro de 2013. Nova Iorque

Eram quase cinco da tarde no Central Park. O Sol já se encontrava no seu limite, pousado sobre os arranha-céus de Nova Iorque. Pelo interior do parque circulavam casais a passear, pessoas a praticarem desporto, caleças de cavalos carregadas de romantismo. Um dia depois do Natal, a cidade havia voltado à calma, à espera de que chegasse a noite de fim de ano. Uma calma relativa: continuavam os engarrafamentos, o bulício de gente, os apitos dos carros.

Eram quase cinco da tarde, e ninguém, no bulício, havia notado nada de novo na cidade. Ninguém reparara na camioneta vermelha que se encontrava estacionada em frente ao 904 da Sétima Avenida, mesmo à porta de uma dependência do Chase Bank. Em frente ao banco situava-se o 904, um edifício antigo de tijolos vermelhos com dez pisos que fazia esquina com a rua 57.

Steven viera a conduzir durante mais de oito horas para chegar a Nova Iorque. Durante todo o caminho, repetia o mesmo, uma e outra vez, num murmúrio constante: «Que fez esta rapariga para merecer morrer?» Saiu da camioneta e olhou para cima enquanto um tráfego contínuo de pessoas o rodeava. Era a hora de ponta, toda a gente acabava de sair do trabalho, e Nova Iorque transformava-se numa selva de sobrevivência, numa competição para chegar mais cedo a casa, numa matilha lutando pela fome do lar.

No meio do passeio, rodeado por um sem-fim de pessoas que o evitavam, tirou do bolso o bilhete amarelado, e releu-o: «Susan Atkins, Dezembro de 2013.»

— Que fez esta rapariga para merecer morrer? — disse ele para si mesmo

mais uma vez, com consternação.

Encontrava-se ali, atormentado, a imaginar como seria aquela rapariga ou aquela mulher. Debatia-se sobre quanto duraria dessa vez. Imaginava-se batendo à porta, fingindo uma maldita cara amável, simulando uma falsa realidade enquanto a rapariga o atendia. Imaginava-se empurrando-a para dentro, entrando de rompante, adormecendo-a com clorofórmio. Perguntava-se quantas horas teria de esperar para voltar à camioneta. Quanto tempo demoraria Nova Iorque a adormecer. Quanto teria ele de aguentar em casa de Susan, esperando o momento adequado para descer com ela às costas, içá-la para a camioneta, fazê-la desaparecer do mundo

A frieza com que imaginava tudo isso enojou-o. Não era o facto em si que ele detestava, mas a pasmosa indiferença com que se via disposto a fazê-lo. Já tinham sido demasiadas vezes. Tinham sido demasiados anos.

— O senhor sente-se bem? — interrompeu um garoto que mostrava ar de preocupação, arrancando-o do transe em que ele estava mergulhado.

— Perdão? — respondeu com voz rouca.

— Estava a perguntar-lhe se está bem. Precisa de algo? Acho-o um pouco perdido.

— Ah, isso. Procuro o 904 da Sétima Avenida.

— Está aqui mesmo — disse-lhe o miúdo com um sorriso, apontando para uma porta de vidro pela qual se acedia ao edifício.

— Obrigado, rapaz.

O garoto perdeu-se entre o gentio e desapareceu-lhe da vista sem que ele desse conta.

Steven abriu caminho por entre a multidão. Atravessou a rua e observou os casais que conversavam no interior do Café Europa. Um deles chamou-lhe a atenção através do vidro. Ambos tinham vinte e poucos anos. Ela, loura e magra; ele, moreno e bem-parecido. Estavam de mão dada por cima da mesa, enquanto ela ria. Ele olhava-a, absorto; ela remexia no cabelo. Não conseguiu fazer outra coisa senão lembrar-se de Kate. O seu coração teve um sobressalto, e vieram-lhe à cabeça aqueles momentos em que se sentavam ao entardecer em Salt Lake, no alpendre da velha casa dos Rochester, quando tinham vinte e poucos anos. Recordou quanto ele ria, quanto ela ria.

O casal apercebeu-se do seu olhar, e o rapaz riu-se para ele a partir do interior. Steven baixou a cabeça e afastou-se do vidro. Sentia-se aturdido.

Remirou o bilhete e entrou, decidido, no portal. Enquanto subia as escadas, lembrou-se do que tinha imaginado quando ali chegara. Havia passado apenas quinze minutos e parecia-lhe que estivera o dia todo naquela rua, que estivera uma eternidade a olhar através da vidraça do Café Europa. No seu íntimo, duvidava se seria capaz de fazer aquilo novamente. No caminho para o sexto piso, a sua pulsação acelerava a cada patamar, a respiração agitava-se, as pernas fraquejavam. Quando pensava que já não poderia mais, viu-se diante da porta do sexto E.

Era o lugar que a voz lhe dissera. Ali dentro estaria ela.

Esperou um minuto em frente à porta enquanto recobrava o fôlego e tocou à campainha. No lapso de tempo que a pobre rapariga demorou a abrir a porta, Steven pensou que talvez tivesse uma oportunidade de sobreviver. Que talvez conseguisse escapar fortuitamente e pedir socorro enquanto ele corria atrás dela. Que algum vizinho poderia ajudá-la, que a salvaria dele e o deixaria fora de combate, à mercê da polícia.

Mas não foi assim.

Passaram mais de seis horas até Steven constatar que a rua ficara deserta. De vez em quando aparecia um táxi ao longe, que não tardava a desaparecer. Carregou Susan ao ombro sem nenhum temor. Desceu as escadas com ela às costas, atravessou a rua e introduziu-a na parte de trás da camioneta. Aproximou-se do pára-brisas e deitou para o chão várias multas de estacionamento que havia acumulado durante o dia. Quando entrou no carro, fechou os olhos. Viu Kate uma vez mais, e também Amanda e Carla, e, decidido, arrancou para se perder na noite.

Capítulo 26

26 de Dezembro de 2013. Boston

— Sabes, Stella, é complicado contar-te tudo de uma maneira mais ou menos coerente. Sobretudo quando o que se tenta contar carece de sentido para uma pessoa que não consegue entender a dimensão e a importância de cada uma das centenas de pequenos gestos e acontecimentos que ocorrem na vida. Por muito que uma pessoa se esforce para nos compreender, a menos que sejamos capazes de lhe introduzir tudo pouco a pouco na cabeça, é realmente complicado conceber que se consiga penetrar na mente de um assassino, não é?

— Não te estou a acompanhar, Jacob.

— O que eu quero dizer é que a única maneira que terias de compreender esta história era contá-la como eu ta estou a contar, por muito complexa que te pareça ao princípio.

— Ainda não me contaste nada, Jacob.

— Enganas-te, Stella, a história já vai bastante avançada, embora talvez fosse conveniente contar-ta outra vez desde o princípio, só para ti, para que não percas nenhum detalhe.

— Que queres dizer?

— Quero que entendas porque é a ti que tenho de contar a minha história. Porque teve o director de sofrer daquela maneira. Porque foste tu a agente de perfis do FBI designada para este caso.

Stella não sabia como havia de se comportar com o prisioneiro. Tinha a sensação de que ele ia dez ou doze passos à sua frente. Fitava-o nos olhos azuis e inquietava-a sobremaneira o modo como ele mantinha a calma e se sentia dono da situação.

— Começa, Jacob. — Foi a única coisa que se atreveu a dizer.

— Eu era um rapaz normal, sabes, daqueles que vão para a escola secundária, que jogam futebol, que têm muitos amigos. Sim, é verdade que durante os Verões me via obrigado a trabalhar para ajudar lá em casa, já que a situação não era a ideal: pai, alcoólico e problemático; mãe, apaixonada por um problema. Talvez queiras anotar qualquer coisa como «família instável», «desordem familiar» ou qualquer outra gíria que uses para te referires a uma infância complicada, mas isso não é algo que tivesse influência na minha vida nem que me levasse a fazer o que fiz para estar aqui hoje. — Stella olhou para baixo e anotou. — Os meus pais fizeram o que puderam, o que a sociedade lhes permitiu fazer — continuou Jacob. — Quando eu ainda era miúdo, a minha mãe trabalhava incessantemente para pagar a renda limpando casas, ajudando velhas e fazendo de ama. O meu pai era carpinteiro e, durante o dia, comportava-se com a minha mãe como se ela fosse uma rainha, como se não houvesse mais ninguém no mundo. Eu admirava essa parte dele. Como ele a protegia, como a mimava, como se ria junto dela quando eu os assaltava na sua cama, dando pulos logo de manhã.

»À noite era outra história. Outra pessoa completamente diferente. Distante na sua maneira de jantar, de ver televisão, de olhar para ela. Era como se lhe tivessem arrancado a alma pouco a pouco, como se, a cada trago de cerveja, uma parte dele tivesse sido absorvida pela garrafa, levando consigo o instinto protector, os mimos, os risos.

»Anota, anota, não te coíbas.

»Com o passar dos anos, quando eu tinha uns dez ou onze, lembro-me de que houve vários momentos em que pensei que tudo acabaria, que ele se iria embora e procuraria outras vidas para atormentar, sobretudo depois das minhas escassas tentativas de proteger a minha mãe dos seus intermináveis golpes. A força que eu então tinha não chegava nem de perto à de um homem de trinta anos, que era a idade que o meu pai devia ter, mas isso não me impedia de o agarrar no seu ataque, na esperança de a proteger. Foram vários anos assim, lutando, impotente, contra um homem que tinha duas vidas; uma de dia, outra de noite. Eu não conseguia entender que uma pessoa pudesse mostrar dois extremos tão opostos ao mesmo tempo. Havia dias muito

semelhantes uns aos outros, em que ele acordava ajoelhado, arrependido, fazendo mil promessas, pedindo perdão a chorar, implorando à minha mãe que o entendesse.

»E ela cedia sempre.

»Aos quinze anos eu já tinha força suficiente para fazer mais do que incomodá-lo numa dessas pelejas. Lembro-me perfeitamente de como o ameacei naquela noite asquerosa: “Não te aproximes nem mais um passo”, gritei-lhe, “não voltarás a tocar na minha mãe”. “Tu não passas de um pirralho”, disse-me ele, “afasta-te se não levas na cara”. “Não”, respondi-lhe, “a minha mãe não merece um merdas como tu”. “Aqui a única merda”, disse-me ele, “és tu”. Foi tudo muito rápido. Não sei se o fez sozinho ou se aconteceu depois de algum empurrão meu, mas caiu, seguramente ajudado pelo álcool, e bateu com a cabeça numa mesa de vidro que havia na sala. Pensei que o tinha matado, que estivera à altura dele e salvara a minha mãe. Foram uns minutos em que me senti invencível. Mas então ele levantou-se, acordou quando eu não estava a vê-lo, enquanto abraçava a minha mãe, enquanto lhe dizia que tudo chegara ao fim. Atirou-me ao chão, pontapeou-me sem piedade, até que eu fechei os olhos. Não sei quanto tempo estive de olhos fechados. Quando os abri, levantei-me, dorido, e caminhei como pude por toda a casa, procurando a minha mãe por toda a parte, até que a encontrei no quarto, adormecida ao lado dele. Lembro-me de que entrei furtivamente no quarto e a acordei sem fazer barulho. Ele dormia como se nada tivesse acontecido. A minha mãe sussurrou-me que o deixasse estar, que fosse para a minha cama, que ele tinha adormecido e amanhã seria outro dia. “Não podes fazer de conta que não foi nada”, disse eu para mim mesmo; então fui à cozinha, procurei uma faca e voltei ao quarto. Estava completamente disposto a fazê-lo, a acabar com ele. A minha mãe viu-me aproximar muito decidido, a partir da penumbra, enquanto apoiava a lâmina contra o pescoço do meu pai. Pensei que o faria. Ia fazê-lo.

»Mas a minha mãe suplicou-me que não. Sussurrou-me que o amava, que o queria com ela. Eu não percebia nada. E não o percebia devido à idade, ainda continuo sem compreender. Atirei a faca para o chão, e escaparam-se-me as lágrimas. A mão tremia-me como nunca antes me acontecera. O

barulho da faca nem sequer o acordou. A minha mãe viu-me chorar e, talvez por medo ou por amor, nunca o saberei, não me disse nada. Fechou os olhos e preparou-se para dormir. Saí do quarto a chorar, sentei-me no sofá e olhei para a zona do chão onde eu estivera meio inconsciente. Contemplei as molduras das fotografias que decoravam a sala com imagens dos meus pais sorridentes e abraçados. Em algumas dessas imagens estava eu, nem sequer como bebé ou mais jovem. Não sei, Stella, se compreendes o que aquela época significou para mim. Aprendi duas lições que me acompanharam para o resto da minha vida. A primeira é que é muito diferente o que uma pessoa diz que quer, ou aquilo de que uma pessoa necessita, daquilo que uma pessoa quer. A minha mãe precisava de uma vida, e dizia que queria ser livre, mas queria estar prisioneira. Talvez lhe faltasse coragem. Atormentei-me durante anos pensando que ela não tinha encontrado um motivo suficientemente grande para fugir daquele calvário. Não viu em mim, o seu filho, motivo suficiente.

»A segunda lição foi um pouco mais perturbadora. O que vi no meu pai fez-me entender que todos e cada um de nós contemos duas metades, dois extremos que nos empurram para um lado ou para outro. Que podemos amar algo com todas as nossas forças, mas temos sempre uma parte sombria à espera de acordar. O meu pai amava a minha mãe, mas também a odiava. A minha mãe odiava o meu pai, mas também o amava.

— Deve ter sido muito duro para ti, Jacob — disse Stella, consternada.

No fundo, começara a criar empatia com ele. A sua infância também não fora fácil. Desde que nascera até aos sete anos, vivera num centro de acolhimento. Lembrava-se vagamente desses anos, como se estivessem cobertos por uma espessa neblina e se tivessem desvanecido com o tempo, mas sabia que tinham muito a ver com a formação do seu carácter mais reservado. Era incapaz de rememorar os nomes dos companheiros e dos tutores do centro de acolhimento, e os rostos de todos eles estavam tão difusos na sua mente que se misturavam uns com os outros. Para ela, aqueles anos estavam tão baços que preferia deixá-los de lado e seguir em frente. «Onde pretende ele levar-me com toda esta história da sua infância?», pensou Stella.

— Não saberia dizer-te quanto. Nessa mesma semana, a situação tornou-se insustentável para mim. Ele esbofeteou-a à minha frente, eu discuti e acabei por implorar à minha mãe que nos fôssemos embora, que começássemos noutra sítio qualquer longe dele. Mas ela disse-me que não o faria e que eu devia aceitar a situação. Não pude fazer outra coisa senão ir-me embora daquela casa. Fiz a mala e, entre gritos e empurrões, saí porta fora sem saber exactamente para onde ir. Se tivesse continuado ali por mais um minuto, teria perdido a cabeça. Digo isto falando em retrospectiva, embora, neste momento, talvez não me encontre no lugar adequado para falar de «ter cabeça».

Capítulo 27

26 de Dezembro de 2013. Boston

A caminho de casa, e logo que se encontrou suficientemente longe do centro psiquiátrico, o director parou o carro na rua Irving. Saiu do veículo e entrou num bar que fazia esquina. O lugar estava vazio, o que o surpreendeu, já que era quinta-feira, e ele pensava que estaria muito mais frequentado. Cumprimentou o empregado levantando uma mão e sentou-se numa das mesas do fundo. O empregado aproximou-se dele. Era um tipo robusto, mas tinha uma cara redonda com bochechas vermelhas que lhe conferiam um aspecto amável.

— Diz-me, o que te sirvo, amigo?

— Preciso de um bom uísque — disse-lhe ele com a voz entrecortada.

— Um dia difícil, amigo? — perguntou o empregado.

O director não respondeu. Baixou a cabeça e suspirou.

— Vamos, homem, não sei o que lhe aconteceu, mas tudo passa, sabe? — disse-lhe o outro para o animar. — Se lhe serve de consolo, tive dois dias horríveis, amigo — acrescentou. — Nem poderia imaginar. Desde que o tal homem apareceu a deambular por aqui com aquela cabeça, não vem ninguém ao bar. Dois dias sem levar um dólar para casa. O senhor é o primeiro. A minha mulher está furibunda. Foi mesmo aqui, sabe? Mesmo em frente à porta do bar. Prenderam-no ali mesmo, quer acreditar, amigo? — disse ele levantando a voz enquanto se aproximava do balcão para pousar uma garrafa de uísque e um copo.

— Mesmo aqui? — o director não podia crer. Tremia-lhe o pulso. Estava prestes a desatar a chorar. Pretendia fugir do prisioneiro e regressara ao lugar onde tudo começara. Sentia-se aturdido e desorientado.

— Exactamente ali, amigo, junto à porta. Se reparar bem, ainda se conseguem ver as pequenas marcas do sangue que pingava da cabeça. Uma verdadeira barbaridade. Não sei o que levou aquele homem a fazer aquilo tudo. Felizmente, ainda tinha o bar fechado e não estava aqui. Teria sido demais para mim. Enfim, foi demais para todos, sabe? A frutaria do outro lado da rua ainda não abriu desde então. Parece que a lojista desmaiou quando viu a cena.

— Por favor, deixe-me sozinho — disse o director, olhando para o copo vazio que tinha à sua frente enquanto bufava e dizia que não com a cabeça.

— Não fique assim, amigo. Estou a tentar fazê-lo ver que há coisas mais graves, compreende? A pobre fruteira ficou transtornada. Deve ser um choque imenso ver uma cabeça de uma rapariga tão jovem. Não era de cá, sabe? Jennifer Strauss, ou algo assim, é como dizem em toda a parte que ela se chamava. Desapareceu há cinco dias de sua casa e só apareceu uma parte dela. Raios partam isto, onde vamos nós parar? As pessoas estão cada vez mais doidas.

— Sirva-me a merda do uísque e cale-se de uma vez por todas.

— Minha mãe, como está o mundo. Devia tentar sorrir mais, amigo. Seja o que for que lhe tenha acontecido, devia tentar não cobrar isso aos outros. Mas pronto, é só um conselho. O que sei eu, amigo?

O director levantou-se de repente, agarrou no empregado pelo colarinho da camisa e atirou-o de costas contra a mesa, quebrando o copo em mil pedaços. Acercou-se dele sem o soltar, furioso. Tinha as veias do pescoço inchadas, prestes a rebentarem. Tremiam-lhe as mãos, a cara, as bochechas. O empregado mal conseguiu reagir. Apesar do seu tamanho e da sua evidente diferença de estatura, sentiu pânico. Já tivera experiências semelhantes com clientes bêbados, mas nenhuma como esta. Julgou que acabaria por o asfixiar. Passaram-se vários segundos, e começara a aperceber-se da dor dos vidros nas costas.

— Eu não sou seu amigo, entende? — disse-lhe o director.

— Eu... peço desculpa — exalou o empregado —, só pretendia ser simpático — atreveu-se ele a dizer.

— Você não sabe nada da vida. Não faz ideia do que significa perder tudo.

Como pode dar conselhos a alguém?

— Solte-me, por favor. Teve de certeza um dia mau, e eu vim estragá-lo ainda mais. Lamento muito.

Pouco a pouco, o director deixou que as mãos se abrissem, soltando a camisa do empregado. Deu vários passos para trás, observando-lhe o rosto assustado. Nunca batera em ninguém, e aquela situação horrorizou-o. Sacou da carteira entre lágrimas e atirou um par de notas para o chão. Aproximou-se da porta do bar e saiu sem olhar para trás.

Capítulo 28

14 de Junho de 1996. Salt Lake

Amanda e Steven saíram da loja de bebidas e entraram no carro. Enquanto arrancava, Steven disse:

— Um rapaz simpático, esse tal Jacob.

— Pss..., normal — disse ela soprando. — Giro.

— Pois! Sabes uma coisa que não mudou desde que eu era jovem?

— Vamos lá ver, explica-me, papá — disse ela em tom irónico.

— Quando vocês, as raparigas, gostam de um rapaz, dizem «giro». Não falha.

— Que dizes? Eu, gostar daquele rapaz? Nem pensar — exclamou ela, corando.

— As tuas bochechas dizem o contrário. Ficaste toda vermelha.

— Eu? Disparates! — respondeu ela levantando a voz. — Está imenso calor. Tu não tens calor? Não está muito calor? Podes abrir a janela?

— Amanda, eu não sou parvo. Sei que estás naquela fase em que comesças a interessar-te pelos rapazes. E, já agora, não, não está calor.

— Papá, por favor. Deixa lá isso.

— Só te peço uma coisa: que tenhas muito cuidado. Não quero que ninguém te faça mal.

— Papá, pára.

— Se precisares de algum conselho, eu posso explicar-te tudo perfeitamente. Pensei que este dia nunca chegaria, mas acho que será melhor tratarmos deste assunto quanto antes.

— Papá!

Steven não teve tempo para travar. Não ia a circular muito depressa, mas

não estava a prestar atenção suficiente à estrada. Por aquele sítio ia a passar um homem que carregava dois sacos de plástico brancos e um ramo de flores. O homem caiu em cima do capô do carro. As laranjas que transportava nos sacos espalharam-se pelo chão como se tivesse acabado de iniciar uma partida de bilhar. O ramo tinha voado pelos ares, caindo sobre o tejadilho do *Ford*. Amanda gritava, assustada, enquanto Steven saía do carro, temendo o pior. O homem dava a impressão de ter uns trinta e tal anos e estava imóvel em cima do capô. Steven aproximou-se dele pouco a pouco, observando atentamente se havia sangue e pensando no que fazer se tivesse de cobrir alguma ferida.

— Ouça, o senhor está bem? — perguntou.

Steven olhava para todos os lados e via as caras das pessoas na rua, curiosas em relação ao que havia acontecido.

— O senhor está bem? — repetiu ele. As mãos começaram a tremer-lhe. Por um momento pensou que ele tinha morrido, que havia atropelado aquele homem e que ele falecera. Algo lhe dizia que era impossível que assim fosse, àquela velocidade, mas talvez uma má pancada na cabeça contra o capô pudesse tê-lo matado.

Uma senhora avizinhou-se da estrada oferecendo a sua ajuda ao ver Steven consternado.

— Será que ninguém vai chamar uma ambulância?

Amanda dispôs-se a sair do carro. A visão do homem em cima do capô perturbou-a. Via-lhe o cabelo escuro em cima do vidro e mal conseguia distinguir-lhe a cara.

— Amanda, fica aí — gritou Steven. — Ouça, o senhor está bem? — repetia ele.

Amanda tapou os olhos e deixou de ver. Não aguentava aquela imagem nem mais um segundo.

— Mas se eu ia tão devagar. Não posso crer — dizia Steven para o ar.

Estavam prestes a brotar-lhe as lágrimas quando o homem começou a mexer-se. Foi um leve gesto na mão esquerda que ainda segurava um pedaço do saco. Um gesto subtil que fez Steven recuperar a esperança. Esse pequeno movimento foi seguido de outro na mão direita.

— Olá, o senhor está bem? — disse Steven, abeirando-se do homem.

Pouco a pouco este recuperou forças suficientes para mover um braço, e a seguir o outro. Fez um gesto com a cara e apoiou uma mão sobre o capô, empurrando-se para o chão.

Steven ajudou-o a estabilizar, pôs-lhe um braço no ombro e encostou o homem ao carro.

— O senhor conduz como um louco — disse-lhe o outro, dorido.

— Nem sabe quanto lamento. Deixe-me levá-lo ao hospital.

Amanda abriu os olhos e alegrou-se por já não ver o homem em cima do capô. Saiu do carro e aproximou-se para ajudar.

— Sente-se bem? Deixe-nos levá-lo ao hospital — disse ela, decidida.

— Não, não... não vale a pena. Só preciso de me sentar um bocadinho. Acho que foi apenas uma pancada na cabeça.

— Parecia que tinha ficado sem ela — disse-lhe Amanda, sorridente, em jeito de gracejo.

— Amanda, não estás a ajudar — disse Steven. — Tem a certeza de que está bem?

— Não se preocupe, a sério.

Com o olhar, Steven ordenou a Amanda que entrasse no carro e ajudou o homem a voltar para o passeio e a sentar-se num banco.

— Lamento imenso, deixe-me ao menos dar-lhe dinheiro para as compras.

— A isso não lhe vou dizer que não — disse-lhe ele meio a sorrir.

Steven sacou de uma nota de cem dólares e deu-lha.

— Ouça, eu sei que isto não é suficiente para o compensar pelo atropelamento, mas acabei de gastar o dinheiro todo que tinha.

— É mais do que suficiente. As laranjas custaram-me apenas dois dólares.

— Tenho uma ideia — disse-lhe Steven com o sorriso de novo estampado no seu rosto. Foi até ao carro, abriu a porta e pegou numa das garrafas de vinho que acabara de comprar.

— Tome. Ofereço-lha. Faça-me o favor de a aceitar. Pode bebê-lo com a sua esposa, oferecê-la ou vendê-la. Vale bastante dinheiro.

— Uma garrafa de vinho?

— Posso dar-lhe outra, se não lhe parecer suficiente.

— Não precisa de me dar nada — disse-lhe o homem. — Mas tenha mais cuidado quando conduzir. Embora eu ache que o senhor está a tentar redimir-se de alguma maneira do seu sentimento de culpa, asseguro-lhe que não é preciso. Foi um acidente, estas coisas acontecem.

O homem deu uma palmada nas costas de Steven enquanto lhe sorria.

— O que lhe prometo é que nunca esquecerei o dia em que me atropelaram com um *Ford* azul.

— Não sabe como lamento, realmente.

— Não estou a dizer isto por causa do atropelamento — disse o outro, sorrindo de orelha a orelha.

— Porquê então?

— A minha esposa acaba de dar à luz.

— Ena, parabéns — exclamou Steven.

— É uma menina. Eu ia a caminho do hospital para ver a minha esposa.

— E chego eu para lhe atrapalhar o trajecto — gracejou Steven.

— Ah, pois foi. A sério, não se preocupe. A sua filha espera-o, e a minha aguarda por mim.

— Se quiser levo-o até lá.

— Não se preocupe, far-me-á bem andar um pouco.

— De certeza?

— De certeza.

Steven aproximou-se do carro onde Amanda esperava.

— Ele está bem? — perguntou Amanda.

— Sim, diz que sim. Grande susto, hein?

— Vou demorar algum tempo a esquecê-lo.

— Também eu.

Steven pôs o carro em andamento e afastou-se, despedindo-se do homem com a mão do lado de fora da janela. Ainda lhe tremia o pulso com o susto. Nunca tivera um acidente de carro nem nunca vira muito sangue. A primeira das duas coisas acabara de acontecer, e a segunda só ocorreria três dias depois.

Capítulo 29

23 de Dezembro de 2013. 23h21. Boston

Maldição, não posso deixar o carro mais perto se não vão ver-me. A esta distância, a mansão impressiona. Aquelas duas enormes colunas que ladeiam a porta parecem medir mais de dez metros. Nunca teria imaginado que tivessem tanto poder. Certamente algum deles será um milionário aborrecido, ou talvez tenham pressionado alguém, quem sabe.

Os Sete, é como eles dizem que se chamam. Os malditos Sete. Sete pessoas com um objectivo irascível, repugnante e sem sentido. Seis deles não passarão desta noite.

Estive muito perto deles em Estocolmo há quatro anos. Dá-me raiva pensar como escaparam, como desapareceram assim que eu cheguei. Naquela época, o sítio onde se reuniam era uma cabana longínqua nos arredores. Quando lá cheguei, tinham desaparecido e, com eles, os meus anseios de vingança. Tiveram de se passar quatro anos, com todas as possíveis mortes que isso implica, para os encontrar de novo.

Ainda não entendo porque teve de ser ela, Amanda, a daquele dia há tantos anos. Ela não fazia mal a ninguém. Ela só queria ser feliz. Ela só queria viver comigo.

E não a deixaram.

Recordo com horror aquele silencioso despertar. Nunca um silêncio fora tão aterrorizante para mim, nem creio que nenhum outro possa aproximar-se do que aquele me fez sentir. Não houve nada, nada excepto aquele bilhete, este bilhete que trago comigo aqui e do qual não me separei em todos estes anos. O bilhete que entreguei a quem fez mal a Amanda, a quem a separou de mim.

Tirá-lo-ei do bolso e hei-de lê-lo em voz alta, para que saibam porque estou ali, porque se enganaram quando a escolheram a ela e porque têm de morrer: «Amanda Maslow, Junho de 1996.»

Não direi mais nada. Não pronunciarei nem mais uma palavra. Não poderão fugir.

Capítulo 30

26 de Dezembro de 2013. Boston

— Podes soltar-me se quiseses, Stella, garanto-te que a última coisa que EU quero é que te aconteça algo.

— Não posso soltar-te, Jacob. Não enquanto não soubermos o que aconteceu há dois dias.

— O que queres saber exactamente?

— Continua apenas por onde estavas a ir. Embora não tenhamos muito tempo...

— Até que o director volte. Não é assim?

— Sim, mas só volta amanhã.

— Não te preocupes com ele. O Dr. Jenkins tem muitas coisas para resolver até que o tenhamos aqui de novo.

— Que queres dizer?

— Isto é muito maior do que tu possas imaginar, Stella. É a obra-prima do destino. Acreditas nele?

— Que dizes, Jacob?

— Eu sempre pensei que o destino não existe. Que são as pessoas que o modificam, o criam ou o destroem. Mas depois de tudo o que aconteceu e, sobretudo, do que eu aprendi durante os meus anos de busca, dei-me conta de que não é assim.

— Queres dizer que estás aqui pelo destino?

— Deixa-me surpreender-te, Stella.

— Avante — disse-lhe ela enquanto se preparava para anotar.

— Quando eu saí de casa, tinha quinze anos e não sabia para onde ir. Vivia com os meus pais nos arredores de Charlottesville, na Virgínia, e nunca

saíra dali. Sabia que tinha família espalhada por todos os cantos dos Estados Unidos, mas, à excepção de dois tios, pelo lado da minha mãe, não conhecia muitos parentes. Tinha poupado uns setenta e quatro dólares, graças a um pequeno pagamento semanal que os meus pais me haviam concedido (de cinco dólares) e a vários recados que fizera para um vizinho. Não é que tivesse planeado e guardado dinheiro para quando saísse de casa, simplesmente não tinha muito em que gastá-lo. Lembro-me do que fiz com a primeira semanada que recebi. Foi o meu pai que me deu com maus modos, resmungando e dizendo-me, em jeito de brincadeira, que não o gastasse em álcool. Era a maneira de me dizer que lamentava as suas bebedeiras. De certo modo sentia-se culpado, mas mesmo assim não mudou. Peguei naqueles primeiros cinco dólares e fui à florista. Fui com todo o meu entusiasmo comprar um ramo para a minha mãe. Quando cheguei à florista e vi os preços de todos eles, caiu-me o mundo em cima. Só podia comprar duas margaridas e uma rosa. Era isso ou nada. A vendedora ofereceu-me mais uma rosa. «Faz-me pena ver um ramo tão insosso», disse-me ela, e eu saí da loja muito contente com as minhas duas margaridas e as minhas duas rosas. Deixei-as num jarrao que estava em cima da mesinha que alguns meses depois o meu pai quebraria com a cabeça e esperei por ela a tarde inteira, desejando que voltasse do trabalho. Ali estava eu, sentado na sala, mirando com um olho na direcção da porta e com o outro para o ramo bicolor.

»Não sei o que me magoou mais, se o facto de ela chegar e nem olhar para o ramo ou o que me disse quando lhe contei que o tinha comprado para ela. “É nisso que tu gastas o dinheiro?” Eu tinha assumido que o dinheiro era meu e que, portanto, podia fazer com ele o que me desse na real gana. E deu-me na real gana fazer uma amabilidade a alguém que me havia dado tanto e a quem só via sofrer.

»Não é que eu guarde rancor à minha mãe pelo desprezo dela para com o meu presente, esqueci isso logo que ela me sorriu naquela mesma noite, dizendo-me ao ouvido quanto se emocionara com o presente e que lamentava não o ter apreciado logo que o vira. Só quero que entendas, Stella, até que ponto eu a amava e como me foi difícil sair daquela casa sem olhar para trás, temendo que um dia, se eu voltasse, ela já não estivesse ali.

»Não anotas, Stella?

— Sim, desculpa — disse ela enquanto lhe mirava os olhos azuis, baixando instantaneamente a vista para o caderno e apontando qualquer coisa.

— Fui à estação de autocarros de Charlottesville e comprei um bilhete para Salt Lake. Vivia lá um dos meus tios, que, nos escassos jantares de família que se organizavam, sempre se mostrara atento com a irmã e comigo. No entanto, creio que odiava o meu pai mais do que eu, mas nunca me disse tal coisa. O que sei é que, num ano, quando eu tinha doze ou treze, não me lembro bem, ele foi lá a casa poucas horas depois de a minha mãe o chamar após uma briga com o meu pai. Este, como sempre, tinha estado a beber, discutiu com ela e empurrou-a contra um dos móveis da cozinha. Ela começou a sangrar, e eu fiquei bastante assustado. O meu pai também se assustou, apesar da embriaguez. Quando a viu a sangrar, a sua cara transformou-se da ira para terror. Pediu perdão durante várias horas enquanto eu e a minha mãe chorávamos no quarto. Quando o meu tio finalmente chegou, enfrentou o meu pai. Espreitei pela porta e vi-os a gritar e a empurrarem-se. O meu tio berrava, colérico. Essa imagem contrastava com a atitude calma e simpática que sempre havia mostrado quando vinha aos jantares de família. Não me lembro bem das palavras que se disseram então, mas, desde aquela noite, nunca mais o vi até me encontrar com ele em Salt Lake. Não foi a mais nenhum jantar familiar, nem sequer telefonou.

»É difícil explicar-te, Stella, porque decidi ir ter com o meu tio três anos depois disso, quando fugi de casa. Poderia ter ido morar com alguns parentes que viviam mais perto de Charlottesville, ou até ir procurar a vida em qualquer outro lugar, longe do meu passado. Não saberia explicar-te porque foi com ele que decidi começar a minha nova vida. Suponho que terá sido porque era a única pessoa nas minhas lembranças que era tão afectado quanto eu pelo que a minha mãe andava a sofrer e pelo calvário em que vivia a minha família.

»É irónico pensar que, tendo fugido de um alcoólico, acabei por ir trabalhar onde o fiz. O meu tio geria uma pequena loja de bebidas no centro de Salt Lake e, quando me viu entrar pela porta com a mala, percebeu porque

eu estava ali. Embora eu detestasse o álcool mais do que tudo no mundo, resignei-me a trabalhar para ele e a ajudá-lo naquilo de que precisasse. Eu já tinha idade suficiente para compreender que não estava em situação de decidir qual era o melhor trabalho, ou o mais adequado, e além disso não contava com o apoio de mais ninguém no mundo além do dele.

— E porque me contas isto, Jacob?

— Porque não conseguirias entender a dimensão de tudo o que acontece aqui, agora, se não compreenderes porque acabei em Salt Lake, nem como os factos seguintes, que ocorreram no mês de Junho de 1996, evoluíram até chegarmos a esta entrevista.

Capítulo 31

26 de Dezembro de 2013. Boston

Quando saiu do bar, o director procurou no passeio as marcas a que o empregado fizera alusão. Não viu nada. Nenhum vestígio de sangue. Deu-se por vencido e aproximou-se do carro.

«Não posso crer», disse ele para si mesmo. «Tive de vir ao maldito lugar onde aquele degenerado foi detido. Não havia outro bar? Outra maldita rua?»

Entrou no carro e conduziu até casa. Sentia-se aturdido. A situação estava a ultrapassá-lo. Num só dia, passara do topo para o inferno. Fora nomeado para um dos casos com maior visibilidade no país e, num só dia, perdera a sua filha de uma maneira macabra, vira-se afastado do trabalho por se sentir incapaz de controlar a sua dor e tinha acabado por gritar para um pobre empregado de balcão que não sabia absolutamente nada acerca do que ele estava a passar.

Quando chegou a casa, um apartamento de dois quartos situado no sótão de um edifício do centro de Boston, nem sequer acendeu a luz. Entrou na sala às escuras, atirou o casaco para o chão e entrou no corredor. Na penumbra, abriu uma das portas e deteve-se no limiar dela. Ficou a olhar para o interior sem pestanejar, sem pronunciar uma palavra, sem fazer nenhum gesto. Sabia que, se se movesse, se respirasse fundo, desataria a chorar sem consolo. Nesse mesmo momento, em que nada podia perturbá-lo, o seu telemóvel vibrou energicamente dentro do bolso com uma chamada recebida.

— Número oculto? — sussurrou ele ao observar o ecrã. Sem mais delongas, atendeu, na esperança de que fosse algum membro do FBI ou mesmo Stella Hyden, para lhe explicar os avanços do caso.

— Sim? — disse ele.

Do outro lado, não se ouvia nada.

— Está aí alguém? Não estou para graças.

Do outro lado da linha ouviu-se uma respiração em fundo, mas mais nada. Após alguns segundos, a ligação foi cortada.

O director ficou por uns momentos a olhar para o ecrã do telemóvel com ar de estranheza e, depois de desistir de interpretar o significado da chamada, levantou os olhos para o quarto da filha, Claudia. Nas paredes estavam vários cartazes de grupos que ele não conhecia. Havia uma estante cheia de livros, uma escrivaninha vazia que só tinha um computador de mesa e uns pequenos altifalantes. O ecrã do computador estava cheio de notas adesivas com mensagens de encorajamento («Vamos, continua a estudar», «Já falta pouco», «Fanny e Claudia, amigas para sempre», «Obrigado, papá»). O director não conseguiu conter as lágrimas nem mais um segundo. Entrou no quarto e começou a folhear os cadernos com que Claudia estudava. Lamentou então ter enviado a sua filha para passar o Natal com os tios em Montpelier, Vermont, havia já duas semanas. E lamentava-o porque mal tivera tempo para falar com ela. Supunha que tivesse chegado a Boston nesse mesmo dia, à tarde. Pensara ir buscá-la à estação de comboios depois da conferência de imprensa marcada para as três. Nem sequer tivera tempo de lhe telefonar para saber se o comboio saía a horas. O caso do decapitador havia-o absorvido e, quando abrisse aquela caixa, nem sequer se lembrara de que nessa mesma manhã a sua filha partiria de Montpelier para chegar a Boston.

Pôs-se a olhar as estantes entre lágrimas. Havia livros de química, de matemática, alguns romances e, entre estes, estava um álbum de fotografias. Não sabia se a sua mente suportaria o choque de ver imagens da filha, mas precisava de o fazer. Precisava de substituir a lembrança da cabeça dela nas suas mãos pela dos sorrisos e abraços que costumavam haver nas fotografias deles juntos.

O director sempre tentara dar a Claudia uma vida feliz e poupava o suficiente para lhe poder pagar a matrícula na universidade. Todos os Verões viajavam durante duas semanas para diferentes estados do país. Tinham instituído, durante anos, um código próprio para se referirem a essas duas semanas de viagem: *La bella vita*. Haviam-lhe dado esse nome depois de

terem passado um fim-de-semana, em que Claudia estava com papeira, a verem filmes italianos. Fascinava-os a felicidade que era transmitida pelos actores dos filmes italianos. Encantava-os ver repetidamente *A Vida é Bela*, de Roberto Benigni. Viam o filme várias vezes ao longo do ano, conheciam de cor os diálogos e gostavam muito do entusiasmo e da alegria com que Roberto Benigni protegia o filho naquele campo de concentração.

Observou o álbum durante alguns segundos, sem saber se deveria abri-lo ou não. «Será que me vou abaixo outra vez?», pensou.

Perguntou a si mesmo a que viagem corresponderiam as fotos que iria encontrar naquele álbum. A última viagem que tinham feito juntos fora a Nova Iorque. Ainda se lembrava da cara de entusiasmo que Claudia exibira quando vira de perto a Estátua da Liberdade. Embora vivessem apenas algumas horas de carro, nunca haviam tido a oportunidade de visitar a cidade antes de ela fazer quinze anos. Recordou que ela dissera sentir-se pequena entre os arranha-céus. Também se lembrava das fotografias que tinham tirado no cimo do Empire State. E veio-lhe à cabeça com todo o pormenor a foto que tirara de Claudia no Central Park enquanto comia um enorme cachorro-quente que pingava mostarda por todos os lados. Nem precisava de abrir aquele álbum para recordar esse momento, mas um impulso fê-lo virar o volume e ler a lombada: *La bella vita I: Salt Lake*.

Capítulo 32

26 de Dezembro de 2013. Nova Iorque

Steven sentia-se relaxado. Conduzia em direcção ao Quebeque sem qualquer vislumbre de preocupação. O seu olhar apagado observava atentamente as linhas intermitentes da estrada. As suas mãos, outrora finas e sensíveis em consequência do trabalho de escritório, tinham-se tornado robustas e fortes com o passar dos anos e agarravam com firmeza o volante. Já se passara muito tempo desde que abandonara a firma, desde que renunciara a uma vida de sucesso e de dinheiro por uma vida carregada de ódio e de desespero. Steven sabia que não podia falhar agora, tão perto do fim. Que se aproximava o momento pelo qual havia dado tudo. Que precisava de fechar os olhos e de se entregar à sua causa sem olhar para lado nenhum.

Não sabia muito bem quantas vítimas tinham sido já. A polícia acumulava, ano após ano, uma lista interminável de mulheres desaparecidas. Não se conseguia estabelecer nenhum nexos de união entre todas elas. A faixa etária das vítimas era demasiado ampla, as suas feições eram demasiado díspares, os seus locais de residência estavam suficientemente distantes. A cada desaparecimento, a polícia pensava sempre que se tratava apenas de mais um caso, uma menina que poderia ter sido vítima de sequestro ou uma mulher que decidira sair de casa. Não havia nenhum rasto, nenhum vestígio, nenhum indício que as unisse. Algumas vezes Steven tinha-as assaltado em suas casas, no preciso momento em que estavam sozinhas; outras vezes enquanto caminhavam pela rua, ou mesmo nos seus locais de trabalho.

Steven não recordava nenhuma das vítimas de maneira especial, excepto a primeira. Chamava-se Victoria Stillman. Lembrava-se perfeitamente de como tudo se passara. A cara de agonia, o peso do corpo, o tacto do casaco dela. Já

fora há dez anos, demasiados para ele. Ainda se lembrava de como ficara nervoso nos momentos anteriores. Pensava que não seria capaz de fazer aquilo, que acabaria por se render e aceitar a realidade dos seus anos seguintes. Esteve mais de cinco horas dentro do carro, a vê-la trabalhar numa velha cafeteria. Chorou durante cada uma dessas cinco horas. Quando por fim ganhou coragem, aproximou-se e, entre lágrimas, entrou na cafeteria. Decidiu que era demasiado tarde para voltar atrás.

As horas posteriores foram o seu pior pesadelo. Não sabia o que fazer, como se comportar. Esteve prestes a soltá-la no caminho para uma cabana que havia então alugado sob pseudónimo no Vermont. Não se via a si mesmo como um assassino, mas também não se via a renunciar daquela maneira a Amanda. Quando chegou ao Vermont, Victoria Stillman ainda dormia, vítima do clorofórmio. Deixou-a num pequeno habitáculo que tinha escavado no bosque e esperou ali sentado, observando-a atentamente, procurando algum indício de quando ela iria despertar. Esteve três horas sentado nos despojos de uma árvore caída, chorando sem parar. Não podia acreditar no que acabara de fazer. Houve várias vezes em que esteve prestes a chamar a polícia. «Meu Deus, que estou eu a fazer», dizia para si mesmo. Mas, segundo ele, já era demasiado tarde. Não poderia regressar à sua vida. Se a soltasse, se avisasse a polícia, seria acusado de sequestro e passaria os próximos doze anos na prisão (nove, caso o juiz entendesse a sua rendição como atenuante). Sabia bem qual era a sua potencial condenação. Tinha-a visto ser aplicada a um dos clientes da firma, mas Steven já considerava a sua vida destroçada desde aquilo que acontecera em Salt Lake, anos antes.

Naquele momento, na sua mente, só havia um cenário possível. Submeter a sua alma e ceder à imundície para recuperar o que outrora conhecera como felicidade. Levantou-se daquela árvore caída, subiu para a camioneta e conduziu até à povoação mais próxima. Quando lá chegou, procurou uma cabina e marcou o número de telefone que lhe haviam escrito num deteriorado bilhete amarelado. Não houve resposta. Do outro lado ninguém lhe disse o que fazer. Começou a ficar nervoso e a desesperar. Voltou para a cabana, onde manteve Victoria Stillman viva, atirando-lhe para o habitáculo alguns sacos com sanduíches e garrafas de água. Victoria lutava

incansavelmente para o convencer a deixá-la ir-se embora. «Eu não digo nada», dizia-lhe ela, «juro-te pela minha vida que não digo nada». Nunca obteve resposta de Steven, à excepção de um «Cala-te de uma vez», que ele pronunciou no segundo dia. Ao terceiro dia, voltou à povoação e ligou de novo para o tal número. Após vários toques, uma voz imperceptível e assexual respondeu:

— Amanhã às dez da noite em Hannah Clark Brook Road, um caminho de terra em direcção a norte que parte do 1869 de Mountain Road, na estrada 242. No final do caminho de terra, há uma cabana.

Desligou sem que Steven pudesse perguntar nada, sem poder gritar à outra pessoa que não sabia se seria capaz de chegar onde lhe pediam com Victoria.

Regressou à cabana e estacionou junto do cubículo. Entrou e preparou uma sanduíche. Esvaziou o conteúdo de dois comprimidos soníferos na garrafa de água e levou-a consigo. Caminhou até ao cubículo, levantou a improvisada tampa de metal que havia colocado ao segundo dia de ali estar e atirou-a a Victoria, como tinha feito nos dias anteriores. Escutou-lhe as súplicas durante uns minutos, até que ela adormeceu. Serviu-se de uma escada para a tirar de lá, introduziu-a na parte de trás da camioneta e partiu na direcção que o seu interlocutor lhe indicara ao telefone. Daí a apenas quatro horas, chegou ao 1869 de Mountain Road e poucos metros depois avistou a bifurcação em direcção a norte, que terminaria numa cabana.

Efectivamente, no final do caminho estava a cabana a que a voz se referira. Parou o carro a uns escassos cem metros e esmurrou o volante, irritado consigo mesmo, debatendo-se sobre a morte ou a vida, sobre se deveria entregar a sua vítima ou desaparecer dali. Deu-se conta de que já não podia fazer nada. De que houvera um ponto de não retorno quando entrara naquela cafetaria. Um ponto em que, ao transpor o limiar da porta, a sua alma mudou para sempre.

Capítulo 33

14 de Junho de 1996. Salt Lake

Já perto de casa, a mão de Amanda ainda lhe tremia um pouco, e de vez em quando olhava para o pai, do lugar do co-piloto. Tinham vindo o caminho todo em silêncio, pensando no atropelamento daquele homem e na tragédia que poderia ter acontecido se o carro fosse a mais velocidade. Nenhum deles sabia o que dizer. Mantinham um silêncio consensual, somente interrompido ocasionalmente por um suspiro de Steven, que estava mais atento à estrada do que nunca.

Quando chegaram à casa e viram o branco impoluto da sua fachada de madeira, respiraram mais tranquilos. Pai e filha consideraram-na uma espécie de fortaleza, onde nada de mau poderia acontecer. Steven deixou o carro junto ao passeio e saiu em silêncio com Amanda.

— Nem uma palavra à tua mãe sobre o que aconteceu, está bem? — disse Steven a Amanda enquanto caminhavam em direcção à entrada.

— Porquê?

— A tua mãe iria ficar preocupada.

— Mas não nos aconteceu nada. Nem àquele senhor. Pelo contrário, acho que ela até se sentirá contente por saber que ficámos com ele, que o ajudámos e que no fim estávamos todos bem.

— Eu sei, mas, conhecendo a tua mãe, ela há-de querer ir procurar esse fulano, pedir-lhe formalmente desculpas pelo sucedido, convidá-lo para jantar com a esposa e oferecer-lhes ajuda com qualquer problema que tenham.

A previsão de Steven sobre o que Kate faria caso se inteirasse daquele percalço não se distanciava muito do que realmente teria ocorrido. Ela tentava manter uma atitude ética e honesta e permanecer fiel aos ideais de

uma família correcta e com sólidos valores morais. Fora essa a imagem que se ocupara de cultivar quando se mudaram para uma zona com maior poder de compra, poucos anos antes, e penetrou de tal modo nela que é difícil saber quando deixou de ser a Kate desembaraçada, a que outrora fora namorada de Steven.

Este deteve-se antes de subir os dois degraus do alpendre e continuou:

— Promete-me que não dirás nada.

Amanda olhou para o pai, resignada, encolheu os ombros e respondeu:

— Prometo-te que não direi nada... por um preço módico.

— Mas que é isto? Estás a fazer chantagem com o teu pai?

Amanda soltou uma gargalhada e levantou o dedo mindinho da sua mão direita.

— Prometo-te que não direi nada, papá. Não te preocupes — disse-lhe sorrindo.

— Assim é que eu gosto.

Amanda agarrou o braço do pai e caminharam juntos em direcção à casa.

— Olha que não és tola. Onde é que aprendeste a fazer chantagem? — disse-lhe Steven antes de abrir a porta.

— Aprendi sozinha, papá. Mas contigo não funciona lá muito bem — respondeu ela num gracejo.

— Depois ensino-te uns truques — disse-lhe ele, piscando um olho.

Quando entraram na casa, um terramoto de passos minúsculos aproximou-se deles.

— Amanda! Já cá estás! — gritou Carla.

— Sim, já cheguei, pequenina.

— Demoraram muito. Há quantos dias se foram embora? — disse Carla enquanto contava pelos dedos, com uma cara estranha.

— Dias? Mas só estivemos fora umas duas horas.

— Ah, era o que eu dizia. E quanto é isso em minutos?

— Bom, são cento e vinte — respondeu Amanda num tom alegre.

— Ena, é um montão deles! Estás a ver como estiveram fora muito tempo?

Amanda não pôde evitar rir.

— Eu já não sabia o que fazer — continuou Carla. — Estive a mexer nos

relógios da casa, para ver se assim vocês voltavam mais depressa.

Steven estava a ouvir a conversa das meninas e não conseguiu conter o riso.

— Sim, papá, tu ris-te, mas a mamã não achou muita graça.

— Mas funcionou, não? — disse Steven.

— Se funcionou? — disse Carla, abrindo a boca e esboçando um sorriso.

— Já aqui estamos, não é verdade, Carla?

— Funcionou! — gritou Amanda enquanto se ria.

Steven tocou no cabelo de Carla e perguntou-lhe:

— Onde está a mamã?

— Lá em cima, no quarto da Amanda. Disse-me para ficar de vigia a ver se vocês chegavam.

— O quê?! — disse Amanda com uma expressão de surpresa.

Correu pelas escadas acima e entrou de rompante no seu quarto. Ali estava Kate, sentada na escrivaninha de Amanda com uma cara angustiada, suspirando a cada meio segundo, com dezenas de pequenas bolinhas espalhadas em cima da mesa, agulha e linha na mão, a tentar reconstruir a pulseira. Tinha apanhado o cabelo em rabo-de-cavalo, arregaçara as mangas da camiseta branca que vestia e ostentava um olhar que se dividia entre a concentração e a preocupação. A Amanda aquela cena pareceu inigualável. Depois da vergonha que lhe tinha feito sentir com os vizinhos, ali estava a mãe, a sacrificar a vista, e sobretudo a paciência, por causa de uma das suas pulseiras. Não foi o facto em si de a ver a trabalhar tão concentrada na reconstrução da pulseira que enterneceu Amanda, antes a maneira como ela parecia ter-se entregado à tarefa, tentando recuperar algo que considerava ser importante para Amanda.

— Mamã, não precisavas de fazer isso — disse Amanda, aproximando-se da mãe.

— Eu disse-te que o faria, não foi?

— Sim, mas não era preciso.

— Pelo que percebi, esta pulseira foi-te oferecida pela tua melhor amiga, não é verdade?

— Sim, foi-me oferecida pela Diane, mas isso não tem importância. É só

uma pulseira — disse ela a sorrir, enquanto punha um braço por cima da mãe.

— E esta mudança de atitude?

— Acho que me vou apercebendo do que é importante.

— E o que é importante para ti?

— Que estejam todos bem e, claro, que estejamos todos juntos.

— Aconteceu alguma coisa? Porque, se aconteceu, quero saber — disse Kate num tom sério.

— O que haveria de ter acontecido? — disse-lhe Amanda, ao mesmo tempo que lançava um olhar em redor procurando algo com que pudesse mudar de assunto. — Por acaso uma filha não pode dar um grande abraço à sua mãe?

Kate levantou-se da cadeira e abraçou Amanda com força. Sabia que aquela mudança tão radical de atitude não era normal, mas tentou não lhe dar maior importância. Nessa mesma manhã, após a conversa que tivera com Amanda quando chegaram à casa, havia decidido que lhe iria dar o seu espaço. Que não iria insistir com ela para que passassem um bom bocado.

— Ajudo-te com a pulseira?

— Sim, por favor — disse Kate, aliviada. — Estou a tentar reconstituí-la desde que vocês saíram, e é impossível.

— Carla! — gritou Amanda. — Vens dar-nos uma ajuda?

Ouviu-se um pequeno terramoto de minipassos aproximar-se da porta. Quando parecia que o som ia entrar no quarto, parou. Amanda e Kate entreolharam-se com surpresa e riram-se.

— Está aí alguém? — perguntou Amanda.

Carla apareceu na porta, andando tranquilamente como se a coisa não fosse com ela. Não desviou o olhar do seu caminho em linha recta até à cama, lançou somente uma pequena olhadela pelo canto do olho para comprovar que efectivamente a mãe e Amanda estavam a vê-la entrar. Aproximou-se da beira da cama, deu um pulo e sentou-se em cima dela.

— Ah, estão aqui — disse Carla, fingindo uma atitude de surpresa.

Kate e Amanda, que continuavam ao pé da escrivaninha, entreolharam-se de soslaio e sorriram uma para a outra. Carla adorava fazer-se interessante, e elas gostavam quando ela mostrava aquela atitude tão altiva.

— Ora, Carla, ainda bem que estás aqui — disse Amanda em tom alegre.
— Precisamos justamente da tua ajuda para realizar uma missão impossível.

— Uma missão? — perguntou ela com uma expressão de entusiasmo. — Quero dizer... não sei se tenho muito tempo para essa missão — corrigiu.

— Olha, é uma pena que não tenhas tempo. É uma missão muito importante — disse-lhe Kate.

— Que missão? Se calhar consigo arranjar um tempinho.

— Já vais ver, é que há uma pulseira que precisa de umas mãos pequenas para poder ser reparada, e não conhecemos mais ninguém por aqui que tenha as mãos tão pequenas como tu — continuou Amanda. — Mas pronto, se não tens tempo, podemos procurar alguém que tenha umas mãos mais pequenas do que as tuas.

— Eu trato disso! — gritou Carla saltando da cama e indo rapidamente até à mesa apanhar as bolas.

Amanda e a mãe começaram a rir-se às gargalhadas.

— Isso, isso, riam-se, mas não sei o que fariam sem mim, não é?

— Tu és a melhor, pequenita — disse-lhe Amanda, abraçando-a.

Capítulo 34

26 de Dezembro de 2013. Boston

A noite já havia chegado, e Stella não se atrevia a interromper Jacob. Pensava que talvez não tivesse outra oportunidade de falar com ele, que talvez, no dia seguinte, ele decidisse não falar e não continuar a contar tudo. Decidiu ficar ali durante o tempo que fosse preciso para perceber o que havia acontecido e, sobretudo, porquê.

Continuava absorta, a ouvir as suas palavras vibrantes. A história daquela infância rodeada de problemas comoveu-a, mas não queria deixar de a ouvir. De algum modo, Jacob expressava-se com uma habilidade que a deixava atónita. Era capaz de descrever ao pormenor tudo o que havia vivido, o que não deixava de a preocupar: seria um inteligente psicótico? Um perturbado em último grau? Ou talvez um lúcido degenerado? O que conseguira tirar a claro era que cada palavra de Jacob era extremamente medida, que ele as recitava com uma absoluta confiança, como se estivesse a ler um livro, e que era ela quem o segurava entre as suas mãos e lhe folheava as páginas. O que mais a perturbava não era o facto de querer continuar a ler esse livro, mas o de saber que estava à mercê da história de Jacob e que, sem saber ao certo se o que ele lhe contava era verdade ou mentira, queria, sem dúvida, continuar a ouvir aquela voz.

— Diz-me, Jacob, porque tens tanta certeza quanto à importância da tua história em Salt Lake, há tantos anos?

— Porque tudo teve origem ali. Precisamente no Verão em que lá cheguei, desencadeou-se uma série de acontecimentos que deram lugar, anos mais tarde, a que tu e eu estejamos aqui esta noite, mas ainda não cheguei a esse ponto, Stella.

— Continua, por favor.

— Vais ver, eu cheguei a Salt Lake no final de Maio de 1996. Há uns dezassete anos. Não sabia muito bem que vida me esperava com o meu tio, mas o que era evidente para mim era que eu queria que fosse uma vida completamente diferente daquela que tivera em Charlottesville. Queria divertir-me, queria rir, mas, acima de tudo, queria viver. Distanciar-me das memórias daquela infância. O meu tio era um homem muito jovial, embora não tivesse grande sucesso com as mulheres. Em parte, esse efeito era seguramente causado pelo enorme bigode grisalho que ele tinha, e que eu tenho a certeza de que as mulheres detestavam. Não creio que a sua falta de *sex appeal* se devesse a cem por cento ao efeito do bigode, mas talvez a uns setenta ou oitenta por cento. Os outros vinte por cento eram o resultado da graciosa barriga que se lhe notava quando vestia camisa. Eu achava graça porque ele se orgulhava dela, e também se ria de como a conseguira manter tão grande desde os trinta anos até aos cinquenta e tal, que já devia ter naquela altura. Não me lembro das palavras exactas da conversa que tivemos na noite em que eu cheguei a Salt Lake, mas, basicamente, foi algo assim:

»— Jacob, é curioso que as únicas pessoas que realmente amam a tua mãe, acabem a milhares de quilómetros dela.

»— Acho que precisava de alguma distância para ver em perspectiva o que estava a acontecer — disse-lhe eu.

»— A perspectiva é-te dada pelos anos. Acontece mais ou menos o mesmo que com os vinhos.

»— O que queres dizer?

»— Que, se quiseses entender o problema, ou pelo menos ver a sua verdadeira dimensão, e até onde te levarão as suas consequências, só o poderás fazer com o passar dos anos. Com o passar do tempo entenderás que, certamente, nem a decisão da tua mãe ficar lá foi tão fácil de tomar, nem talvez a decisão da sua hipotética saída teria acabado por a salvar daquele energúmeno.

»As palavras do meu tio soaram para mim como algo sólido a que me podia agarrar. A minha inocência naqueles anos ajudou a que eu me apegasse a essa ideia, a de que fizera o melhor e de que minha mãe teria ficado

prisioneira dele em todo o caso. Pensei que qualquer outra coisa que eu tivesse feito para a tirar dali talvez a tivesse condenado mais a ela, e mais a mim. De certo modo, sentia-me culpado pelo que acontecia entre eles os dois. As fotografias da sala que os mostravam jovens e felizes contrastavam com a atitude com que eles se tratavam. Creio que em parte o meu pai me culpava pela sua tragédia pessoal. Comigo sentia-se escravo, com ela sentia-se jovem, ou pelo menos foi essa a interpretação que eu dei a uma conversa telefónica que tive com a minha mãe poucos dias depois de chegar a Salt Lake. «O teu pai está a mudar», disse-me ela. «Não acredito que isso possa mudar», respondi-lhe eu, «foram demasiados anos». «Só foi assim desde que tu nasceste», disse-me ela. Não pude responder a isso, o que haveria eu de responder? Dizer algo significava aceitar que a minha mãe também me via culpado da situação. Eu não fiz nada, a não ser existir, a não ser amá-la. Calei-me, e ela entendeu o que significava o meu silêncio. Depois daquelas palavras, ambos desligámos, sabendo que demoraria bastante tempo até que voltássemos a falar. Aquelas palavras tinham-me magoado demasiado para eu querer fingir que não me importava. Para mim foram uma bofetada de tristeza, um soco de solidão que me partiu a alma e me atirou para a realidade que eu não tinha sido capaz de ver durante tantos anos. Eu estava a mais naquela casa, e talvez a minha decisão de partir devesse ter sido tomada mais cedo.

»Ou pelo menos foi isso que eu pensei a seguir àquele telefonema. Algumas semanas depois, enquanto ajudava o meu tio a repor umas caixas na adega que tinha por baixo da loja, ouvimos alguém entrar. O meu tio, que nesse momento estava a rearrumar as caixas dos vinhos espanhóis, pediu-me que subisse e fosse eu atender os clientes. Logo que assomei por cima do balcão, percebi porque estavam ali. Dois agentes da polícia deambulavam pela loja deitando uma vista de olhos às vitrinas de genebras. Tinham uma expressão séria e só se aperceberam da minha presença vários segundos depois. Eram dois extremos do corpo policial: um muito louro; o outro muito moreno. O louro era muito alto, o moreno muito baixo. O louro estava impecavelmente vestido (uniforme engomado e limpo, distintivo no devido lugar, cabelo irrepreensível); o moreno impecavelmente descomposto (botão

superior da camisa desapertado, sapatos sujos, barba de três dias).

»— Olá, rapaz — disse-me o moreno.

»— Olá, rapazes — respondi eu.

»— Tu és o Jacob? — interrompeu o louro.

»— Sou — disse-lhe eu.

»Como já te contei, Stella, eu sabia como aquela conversa iria prosseguir, embora uma parte de mim desejasse assegurar-se de que estava enganado.

»— Temos más notícias — disse o moreno enquanto coçava a barba. O louro decidira manter-se alheio à conversa, fitando-me friamente sem pestanejar e sem mexer um único músculo do corpo.

»— O que aconteceu? — perguntei-lhe.

»— A tua mãe morreu — soltou ele sem piedade.

»Depois daquelas palavras, o que veio a seguir perdeu toda a importância para mim. Lembro-me de que houve mais uns quatro ou cinco minutos de conversa, mas não sei exactamente como continuou, a não ser pelas palavras que me retumbavam na cabeça, uma e outra vez, palavras que diziam que a minha mãe tinha morrido às mãos do meu pai, dois dias antes, e que a partir desse momento ele ficaria toda a vida na prisão. Não me importei com mais nada. Assisti ao resto da conversa do mesmo modo que fazia aquele abstraído polícia louro. Por um momento pensei que talvez o polícia moreno tivesse vindo sozinho e o louro fosse o meu *alter ego*, que só eu via e que reflectia como eu me sentia devido a tudo aquilo. Em parte alheio à situação, em parte dentro dela.

»Os dias seguintes foram uma espécie de limbo para mim. Pensei no que tinha acontecido e em que poderia tê-la ajudado se estivesse lá. O meu estado de espírito transformou-se numa montanha-russa. Às vezes passava de sentir-me responsável pela morte da minha mãe a sentir-me aliviado por tudo ter acabado ou a odiar-me por ter saído daquela casa.

»O meu tio ficou pior do que eu. Culpava-se todos os dias por não ter voltado a ajudar a irmã depois daquela noite, há vários anos. Nunca me disse isso, mas eu intuía-o, sobretudo pela atitude que ele mostrava para comigo. Naquela época, ele acabara de conhecer uma mulher e, agora que contava com a minha ajuda para manter a loja aberta, decidira viajar com ela para

França para ir visitar uns vinhedos no Sul e escapar à ausência da irmã.

»Dias depois de ele ter partido para França com a namorada, tudo mudou. Eu encontrava-me mais perdido do que nunca, sozinho naquela loja, quando algo mudou para sempre o meu destino. O mesmo lugar que havia testemunhado o momento em que me comunicaram que a única mulher que até então fizera parte da minha vida tinha morrido seria também testemunha do momento em que conheci a mulher da minha vida: Amanda.

Capítulo 35

26 de Dezembro de 2013. Boston

Uma torrente de sangue correu pelas veias do director, quando leu, incrédulo, o título daquele álbum. O seu coração bateu a mil por hora, e aglomeraram-se-lhe na cabeça centenas de memórias sobre os seus anos em Salt Lake, uma após outra, sem que entendesse porque tinha Claudia aquele álbum. Segundo se lembrava o director, não estivera a morar ali mais de dois anos depois de a sua filha nascer.

Recordava aqueles anos em Salt Lake como os piores da sua vida. Tinha chegado à cidade com mais de vinte anos, depois de se formar, e sentia-se com talento suficiente para fazer algo de grande no mundo da psicologia. Tinham-no contratado num centro privado que abrira meses antes. O agora director considerava o seu estágio como um escalão necessário na experiência que tinha de conseguir se quisesse vir a ser um psicólogo de sucesso. Passaram-se vários meses desde que se mudara para a povoação até que conheceu Laura, uma rapariga de cabelo castanho-claro, um ano mais nova do que ele e com uns olhos verdes que o perdiam. Para sua surpresa, daí a pouco tempo ela transformara-se na Sra. Jenkins. O noivado esteve carregado de paixão e energia. Todo esse período foi uma espiral de desenfreno que perturbou o director, e o qual então foi incapaz de parar.

Conheceram-se fortuitamente quando chocaram numa esquina: o pão que ele levava debaixo do braço saiu a voar; os livros que ela transportava caíram ao chão. Ambos se agacharam, e o director ficou surpreendido ao ler entre um dos títulos: *A Interpretação dos Sonhos* de Sigmund Freud. A coincidência de ela ter um dos livros favoritos do director, escrito por quem ele considerava ser o pai da psicanálise, deixou-o sem palavras. Entre

gaguejos e nervosismo, atreveu-se a convidá-la para sair. Naquela mesma noite, conversaram sem parar durante horas enquanto jantavam numa loja de hambúrgueres do centro de Salt Lake. O director ficou absorto enquanto a ouvia falar sem parar, observando o modo como aqueles olhos verdes o fitavam. Era como uma mistura entre entusiasmo e desejo, entre fome e luxúria. Laura era uma torrente de energia, um turbilhão de sentimentos que se exprimia gesticulando energicamente cada ideia. O director ficou apaixonado por ela, pelo seu interesse na psicologia. Partilharam opiniões sobre Freud, Skinner e Carl Rogers, sobre os sonhos, a ilusão, o potencial do ser humano e a sua capacidade de assimilação de traumas. Falaram da hipnose e da amnésia, da aprendizagem e do condicionamento humano. Laura ria-se às gargalhadas das teorias sobre a memória e da sua capacidade para se distorcer. Fascinavam-na os mecanismos da mente para apagar as recordações dolorosas e como esta era capaz de criar memórias novas como se tivessem sido reais. Depois, a conversa desviou-se para eles próprios, as suas esperanças, os seus sonhos, os seus desejos. Fizeram amor naquela noite, e em todas as noites das três semanas seguintes. Pouco a pouco começaram a passar cada vez mais tempo juntos. O director saía furtivamente do centro onde trabalhava para ir ter com ela, corria do centro até à velha casa onde Laura morava, e faziam amor em toda a parte: no quarto, na sala de estar, na cozinha.

Ao fim de pouco tempo, sete meses, o director viu-se a si mesmo ao entardecer, em cima de um pequeno barco que percorria o lago da povoação, a pedir a Laura que casasse consigo e a sussurrar-lhe que ela era o melhor que lhe tinha acontecido na vida. Laura, com o seu entusiasmo e energia ecléctica habituais, saltou-lhe para o colo gritando que sim, envolvendo-o com os seus braços magros. A cena terminou com ambos dentro de água, depois de o barco se ter virado devido ao salto de Laura, e com o anel no fundo do lago.

O casamento foi celebrado com a mesma rapidez com que tinham vivido o noivado. Um mês depois do pedido de casamento passado por água, estavam a casar-se numa capela de Salt Lake, cerimónia a que assistiram os pais do director (que reprovavam semelhante loucura improvisada), dois dos seus primos (que ficaram encantados com Laura) e vários vizinhos de Salt Lake

que lá tinham ido meter o nariz. Da parte de Laura não foi ninguém, mas o director não ficou surpreendido. Achou normal que Laura, que lhe havia contado que a sua relação com a família não era a melhor, não convidasse ninguém da sua parte. Ao princípio, tentou convencê-la a pôr-se em contacto com os pais e reatar a relação, mas, perante a recusa de Laura, não pôde fazer mais do que aceitá-la. Ao fim e ao cabo, casava com ela, com a energia dela, com a sua pseudoloucura, e não com a sua família, que por qualquer motivo que ele não chegava a entender se afastara dela.

Poucos meses depois do casamento, Laura ficou grávida. Abandonou a sua obsessão pela psicologia e entregou-se ao nascimento do seu futuro filho. De certo modo, estava entusiasmada, embora já não mostrasse os arrebatamentos de entusiasmo dos meses anteriores. O director continuava o seu trabalho no centro psiquiátrico de Salt Lake, onde já começava a destacar-se pela sua capacidade de criar empatia com os reclusos, e foi assim chamando cada vez mais a atenção de outros centros de maior relevância. Recebia periodicamente telefonemas de diferentes centros privados, que o desafiavam a experimentar a sorte noutras cidades do país, mas não se sentia ainda suficientemente preparado e preferia esperar pelo nascimento do filho para tomar uma decisão.

O director já se havia apercebido de que, desde o início da gravidez, Laura não tinha a mesma alegria. Tentou animá-la mimando-a com presentes e decorando o interior da velha casa de Laura, para onde ambos se haviam mudado, mas isso não surtira o efeito que ele esperava. Ao quarto mês de gravidez, a situação piorou. Não foi algo que acontecesse da noite para o dia, mas, após uma consulta com o ginecologista, a atitude de Laura entrou numa espiral da qual ela não conseguia sair. Na cabeça do director, que ainda estava a contemplar o álbum, ressoaram uma e outra vez as palavras daquela conversa:

— Querem saber? — perguntou o ginecologista.

— Não — respondeu Laura.

— Porque não? — interveio o director.

— Porque eu não quero — respondeu Laura, começando a chorar.

— Mas eu quero.

— Resolvam isso e depois avisem-me — sugeriu o ginecologista, saindo do consultório e fechando a porta.

— Por favor, Jesse, eu não quero saber o que tenho dentro de mim. Não quero vê-lo. Não quero sofrer — disse Laura ao director entre lágrimas. Nunca usava o seu nome de baptismo para se referir a ele. Chamava-lhe centenas de apodos carinhosos e mal pronunciava o nome do director, a não ser quando falava a sério.

— Laura, é o nosso futuro filho. O primeiro filho que temos juntos. Não quero surpresas. Quero ter tudo pronto para que, quando nascer, a única preocupação que tenhamos seja estar com ele, e não comprar coisas de uma cor ou de outra.

Talvez o seu entusiasmo naquele momento fosse a razão pela qual não vira que a mulher lhe estava a pedir aos gritos que a livrasse daquele corpo. Que não se sentia capaz de dar à luz o filho de ambos. Havia algo que a aterrorizava, que a fazia olhar para a sua barriga com uma mistura de preocupação e de nervosismo, mas o director não se apercebeu dessa atitude.

Quando entrou novamente no consultório, o ginecologista disse:

— Bom, já decidiram?

— Sim, queremos saber — respondeu ele antes que Laura pudesse dizer alguma coisa.

— De certeza? — perguntou ele de novo.

— Sim, claro — dissera ele, elevando a voz acima da de Laura, que proferiu um leve «não» imperceptível por entre as lágrimas.

— Pois então, estão à espera de uma linda e saudável menina.

O director recordou aquela situação com alguma tristeza. Continuava a olhar para a lombada do álbum, perguntando a si mesmo como era possível que Claudia, que quase não sabia nada sobre os escassos dois anos que tinha passado em Salt Lake quando era criança, tivesse um álbum com um título daqueles. Talvez se tratasse de uma coincidência. Certamente Claudia havia indagado sobre o passado do pai e descobrira que ele havia começado como psicólogo naquela povoação. Mas, se assim era, porque tinha ela um álbum? Quase não havia fotos daqueles anos, e ainda menos com Claudia. O que acontecera quando ela nasceu fora demasiado traumático para ele se pôr a

pensar em tirar fotografias. A curiosidade levou a melhor sobre ele e, com uma mistura de medo e de interesse, abriu a capa.

Reconheceu instantaneamente a primeira imagem que aparecia. Tratava-se de uma foto que mostrava Laura na cama do hospital, com Claudia, recém-nascida, nos seus braços. Lembrava-se perfeitamente daquela imagem porque ele próprio a captara no dia seguinte ao parto. Laura olhava para ela com ternura. O seu rosto exprimia um estado muito diferente daquele que mantivera nos últimos meses, mas o director adorava aquela imagem calma e amorosa que guardava na sua memória. Desde há vários anos que perdera de vista a foto, e encontrá-la ali aliviou-o de certo modo.

Na fotografia também se via um jarrao com um colorido ramo de flores. O director recordou a história daquele ramo. Ao fim de tantos anos, lembrava-se com certo agrado daquelas hortênsias e do que acontecera antes de as entregar a Laura: um carro azul atropelara-o a caminho do hospital, desfazendo o ramo que ele levava e atordoando-o por alguns momentos. O homem que o atropelara naquele dia, e que viajava com a sua filha, sentira-se tão culpado pelo sucedido que lhe dera dinheiro para ir comprar outro ramo, juntamente com uma garrafa de vinho caríssimo. Fora no dia em que Claudia nasceu, e ele prometera a si mesmo guardar aquela garrafa de vinho até que a sua filha completasse vinte e um anos. Ainda hoje aquela garrafa presidia à enoteca do director. Era o seu vinho mais precioso, um pedaço de história que, para ele, representava demasiadas coisas: o início de uma nova vida, a futura maturidade de Claudia, a vaga memória daquele atropelamento, a perda de Laura.

Demorou vários minutos a virar a página daquela primeira fotografia. Não intuía que houvesse muitas mais daqueles anos em Salt Lake. Ao terceiro dia do nascimento de Claudia, Laura esfumara-se, deixando atrás de si um vazio que o director nunca conseguiu preencher. Desapareceu de casa justamente no dia em que lhe deram alta do hospital. O director sabia que, se existissem mais fotos deles em Salt Lake, deveriam ser dos três dias que Laura passara hospitalizada após o parto. A segunda foto mostrava-o a dar um beijo na bochecha da esposa, que estava na cama do hospital segurando Claudia no regaço. A fotografia estava mal enquadrada, já que fora tirada pelo próprio

director, do qual se via parte do braço, que segurava a câmara.

Dentro de si algo lhe dizia que não fazia sentido que Claudia guardasse um álbum tão grande como aquele para albergar somente as três ou quatro fotos que poderiam existir daquela época. Virou mais uma página e, durante uns instantes, contemplou-a entremeando as lágrimas com medo. Não podia ser. A terceira fotografia mostrava-o a ele na rua, num dia ensolarado, segurando uma Claudia com poucas semanas, enquanto com a mão esquerda empunhava um cartaz de «Procura-se» junto de um candeeiro.

A pulsação do director acelerou. Havia ali qualquer coisa que não encaixava, mas num primeiro momento não conseguiu entender a dimensão e a importância daquela foto. À distância a que fora tirada, não se percebia quem era a pessoa que aparecia no cartaz, mas o director sabia que era Laura. Após o desaparecimento dela, participara activamente na sua busca, dia e noite, durante mais de seis meses.

Virou a página, e o que viu perturbou-o ainda mais: a imagem fora tirada de noite e mostrava parte da fachada traseira da casa de madeira onde o director morava. A fotografia enquadrava uma janela ao centro, com a luz acesa. Através da janela, não muito longe desta, via-se o director agachado junto de uma poltrona castanha na qual estava sentada uma Claudia que deveria ter um ano, ou ano e meio.

O director compreendeu o que significava aquela foto: alguém o observava e estudava naquela ocasião. A sua mente estava um verdadeiro caos e começou a pensar que a perda da filha o deixara louco. Voltou a olhar para aquela fotografia, apalpou-a e extraiu-a do álbum para a observar com mais pormenor. Não havia dúvida de que era ele e de que aquilo que via era verdade. «Quem a tirara? Quem me vigiava? Porquê?», perguntava a si mesmo.

Virou a fotografia que tinha na mão, à procura de algum sinal, de algo a que pudesse agarrar-se, de algo que lhe dissesse que as fotos não eram reais, e foi então que viu: um asterisco perfeito pintado a preto e absolutamente bem centrado na parte de trás da fotografia.

Capítulo 36

23 de Dezembro de 2013. 23h25. Boston

Salto o muro da mansão, mas não sem antes atirar para o lado de dentro tudo o que trouxe comigo. Por agora não me preocupo com o barulho. A casa está demasiado afastada do muro para que eles consigam ouvir a minha chegada.

Caminho agachado e rápido até uma das paredes laterais da casa. São mais de duzentos metros a correr na escuridão do grande jardim que a rodeia. Há luzes em várias janelas e, quando me encosto à parede, tenho o coração a mil à hora. Não é nervosismo nem indecisão. Tenho a certeza do que vou fazer. É entusiasmo. Verei finalmente as caras destes degenerados. Espero uns minutos junto da fachada, observando o que me rodeia e familiarizando-me com o edifício. O jardim não está iluminado, mas a luz que sai das janelas superiores permite ver lanços soltos do exterior. Assomo pela esquina do edifício e constato que há seis carros estacionados em frente à porta: um *Dodge* vermelho, um *Chrysler* azul, um *Buick* preto, um *Porsche* cinzento, um *Audi* preto, um *Lincoln* preto. Parece que já estão todos lá dentro. Como serão os outros? Só tenho fotografias de dois deles: muito diferentes um do outro e, ao mesmo tempo, muito semelhantes. Se tivesse de os procurar fora daqui, longe desta noite, seria impossível. Passariam por pessoas normais que se perderiam logo que se misturassem com o bulício de uma cidade. Ambos eram morenos de cabelo preto, ambos tinham uma cara normal. Se lhes olhássemos de perto para as sobrancelhas, eram muito diferentes, mas, se as víssemos de longe, dava a impressão de que eram idênticas. O mesmo acontecia com os olhos, nariz, barbicha, orelhas. Se os puséssemos um ao lado do outro, eram uma espécie de efeito óptico à laia do sorriso de *La*

Gioconda; sorria ou não? Eram parecidos ou não?

Observo a fachada do edifício. Junto a mim há quatro janelas que dão para o interior do rés-do-chão. No andar de cima há outras quatro janelas distribuídas pelos mais de quarenta metros que a parede tem.

Caminho sorrateiramente pela lateral do edifício até uma das janelas iluminadas e espreito lá para dentro. Não vejo ninguém. A janela dá para uma espécie de estúdio que tem uma enorme estante de madeira. Há uma secretária, com um candeeiro aceso, mas não há ninguém no assento. Espreito um pouco mais, mas não consigo ver a porta do outro lado do aposento.

Continuo a andar e contorno a esquina que dá para a parte de trás da casa. Tem duas enormes colunas que sustentam uma varanda na parte superior. Nesta parte, vejo mais duas janelas no piso térreo e uma porta enorme entre elas. As duas janelas estão acesas. Aproximo-me de uma delas à socapa e assomo ligeiramente.

Ali está.

É um dos das fotografias, ou assim me parece. Está de perfil, a falar com alguém que não consigo ver. Veste uma camisola castanha, da qual sobressai a gola de uma camisa azul-celeste, e umas calças de ganga. O seu cabelo preto, exactamente igual ao da fotografia, faz-me supor que é um dos dois. O filho da puta sorri tranquilamente enquanto continua a conversar. O coração vai-me saltar do peito. Estou demasiado excitado. Desta vez não poderão escapar.

Volto atrás e deixo de olhar. Não quero que me vejam. Ainda não. Volto por onde vim e regresso à lateral do edifício, junto à janela do estúdio. Fico uns instantes a olhar, para ver se aparece alguém por ali, mas não. Passo em frente à janela e espreito de novo pela esquina que dá para a fachada frontal. Os carros continuam lá. Assomo um pouco mais para ver se há alguém na porta. Ninguém. A entrada está iluminada por um candeeiro de cada lado, e junto de cada candeeiro há um arbusto com folhas secas. Se me aproximar da porta principal estarei exposto, já que as lâmpadas me iluminariam, e ficaria à vista de quem estivesse a olhar. Creio que trabalharei melhor entre as sombras. Afasto-me um pouco da casa e, correndo de sombra em sombra,

aproximo-me de um dos carros. Saco da faca e cravo-a com força na roda do *Porsche*. «Daqui ninguém sai», digo para mim mesmo. Repito o processo com a outra roda do lado em que me encontro. Os carros estão estacionados em paralelo, e eu estou junto ao primeiro deles. Volto atrás, contorno o *Porsche* pela traseira, e enfio-me entre o *Buick* e o *Chrysler*. Entre os dois carros ninguém me consegue ver, e posso retalhar tranquilamente as duas rodas de um dos lados de ambos os carros. «Já vão três». Repito o processo. Saio de entre os carros contornando o *Chrysler* pela parte de trás e, quando estou a meio do caminho, de repente, acende-se uma luz que me ilumina pelas costas.

Capítulo 37

15 de Junho de 1996. Salt Lake

Já haviam passado dois dias desde que Amanda chegara a Salt Lake com os pais e a sua irmã. Eram onze horas da manhã, e Steven tinha saído cedo para ir levar o carro ao *rent-a-car*, para ver se haveria algum problema com a leve mozza que ele lhe tinha feito com o atropelamento. Carla e Kate estavam no jardim das traseiras a investigar os trastes velhos que havia no sótão. Amanda continuava a dormir. A tensão que ela vivera no dia anterior, por causa do incidente, mantivera-a desperta durante várias horas, e não pegara no sono antes das três da madrugada. A campainha da porta tocou, despertando-a e arrancando-a a um sonho algo estranho que estava a ter: via-se a si mesma a apanhar o bilhete que tinha o seu nome e a escrever com o seu punho e caligrafia o estranho asterisco na parte de trás. Vivia esse sonho uma e outra vez, numa espiral sem fim. A campainha tocou de novo.

— Alguém abre? — gritou Amanda com a voz sonolenta em busca da mãe ou da irmã.

A campainha tocou uma terceira vez. Amanda endireitou-se e calçou umas sapatilhas que imitavam o focinho de um cão. Levantou-se e procurou o seu robe de flanela amarela. Vestiu-o e saiu do quarto. Desceu as escadas arrastando os pés e com os olhos quase fechados. Se alguém estivesse a observá-la enquanto descia, teria apostado tudo em como iria cair. Milagrosamente, chegou sã e salva. Tinha os olhos um pouco achinesados devido ao sono, e o seu cabelo castanho estava emaranhado. Quando chegou ao vestíbulo, viu-se de soslaio no espelho que havia junto à porta. Não prestou muita atenção, e por isso não atentou no seu aspecto. Tinha demasiado sono para pensar.

A campainha soou uma quarta vez.

— Já vou! — gritou Amanda enquanto abria a porta.

Ao abrir, viu Jacob no alpendre.

O seu coração bateu como se não houvesse amanhã. A adrenalina fluiu-lhe pelos braços e pernas quando o viu ali. Vestia uma camiseta branca e umas calças de ganga. Tinha uma mão no bolso e estava a apenas um metro dela. Olhava-a com uma cara embevecida. Amanda, ao ver-lhe os olhos azuis tão próximos, ficou sem palavras. Estiveram calados por uns segundos. E, quando Jacob ia falar, Amanda lembrou-se de como estava vestida e fechou a porta com estrondo.

— Não pode ver-me assim — sussurrou ela, com as costas encostadas à porta enquanto dava pulinhos de nervosismo. — Talvez isto também seja um sonho — disse para si mesma. — Só o vi uma vez, e não tem motivo para vir aqui. Aliás, nem sequer sabe onde moro. Sim, é isso. É um sonho. Ainda estás a dormir, Amanda — convenceu-se enquanto tentava acalmar-se. Algo em si acreditava verdadeiramente que era um sonho.

Pensou por um instante que o seu sonho sobre o bilhete não era mais do que um sonho dentro de outro.

— Estás a sonhar, amiga — disse para si mesma mais uma vez.

Abriu de novo a porta, com a esperança verdadeira de não o ver no alpendre.

Ali continuava Jacob, a olhar para Amanda com cara de quem não estava a perceber nada.

Amanda bateu novamente com a porta, desta vez acompanhando o gesto de um «Ah!».

— Estás bem? — perguntou-lhe Jacob do outro lado da porta.

— Hmm... sim — disse Amanda sem abrir, com a voz entrecortada.

— A sério? Pareces um pouco assustada.

— Merda, merda, merda — sussurrava Amanda uma e outra vez para si mesma.

— Estás aí? — perguntou Jacob.

— Eh... sim. Já vou, só um segundo — gritou-lhe ela do lado de dentro da porta.

Amanda pôs-se em frente ao espelho, compôs o cabelo a toda a pressa, descalçou as sapatilhas do cão e atirou com o robe amarelo de flanela para as escadas, ficando só com o pijama cinzento que trazia por baixo. Respirou fundo, aclarou a voz com uma tosse leve e abriu.

Jacob olhava-a sorridente, como ninguém jamais a olhara. No olhar dele havia entusiasmo, mas continuava um pouco surpreendido pela atitude de Amanda. Pouco antes de falar sorriu mais, mostrando ligeiramente os dentes brancos.

— Olá — disse Jacob de novo.

— Eh... olá — disse Amanda tranquilamente. Estava muito nervosa, e tentava dissipar o seu nervosismo segurando com força na borda da porta. — Creio que o meu pai não está — acrescentou.

— Ah não? Eu não vim por causa dos vinhos.

— Não?

— Já vais ver... — disse Jacob, coçando a cabeça e desviando o olhar para os pés de Amanda. — Queria saber se pensaste ir à feira.

— Feira?

— Sabes como é, aquelas coisas com atracções, música, luzes e algodão-doce — respondeu Jacob, levantando ligeiramente os olhos.

— Ainda não tinha pensado nisso.

— Apetece-te ir comigo? Moro aqui há pouco tempo e não conheço ninguém com quem ir.

— Estás a convidar-me porque não conheces ninguém?

— Não, não. Eu não queria dizer isso.

— Talvez essa frase não seja a melhor para convidar alguém a sair — disse-lhe Amanda, sorrindo.

— Talvez tenhas alguma razão.

— Alguma? — disse Amanda, rindo mais.

— Sabes... — Jacob olhou para cima e fitou-a fixamente nos olhos. Ficou calado por um segundo e continuou. — Desde que te vi ontem, não fiz nada senão pensar em ti, em como seria conhecer-te, como seria a tua voz ao pronunciar o meu nome, como seria o teu riso ao ouvir as minhas piadas. Estive toda a noite a pensar no que haveria de dizer quando estivesse aqui.

Procurei maneira de não parecer um doido. Vir às nove parecia-me demasiado cedo, irias ver-me como um psicopata ou algo assim, e nem a brincar quererias vir comigo. Se eu aparecesse às dez, estarias com certeza a tomar o pequeno-almoço e, portanto, falar com a boca cheia faria que te sentisses incomodada e também não acederias. Às onze, já estarias pronta, acomodada, terias tido tempo para relaxar depois do pequeno-almoço e estarias mais receptiva. Vir mais tarde, a minha mente não teria aguentado. Queria ver-te o mais cedo possível. Tudo me parecia perfeito. Mas fiquei nervoso quando te vi. Não sabia o que dizer. Pensei que me dirias que não em qualquer dos casos e por isso fiquei mais nervoso ainda.

— Sim — interrompeu Amanda.

— O quê?

— Adorava ir contigo à feira.

— Sim?

— Sim.

Jacob riu. Amanda riu mais. Olhava-o com ternura. Pareceu-lhe que a voz dele era linda, que ele era bonito, mas, acima de tudo, ele pareceu-lhe boa pessoa. Aquele arrebate de argumentos deixou-a quase sem palavras. O seu coração acelerou.

— Venho buscar-te às cinco?

— Perfeito.

Ele sorriu. O nervosismo que sentira havia desaparecido e, no seu íntimo, sabia que Amanda era a rapariga com quem queria estar.

— Vemo-nos então às cinco — disse ele mais relaxado.

— Até logo, Jacob — respondeu ela enquanto fechava a porta sorrindo.

— Isto... ainda não sei o teu nome.

— Digo-te logo.

— Uma letra pelo menos?

— Adivinha — respondeu Amanda com um sorriso malicioso.

— Assim farei.

Ao fechar, Amanda encostou-se à porta e soltou um grito em surdina. Jacob afastou-se da casa, mas olhou várias vezes para trás tentando vê-la de novo.

Capítulo 38

26 de Dezembro de 2013. Boston

Stella continuava absorta a ver Jacob falar. Nunca tinha visto ninguém que fosse capaz de apresentar a sua história de uma maneira tão crua, tão vil, mas ao mesmo tempo com tanto amor como ele parecia fazê-lo. A infância de Jacob perturbava-a. Mas perturbava-a ainda mais que aquele homem sereno de olhos azuis e voz penetrante que estava diante dela tivesse sido o responsável pela decapitação de Jennifer Trause e da filha do director.

— Então conheceste uma rapariga na tua adolescência. Conta-me mais sobre isso — disse Stella.

— Não era apenas uma rapariga. Era o meu futuro. Quando eu a vi entrar na loja, com o seu cabelo castanho liso, fiquei sem palavras. Era linda. Vi-a falar com o pai dela. Adorei a maneira como o fazia e também como olhava para uma das garrafas que estavam na vitrina, à qual o seu pai prestava tanta atenção. Adorei a maneira como sorria. Quando eles saíram da loja, fiquei destroçado. Não tinha sido capaz de lhe dirigir a palavra. Mas o que podia eu fazer? Dizer-lhe qualquer coisa à frente do pai? Logo que entraram no carro, saí do balcão e espreitei pela porta. Vi o carro afastar-se e, com ele, a minha vida.

»Lembro-me dessa tarde e dessa noite longuíssima. Estive a pensar como haveria de encontrá-la. Como haveria de me aproximar dela. Como haveria de conhecê-la. Naquele momento nem sequer sabia o nome dela, mas não me importava. O que é um nome? Eu estava apaixonado por ela. Fosse qual fosse o seu nome, eu sabia que acabaria por lhe chamar «minha mulher». É curioso este pensamento que eu tive, sobretudo se considerarmos o que ela me disse quando finalmente a conheci.

»Passei a tarde toda a deambular pela povoação. O meu tio não estava e não podia descobrir que eu não abrira a loja. Em qualquer caso, se eu lho tivesse contado, ele teria entendido. O meu tio era um idealista, um sonhador, e considerava a felicidade própria, e acima de tudo o amor, como algo vital. Alegrava-me a sua maneira de ver a vida e o seu apego ao amor, apesar de ser uma pessoa que sofrera tantas rejeições.

»Perguntei na estação, noutras lojas, se sabiam onde estava alojada aquela família, da qual eu sabia apenas que era composta por um pai de cabelo castanho e uma filha da minha idade com o cabelo da mesma cor.

»Não é de admirar que não tivesse muito sucesso na minha busca e, claro, fiquei desanimado. Naquele momento arrependi-me de não haver tido a coragem de dizer algo mais do que aquilo que disse. De obter mais informação do que aquela que obtive. Pensava que não a veria mais, mas foi então que vi o *rent-a-car*. Um descampado com mais de trinta carros *Ford* azuis, como o que eles usavam. Falei com o encarregado dos alugueres, e ele disse-me que sabia quem eram e, talvez por causa do meu entusiasmo, acedeu a dizer-me onde moravam.

»A noite tornou-se-me eterna. Tentei dormir, mas não havia maneira. Meditava nas palavras que lhe diria quando estivesse diante dela, nas suas possíveis respostas, nas minhas possíveis respostas às respostas dela. Embrenhava-me numa conversa hipotética, em que eu acabava sempre escaldado. O meu ânimo decaiu. Pensava que não seria capaz de ir até lá. Todas as minhas conversas fictícias acabavam com um bofetão na cara, um «alguém chame a polícia», ou comigo a correr espavorido.

»Eram seis da manhã, não tinha dormido e estava convencido de que não seria capaz de me aproximar da casa dela. Mas lembrei-me da minha mãe.

»Lembrei-me da sua má opção, de como ela tinha dado cabo da sua vida para acabar na companhia da pessoa errada, e disse a mim mesmo que não, que àquela rapariga por quem eu me havia apaixonado não aconteceria o mesmo. Que a protegeria para sempre. Que a queria ao meu lado para que nunca ninguém lhe fizesse mal. Que a faria feliz.

»Levantei-me da cama, tomei um duche e barbeei-me. Estive uma hora, ou duas, em frente ao espelho, a praticar as primeiras palavras, decidido a

conquistá-la, decidido a salvá-la. Estava cansado, mas o sono não me afectava. O meu coração batia a mil à hora. Via-me com ela para o resto da vida. Planeei a hora a que chegaria lá, caminhei até à casa e, sem hesitar, bati à porta.

»Não sei quanto tempo durou aquela conversa adolescente, mas recordei-a todos os dias durante dezassete anos. O sorriso de Amanda, o seu olhar ensonado e o seu grito de surpresa. Ela acedeu a vir comigo à feira, e eu acedi a adivinhar o nome dela.

»Saí de lá com umas cócegas incríveis no estômago, que ainda sinto sempre que penso nela. Cheguei a casa, e a primeira coisa que fiz foi escrever uma lista de nomes de raparigas. Durante toda a manhã, consegui escrever mais de quatrocentos nomes. Para mim não havia dúvida de que o nome dela teria de estar ali. Não tinha nenhuma pista. Nada a que me pudesse agarrar. Não sabia quais as consequências de não acertar, mas a mera possibilidade de ela me dizer que não sairia comigo se eu não acertasse no seu nome fez-me espremer o cérebro em busca de todas as possibilidades.

»Passei a manhã a fazer conjecturas sobre como ela se chamaria. Tentei eliminar algum nome da lista, simplesmente porque não combinava com o aspecto dela. Não consegui eliminar nenhum. Podia chamar-se qualquer coisa. Eu chamava-me Jacob, e isso não tinha que ver com o meu aspecto. Os meus pais não sabiam como eu seria quando fosse crescido, por isso o critério da aparência física para eliminar possibilidades pareceu-me insuficiente. Tentei então fazer alguma eliminação em função de nomes mais ou menos comuns. Não passava de outra soberana parvoíce. Havia nomes comuns numa zona do país e nomes comuns noutras, e eu nem sequer sabia de onde ela era. Não tinha nenhuma pista a que pudesse agarrar-me, por isso, ou me transformava no melhor mentalista de todos os tempos em poucas horas, ou descartava para sempre a possibilidade de sair com ela. Dei-me conta de uma coisa e agi em consonância, porque, como achei impossível adivinhar o nome dela, ocorreu-me uma ideia: deixaria que ela o fizesse.

Capítulo 39

26 de Dezembro de 2013. Boston

O director continuou a virar as folhas do álbum. Em todas elas se via ele próprio com Claudia quando era bebé. Alguém os observava, mas não conseguia adivinhar quem poderia ser. Eram mais de vinte fotografias. Tirou-as todas do álbum e espalhou-as em cima da cama da filha. Uma a uma, foi-as virando, e em todas elas estava aquele asterisco. Levantou-se, tirou do bolso o bilhete e releu-o: «Claudia Jenkins, Dezembro de 2013.»

Virou-o e viu-o também. O mesmo asterisco que estava na parte de trás das fotografias também se encontrava por trás do bilhete, perfeitamente alinhado no centro. Embora estivessem pintados à mão, todos os asteriscos eram iguais.

— Não pode ser — disse ele sussurrando, com a respiração agitada. — Como chegaram estas fotografias às mãos de Claudia? Quem lhas deu?

Pegou numa das fotografias. Nela via-se o director no passeio, caminhando junto de Claudia, que teria aproximadamente dois anos, enquanto lhe segurava uma mão e ela dava uns passos desajeitados. A fotografia fora tirada a partir do passeio em frente. Estavam a passar em frente a uma tinturaria, que exibia um enorme cartaz amarelo com o título «Limpeza a seco. 30 por cento de desconto».

O director fixou-se naquela foto. Lembrava-se daquela tinturaria. Levara lá vários casacos, e sempre que lá fora a lojista atendera-o de uma maneira muito educada. Era uma senhora de cinquenta anos, com cabelo louro, encaracolado e curto, que lhe mostrava sempre um sorriso. Imaginou o lugar a partir de onde devia ter sido tirada a fotografia. Do outro lado do passeio, em frente à tinturaria, havia uma cafetaria junto de um terreno baldio.

Fixou-se na fotografia, em como Claudia tinha a perna levantada para continuar a sua procissão de pequeninos passos, em como ele a olhava e na cara de entusiasmo que tinha. Quem tirara aquela fotografia havia captado um momento de felicidade em que ele via a filha caminhar. Deu-se conta de que agora daria tudo para voltar àquele instante.

O director levantou-se resolutamente da cama. Agarrou em todas as fotografias e saiu do quarto. Foi até à sala de estar, pegou na garrafa de vinho que lhe haviam dado dezassete anos atrás, após o seu atropelamento, e estampou-a contra a parede. Não se imaginava a guardar aquela garrafa por mais um segundo. Não importava. Era o menos. Não podia pensar no futuro que desejara para a filha, no qual abriria a garrafa com ela quando completasse vinte e um anos. Agora que já cá não estava, a única coisa que ele queria era apagar tudo.

Atirou as fotografias à mesma parede contra a qual havia estampado a garrafa de vinho. Quando caíram ao chão, algumas delas ensoparam-se com a cor avermelhada do vinho e outras flutuaram num pequeno charco que se havia formado.

O director, nervoso e aturdido com o que acabara de fazer, agachou-se e recolheu as fotografias daqueles anos que se haviam perdido, mas que supunham um indício a que poderia agarrar-se. Observou uma das fotografias manchadas de vinho e viu aquilo.

Na mesma foto que estivera a observar segundos antes, em que ele e Claudia caminhavam junto da tinturaria, algo que lhe passara despercebido mostrava-se agora evidente. O vinho havia distorcido as cores daquela imagem, mas aumentara a nitidez de uma zona anteriormente obscurecida. No reflexo da vitrina da tinturaria desenhava-se agora uma silhueta que o director reconheceu instantaneamente. Via-se reflectida a pessoa que estava a tirar a fotografia. A cara estava tapada pela câmara, mas o cabelo, a posição dos braços e as roupas distinguiam-se sem dúvida alguma para o director.

— Laura?

Não podia acreditar no que via. Não parava de formular centenas de perguntas para as quais não encontrava resposta. Durante muitos anos nunca havia aceitado o desaparecimento de Laura. Quando, ao fim de seis meses de

buscas, a polícia desistiu, ele recusara-se a aceitar que ela se tivesse esfumado sem deixar rasto. Não podia ser. Algo devia ter-lhe acontecido, alguém a retivera ou a afastara dele. Agora aquela fotografia confirmava o contrário. Laura estava perfeitamente. Não lhe acontecera nada. Decidira afastar-se dele, e de Claudia, por vontade própria. Essa realidade tornou-se-lhe dura, inaceitável, demolidora.

— Porque partiste Laura? — disse o director.

De certa maneira, Laura permanecera perto deles, e, em parte, esse facto perturbou-o. Laura mantivera-se vigilante enquanto decorriam as buscas pela sua pessoa e, ao mesmo tempo, atenta ao crescimento da filha. O director não entendia porquê, mas pensar que, enquanto ele se desfazia, Laura o via afundar-se sem fazer nada para o evitar dilacerou-lhe o coração. Durante todos aqueles anos, o director nunca culpava Laura por não estar consigo nos momentos em que a filha necessitava de uma mãe. Pelo contrário, amava Laura na sua ausência, na sua memória, na memória deles a fazerem amor, na dela a olhar para Claudia recém-nascida.

De certa maneira, Laura quisera continuar nas suas vidas, apesar de ter desejado evitar o contacto com eles. O director perguntou-se por que motivo Laura enviaria aquelas fotografias à filha, embora compreendesse que, se ela continuava viva, era a sua maneira de lhe dizer, de uma forma subtil, que ainda velava por eles.

O director recolheu as fotografias manchadas de vinho, meteu-as num saco de papel, saiu de casa e, decidido, entrou no carro e partiu em direcção ao centro psiquiátrico.

Capítulo 40

27 de Dezembro de 2013. Quebeque, Canadá

Algures no Parque Nacional La Mauricie, Susan Atkins foi atirada para dentro de uma fossa que fora escavada junto à cabana. A queda despertou-a, fazendo-a recuperar o estado de tensão em que se encontrava antes de ser capturada. Não sabia onde estava nem porque estava ali. Só via terra castanho-escura à sua volta. Levantou-se, aturdida, e, ao apoiar o pé direito, cambaleou para uma das paredes de terra. Olhou para cima e só viu o céu estrelado. Não sabia que horas eram, não sabia em que dia estava. O chão movia-se sob os seus pés, tinha a sensação de estar montada numa atracção de feira, sem luzes, sem música, sem risos. Vomitou.

Ouviu passos sobre a terra húmida que se aproximavam do local onde ela se encontrava. Voltou a olhar para as estrelas e distinguiu com dificuldade o rosto na escuridão. Quando o viu, gritou.

— Por favor, ajude-me. Tire-me daqui, suplico-lhe.

Steven fitava-a com uma expressão de indiferença, sem pestanejar. Por cima dele, céu estrelado; por baixo dele, o seu inferno.

— Eu não lhe vi a cara, prometo. Por favor, solte-me. Não direi nada.

— Lamento, Susan. Tens de morrer.

Aquelas palavras penetraram nela, fazendo-a tombar no chão. Não entendia nada, mas aquela voz rouca soara demasiado segura de si mesma para que considerasse que não estava a dizer-lhe a verdade. Ajoelhada no chão, começou a chorar desconsoladamente. O facto de aquele homem a ter tratado pelo seu nome afundou-a ainda mais. Não compreendia que motivos o levariam a agir assim. Steven viu-a cair, render-se ao seu destino.

— Tens de morrer, entendes?

Entre lágrimas, Susan olhou para cima e viu nitidamente o rosto de Steven. Não o conhecia, nunca o tinha visto. Para ela não passava de um vulgar homem mais velho, de uns cinquenta e tal anos, com barba descuidada e um olhar inerte. Não se lembrava do assalto à sua casa, e por isso a única imagem que tinha dele era aquele rosto indiferente, tranquilo, sem vida.

— Não tem de fazer isto. Eu não vou dizer nada — disse ela entre lágrimas.

— É demasiado tarde para voltar atrás. Estou demasiado perto do fim.

— Pode sempre voltar atrás. Não faça isso, por favor.

— Não entendes, Susan.

— Não, por favor.

Steven desapareceu da vista dela. O som dos seus passos na terra afastou-se, e ouviu-se a porta de um carro abrir-se e fechar-se. Ela ouviu o som do motor a arrancar e a gravilha a ranger sob o peso dos pneus que se moviam em direcção a norte. Susan sentiu que ainda tinha uma oportunidade. Tentou trepar pelo buraco. Não conseguiu dar mais de dois passos antes que a terra cedesse. Tentou muitas vezes mais, com o mesmo resultado. Numa das vezes já estava perto da borda quando se agarrou a uma pedra solta que estava incrustada na terra, mas esta soltou-se e fê-la cair de costas, no fundo. Chorou. Estava exausta, não aguentava mais. Olhando para o céu estrelado, aceitou o seu destino. Compreendeu que ia morrer, que não poderia sair dali. Decidiu adormecer, deixar-se levar até ao que teria de acontecer. Começou a sentir frio, encostou-se a uma das paredes, encolheu-se e preparou-se para dormir.

Steven conduziu a sua camioneta até à estação de serviço. Ainda faltava uma hora para o amanhecer, estava cansado da viagem de ida e volta a Nova Iorque e da tensão do sequestro, mas ainda lhe restavam forças para fazer o telefonema.

Quando chegou, a estação de serviço estava fechada. O funcionário encontrava-se no interior da loja, que tinha as grades corridas, e estava a cobrar a um homem através de um postigo. Steven foi até à cabine telefónica,

pegou no auscultador, introduziu algumas moedas e marcou o número. Ao fim de uns momentos, uma voz respondeu.

— Já a tens?

— Sim — disse Steven.

— Como é?

— Cabelo castanho. Olhos castanhos.

— Como se chama?

— Susan Atkins, eu verifiquei.

— Perfeito. E que idade tem?

— Uns vinte e um ou vinte e dois.

— É isso, é isso.

— Onde a levo?

— Há uma mudança de planos.

— Que mudança de planos?

— Tens de ser tu a encarregar-te do assunto.

— Outra vez?

— Como assim, outra vez?

— Já o fiz há dois dias, com a Claudia Jenkins. Tenho de ser eu outra vez?

— Claudia Jenkins?

— A miúda da estação de Vermont. Ia apanhar o comboio para Boston.

A pessoa do outro lado da linha desligou o telefone. Steven gritou para o aparelho. A conversa não podia ficar assim. Precisava de saber porquê aquela interrogação perante o nome de Claudia Jenkins. Steven marcou de novo o número. A cada toque, recordou cenas da morte de Claudia: primeiro toque, como ela gritava dentro da fossa; segundo toque, como chorava ao fim de várias horas com ela; terceiro, como a adormecera com uma garrafa de água cheia de soníferos; quarto, como agarrou no machado naquela manhã, como não hesitou nem por um segundo; quinto toque, ninguém do outro lado, só o som intermitente da linha a comunicar...

Marcou de novo. A sua pulsação acelerou a cada toque, a cada novo sinal de uma não resposta.

— Raios partam — gritou ele, batendo com o auscultador contra a cabina.

O funcionário viu-o bater na cabina e gritou do lado de dentro:

— Está louco? Se estragar a cabana, paga.

Steven olhou para o rapaz com uma mistura de enfado e consternação. O moço arrependeu-se do que acabara de dizer.

Durante o caminho de volta para a cabana no meio da floresta, Steven pensou naquela voz, naquela pergunta sobre Claudia Jenkins. «Que queria dizer? Porque teria eu de o fazer de novo?»

Chegou à cabana e estacionou junto da fossa. Susan estava a dormir. Acabara de amanhecer, e Steven observou-a sem saber o que fazer. A voz dissera-lhe que devia ser ele a encarregar-se do assunto, mas também pusera em causa que tivesse tido de o fazer dois dias antes. Algo em Susan lhe recordou Amanda. A sua cor de pele era muito semelhante, o cabelo do mesmo tom. Estava suja, com manchas de terra na camisa azul que trazia vestida, na cara e nas mãos. Steven ficou a vê-la dormir durante uns minutos. Por momentos, pareceu-lhe ver Amanda ali caída na fossa.

Entrou na cabana e momentos depois saiu de lá com uma manta. Atirou-a para cima de Susan, que despertou, aturdida. Agarrou na manta, tapou-se com ela e notou algo diferente no olhar do seu sequestrador. Aquele olhar inerte havia desaparecido. Fora substituído por um olhar de preocupação. Não sabia se era bom ou mau. Mas Susan sobrevivera algumas horas, e aquele gesto com a manta ajudou-a a compreender que talvez sobrevivesse mais algumas.

Capítulo 41

23 de Dezembro de 2013. 23h31. Boston

Ao mesmo tempo que a luz me ilumina, salto para o espaço entre os carros. Ter-me-ão visto? Trata-se de um carro com que eu não contara. Estou tão concentrado que não me apercebi do ruído do portão a abrir-se. Não tenho nenhuma maneira de saber se me viram ou não, a não ser esperar. Estou agachado entre os dois veículos junto à roda do *Chrysler*, enquanto ouço o ruído do motor extinguir-se. Não me atrevo a espreitar. Em todo o caso, fazê-lo seria a pior opção: se me viram, não tenho nada para fazer; se não me viram, poderiam ver-me agora, e deitaria a perder tantos anos de busca. A melhor opção é esperar no escuro.

Ouçõ a porta do carro abrir-se e uns pés pisarem a gravilha. Contenho a respiração o máximo que posso para que não me ouçam. Se os meus cálculos estiverem certos, quem saiu daquele carro vem sozinho e deve estar a uns cinco metros de mim, atrás da fila de veículos.

Os passos aproximam-se do sítio onde eu estou. Não posso acreditar que já me descobriram. Que estupidez. Com tudo o que eu aguentei, com o fim tão próximo, cometo o incrível erro de me expor no pior momento. Agarro na faca com todas as minhas forças. Não tenho nenhuma dúvida em acabar com ele. Talvez os restantes membros não tenham ouvido a chegada deste. Se eu o eliminar em silêncio, pode ser que ninguém se aperceba da ausência dele. Parou somente a um metro de onde eu estou. Vejo-o de costas por cima da bagageira do *Chrysler*: homem, cabelo castanho, barba, casaco verde. Parece um caçador. Dá a volta em direcção à mansão e vejo-lhe o rosto.

Sinto um sobressalto no coração. Steven?! Não pode ser. Durante um microssegundo, tenho a sensação de que ele me vai ver, mas não vê. O seu

olhar, uma mistura de tristeza e ódio, está cravado na mansão, e os olhos dele só parecem ver as paredes daquela casa de horrores.

Volta de novo ao seu carro e ouço-o abrir a bagageira. Ouço-o bufar e emitir um ligeiro uivo de esforço. Assomo e espreito através das janelas do carro. Porque estás aqui esta noite, Steven? Não devias ter vindo. A tua missão é muito maior que isto. A tua missão começa amanhã.

Carrega sobre o ombro direito uma jovem, que adivinho estar adormecida, e fecha a bagageira. Afasta-se em direcção à porta principal, que estava entreaberta. Empurra a porta com a mão esquerda e perde-se no interior, fechando a porta atrás de si e deixando o jardim novamente em silêncio.

Não tenho tempo a perder. Cravo a faca no resto das rodas dos carros e corro para a porta da frente. As lâmpadas iluminam-me, mas agora tenho a certeza de que não me verão, de que estarão atentos a Steven, e à sua vítima, e não ao que acontece cá fora. Empurro o enorme portão de madeira para ver se está aberto e, para minha surpresa, ele cede. Entro na mansão. O vestíbulo está às escuras, o ar denso, e a escassa luz que provém de um dos corredores laterais ilumina suavemente uma escadaria em forma de curva que se encontra em frente à porta. Fico na sombra, decidindo de qual dos dois corredores me devo aproximar, ou se hei-de subir ao primeiro andar. No corredor da esquerda, ouço uma conversa entre dois homens. No da direita, soa ao longe o inconfundível cântico roufenho de um gira-discos envelhecido, no qual está a tocar o *Lascia Ch'io Pianga* de Händel. Estes filhos da puta têm bom gosto para a música.

Numa decisão improvisada, decido aventurar-me até ao primeiro andar. A escada está coberta por um tapete vermelho com ornamentos dourados nas laterais, e, ao subir, vejo na penumbra o lustre do tamanho de uma pessoa que está pendurado sobre o vestíbulo. Nunca tinha visto um assim, mas acho que não tenho tempo para o contemplar muito mais tempo. Continuo a subir e, quando chego ao cimo, o corredor está às escuras, à excepção de um feixe de luz que sai de uma porta entreaberta ao fundo.

Aproximo-me o mais sorrateiramente que posso, caminhando agachado ao longo do corredor. Não se ouve absolutamente nada no quarto. Estarão à minha espera? E se assim for? E se não?

Espreito através da abertura e não vejo ninguém. Tudo o que vejo é um quarto que recebeu a visita da desordem e foi assaltado pela preguiça. A cama por fazer, livros caídos no chão, uma mesa virada, papéis por toda parte. Empurro a porta um pouco mais, para ver melhor o interior, sem saber de ciência certa se está alguém na zona, que não consigo ver, e com a esperança de que não seja assim. Assomo a cabeça um pouco mais e, quando a viro para a direita, para poder verificar o que me espera naquela zona, acontece o que tentava evitar.

Um homem bem-vestido fita-me directamente nos olhos, sem pestanejar. Miramo-nos durante um par de segundos sem dizer nada. Ele parece fazer parte de um equilíbrio perturbador, de uma desanimadora combinação de contrastes que me faz duvidar de onde estou, se no céu ou no inferno, se vivendo ou morrendo: tem o cabelo branco e os olhos negros; a pele branca e um camisolão negro; um sorriso branco e uma alma negra.

— Olá — diz-me ele.

Por um segundo, não sei o que fazer nem o que pensar.

— Tu deves ser o Steven — continua ele. — Entra, amigo, não temos o prazer de nos conhecer.

Acabo definitivamente de empurrar a porta, recomponho-me e entro no quarto sem sequer saber o que estou a fazer. Não sei se hei-de sacar da faca e de acabar com ele agora mesmo ou de esperar para ver como se desenrolam os acontecimentos.

— Olá — digo-lhe eu sem saber porquê.

— Como é? É ela?

— Quem?

— A rapariga. É a Jennifer Trause?

— Ah, sim.

— Genial, genial. Deve ser ela. Não pode ser outra. Já falta pouco, deves estar impaciente.

— Sim, embora não vá ficar.

— Ah, não? Podes ficar, tenho a certeza de que eles não se importam.

— Quem?

— Os outros.

— Não, prefiro ir-me embora, obrigado. Já vi muitas.

— É sempre uma experiência, sabes? — diz o degenerado com ar de entusiasmo.

— Sim, imagino.

— Onde está?

— Deixei-a lá em baixo com os outros.

— Bem, bem. Então suponho que deveria ir já lá para baixo.

— Sim.

— Se não vais ficar, vai-te embora quanto antes. Não creio que os outros achem muita graça que fiques a deambular por aí se não vais participar.

— Sim, vou fazer isso.

Recuo e preparo-me para sair do quarto antes que mais alguém nos ouça falar e decida juntar-se à conversa. Tive a sorte de ele não conhecer o aspecto físico de Steven e me ter confundido com ele. Enoja-me a maneira como me sorri o Guernica andante, o homem bicolor. Quando estou sob a moldura da porta, prestes a sair, ele diz-me:

— Tinham-me dito que eras mais velho. Não te imaginava tão novo.

Virei-me para trás sem saber o que responder.

— Estou bem conservado.

Ele fica a olhar-me sem expressão, durante uns momentos. Se sabe a idade de Steven, deu-se conta de que não posso ser eu. Descobriu-me, desmontou a minha ficção e tenho a impressão de que está prestes a avisar os outros. Se levantasse a voz, não tardariam a desaparecer na escuridão da noite, e eu não os veria mais. Perder-se-iam, iriam esfumar-se e poderiam passar outros dez anos até voltarem a cometer um erro e eu descobrir onde estavam. Estou prestes a sacar a faca do lado da mochila onde a trago. Apalpo-a com a mão direita quando ele me diz:

— Alguns têm essa sorte. Os anos passam e conservamo-nos inalterados.

— Sim — respondo aliviado.

— Até à próxima, amigo.

— Adeus.

Agora que saí do quarto e caminho pelo corredor escuro até às escadas, mal me lembro da cara dele. De certo modo, as suas feições deformaram-se

na minha mente, e agora não vejo mais do que um borrão onde devia haver um rosto por cima de uma camisola negra e por baixo de um cabelo branco.

Continuo a andar pelo corredor, sem saber muito bem o que aconteceu, pensando na sorte que tive. Posso voltar ao quarto e assassiná-lo ali mesmo, mas arrisco-me a que os outros ouçam alguma coisa e fujam acobardados. Não poderia consentir outra fuga, outra busca infrutífera. Este é o único método para me acercar dela, para a recuperar, e tenho de chegar ao fim, seja qual for o preço.

Capítulo 42

15 de Junho de 1996. Salt Lake

Amanda correu descalça pelas escadas acima, entrou no quarto e abriu o armário. Havia três calças de ganga, duas blusas (uma bege e outra cor-de-rosa), um camisolão cinzento, duas camisolas (uma branca e outra azul), um *top* florido e uma saia branca de *chiffon*. Na sua mente, criou todas as combinações possíveis com aquela roupa: a qualquer homem teriam parecido demasiadas possibilidades, a ela, agora que tinha um encontro com Jacob, pareceram-lhe uma centésima parte das que deveriam ser.

Vestiu-se com as primeiras calças de ganga em que agarrou e com uma das blusas e saiu para o jardim das traseiras à procura da mãe e da irmã. Enquanto caminhava, entrevia-se-lhe um leve sorriso na cara, um toque de uma nova cor, mudanças imperceptíveis para qualquer um, mas denunciadoras para a mãe dela. Kate estava com Carla dentro do barracão branco, que servia de armazém de artefactos e dos utensílios para cuidar do jardim, e de vez em quando soltavam um ou outro gracioso gritinho quando, pelo vento ou pela inércia, alguma das bugigangas que estavam penduradas nas paredes se movia. Para Carla era uma aventura, para Kate era a maior congregação de teias-de-aranha e de sujidade que vira na sua vida.

— Carla, não toques em nada.

— Olha para aquela aranha!

— Ai, meu Deus, vamos já embora daqui.

— O que é isso?

— O quê?

— Isso que está na parede.

O ar dentro do barracão estava pejado de partículas de poeira a flutuarem

e, embora houvesse luz suficiente no interior, a parede que se encontrava mais afastada das janelas estava suficientemente escura para não se verem as ferramentas que lá estavam penduradas.

— Alguma ferramenta?

— Não, o desenho.

— Que desenho?

— O que está aí por trás.

Nesse preciso momento, Amanda abriu a porta do lado de fora, pronta a entrar, fazendo Kate e Carla gritarem em uníssono.

— Que susto, Amanda — disse Kate.

— Já estás acordada — exclamou Carla.

Amanda não respondeu. Ficou petrificada com a imagem que estava a observar. Atrás da mãe e de Carla havia um enorme asterisco que cobria toda a parede. Não tinha uma linha mais longa que a outra, não havia nenhum traço mais deformado que o resto. Estava pintado a tinta preta, e as pinceladas tinham sido feitas com um delicado esmero.

— Que se passa? — perguntou Kate.

Amanda não disse nada. Limitou-se a levantar a mão para elas, apontando para a parede. Kate virou-se para trás e também o viu. Sem saber porquê, aquilo inquietou-a. Um símbolo sem significado a cobrir uma parede do barracão. Para Amanda, transformada numa torrente de sentimentos pela visita de Jacob, aquilo foi demais. A sua mãe não sabia, mas ela tinha aquele mesmo símbolo que ocupava uma das paredes do barracão desenhado no verso de um bilhete envelhecido com o nome dela e com a data. A sua mente e o seu corpo eram um turbilhão de sensações, e tremia porque não conseguia adivinhar o significado daquilo.

Kate apercebeu-se de outra coisa. Apesar de ser um símbolo demasiado vulgar, nunca tinha visto nada assim na sua vida. O desenho passava por cima de algumas das ferramentas, como se não importasse que elas estivessem ali no momento em que o pintaram. Não havia pingos de tinta no chão, nenhum sinal de erro humano naquela perfeição.

— Um asterisco na parede. Ora aqui está uma novidade — disse Kate.

— E, portanto, eu é que não posso pintar nas paredes — disse Carla a

sorrir, mostrando o buraco entre os dentes.

— O que significará isto? — perguntou Kate para si mesma.

Amanda não sabia a resposta para aquela pergunta, mas sabia de ciência certa que tinha a ver consigo. Esteve prestes a falar-lhe do bilhete, debateu-se entre um socorro e um eu trato disso, e aquele símbolo na parede inclinou a balança para o pedido de ajuda, mas conteve-se.

— Não faço ideia — disse Amanda.

Tinha prometido à mãe que tornaria a sua estadia mais suportável; tinha prometido a si mesma, após o episódio em que a vira esforçar a vista por causa da sua insignificante pulseira, que não a preocuparia com ninharias.

— É estranho, não achas?

— Faz-me medo — disse Carla.

— Tem nove pontas — assinalou Amanda. — Isso é o que mais me preocupa.

— Porquê? — perguntou Kate.

— Quando escreves um asterisco, fazes linhas que partem de uma ponta para outra — respondeu Amanda.

— Que queres dizer?

— Que a cada movimento da caneta fazem-se duas linhas, de um lado para o outro, terminando na outra extremidade após passar pelo centro, e por isso tem sempre um número par de pontas. Este tem nove.

— Não deixa de ser curioso — reconheceu Kate.

Carla contemplava o símbolo com uma espécie de admiração e incredulidade, mas apercebera-se do olhar de estranheza de Kate e de Amanda face àquele desenho e ficara um pouco assustada, embora não percebesse bem porquê.

— O que fazemos com ele? — continuou Kate, sorridente, tentando retirar importância ao assunto.

— Eu cá acho de mau agouro — disse Amanda.

— Que vos parece se o taparmos?

— Com quê?

— Aquela manta velha que ali está? — disse Kate ao mesmo tempo que se aproximava de um montão de trapos velhos que estavam junto de um estreito

pilar de madeira. Pegou na manta desbotada e coberta de pó e levantou-a por cima das ferramentas na parede onde se encontrava o símbolo. Pendurou a manta entre dois dos ganchos para ferramentas, e o asterisco ficou assim completamente coberto.

Saíram do barracão com uma sensação de estranheza que não conseguiam compreender. Caminhavam pelo jardim em direcção à casa, caladas, quando Amanda enfiou as mãos no bolso das calças e sentiu algo. Sem se dar conta do que apalpava, retirou o conteúdo do bolso à vista da mãe. Quando se apercebeu do que era aquilo, já era tarde demais.

— O que é isso? — disse Kate.

— Nada, mamã — respondeu Amanda, sem ter tempo para improvisar.

— Deixa-me ver — disse ela, agarrando a mão da filha e apoderando-se do bilhete amarelecido.

Capítulo 43

27 de Dezembro de 2013. Boston

Apesar de a madrugada já se ter apoderado da conversa, Jacob estava mais desperto do que havia mostrado em qualquer momento durante as horas anteriores. Stella continuava a ouvi-lo, quase sem intervir, e ia tomando leves anotações no seu caderno. Tinha estado a pensar na possibilidade de lhe fazer alguns testes de Rorschach, para interpretar os seus primeiros pensamentos e a sua capacidade de associação de ideias, mas achou que não. Porque a história de Jacob era mais importante do que o seu próprio protocolo ou do que o FBI definira para este tipo de caso. Começava a entrever a personalidade dele, um indivíduo cheio de ódio e de amor em partes iguais, embora ainda não fosse claro para si o envolvimento directo dele na morte de Jennifer Trause e de Claudia Jenkins. Esta última havia-a afectado bastante, dado ter sido uma testemunha directa da prostração do pai dela, o director do centro.

— Como pensavas fazê-la adivinhar o nome dela? Isso não faz sentido. Ela já sabe o seu nome — disse Stella.

— Deixa-me contar-te como é maravilhosa a mente humana.

— O quê?

— No próprio dia do encontro com ela, escrevi numa folha em branco todos os nomes que me haviam ocorrido, um após outro, com um espaço de apenas meio centímetro entre eles. Tentei que todos tivessem o mesmo tamanho de letra, que nenhum se destacasse dos restantes.

»Tomei duche como creio que nunca mais voltei a fazer. Enquanto o fazia, lembro-me de que estive numa espécie de limbo mental em que nos imaginava a vivermos juntos para sempre. Estava exaltado, eufórico,

entusiasmado. Tinha a sensação de haver encontrado a única coisa que me daria vida de novo após a morte da minha mãe, a única que me faria sonhar e viver a vida que sempre quis. Nada podia falhar. Meia embalagem de champô depois, saí dali convencido de que iria conseguir que ela saísse comigo e de que, além disso, poderia beijá-la, algo que desejava com toda a minha alma.

Jacob endireitou-se na cadeira, aproximando-se de Stella por cima da mesa. Estava manietado e não podia aproximar-se mais do que lhe era permitido pela flexibilidade das algemas, mas Stella não reagiu. Não se assustou, não se amedrontou. Algo nela estava a mudar na maneira de lhe interpretar as palavras. O seu rosto ganhou uma espécie de olhar compassivo, compreensivo. Tinha começado a entender que Jacob era apenas uma pessoa carregada de amor, que por algum motivo havia perdido o norte.

— Jacob, queres descansar e continuar amanhã?

— Nem pensar.

— São três da manhã.

— Isto é muito mais importante do que dormir.

— Tu amavas a Amanda, não é verdade?

— Mal a conhecia, não tivera tempo suficiente para falar com ela, mas sabia que era a mulher da minha vida.

— Conta-me o que aconteceu quando se encontraram.

— Impaciente?

— Curiosa.

— Fico contente — disse Jacob sorridente. Pela primeira vez desde que Stella o havia conhecido, o sorriso dele pareceu-lhe sincero. Nesse sorriso não mostrava os dentes, era um gesto leve, erguendo um dos lados dos lábios.

— Continua, por favor — pediu a agente enquanto agarrava na esferográfica e baixava rapidamente o olhar para o caderno.

— Cheguei a casa da Amanda às quatro e meia. Tínhamos combinado às cinco, mas eu não aguentava mais. Não queria que se sentisse mal por me fazer esperar, por isso fiquei a deambular pela zona antes de lhe ir bater à porta. Aproximei-me da casa em frente à da Amanda. Era uma velha casa de madeira corroída. Chamou-me a atenção porque era exactamente o oposto da casa onde ela morava. Num mundo de oposições, em que tudo parecia ter o

seu contrário, até aquela velha casa de madeira contemplava todos os dias a sua antagonista no passeio em frente. O telhado de uma, perfeitamente cuidado; o da outra, completamente corroído; as paredes de uma, de um branco perfeito; as da outra, sem cor, sem tinta, corrompidas pelo tempo. Estava a observar a velha casa quando saiu de lá um homem, de uns trinta anos, com pressa e ar de preocupação. Fiquei a olhar para ele, e passou ao meu lado enquanto acelerava o passo em direcção ao centro da povoação. Não sabia o que lhe tinha acontecido, mas naquele momento não me importava. Só queria que o tempo passasse para ver a Amanda. A visão das duas metades daquela rua não teve grande importância para mim, a não ser anos mais tarde, quando descobri quem era o homem que saiu daquela casa velha.

— Quem era? — perguntou Stella.

Nesse mesmo instante, a porta da sala em que estavam abriu-se bruscamente, batendo contra a parede e fazendo Stella gritar de susto.

Capítulo 44

27 de Dezembro de 2013. Boston

O director entrou de rompante na sala onde Stella estava a entrevistar Jacob. O médico não esperava que a avaliação psicológica continuasse àquelas horas. Pensava que Jacob já estaria na cela de reclusão e Stella em sua casa, mas, quando passara pelo longo corredor em direcção à cela e vira a luz da sala 3E acesa, pensara que devia ser um engano. Antes de abrir, uma parte de si desejava que ele ainda estivesse lá dentro com Stella e que a avaliação psicológica tivesse seguido o seu curso natural; mas outra parte queria que ele estivesse na cela de reclusão, sozinho e às escuras, para se poder ver cara a cara com ele. Vinha pronto a fazer falar o «decapitador», como continuava a chamar-lhe mentalmente; tinha demasiadas perguntas para permitir que fosse ele a dirigir os tempos da sua declaração como lhe aprouvesse. Queria esclarecer se existia alguma relação entre ele, Laura e a morte da filha. Quando entrou e viu Stella naquela sala com ele, conteve-se.

— O que se passa aqui? — disse o director.

— Pregou-me um grande susto — exclamou Stella.

— Boa noite, Dr. Jenkins — disse Jacob. — Ainda não esperava vê-lo aqui.

O director olhou para Stella, tentando entender o que estava a suceder, procurando no olhar dela algum sinal que o ajudasse a acalmar-se. Ela gesticulou um «Não se preocupe» com os lábios, sem emitir som algum.

— Dr. Jenkins, creio que já conhece Jacob — disse Stella, tentando aliviar a tensão da situação.

— Jacob? É assim que te chamas?

— Dr. Jenkins, alegra-me vê-lo de novo. Isso significa que está a abrir os

olhos.

— A que te referes com isso, Jacob? — perguntou Stella.

— Como te disse, Stella, tudo isto é muito maior do que possas imaginar. Não se trata apenas de uma morte isolada, nem de duas, como vos constou. Trata-se de muito mais.

— Queres dizer que não assassinaste apenas a Jennifer Trause e a filha do Dr. Jenkins, mas mais vítimas?

— Não fui eu, Stella — respondeu ele categórico. — Parece que ainda não entendes a realidade que se abre diante de ti.

— Estás a dizer-me que há um assassino na rua, com quem colaboras?

— Eu não disse isso.

— Então?

— Em suma, sim, há um assassino lá fora, que se dedica a decapitar mulheres. Se eu colaboro com ele? Não. Mas deixa-me chegar ao fim do assunto. Sucede algo terrível, a imundície humana no seu máximo esplendor. Mas ainda não estás preparada para entender a origem de tudo, nem o motivo por que estou aqui.

— Um assassino lá fora? — disse Stella.

Jacob não respondeu e desviou o olhar para o director.

O director contemplava-o, atónito. Vê-lo ali a falar com aquela tranquilidade deixava-o destroçado. Tinha chegado ao centro psiquiátrico com mil perguntas para resolver com o prisioneiro, mas, ao vê-lo tranquilamente sentado com Stella, num estado de calma e a falar com um tom malicioso, repleto de serenidade, ficara sem saber por onde começar.

— Jacob, que significa isto? — perguntou o director enquanto pousava em cima da mesa o bilhete amarelado com o nome da sua filha.

Jacob acercou-se da mesa e observou-o. Desenhou no seu rosto um leve sorriso e levantou o olhar para o director durante uns segundos.

— Pensava que nunca chegaríamos a este momento — disse Jacob.

— Por favor, diz-me o que significa este bilhete — disse o director, quase a começar a chorar.

— Lembra-se quais foram as primeiras palavras que eu lhe disse?

— Que lamentavas a morte da minha filha — respondeu o director.

— E lamento, muito mais do que possam pensar. Mas não foi exactamente isso que eu lhe disse.

— Por Deus, quais foram as tuas palavras.

— «Lamento que a sua filha tivesse de morrer, Dr. Jenkins.»

O director deu um passo atrás, aturdido.

— Sim, e daí?

— A sua filha não morreu porque eu quisesse, ou porque alguém quisesse que ela morresse. A sua filha morreu porque tinha de ser — disse Jacob fulminante.

— Olha lá, filho da puta, se me estás a dizer que a minha filha de dezassete anos morreu sem motivo aparente, irei encarregar-me de que ficas trancado para o resto da tua vida.

— Pelo contrário, Dr. Jenkins. A sua filha morreu por um motivo maior do que possa imaginar. Se me pergunta o significado do bilhete, é simples. Esses bilhetes foram aparecendo por todo o país, há muito tempo, e sempre estiveram associados à morte da pessoa cujo nome está escrito neles. A data para mim é um enigma, algo que não consigo entender, mas reflectem sempre o mês em que essa pessoa tem de morrer.

— O que estás a dizer? — perguntou o director.

— Que, durante mais de dezassete anos, mulheres de todo o país morreram às mãos das pessoas que escrevem esses bilhetes.

— Dezassete anos? — perguntou Stella, que se levantara da cadeira um pouco nervosa. — Isso é desde 1996.

O director calou-se.

— Dr. Jenkins — disse Jacob —, creio que, pouco a pouco, vai começando a perceber que o senhor é uma das peças-chave deste quebra-cabeças, não é verdade?

O director fitava-o, estupefacto. Stella aproximou-se de Jacob, que continuava preso à cadeira, e tocou-lhe no braço. Esse gesto perturbou-o e desviou o olhar para ela, sem saber muito bem como se comportar. Teve-a a uns escassos vinte centímetros e conseguia sentir o cheiro do cabelo dela.

— Jacob, se na verdade há mais assassinos lá fora, preciso que nos ajudes a detê-los — disse Stella.

- É isso que irei fazer, Stella.
- Diz-me, Jacob, o que aconteceu em 1996?
- Salt Lake — respondeu o director.

Capítulo 45

27 de Dezembro de 2013. Desconhecido

A sombra movia-se mais inquieta do que nunca de um lado para o outro do salão de um lúgubre piso em ruínas onde as infiltrações, as negruras, a porcaria e a sujidade impregnavam as paredes. O facto de ter desligado o telefone uns instantes antes, e de ter ouvido o nome de Claudia Jenkins, deixara-a desconcertada. Aquela sombra circulava pela sala numa espécie de circuito ilógico que partia do cadeirão roído pelos ratos até à mesinha sem vidro e ao sofá cinzento. A cada passo, afastava alguns dos restos de lixo que se amontoavam no chão, sem fazer caso da porcaria pegajosa que lhe ficava debaixo dos pés. Numa dessas voltas, mudou de rumo e entrou no quarto contíguo sem acender a luz. Na escuridão do aposento, agachou-se, pegou num livro grosso que estava no chão e pousou-o em cima de algo que parecia ser uma cama desfeita. Voltou para o salão arrastando os pés, enfiou a mão direita num dos montões de lixo que havia a um canto e, como se nem precisasse de olhar para a encontrar, tirou de lá uma faca. Regressou ao quarto e, às escuras, abriu o livro numa página ao acaso. Acercou-se para ver o conteúdo daquela página, mas a falta de luz tornou-o impossível. Agarrou na faca com firmeza, contemplou o fulgor da lâmina desta por alguns segundos e aproximou-a do livro. Com muito cuidado, começou a cortar uma das páginas com a faca. Quando já chegara a meio do corte, pousou-a de lado e rasgou o resto com as mãos. Contemplou a página arrancada durante uns minutos, quase sem ver nada do que ali se mostrava. Agarrou na página, dobrou-a em quatro partes e saiu de novo para a sala. Acendeu um candeeiro coberto de fuligem que estava sobre um móvel de madeira humedecido nas arestas e deixou a folha dobrada em cima dele. Ficou a olhá-la por uns

segundos, tirou um lápis do bolso e preparou-se para escrever. Quando terminou, a luz da lâmpada mostrava o que tinha escrito num dos lados da página: um asterisco de nove pontas perfeito.

Capítulo 46

23 de Dezembro de 2013. 23h45. Boston

Pobre Steven. É só nisso que penso. Já não carrega a sua vítima. Deixou-a em alguma parte da casa e agora, ajoelhado, contempla um quadro que ocupa uma parede de um dos aposentos do piso inferior. De onde está não me vê; nem eu vejo o quadro que ele observa, mas, pelo seu choro, pela sua expressão de dor, deve significar muitíssimo para ele. Quando parece ter terminado a sua prece, levanta-se do chão, enxuga as faces com a mão direita e vira-se bruscamente para mim. Está iluminado dentro da sala; eu estou na penumbra do corredor. Por um segundo, creio que ele me consegue ver, parece que dirige o seu olhar para os meus olhos, mas dou-me conta de que não é assim. Tem o olhar perdido, como se estivesse afundado numa espécie de transe, em alguma memória, em algo que o perturba. Quando me dou conta, ele começa a andar na minha direcção, e encosto-me então rapidamente a um dos móveis do corredor. Passa ao meu lado sem se deter e sem se aperceber da minha presença. O rasto dele deixa no ar um estranho fedor almiscarado que me fica cravado na mente: cheiro a terra, a folhagem, a folhas secas, a clorofórmio. Fico a vê-lo afastar-se na escuridão enquanto ele caminha inexpressivamente até ao fundo do corredor. Não consigo parar de pensar em tudo o que Steven teve de sofrer para chegar aqui, em como sucumbiu às pretensões dos Sete, agarrando-se a uma ideia macabra, ilógica e de nefastas consequências, tanto para ele como para as restantes vidas. Quantas mortes já provocaste, Steven?

Penetro na sala onde ele estava, na esperança de saber para onde olhava e porque ficou tão perturbado diante daquele quadro. Agora que o vejo, entendo tudo: pendurada na parede, numa pretensiosa moldura de nogueira

envelhecida, encontra-se uma réplica, ou o que parece ser uma réplica, do *Átropos* de Goya. Um quadro que representa as Parcas, as tecedeiras do destino dos homens. Reconheço-o instantaneamente. Nos meus anos em busca dos Sete, havia descoberto que eles tinham uma truculenta fixação pelo destino das pessoas e pelas figuras das Parcas. O quadro mostra, em tons negros e acinzentados, um homem ajoelhado no centro, com as mãos amarradas atrás das costas. Atrás dele encontram-se, com posições ritualistas, as três Parcas: *Átropos*, situada à direita, empunha uma tesoura com a qual corta o fio da vida; *Cloto*, à esquerda, tece-o e segura um recém-nascido; e *Láquesis*, que mira através de uma lente o comprimento da fibra. Agora entendia porque Steven se fora abaixo diante daquela imagem. Transmítia a sensação tenebrosa da impotência face ao destino. Na obscuridade do quadro mostrava-se a incapacidade daquele homem para decidir a sua vida, decidir o comprimento do seu fio, ficando à mercê das três bruxas. Sei que Steven se encontra na mesma situação face aos Sete, à mercê do que eles decidirem, mas isso não tardará a acabar.

Dou-me conta de que a sala em que estou é o estúdio que vi do lado de fora, no qual não havia ninguém. Em cima da secretária de madeira está um livro grosso com capa de couro. Aproximo-me dele e vejo o tomo: na capa encontra-se, pintado com tinta preta, o asterisco de nove pontas. O mesmo que estava no verso do bilhete de Amanda. Abro-o, e uma torrente de adrenalina percorre-me todo o corpo. Página após página, uma lista interminável, escrita à mão, de nomes e datas. Na primeira folha conto mais de cem. Um após outro, comprovo que naquela lista da morte só há nomes de mulheres e que todas as datas já passaram. A primeira data começa em Março de 1996 e, depois de passar mais de quinze páginas escritas, encontro a data da última entrada: «Jennifer Trause, Dezembro de 2013.»

Com uma rápida vista de olhos, apercebo-me de que existem anos em que quase não há anotações: 2001, um nome; 2010, quatro nomes; mas outros anos, se cada nome representa o que creio, são um verdadeiro massacre: 1999, uns duzentos; 2005, mais de trezentos. Reconheço nomes escritos noutras línguas: espanhol (Marta Díaz, Laura López, María Gutiérrez), italiano (Bianca Gazzani, Francesca Ricci, Giulia Moretti) e até chinês (

春華, 利芬). Pensar que estes degenerados conseguiram assassinar mais de mil mulheres faz-me vomitar. Não consigo controlar a sensação de asco que sinto em relação a eles. Hoje têm de morrer.

Recomponho-me e volto às primeiras páginas do livro, com mais medo do que entusiasmo, desejando estar enganado. Depois de ler os primeiros quinze nomes da lista, sinto-me como se estivesse a cair de um arranha-céus, e é como se o estômago me tivesse subido para o peito. Ali está, entre outras duas entradas com a mesma data, o nome dela: «Amanda Maslow, Junho de 1996.»

Capítulo 47

15 de Junho de 1996. Salt Lake

— Que diabo é isto, Amanda?

— Não é nada, mamã. Dá-me isso, por favor — disse Amanda tentando tirar o bilhete da mão da mãe.

— Amanda, fica quieta — gritou Kate.

Leu em voz alta, como se não entendesse o que lá estava escrito, enquanto continuava a andar em direcção à casa: «Amanda Maslow, Junho de 1996.»

— Esta é a tua letra? Não me lembrava dela assim.

— Dá-me isso, mamã.

— Porquê tanto alvoroço? É só um bilhete. Ah, já sei. É uma carta de algum rapaz?

— Não, não é isso, mamã. Dá-mo.

Kate virou o bilhete, sem sequer imaginar o que iria encontrar: o mesmo asterisco de nove pontas que tinha visto momentos antes, cobrindo a parede do barracão. Quando o viu, Kate parou de repente e ficou paralisada.

Amanda gritou, tentando explicar o inexplicável.

— Mamã, por favor.

Sem saber porquê, Kate girou sobre si mesma, ignorando Amanda, e regressou ao barracão com o bilhete na mão. Puxou uma das extremidades da manta que cobria o símbolo e deixou-o à vista. Ficou absorta a olhar para a parede, pensando que se tratava de um erro, e tornou a olhar para o asterisco do bilhete. Eram iguais, idênticos na sua perfeição, na sua incompreensível ausência de erro humano. Deixou cair o papel ao chão, desconcertada perante aquela imagem turbulenta. Contemplou-a por mais alguns segundos, sem ouvir as explicações vazias de sentido de Amanda.

Kate virou-se para Amanda e disse:

— Não posso crer que sejas capaz de cometer esta barbaridade.

— O quê? — disse Amanda.

— Não entendo a tua atitude, Amanda. Eu tinha-te dado uma oportunidade, tu aproveitas e retribuis pintando uma parede de uma casa que não é tua. Estou decepcionada contigo.

Amanda não acreditava no que ouvia. «Só me faltava isto. Pensa que é a minha letra e que fui eu quem pintou aquilo.»

— Amanhã de manhã voltas para Nova Iorque — disse-lhe Kate.

— O quê? — respondeu Amanda. — Juro-te que não fui eu, mamã.

— Então explica-me quem foi. Tens um bilhete com o teu nome e com um sinal que por acaso também está desenhado na parede. Amanda, não penses que sou estúpida. Amanhã vais já ter com a tua tia a Nova Iorque, e estas férias acabaram para ti. Custa-me por causa do teu pai, sabes? Este ano ele tinha grandes expectativas de que passássemos umas férias em família como há muito tempo não tínhamos, mas vejo que te transformaste numa ingrata.

— Mamã, juro-te que não fui eu. Não quero ir para Nova Iorque. Quero ficar, juro-te. Não fui eu.

— Mas como tens o descaramento de mentir à tua mãe?

— Mamã, não te estou a mentir. Por favor, acredita em mim — respondeu-lhe Amanda entre lágrimas.

— Não há mais nada a dizer. Vai já para o teu quarto — ordenou Kate.

Carla assistia à discussão sem saber o que fazer. Não gostava de ver a irmã mais velha chorar e viu-a afastar-se, desconsolada, correndo em direcção à casa.

— Mamã — disse Carla. — Ela não pode mesmo ficar?

Kate agachou-se ao pé da filha, acariciou-lhe o rosto e disse:

— Carla, querida, este ano a tua irmã não queria vir para cá e decidiu que era melhor pintar um desenho onde lhe apeteceu, e numa parede de uma casa que não é nossa, do que estar connosco. É melhor que ela vá ter com a tia Iris, e daqui a duas semanas talvez já tenha pensado melhor nas coisas.

— Queres dizer que ela não gosta de nós?

— Não é isso, amor. A Amanda vai gostar sempre de nós, querida, mas

tens de entender que ela está numa fase em que dá mais valor a outras coisas do que à nossa companhia.

Carla ficou entristecida ao pensar que a irmã, com quem sempre se rira e divertira, agora não se comportava como era costume. Ainda com esse pensamento, caminhou em direcção à casa, subiu as escadas e entrou no quarto de Amanda, onde esta estava a chorar, deitada em cima da cama.

— Amanda, eu gosto muito de ti. Vou sentir a tua falta se te fores embora.

Então ela olhou para cima, pois não se havia apercebido da presença da irmã até ouvir as palavras dela. Surpreendeu-a o facto de ela estar sempre presente, em cada um dos seus maus momentos. Enxugou as lágrimas com as costas da mão, sentou-se e abraçou-a.

— Eu vou sentir a tua falta nestes dias, pequenita — disse-lhe.

— Não vás, Amanda.

— Não posso ficar. Tu ouviste a mamã.

— Sim, mas havemos de convencê-la.

— Não te preocupes. Talvez seja o melhor. Vou-me embora de Salt Lake, e reencontramo-nos na cidade, talvez assim a mamã também ganhe alguma vida, porque até agora ainda não conseguiu gozar as férias.

— Mas vais perder a feira!

— A feira! — gritou Amanda.

— Sim, a feira — disse Carla.

— Oh, não, esqueci-me do Jacob!

Capítulo 48

27 de Dezembro de 2013. Quebeque

Steven rondava de um lado para o outro pelos arredores da cabana. Estava exausto, mas não podia ir deitar-se. A visão de haver cometido uma atrocidade com alguém com quem não deveria tê-lo feito causou-lhe um estremecimento. Nos seus anos como advogado, sabia que se despojaria de preconceitos para poder ganhar a vida e prover a sua família de uma posição confortável. Depois do que acontecera em Salt Lake, a sua missão de protecção à família tomara para ele uma nova dimensão. Durante muitos anos a participar nas actividades dos Sete, sentia-se alheio ao que acontecia, abstraído das suas acções. Ao fim e ao cabo, não era ele que concluía o processo. Considerava-se um mero intermediário que oferecia o que lhe pediam para poder recuperar a sua vida. Agora que havia a possibilidade, após o telefonema, de ter assassinado Claudia Jenkins em vão, sentia-se perdido, não sabia o que fazer e olhava, trémulo, para a fossa onde Susan Atkins dormia.

O Sol já se havia levantado, iluminando os pinheiros cinzentos cobertos de geada que rodeavam a cabana. Steven sentou-se em cima de um tronco de madeira, fechou os olhos, juntou as mãos e começou a rezar uma prece em voz baixa. Nunca fora católico. A sua vida na cidade havia-o distanciado das crenças, algo que atribuía à sua falta de tempo. Apesar do seu trabalho, em que tinha de jogar com os limites das interpretações da legislação e as suas constantes mentiras para vencer casos, comportava-se como um cidadão exemplar: tratava toda a gente bem, adorava passar tempo com a família e era um bom vizinho. Agora que vivia afastado da realidade, que destruíra vidas e distribuía morte, não havia dia em que não rezasse. Nas suas orações não

pedia perdão pelo que fazia, não se sentia arrependido de modo algum, mas pedia que o seu objectivo se cumprisse.

Levantou-se do tronco num salto e deu-se conta de que Susan Atkins estava a tiritar. A temperatura descera drasticamente na última noite para vinte graus abaixo de zero, e pensou que ela poderia morrer de hipotermia, apesar da manta que já lhe tinha dado. Algo mudara nele, na sua maneira de olhar. Sentia por ela uma mistura de pavor e de carinho, como se aquele telefonema lhe tivesse feito recuperar o sentido da responsabilidade: por um lado, porque se sentia culpado directo da morte da rapariga; por outro, porque não sabia ainda ao certo que diabo estava a fazer. Acercou-se de um dos lados da cabana, agarrou numa escada de alumínio e pousou-a à beira da fossa. Susan Atkins olhou para cima sem entender o que estava a acontecer. Steven debruçou-se e disse-lhe:

— Susan, vou tirar-te daí. Mas primeiro tens de me prometer uma coisa.

Susan não acreditava no que estava a ouvir. O seu captor, por quem horas antes se sentia assassinada, dava-lhe a vida.

— Seja o que for — foi a única coisa que se atreveu a responder.

— Não vais tentar fazer nenhuma idiotice. — Susan ficou calada, a tremer de medo, e assentiu. — Se tentares fugir, mato-te. Se tentares fazer-me algo, mato-te. Não hesitarei um segundo em fazê-lo. Entendido?

— Sim — sussurrou ela entre lágrimas.

Steven introduziu a escada na fossa e estendeu uma mão enquanto Susan trepava por ela. Fitava-a nos olhos e, quando ela se agarrou à sua mão forte, um nó tolheu-lhe a garganta. Há demasiado tempo que deixara de ser cordial, de ser bondoso. Naquele momento viu de novo Amanda no olhar assustado da garota. Nessa visão de Amanda, via-a a pedir-lhe que não se rendesse tão perto do fim, que já causara demasiados danos para agora voltar atrás. Com a mão de Susan segura, ficou paralisado a olhar para ela. Esta não sabia o que fazer, o que significava aquilo. Steven contraiu a mandíbula e disse-lhe:

— Lamento, Susan. Não posso.

— Por favor, por favor — implorou ela.

Steven abriu a mão e deixou-a cair contra o fundo da fossa. A pancada deixou-a inconsciente. Steven foi à camioneta, pegou no machado e desceu a

escada até ao fundo da fossa. Ergueu o machado com as duas mãos e, coberto de lágrimas, ajoelhou-se, deixando-o cair atrás das costas. Não podia fazer aquilo mais uma vez.

— Perdoa-me, Amanda — disse, entre lamentos.

Agarrou na manta, envolveu Susan nela, pendurou-a ao ombro, subiu as escadas com ela e entrou na cabana. Deitou-a na cama com grande cuidado, sentou-se ao seu lado e esperou, impaciente, até que ela acordasse enquanto lhe segurava numa mão.

Passaram-se mais de cinco horas até que Susan acordou, atordoadada. Steven só saíra do lado dela para preparar um caldo quente para lhe dar quando abrisse os olhos. Quando o viu, Susan deu um salto e pôs-se em pé em cima da cama, numa tentativa de se mostrar corajosa frente ao seu captor. Steven emocionou-se ao ver que Susan estava bem e disse-lhe:

— Não precisas de te preocupar. Não te vai acontecer nada.

Susan desceu, caminhando de costas desde a cama na direcção oposta àquela em que Steven se encontrava. Observava-o atentamente, com os seus olhos cor de mel, enquanto ele fazia gestos de calma com as mãos.

— Susan, não tens nada a recear. Não te vou fazer mal.

— Já disseste isso antes — respondeu Susan.

— Agora é verdade.

— E como é que eu sei?

— Estás viva, não?

Susan ficou imóvel, observando a corpulência de Steven, e compreendeu que se ele quisesse matá-la, o faria de qualquer maneira.

— Onde estou? — perguntou Susan.

— No Quebeque.

Capítulo 49

27 de Dezembro de 2013. Boston

O director contemplava Jacob com um olhar decidido, enquanto este continuava com uma atitude calma. Stella não conseguia entender como o director sabia da existência de Salt Lake, sem ter estado presente nas entrevistas até agora.

— Como sabe que a história de Jacob se centra em Salt Lake? — perguntou Stella.

— Não sei — respondeu o director. — A minha história tem início lá.

— Não estou a entendê-lo, Dr. Jenkins. Viveu em Salt Lake?

— Comecei lá a minha carreira como psicólogo e, após vários anos, mudei-me para Washington.

— E o que aconteceu em Salt Lake? Porque é tão importante para ser a origem de tudo isto?

— Não sei o que aconteceu. Só sei que a minha mulher, a Laura, desapareceu dois dias depois de dar à luz a Claudia. Procurei-a durante vários meses, mas nunca mais apareceu. Agora penso que a Laura está de algum modo relacionada com a morte da Claudia e da outra rapariga, e com o Jacob.

Stella não percebia nada. Pensava que aquilo que Jacob lhe estivera a contar tinha a sua origem e o seu fim nele próprio, mas agora a situação parecia ser muito maior.

— O que o leva a pensar isso? — perguntou Stella.

— Isto — disse-lhe o director ao mesmo tempo que atirava para cima da mesa a fotografia que mostrava Laura reflectida no vidro da tinturaria.

— Parabéns, Dr. Jenkins — disse Jacob. — Está a chegar mais perto.

Stella contemplou a fotografia sem saber a que deveria prestar atenção.

— Quem é este homem? — perguntou Stella.

— Sou eu — disse o director. — Há dezassete anos. Mas concentre-se na montra da tinturaria. Vê-se nela quem está a tirar a fotografia.

— Uma mulher — disse Stella.

— Laura, a minha esposa — acrescentou o director. — No momento em que a fotografia foi tirada, há um ano que ela tinha desaparecido.

— Andava a vigiá-lo — deduziu Stella.

— Jacob, sabias que a Laura estava viva? — perguntou o director.

— Sim.

— E ainda está viva?

— Sim, Dr. Jenkins. A Laura está viva. Mas não gostaria de saber no que ela se tornou. Sei que às vezes entrava em contacto com a sua filha e lhe enviava essas fotografias para que ela compreendesse que estava perto.

— Onde está? — gritou o director.

— E isso importa alguma coisa? A sua filha está morta, Dr. Jenkins, e o senhor não pode fazer nada para o mudar.

O director lançou-se com as mãos sobre o pescoço de Jacob, empurrando-o e virando a cadeira a que ele estava algemado. Stella saltou sobre o director, que estava prestes a asfixiar Jacob, tentando impedir que o matasse. A cara do director era um vulcão em erupção. O sangue havia-se apoderado dela, transformando-a num cúmulo de ira e de ódio. Os gritos de Stella fizeram que dois guardas acorressem à sala onde eles estavam e irrompessem nela com ar de susto. Após alguns segundos de briga com os guardas, e quando Jacob estava prestes a perder os sentidos, o director soltou-o.

— Está louco? — gritou Stella.

Os dois guardas contiveram durante uns segundos o director, que bufava energicamente, até que este disse:

— Eu... lamento muito. Não sei o que me aconteceu. Podem largar-me, rapazes.

Os guardas, duvidando de que ele se tivesse acalmado definitivamente, soltaram-no pouco a pouco.

— Estás bem, Jacob? — preocupou-se Stella, aproximando-se dele e tentando levantá-lo. Um dos guardas ajudou-a a sentá-lo de novo.

Jacob manteve o olhar fixo no director e sorriu.

— O que tem a sua mulher a ver com isto, Dr. Jenkins? — perguntou Stella, aturdida.

— Não sei, agente Hyden.

— E porque diz que está relacionada? É uma fotografia de há dezassete anos. Isso não significa nada.

— A foto em si não diz nada, excepto que Laura estava viva. O que significa algo é aquilo que está por trás.

Stella virou a fotografia e viu o asterisco de nove pontas desenhado no verso.

— Um asterisco? Que quer dizer?

— Não sei o que quer dizer, mas veja isto — disse-lhe o director ao mesmo tempo que tirava o bilhete do bolso e o entregava a Stella.

— O bilhete com o nome de Claudia que vinha dentro da caixa. Não me faça lembrar disso.

— Veja a parte de trás — pediu-lhe o director com a voz entrecortada.

Stella ficou petrificada ao ver o mesmo asterisco atrás do bilhete. Eram os dois idênticos, nove pontas, escritos a preto e à mão.

— Não pode ser — disse Stella. — Onde encontrou essa fotografia?

— Tinha-a a Claudia. Creio que foi a Laura que lhas enviou. Não sei se era uma maneira de continuar junto dela de algum modo. O que é para mim evidente é que a minha mulher tem algo a ver com a morte da Claudia, apesar de ser sua mãe.

— Jacob — disse Stella —, foi em 1996 que tu foste viver com o teu tio em Salt Lake?

— Sim.

— Tiveste algo a ver com o desaparecimento da Laura? — perguntou Stella. — É isso que queres contar-me sobre esses anos em Salt Lake?

— Não — respondeu ele sério.

— Então, o que é?

— Quero contar-te isso, Stella. Mas só a ti. O Dr. Jenkins tem de resolver outra coisa na sua vida. Esqueceu-se, e não deveria ter-se esquecido.

O director sentiu-se expulso daquela conversa.

— O que é que eu esqueci, Jacob?

— Não se lembra, director? A sério, não se lembra? — gritou Jacob.

— Não sei do que estás a falar.

— Só lhe darei uma pista, Dr. Jenkins: 704 de Madison Avenue, em Boston.

— Um endereço? O que há aí?

— A sua verdade.

Capítulo 50

27 de Dezembro de 2013. Boston

O director pegou no caderno de Stella, apontou o endereço e saiu da sala a correr. Não se preocupou com mais nada. Algo em si lhe dizia que poderia encontrar Laura ali e recuperar um fragmento da sua vida desfeita em mil pedaços. Não tinha nada a que se agarrar, e a mera possibilidade de encontrar, naquele endereço que Jacob lhe dera, algo que o ajudasse a entender o que tinha acontecido, já não só com Claudia, mas com toda a sua vida, fê-lo entrar no carro com mais esperanças do que nunca. Mal havia falado com Jacob, mas ficara com a sensação de que ele não era um demente e de que, por outro lado, tinha uma capacidade de controlo da situação que era fora do vulgar. O endereço que ele lhe dera não ficava longe do centro psiquiátrico, e demorou pouco a lá chegar. Quando viu o prédio, saiu do carro com mais determinação do que alguma vez fizera antes: estava exaltado e exausto; motivado e abatido; o seu olhar era uma torrente de impulsos, mas o seu corpo desfalecia. A morte de Claudia, a tensão de encontrar as fotografias e o confronto com Jacob tinham-no deixado derreado. Acabava de amanhecer e, quando pôs um pé no portal do edifício em que esperava encontrar alguma pista, o seu telemóvel tocou.

— Sim? — respondeu.

Do outro lado não se ouvia nada.

— Está lá? — gritou.

— Não prossiga, doutor. Deixe isso. Ainda está a tempo — disse-lhe uma voz do outro lado da linha.

— Quem fala?

— Sou o Dr. Jenkins.

— O que quer dizer? O Dr. Jenkins sou eu.

A pessoa do outro lado desligou, fazendo que o som intermitente da chamada terminada o deixasse com aquelas palavras na boca. A mão do director que segurava o telemóvel tremeu, fazendo este cair ao chão. Não sabia quem lhe telefonara nem o que significava aquilo, mas não tinha tempo para pensar nisso. Entrou no portal ao mesmo tempo que saía de lá uma senhora idosa de cabelo grisalho, premiu o botão do ascensor e esperou. A luz vermelha do interruptor piscava e, a cada piscadela, o director ouvia os sons da chamada que acabara de desligar. Respirou fundo, contendo cada vez mais a respiração, numa tentativa de se descontrair. O elevador estava a demorar uma eternidade.

— Vá lá — gritou ele, batendo no botão do ascensor.

Sem conseguir esperar nem mais um segundo, desatou a correr pelas escadas acima, procurando com os olhos cada número do piso em que estava. Em cada patamar havia apenas uma única porta de madeira escura. Quando chegou ao quinto andar, parou. Acabara de perceber que não sabia para que andar ia.

— Que diabo estou eu a fazer? — disse ele. — Aquele filho da puta não me disse qual era o andar.

Sentou-se na escada, sem saber o que fazer. Estava desfeito. Jacob levava-o para longe do centro psiquiátrico, com uma pista incompleta, para se livrar dele.

— Porque me fazes isto? Porquê? — Tirou do bolso o bilhete com o nome da filha e observou o asterisco no verso. E viu. — Nove pontas. Não faz sentido — disse ele. — Nove pontas...

O director levantou-se da escada num salto e, guiado por uma espécie de intuição, prosseguiu a sua ascensão, piso após piso, até se deter num dos patamares e olhar para a porta com ar de estupefacção. Por cima da porta, estava uma placa oxidada com um «9». Riscado na madeira, e cobrindo toda a porta, estava o asterisco de nove pontas que havia no verso do bilhete.

— Não pode ser.

Aproximou-se da porta e tocou no asterisco. Fora gravado nela com tanta força que havia um sulco de um centímetro de profundidade. A porta estava

fechada. O director apoiou o ombro, tomou impulso com o corpo e investiu contra ela, quebrando a frágil fechadura que a mantinha trancada.

O interior estava às escuras, coberto por um negrume denso que não permitia ver além da entrada da porta. O director sentia medo, mas ao mesmo tempo queria descobrir o que havia ali. Queria descobrir o significado da morte de Claudia e o que tinha ele a ver com aquela história que remontava aos seus anos em Salt Lake.

Entrou e, após dois passos, tudo ficou escuro. As janelas estavam tapadas e permitiam apenas o acesso de diversos feixes de luz que iluminavam o pó. Sacou do telemóvel, tentando iluminar um pouco o espaço, mas, quando este caíra depois de receber a chamada, a bateria soltara-se, e o aparelho desligara-se. O director começou a tremer enquanto tentava ligar o telemóvel. Não via nada. Não conseguia ver as próprias mãos, e aquela situação perturbou-o. Deu mais alguns passos às escuras, tacteando uma das paredes. Apalpou aquilo que lhe pareceu ser um interruptor e, quando o accionou, uma luz ofuscante iluminou o aposento.

Capítulo 51

27 de Dezembro de 2013. Desconhecido

Não havia nada no mundo que unisse aquela sombra que deambulava de um lado para o outro do quarto com algum resquício de humanidade. Vivia num cubículo às escuras de um edifício alto nos arredores de Boston, rodeada de lixo, e alimentava-se com restos de comida. Quando aquela sombra corrompida pelo devir dos anos saiu do apartamento, iluminada pela luz da manhã, a cara dela tornou-se visível: as suas feições haviam-se deformado, o seu rosto dera lugar a uma velhice asfíxiante, a sua voz perdera o tom. Desceu as escadas mais depressa do que o seu aspecto teria sugerido e, quando chocou com o Dr. Jenkins à porta do prédio, não disse nada. Não estava à espera daquele encontro fortuito com ele, embora nesse mesmo instante soubesse que não lhe serviria de nada. Quis detê-lo na sua ascensão, mas decidiu ganhar tempo. Precisava de se afastar dali, de correr em qualquer direcção para longe daquele sítio. O nome de Claudia Jenkins ressoava-lhe na cabeça, e dirigiu-se ao primeiro quiosque que encontrou. Olhou para a imprensa à distância e leu os títulos: «Aproxima-se a maior vaga de frio dos últimos cinquenta anos», dizia o *Herald Tribune*; «A cela de isolamento do decapitador», titulava o *New York Times*, acompanhando-se de uma fotografia desfocada de uma sala acolchoada, tirada por um dos guardas do centro; «Morre decapitada a filha do Dr. Jenkins», destacava o *Washington Post*, a par de uma fotografia de uma caixa de cartão. A idosa afastou-se do quiosque, aturdida, e procurou um banco onde se pudesse sentar. A luz fatigava-a e causava-lhe tonturas. Continuava perto do edifício de onde tinha saído e sentou-se num dos bancos de um parque que lhe permitia olhar para o nono andar. Tirou um grosso livro de páginas amarelas e capa castanha da

mala que trazia. Abriu-o ao acaso numa das páginas e observou, compassiva, uma velha fotografia descolorida. Nela via-se o Dr. Jenkins a acariciar a face de Laura no hospital. Ela segurava Claudia nos braços e olhava-a como se não houvesse mais nada no mundo. Arrancou a fotografia do álbum e aproximou-a da boca.

— Lamento, Claudia, acabaram por te encontrar — sussurrou, deixando cair uma lágrima sobre a fotografia.

Guardou o livro na mala e caminhou energicamente em direcção ao carro do director, que se encontrava à porta do edifício, deixou a fotografia no pára-brisas e olhou para cima, contemplando o prédio.

— Não deve demorar — disse.

Ao fim de alguns segundos uma explosão fez voar pelos ares a janela do nono andar, causando o rebentamento de todos os vidros do edifício e o disparo dos alarmes em vários carros do estacionamento.

Capítulo 52

23 de Dezembro de 2013. 23h51. Boston

Pego no livro cheio de nomes, a lista da morte, e introduzo-o na mochila. Se não cumprir o meu objectivo, pelo menos terei uma prova a que me agarrar. Com esta lista a polícia poderá ao menos encontrar uma pista para investigar os desaparecimentos de várias raparigas em diferentes partes do mundo. A meia-noite aproxima-se, e tenho de me despachar. Não me posso demorar nem mais um segundo se não será tarde demais. Vasculho as gavetas da secretária, para ver se há mais alguma coisa que me possa ser útil. Nada. Deito uma rápida vista de olhos aos livros que se amontoam nas estantes. Todos clássicos: Márquez, Austen, Shakespeare, Lee, Orwell, Wilde...

— Não percas mais tempo — digo para mim mesmo.

Saio dali a toda a pressa e dirijo-me ao que deve ser a sala de estar. As luzes do corredor estão apagadas, e ouve-se outra peça de música clássica que não chego a identificar. Avanço sorrateiramente pelo corredor, tentando não fazer barulho; se me cruzar com mais alguém, não terei a sorte que tive antes e não me confundirão de novo com Steven. Caminho em direcção à sala de onde a música vem. A porta está entreaberta e ouço o som de uma conversa em fundo. Espreito e tento verificar quantos estão lá dentro. Vejo que esta divisão tem o dobro da altura e que posso ver tudo melhor a partir do segundo piso. Regresso por onde vim, subo as escadas e, desta vez, em lugar de seguir pelo corredor, dirijo-me ao segundo andar do salão. Há quadros por toda a parte, e nenhum deles parece ser uma réplica. Quando lá chego, encosto-me a uma das paredes e espreito pela esquina para ver onde me encontro. O espectáculo mais grotesco do mundo revela-se diante de mim: no centro do aposento, jaz deitada, no chão de mármore, a rapariga que Steven trazia. Está

inconsciente, nua, amarrada em cada extremidade a quatro postes fixos no chão. Quase grito com a impressão. Ao redor dela, há cinco silhuetas cobertas por um traje verde que parecem sussurrar algo. Emitem um ligeiro zumbido entre todas, como se estivessem a rezar, mas duvido que seja a Deus. Deus morreu e, com ele, o ser humano. Seja o que for que estão a fazer, não tenho muito mais tempo. Às doze horas da noite acabarão com ela. Levantarão o machado, e não haverá nada a fazer. É esse o ritual deles, rezar, matar e assim sucessivamente.

Num dos lados do círculo identifico o tipo de cabelo branco que encontrei lá em cima. Tem os olhos fechados e é o que reza com mais fervor. Quando falei com ele, cheguei até a ficar com a impressão de que era boa pessoa, mas vê-lo agora assim faz-me confirmar o pior. Duas faces de uma mesma moeda, ao fim e ao cabo como toda a gente, mas levado às suas mais extremas consequências. Um deles não tem as mãos ao alto e as palmas viradas para cima como os outros: numa delas agarra sem força o cabo de um machado que está pousado no chão; com a outra, crava em si mesmo uma das unhas na cara. Faz isso com tal insistência que pinga algum sangue para cima do mármore branco. Está descalço e tem os pés cheios de nódoas negras. Será ele o primeiro. Não posso permitir que exista no mundo alguém assim, alguém disposto ao pior: sem escrúpulos, sem piedade, sem humanidade. Os outros três não têm nada de especial. Uma mulher de meia-idade, cabelo moreno e pela altura dos ombros; um homem de cinquenta ou sessenta anos, um pouco gordo, com óculos e bochechas vermelhas; um jovem de uns trinta anos, moreno, de cabelo curto, deslumbrado pela sua reza como se não houvesse manhã. Faz bem, porque para eles não haverá. Avanço silenciosamente pelo corredor, na esperança de que não levantem os olhos para mim, quando começam a elevar o tom dos seus cânticos. Não dizem nada de inteligível, excepto uma frase que repetem em uníssono a cada quinze ou vinte segundos: *Fatum est scriptum*. Parece que a única coisa que move estes degenerados é o que dizem uma e outra vez em latim: «O destino está escrito.» A cada passo, o cântico eleva-se mais e mais, ao ponto de me atroar os tímpanos. Começo a descer sorrateiramente pela escada que há atrás deles. Se o do machado abrir os olhos, irá ver-me, e tudo estará acabado.

Tenho de agir depressa.

Desço a toda a pressa, o mais silenciosamente que posso. E, no momento em que já estou apenas a dois ou três metros de um deles, com a faca na mão, a rapariga que está caída no centro acorda e solta um grito ensurdecedor.

Capítulo 53

15 de Junho de 1996. Salt Lake

Na altura em que Steven chegou a casa, Amanda já havia contemplado todas as opções possíveis para evitar ir para Nova Iorque. Queria ver Jacob outra vez, e na sua mente não existia qualquer possibilidade de isso não acontecer. Dava voltas no quarto, acariciava as cortinas, olhava pela janela, abria o armário, olhava para as suas roupas, sentava-se na escrivaninha, levantava-se e recomeçava. Durante uma dessas idas e vindas, Steven entrou no quarto com uma expressão séria e sentou-se na cama.

— Amanda, a mãe já me contou o que fizeste — disse-lhe o pai.

— Mas eu não fiz nada, o problema é esse.

— Tens de concordar comigo que não nos deixas alternativa senão enviar-te de volta para Nova Iorque.

— Não é justo, papá.

— Porque não?

— Porque eu não fiz nada. Mas para vocês isso não importa.

— Importa. Dói-me muito que penses assim. Este ano eu queria mais do que nunca que estivéssemos todos juntos.

— Está bem, papá, mas eu não pinte aquela parede.

— Amanda, se não foste tu, quem foi? Explica-me, porque eu não entendo.

— Já devia estar assim quando chegámos. Eu também não entendo, mas o que sei é que não fui eu.

— E que me dizes do papel com o teu nome e o asterisco?

— Encontrei-o no chão quando cheguei a casa. Já expliquei isso à mamã, mas ela também não me ouve. Porque não acreditam em mim?

— Tornas isto muito difícil para nós, Amanda.

— Papá, por favor, acredita em mim. Eu também não entendo, mas há algo que tem a ver com tudo isto. Desde que chegámos, dei-me conta de que há pessoas na povoação que me observam.

— Que dizes, filha?

— Não sei explicar-te, papá. É uma sensação. Dá-me a impressão de que há pessoas a observarem-nos na rua, e acho que tem a ver com o asterisco.

— Amanda, estás a começar a preocupar-me.

— É a verdade.

— A tua mãe comentou a possibilidade de te levarmos a uma consulta com o psicólogo cá da terra. Talvez te faça bem.

Aquelas palavras ecoaram em Amanda, fazendo-a abrir os olhos e alterar-se.

— Agora chamam-me louca?

— Não és louca, amor, mas tens de admitir que tudo isto é um pouco inverosímil, não achas? Histórias de pessoas a observarem-te, asteriscos na parede, bilhetes antigos... Não há nada de mal em falares com um profissional.

— Não, papá, por favor — suplicou Amanda.

— Não há mais nada a dizer, filha. Vou marcar-te uma consulta para esta tarde com o psicólogo de cá, talvez falar com ele te ajude. Será apenas uma conversa, não tens de voltar a vê-lo. Se falares com ele não te ajudar, vais para Nova Iorque.

— Não vou poder ver o Jacob, papá.

— Jacob? Como assim, ver o Jacob? O rapaz da loja? — inquiriu ele surpreendido.

— Tinha combinado ir com ele à feira — respondeu ela, corando.

— Pois nada disso, minha menina. Depende de ti se vais com o Jacob à feira ou não.

Steven levantou-se da cama dando a conversa por terminada. Amanda esteve prestes a responder, mas não disse nada. Ficou ensimesmada, sem saber o que dizer. Nesse momento nem sabia em que pensava: se em recuperar a confiança dos pais ou em poder comparecer ao seu encontro com

Jacob. Steven saiu ainda mais preocupado do que antes de entrar no quarto. A filha estivera com um rapaz, e, antes que ela argumentasse mais alguma coisa que lhe fornecesse outras informações a respeito dos seus encontros com rapazes, que ele preferia continuar a ignorar, decidiu ir-se embora dali. No momento em que Amanda declarasse que já não era uma menina, que tinha crescido e que há muito tempo tinha idade suficiente para tomar as próprias decisões acerca da sua vida, deixaria de sê-lo aos seus olhos de pai. Interiormente, desejava que esse momento fatídico de reivindicação de maturidade por parte de Amanda nunca chegasse, e, enquanto pudesse evitar tal situação ou, pelo menos, tais palavras, continuaria a sentir que nada havia mudado, embora fosse apenas de um modo fictício.

Poucos segundos depois de sair, e quando Amanda ainda nem tivera tempo para se mexer de onde estava, Steven voltou a entrar no quarto. Desta vez, dirigindo-se, decidido, para ela, que nem teve tempo de reagir. Acercou-se, calado, e deu-lhe um beijo na testa, que durou vários segundos. Sem dizer uma palavra, Steven saiu novamente do quarto. Se tivesse sabido que aquele iria ser o último dia em que a veria, em que a beijaria e lhe diria tacitamente que queria vê-la feliz, provavelmente o beijo teria durado muito mais. Talvez até Kate — que nesse momento estava na cozinha a brandir com habilidade sobrenatural uma faca com a qual cortava cenouras para o guisado do meio-dia, enquanto Carla lhe perguntava porque as cenouras tinham aquela cor —, caso tivesse sabido o que iria acontecer naquela mesma tarde, tivesse participado na perpetuação daquele beijo na testa de Amanda.

Capítulo 54

27 de Dezembro de 2013. Quebeque

— Porque me fazes isto? — disse Susan Atkins com uma chave de fendas que tinha encontrado no chão, ao mesmo tempo que a erguia e agitava energicamente na direcção de Steven.

— Eu disse-te que podes ficar descansada, Susan — respondeu ele com toda a calma. — Não tens nada a recear — acrescentou.

O ruído do vento escoava-se pelas frestas da madeira da cabana, provocando um silvo contínuo, com um timbre mais agudo ou mais grave, dependendo da direcção em que soprava o vento. Steven já estava acostumado ao som do vento proveniente de norte, que guinchava por entre os buracos das janelas e madeiras da fachada e imitava o ruído emitido por um ganso branco. Susan não fazia ideia do que era aquele ruído que, segundo ela, provinha do exterior da cabana, onde devia existir uma vasta concentração de aves. Permaneceu calada por um momento, com a chave de fendas na mão, pensando nas suas possibilidades de sair dali viva. O olhar calmo de Steven, que se mantinha imóvel e indiferente à atitude corajosa dela, fez que não soubesse como se haveria de comportar. Sentia-se aterrorizada com a presença dele, mas ao mesmo tempo, no seu ser mais profundo, estava-lhe agradecida por não a ter deixado morrer de frio. Steven aproveitou aquele momento de silêncio para demonstrar que a sua atitude não era ameaçadora e para lhe fazer ver que algo havia mudado em si. Virou-se de costas para ela e pôs-se a tirar para um lado um monte de roupas que estavam em cima de uma cadeira. Levantou-o só com dois dedos, colocou-o em frente de Susan, que o observava, absorta, e sentou-se com as palmas das mãos apoiadas nas coxas.

— Susan, logo à tarde vou levar-te de volta a Nova Iorque. Não precisas de te preocupar — disse-lhe ele na esperança de que a ideia de voltar para a cidade dos sonhos a despertasse daquele pesadelo que estava a viver.

Durante um segundo, Susan ficou bloqueada, sem entender o que estava a acontecer e sem compreender como a sua situação havia mudado. Continuava sem conhecer o motivo do seu sequestro e, se ia morrer, precisava de entender o que estava a acontecer.

— Porque estou aqui? — perguntou.

— É melhor não o saberes, Susan.

— Porque não? Se me queres matar, fá-lo de uma vez — inquiriu ela com mais medo do que valentia.

— Não vais morrer, Susan. Não há mais nenhuma morte inocente nesta história. Não às minhas mãos nem às de qualquer outro. Não o permitirei. Já foram demasiadas. Não posso mais — disse ele, quase a chorar.

Ao vê-lo fraquejar, Susan baixou a chave de fendas. Parecia tê-la convencido do seu pesar sem mais argumentos adicionais, como se a tristeza que Steven trazia dentro de si se houvesse apoderado dela e a tivesse partilhado por um momento.

— Como te chamas? — perguntou-lhe, tentando criar outro motivo de conversa que não fosse o rapto.

Steven olhou-a, resignado, sem responder.

— Não, a sério. Como te chamas? — insistiu ela.

— E isso importa para alguma coisa? As únicas pessoas que sabem o meu nome há anos que se afastaram de mim para sempre.

— É bom ter um nome. Imagina que as coisas não tinham nome e era preciso chamá-las apontando-as com o dedo. Não seria um caos?

A atitude de Susan irritava Steven, que, embora tivesse mudado de opinião acerca do seu dever para com ela, não estava habituado a semelhantes gestos de proximidade. Já quase não se lembrava do que se sentia quando se falava com alguém numa conversa normal, com as suas divagações, as suas situações hipotéticas e as suas idas e vindas.

— Não seria o caos — repetiu ele enquanto lhe brotavam as lágrimas.

— Assim não há quem te anime — protestou Susan.

— A que se deve a tua mudança de atitude? — perguntou-lhe Steven com voz séria.

— Não sei — disse-lhe ela. — Suponho que, apesar de estar aqui, num lugar onde não quero estar, devo estar grata por cada segundo em que estou viva. Embora tenha de to agradecer a ti.

— Não entendo. Estive prestes a matar-te. Juro-te que ia fazê-lo — respondeu Steven. Mas, quando tentou continuar a falar, começou a chorar desconsoladamente. Não conseguia ver-se a si mesmo da maneira que estava a fazê-lo, contando-o a uma pobre rapariga, acerca da qual não sabia nada e que contemplara sinceramente o rosto dele sob o brilho de um machado, à luz da Lua.

Susan estava desconcertada. Não sabia se devia levantar a chave de fendas ou atirá-la para o chão; se devia gritar ou chorar com ele. Numa das suas hesitações, atreveu-se a interromper o pranto de Steven.

— Não chores, por favor. Não posso ver as pessoas assim, vêm-me as lágrimas aos olhos.

Steven olhou para cima e viu Susan a chorar também, a um metro dele. Tê-la tão perto surpreendeu-o. Não sabia se cometera um erro com a sua decisão de não continuar com o seu plano, mas naquele momento não lhe importava.

— Lamento muito, Susan — disse-lhe ele.

— Porquê? — Susan deu um passo atrás e ergueu novamente a chave de fendas. — Eu não a larguei, hein?

— Lamento ter-te trazido até aqui. Tu tens a tua vida, e eu tentei arrebatá-la.

Susan baixou de novo a chave de fendas, caminhou até ele e, sem dizer nada, abraçou-o, envolvendo-o nos seus braços magros.

Capítulo 55

27 de Dezembro de 2013. Boston

— Agora que o Dr. Jenkins se foi embora, podemos continuar a falar com tranquilidade — disse Jacob a Stella enquanto a luz do amanhecer se filtrava pela minúscula janela, conferindo ao aposento uma turva claridade.

Stella estava cada vez mais cansada, não tinha dormido nem pensava fazê-lo, e estava disposta a ir ao fundo da questão. A fugaz visita do director tinha-a deixado aturdida e cada vez compreendia menos aquele exacerbado hermetismo de Jacob. O seu caderno estava cheio de anotações desordenadas, garatujadas com má caligrafia: «chama-se Jacob», «Salt Lake», «desordem familiar», «inteligente», «feira», «Amanda», «sonho», «dualidade», «bipolar?», «desordem da personalidade», «amor-ódio», «Claudia Jenkins», «mãe assassinada», «pai na prisão», «instinto protector», «verdade sobre o Dr. Jenkins»... À medida que as horas iam passando, aquele emaranhado de ideias transformara-se num quebra-cabeças, suficientemente complexo para que ela percebesse que lhe faltavam as peças-chave para entender o que estava a acontecer. Para ela, todas as opções da história eram possíveis, todas as hipóteses podiam ocorrer, mas nenhuma era mais clara do que as outras. A única coisa de que estava certa era de que havia dois cadáveres em cima da mesa, Jennifer Trause e Claudia Jenkins. O resto poderia ser uma invenção, criada com o intuito de a levar de um lado para outro para que divagasse entre diferentes possibilidades, enquanto brincava até ao fim com o director.

— Diz-me, Jacob, para onde enviaste o Dr. Jenkins?

— Para o porquê de tudo isto, Stella. O fim último pelo qual estou aqui. Para lhe mostrar a verdade sobre a morte da Claudia. Para lhe fazer abrir os olhos sobre a sua vida e o dano que causou.

— Que dano?

— Tudo a seu tempo, Stella.

— Jacob, estou a ficar cansada destas idas e vindas na tua história. Ajuda-me a entender o que aconteceu.

— Sou a pessoa que mais quer neste mundo que saibas o que aconteceu.

— Porquê eu?

Jacob permaneceu calado por um momento. Baixou os olhos e tentou levar uma das mãos à cara. As correntes impediram-no, fazendo-lhe lembrar onde estava.

— Poderias soltar-me, Stella?

— Soltar-te? Sabes que não posso fazer isso, Jacob.

— Achas que eu iria fazer-te mal?

— Não sei porquê..., mas sinto que não irias fazer-me mal.

— Não o faria mesmo que estivesse demente — disse-lhe ele com um sorriso.

Stella levantou-se da cadeira e foi até à porta, espreitando pelo postigo que dava para o exterior, para averiguar se os guardas continuavam ali. Não o fez para se sentir segura, mas para verificar que não iriam descobri-la. Quando viu que não estavam, aproximou-se de Jacob e desprendeu-lhe com muito cuidado uma das correias. O toque da sua mão na mesma transformou os seus sentimentos num mar encapelado. A pele eriçou-se-lhe, e a sua mão esquerda pôs-se a navegar, dando tombos de um lado para outro em busca de uma nova carícia. As pernas tremeram ao contacto da sua mão com a de Jacob. Foi tudo tão intenso que por um instante duvidou de si mesma e do que faria por aqueles olhos cheios de mar. Tentou deixá-lo desamarrar a outra mão sozinho, mas quis repetir aquela sensação. Enquanto lhe soltava a mão direita, procurou instintivamente um novo contacto com a pele pálida dele, abismando-se nos pormenores do mecanismo da correia. Jacob olhou para cima e olhou-a fixamente nos olhos. Foram vários segundos em que o tempo parou, em que o oceano se acalmou e em que ambos se esqueceram de onde estavam. Stella perdera o medo em relação a ele, porém, impressionou-a tê-lo tão perto, respirar-lhe o ar, sentir-lhe o calor.

Ao fim de uns momentos, Stella voltou para sua cadeira, sem dizer nada,

enquanto Jacob acariciava os pulsos, que tinham uma profunda marca avermelhada devido à pressão das correias.

— Obrigado, Stella.

— Não tens de me agradecer. Só espero não vir a arrepender-me, Jacob — respondeu-lhe ela sem saber o que estava a fazer.

— Queres continuar com a entrevista?

— Continuemos, sim.

— Eu estava ansioso por ver a Amanda. Como te disse, tinha combinado com ela às cinco da tarde. Arranjei-me e plantei-me lá às cinco menos cinco. Naquelas circunstâncias, vários minutos mais de espera teriam sido para mim um mundo. Estava em frente à porta, com o dedo levantado, prestes a tocar a campainha, enquanto imaginava como ela me receberia, com um sorriso de orelha a orelha, me pegaria no braço e partiríamos dali para a feira. Toquei a campainha e esperei. Passaram-se vários segundos até que toquei de novo. «Com certeza não me ouviram», pensei. Toquei com mais insistência, premindo o interruptor durante vários segundos. Nada. Não estava ninguém. Eu não me apercebera disso até então, mas o *Ford* azul que me ajudara a encontrá-la não estava lá. Toquei uma terceira vez, na esperança de que os meus desejos fossem atendidos, mas não aconteceu nada. Sentei-me no alpendre, destroçado, sem saber o que teria acontecido para que ela não estivesse lá. Fiquei três horas à espera, recusando a ideia de que ela me tivesse deixado sozinho, até que me levantei dali num salto. Uma mulher de cabelo escuro entrou a correr na casa em frente. Não me viu, mas eu vi-a a ela. Naquele momento, não fazia ideia de quem era e fiquei preocupado ao vê-la chegar tão perturbada. Estava pálida e despenteada e, com a mesma celeridade com que entrou na casa, saiu dela com um livro debaixo do braço e desapareceu. Do sítio onde eu estava não consegui ver muito mais, mas, depois de muitos anos a procurá-la, descobri quem era aquela mulher e que livro era aquele.

— Quem?

— A Laura.

— A Laura? A Laura Jenkins? A mulher do director?

— Sim.

— E que fazia ali a Laura? — inquiriu Stella.

— Estava a preparar-se para destruir a minha vida.

— Porquê? Como?

— Deixando-se levar pela sua mente perturbada.

— O que te fez ela?

— Naquele momento, nada. Mas, com as suas palavras e a sua cabeça cheia de loucura, desencadeou o pior de uma povoação, e da condição humana.

— Mas como?

— Agora vem o melhor. Ela não fez nada directamente. Simplesmente, um dia, levantou-se, creio que enquanto estava grávida de Claudia, e começou a escrever nomes e datas aleatórios. Reuniu um grupo de loucos, iguais a ela e convenceu-os de que as pessoas com cujos nomes sonhava tinham de morrer. Por coincidência, eram todas mulheres.

— Assim, sem mais?

— A Laura alegava que as pessoas dos seus sonhos contribuiriam para a morte de milhares de pessoas. Inventava argumentos disparatados: a invenção de um vírus mortal que se espalharia por todo o mundo; o nascimento de alguns dos dirigentes mais tirânicos que povoariam o planeta... Outros argumentos eram ainda mais ambíguos: divulgariam segredos de Estado que contribuiriam para um ataque inimigo que mataria milhares de pessoas; aprovariam cortes orçamentais que eliminariam a possibilidade de se encontrar uma cura para o cancro.

— E com tais argumentos conseguiu convencer mais gente?

— Se tiveres uma ideia qualquer, haverá sempre um grupo de pessoas que acreditará nela, por mais infundada que seja.

— E há quantos anos dizes tu que eles andam a assassinar?

— Desde 1996.

— Mas, depois de tantos anos, nunca deixaram de acreditar em Laura?

— Não, sobretudo depois de um dos nomes com que Laura sonhou, em 2001: Aysel Manzur. De certeza que não sabes quem é. A Laura apontou o nome dela num desses bilhetes, e percorreram meio mundo à procura dela. Não conseguiram encontrá-la, e a data que estava escrita, Agosto de 2001,

passou sem mais notícias. Uma semana e meia após o fim de Agosto aconteceu algo que não será apagado das memórias do planeta.

— Os atentados de 11 de Setembro...

— Com efeito. Aysel Manzur era uma das mulheres de Bin Laden e a sua não morte contribuíra para que Bin Laden não cancelasse os seus planos. Pelo menos foi essa a leitura que a Laura fez do sucedido, e foi essa a desculpa em que todos acreditaram, ou fingiram acreditar, para continuarem com a sua espiral de morte.

— Isso é tudo é verdade?

— Dessa história só tenho conhecimento pelas pistas que encontrei em Estocolmo, quando não consegui evitar que fugissem. Poderá ser verdade, ou poderá ser uma falácia. Não sei. O que sei é que o facto de sonhar um nome e de o escrever num bilhete não é argumento suficiente para se assassinar sem piedade.

— E se fosse verdade?

— O quê?

— E se fosse verdade que essas mortes poderiam evitar um dano maior à humanidade?

— Duvido, Stella.

— Porquê?

— Porque num desses bilhetes, entre os primeiros nomes que surgiram num dos sonhos da Laura, em 1996, se encontrava um nome que já te será familiar e que só morreu dezassete anos depois.

— O nome de quem?

— Da Claudia Jenkins.

Capítulo 56

27 de Dezembro de 2013. Boston

Passou-se algum tempo até que o director acordou, confuso, no patamar do oitavo piso. Ao princípio não se lembrava do que fazia ali, nem porque não estava na sua cama. Não ouvia nada além de um zumbido surdo nos ouvidos, estava deitado de bruços, coberto de pó branco, e com ferimentos na cara e nas mãos. Numa delas segurava um pedaço de papel amachucado. Tinha sobrevivido. Tentou recordar-se, e vieram-lhe à cabeça imagens de quando acendera a luz do apartamento; nesse instante não imaginara que tal gesto tivesse tamanha relevância. Mal tivera tempo para observar uma das paredes da sala, coberta com notícias de jornais, fotografias, anotações manuscritas e um mapa do mundo com centenas de pontos vermelhos, quando ouvira o apito intermitente que provinha de um dos quartos. Durante vários segundos não lhe prestou atenção, fascinado e absorto pelo que estava a ver na parede. As notícias aludiam a mulheres desaparecidas em todo o planeta, havia recortes do *Le Monde*, do *La Repubblica*, do *Expressen* e do *Bild*. Espalhadas pela parede, e caídas no chão, havia dezenas de fotografias de rostos de mulheres: loiras, morenas, ruivas, asiáticas, negras, hindus, latinas... Todas tinham sido captadas à distância, mas com nitidez suficiente para se lhes ver os rostos. Tinha sido tiradas com uma Polaroid, e, na margem inferior, fora escrito um nome e uma data. Quando o som intermitente que provinha do quarto acelerou, o director já havia reconhecido a caligrafia daquelas anotações na margem dos instantâneos.

— Laura — disse ele enquanto soltava um retrato da parede.

Uma das imagens chamou-lhe a atenção: era reluzente, tinha margens brancas que contrastavam com o tom amarelado das outras. Despregou-a e

leu o nome que lá estava: «Susan Atkins, 28 de Dezembro de 2013.»

Enquanto lia, foi caminhando em direcção ao quarto, numa tentativa de descobrir o que seria aquele apito contínuo. Agachou-se e espreitou debaixo da cama. O apito acelerava mais e mais, e cada vez se tornava mais estridente. Estendeu a mão e, quando puxou um vulto metálico para a luz, o seu rosto encheu-se de pânico. Uma panela de pressão fechada, com cabos, fita adesiva e uma espécie de painel de controlo cujo ecrã piscava com um vermelho intenso. Quase sem tempo para pensar, o director notou que um dos cabos que estavam ligados ao dispositivo percorria todo o chão do quarto, saía pela porta e estava ligado ao mesmo interruptor que o director tinha activado. Deixou rapidamente a bomba onde ela estava e, com a maior agilidade que pôde, saiu dali a correr. Estava sob a armação da porta quando a bomba explodiu e a onda de choque o catapultou pelas escadas abaixo, deixando-o praticamente inconsciente e sem ouvir nada.

Pouco a pouco, começou de novo a aperceber-se do som das sirenes e do fogo que abrasava o nono andar. Endireitou-se o melhor que pôde e, sem hesitar, subiu as escadas para entrar outra vez na casa em chamas. A parede do quarto havia desaparecido, e o fogo estendera-se à sala, queimando cortinas, móveis e o mural, com todas as fotografias e notícias. O director nunca se mostrara corajoso em nenhuma circunstância durante toda a sua vida, mas a visão de si mesmo a sucumbir sob a inclemência do fumo fê-lo hesitar. No entanto, permaneceu ali dentro, rodeado de fogo, de fumo e de trevas, agachado, com a boca tapada, vasculhando entre as poucas folhas e papéis que ainda não tinham ardido. Procurava algo mais do que a fotografia de Susan Atkins, algo que lhe permitisse continuar a procurar Laura e entender o significado da morte de Claudia. Gritou e esconjurou o lume que lhe ganhava terreno e o cercava enquanto revolia a sujidade do chão e as gavetas de um móvel em chamas. O fumo apoderou-se do aposento, e a tosse dele. Atirou-se para o chão e tentou sair a rastejar, arrastando-se por entre a porcaria e os escombros, mas apercebeu-se de que já sucumbira ao sono.

Capítulo 57

27 de Dezembro de 2013. Boston

Laura deambulou durante mais de quatro horas pelas ruas de Boston, seguindo um itinerário aleatório e sem rumo, mas sempre na direcção oposta àquela para onde se dirigiam os camiões de bombeiros. Olhou para trás e distinguiu ao longe as chamas e a coluna de fumo que se apoderavam do edifício do qual ela acabara de sair e em cuja porta se havia encontrado com a sua antiga paixão. Quis impedir o director de subir, sabia por que motivo ele estava ali, mas não o fez. Agora que Claudia morrera, não fazia sentido deixar mais vestígios do seu passado. Apesar dos seus quarenta e quatro anos, a sua vida de pesadelo transformara-a numa idosa com um cabelo encanecido e desgrenhado, um olhar esbranquiçado e o coração negro. Há meses que não saía daquele apartamento no nono andar, no qual não entrava qualquer réstia de luz e do qual não saía ápice de humanidade e em que a sua vida consistia em dormir, tirar apontamentos e fazer telefonemas. A sua existência fora reduzida ao mínimo, para tentar não perturbar o seu estado de sonolência, com um único objectivo: que os sonhos não parassem. Com o passar dos anos, aprendera a viver sem nada, sem higiene, sem sequer comer. Havia épocas em que passava dias inteiros na cama, levantando-se apenas para escrever um nome num bilhete e enviá-lo ao mundo, para que aquele papel cumprisse o seu fito. Alguns dias depois, levantava-se e telefonava, esperando que a voz do outro lado confirmasse que o trabalho estava feito.

Continuou a caminhar e, incomodada pela luz do Sol, entrou num beco onde havia vários recipientes de lixo. Sentou-se junto de um deles e ficou vários minutos a olhar para a rua, enquanto pessoas atarefadas pelo ritmo da cidade passavam de um lado para o outro. Eram doze horas da manhã, e, com

aquela visão da passagem intermitente da cidade à sua frente, adormeceu.

No seu sonho, Laura via-se a si mesma mais nova, caminhando entre as ruas de um mundo que desaparecia. Os alicerces das casas cambaleavam e esfumavam-se, fazendo que a terra engolisse tudo o que havia à sua volta. O céu transformava-se de roxo em azul ou púrpura, e das nuvens verdes chovia óleo. À medida que ia andando, o passeio transformava-se em asfalto, para depois derreter e desaparecer. Os aviões que sulcavam o céu precipitavam-se para as cidades, enquanto as pessoas que iam lá dentro gritavam pelas janelas. Laura continuou a caminhar por aquele mundo efêmero, em que tudo chegava ao fim e em que a vida estava destinada a desaparecer. Havia pessoas que, ao verem que as suas casas iam ser absorvidas pelo solo, lançavam os móveis pela janela numa tentativa de os salvarem da catástrofe, mas estes desapareciam antes de chegarem ao quintal. Ao fundo da rua, uma rapariga corria com todas as forças, procurando alcançar uma cabina telefónica que estava numa esquina, mas não conseguia chegar a ela. Por mais que se esforçasse não conseguia avançar, capturada por um chão que se movia sob os seus pés na direcção contrária. Laura caminhou até junto dela e deteve-se ao seu lado, enquanto a rapariga atingia a exaustão. O céu pôs-se vermelho, e os edifícios esfumaram-se da vista de Laura. Só restaram ela, a rapariga e a cabina telefónica, a vários metros de distância. Laura agachou-se e agarrou na rapariga pelo queixo, tentando fazer que ela olhasse para si, e disse-lhe:

— Como te chamas?

— Não to direi.

— Como te chamas, filha?

— Não!

— Em que data estamos, rapariga?

A moça fitou-a nos olhos e, quando ia responder, a cabina começou a tocar. Laura pôs-se de pé e caminhou durante várias horas até chegar a ela, que não parou de tocar durante o seu percurso. Quando levantou o auscultador, uma voz do outro lado, quase imperceptível, disse:

— Dezembro.

— De que ano?

— Do último.

Os olhos de Laura, que até agora se haviam mostrado calmos perante a visão de um mundo em extinção, exibiram um pânico que lhe saía do mais profundo do seu ser. Deixou cair o telefone e saiu da cabina em direcção à rapariga. Quando pisou a lama em que se havia transformado o asfalto da cidade inexistente, a cabina esfumou-se atrás dela. Levantou a rapariga pelos cotovelos e gritou-lhe:

— Como te chamas?! — a rapariga começou a rir às gargalhadas enquanto se deixava sacudir. — Como te chamas, diz-me! — gritou Laura, desesperada.

O mundo que desaparecia estava a levar tudo o que ainda restava nele. As palavras de Laura ouviam-se cada vez menos, apesar dos seus gritos. O riso da rapariga acalmou-se, como se algo nela tivesse notado a sua preocupação, e, fitando-a nos olhos, sussurrou um nome que Laura não chegou a escutar.

— Repete-o! — gritou ela com todas as suas forças. O seu tempo estava a chegar ao fim, e ela sabia disso.

— Chamo-me...

Laura acordou com a respiração ofegante, apercebendo-se de que já não estava no apartamento e de que as pessoas que transitavam pela rua quase não se haviam dado conta da sua presença naquele beco. Levantou-se de um salto e vasculhou o lixo no chão em busca de um pedaço de papel. Arrancou uma folha de um jornal sujo, tirou uma esferográfica de um dos bolsos e escreveu: «Stella Hyden, fim dos dias.»

Capítulo 58

24 de Dezembro de 2013. 00h00. Boston

O grito da rapariga crava-se-me nos tímpanos, reverbera na minha alma e humilha a minha valentia, sobretudo quando vejo a cara de estupefacção com que me olha o tipo do cabelo branco, enquanto eu ergo a faca ao alto e a dirijo com decisão para as costas do homem do machado. Parece que o tempo pára e que eu posso observar como todos, um após outro, abrem os olhos e viram os seus rostos para mim. É uma sensação estranha a que nos traz a adrenalina, a celeridade e ao mesmo tempo a pausa, uma energia que nos domina e com a qual quase não se sentem os músculos. Enquanto o meu ataque com a faca segue o seu curso, em direcção às costas deste louco, volto a Salt Lake e consigo ver de novo o sorriso de Amanda, as carícias dela, o olhar dela... Dá-me a sensação de que decorre uma eternidade e de que nunca chegará o momento em que algum destes parasitas finalmente pague pelo que aconteceu a Amanda. Quando regresso de Salt Lake e fito nos olhos um dos Sete, noto que a faca abre caminho pelas costas dele. Tudo continua imóvel, e o grito da rapariga ainda não terminou. Não passou nem um segundo, mas é como se tivesse sido uma vida inteira. É como se eu tivesse visto a minha mãe morrer às mãos do meu pai, ao mesmo tempo que sinto que a vida sai por aquela abertura que a faca fez. Por um instante, tenho a sensação de que o tempo parou, mas logo tudo recupera a velocidade normal, a rapariga grita de novo e, com esse grito, os restantes membros caem sobre mim: uns saltando por cima dela, outros correndo coléricos na minha direcção. Ouve-se lá fora o motor de um carro, e o gordo da cara corada lança-se sobre mim com as mãos abertas e o olhar cheio de raiva. Tiro lentamente a faca das costas do tipo do machado, enquanto ganho consciência de que, pouco a pouco, ele se vira para

mim. Tudo começa a acontecer depressa demais para se pensar, e, quando me apercebo, a faca está cravada nas tripas do gordo, enquanto ele me agarra o pescoço com a intenção de me matar. Começa a faltar-me o ar e, por mais que a comprima, por mais que a mova dentro dele, não parece sofrer. Os meus olhos começam a fechar-se sem que possa fazer nada, num estado de queda na inconsciência, enquanto me precipito para o abismo dos objectivos não cumpridos. Por um momento imagino que nada disto aconteceu, que todos estes anos em busca deles não aconteceram, e, quanto mais o penso, mais acredito que assim é. Vejo-me a rir das piadas do meu tio em Salt Lake, vejo-me a dar pulinhos em cima da cama dos meus pais: aquela realidade inexistente e fútil que deixou de existir cedo demais. O mundo apaga-se pouco a pouco ao meu redor, enquanto todos me vêem cair na penumbra e perder a força de ambos os braços sob as garras de um ser com uma imagem tão amigável e ao mesmo tempo tão mesquinha que um arrepio me percorre todo o corpo. Quando baixo os braços e estou prestes a sucumbir, vejo que o sangue começa a sair-lhe da boca e que os seus olhos coléricos se enchem de terror. Com a faca ainda cravada na barriga, deixa-me cair, e sinto o ar entrar-me bruscamente nos pulmões, devolvendo-me à vida, preenchendo novamente todas as minhas memórias com imagens de Amanda.

Caio ao chão quase sem ar enquanto o vejo cambalear, dando passos para trás ao mesmo tempo que toca em si mesmo e vê o sangue emanar-lhe da barriga. A cada passo que dá para trás, três dos outros dão um para a frente, enquanto o tipo do machado, o primeiro em quem cravei a faca, permanece imóvel. Com as únicas forças que me restam, levanto a minha mão direita, numa tentativa de ganhar algum tempo. Nela, ergo o bilhete com o nome de Amanda e o asterisco no verso e, quase sem voz, grito:

— Ela vai morrer.

Quando vêem o bilhete, do qual a princípio não fazem caso, ficam imóveis, sem saberem o que fazer. O do cabelo branco dá dois passos em frente e levanta uma mão, mandando parar os restantes. O do machado continua em pé, imóvel, ao lado da rapariga, que olha, incrédula e aterrorizada, à sua volta. Vamos! Larga o machado!

— Quem vai morrer, Steven?

— Steven? — grita o rapaz moreno. — Ele não é o Steven. O Steven acabou de sair.

O homem do cabelo branco vira o olhar para mim, surpreendido, com uma espécie de auréola de incredulidade que o faz franzir a testa.

— Como assim, não és o Steven? — diz ele.

Conforme posso, apoio-me num dos meus joelhos e, com a ajuda do braço direito, ponho-me de pé.

— Não sou o Steven, mas isso importa para alguma coisa? — respondo-lhe eu, gabando-me da minha valentia.

— E quem diabo és tu?

— Sou o Jacob.

— E quem dizes tu que vai morrer, Jacob?

— A Laura.

— O quê? — grita ele.

— A Laura tem de morrer.

O homem do cabelo branco fica calado por um instante, mais do que suficiente para eu recuperar o ar de que necessito. Dói-me tanto o pescoço que tenho a sensação de que o parti. As minhas mãos estão cobertas de sangue e... onde está? Onde! Fico aterrorizado ao constatar que já não tenho a faca nas mãos e que ela continua cravada na barriga do gordo. Não tenho nenhuma arma com que possa enfrentá-los, e, se o do machado, que parece afundado numa espécie de transe desde a minha facada, decidir usá-lo, estou perdido.

— Está louco! — grita a mulher de meia-idade. — A Laura não pode morrer. Ela é a nossa guia para o destino, a nossa Átropos, a nossa parca, a n...

O homem do cabelo branco levanta a mão, mandando-a calar com uma serenidade portentosa. Ela cala-se sem hesitação, interrompendo aquilo que pretendia acrescentar, baixando a cabeça com tal submissão que me lembra a atitude que a minha mãe sempre teve com o meu pai. Faz-me pena, e acho que ela cometeu um erro na vida, que num dado momento fez uma escolha fatal e desventurada, que a empurrou directamente para o abismo. Não há retrato mais dilacerante no mundo que o de uma vida esmagada por uma alma

corrompida, e creio sinceramente que foi isso que aconteceu com ela.

— Amigo, a Laura não está aqui. Se vieste para acabar com ela, enganaste-te. Nunca vem.

— Eu sei — respondo.

— Como sabes?

— Passei a vida inteira a perseguir-vos, e hoje finalmente irão pagar pelo que fizeram.

— Amigo, acho que estás a cometer um erro.

— Erro? Creio que não.

— Há milhões de vidas em jogo. Não sabes a importância que tudo isto tem para o curso da humanidade.

— Não pretendas dar-me lições de humanidade, quando estás prestes a assassinar uma rapariga.

— Fazemo-lo porque alguém tem de o fazer.

— Queres dizer que assassinaram a Amanda Maslow porque tinham de o fazer?

— Não me lembro de nenhuma Amanda Maslow — responde ele, indiferente.

— Não te lembras dela? Não sabes quem é a Amanda Maslow?

— Quando foi isso?

— Em 1996 — respondo-lhe eu com a voz embargada. A sensação de estar a viver uma conversa com este filho da puta desfaz-me por dentro e faz-me pensar em que diabo estou a fazer.

— Nessa época, amigo, era tudo muito diferente.

— Que queres dizer?

— Que não fomos nós.

— O nome da Amanda aparece na lista que vocês têm. Não me vão fazer pensar que não foram vocês, porque vos asseguro que deixarei de vos ouvir e acabarei com todos.

— Essa lista? Nós só lhe demos seguimento em 1999. Antes desse ano era outra pessoa que se encarregava do assunto.

— Outra pessoa?

— Sim, mas não sabemos quem é.

— Mentos!

— Eu não minto, amigo — responde ele com uma serenidade autoritária que me perturba.

Nesse momento da conversa, percebo que o fulano do machado começa a mover-se lentamente com o olhar perdido e regressa do seu mundo. E, sem eu ter tempo para fazer nada, o fulano olha para a rapariga sem piedade, levanta o machado... e tenho a certeza de que irá assestar-lhe um golpe seco.

— Não! — grito eu colérico, saltando para ele.

Capítulo 59

15 de Junho de 1996. Salt Lake

— Bom, Amanda, diz-me o que se passa contigo — disse o jovem psicólogo enquanto levantava os olhos por cima de um bloco de apontamentos.

— Eu já disse ao meu pai, não se passa nada comigo! — protestou ela.

— Pois os teus pais não pensam o mesmo. Açam que estás preocupada com alguma coisa.

— Não estou preocupada com nada, só quero que acreditem em mim.

— Amanda, temos uma consulta de uma hora. Vou cobrar o mesmo valor, dure o que durar a nossa conversa. Mas preciso que me digas o que é que te preocupa. Podemos estar uma hora a conversar ou apenas cinco minutos. Depende de ti.

— Se eu lhe contar tudo, diz aos meus pais que não se passa nada comigo?

— Claro, Amanda, desde que eu avalie que não se passa nada contigo, evidentemente.

— Está bem, está bem. Não vai dizer-me que estou louca, nem nada desse estilo?

— Amanda, já viste as pessoas que estão aqui? — disse-lhe o psicólogo com um olhar cúmplice. — Tenho a certeza de que não estás louca, mas quero saber por que motivo os teus pais estão preocupados.

Conversaram durante vinte minutos. Amanda contou-lhe a existência do bilhete, falou-lhe da silhueta que a observara na estação de serviço e da estranha sensação que tivera com a velha na loja de bebidas.

— E depois há o asterisco na parede — continuou Amanda.

— Que asterisco na parede? — A cara do psicólogo ficou séria. Até esse

momento da conversa, estivera a observá-la com condescendência, como se nada do que ela lhe contava tivesse algum mistério e se tratasse apenas de ninharias às quais uma adolescente dera demasiada importância.

— Apareceu um asterisco enorme numa das paredes do barracão.

— Um asterisco? — repetiu ele, preocupado. — Poderias desenhá-lo?

— Sim, claro. — Amanda levantou-se da cadeira e rabiscou-o no caderno que o psicólogo segurava. Tinha-o feito depressa, sem ter sequer tempo para pensar como era, para onde estavam viradas as pontas e quantas eram.

— Nove pontas — disse o psicólogo.

— Não faço ideia do que isso significa, mas causa-me arrepios.

— Não tens motivo para te preocupares — disse-lhe ele, sorrindo.

— Ah, não? — estranhou Amanda, que regressara à sua cadeira e começara a ficar mais nervosa.

— Com nada. Esse asterisco tem aparecido há meses em toda a Salt Lake e não é mais do que a assinatura de um grupo de vândalos que a polícia anda a tentar caçar. Foram pintados em toda a parte, e ainda ninguém conseguiu encontrá-los.

— A sério?

— Sim. Em minha casa apareceu um desses asteriscos há uns meses, pintado na parede do meu quarto. Denunciei o caso e, pelo que vejo, a polícia ainda não sabe de nada.

— Em sua casa? Lá dentro?

— Sim. A verdade é que eu não achei graça nenhuma. Sei que Salt Lake é uma povoação que costuma subestimar a maldade das pessoas e que não toma muitas medidas de segurança. Até esse momento, eu deixava a porta da minha casa destrancada. Assim, quem passasse por ali podia entrar e fazer-me uma pintura. Pelo menos foi o que a polícia me disse.

— E porque está esse mesmo asterisco num bilhete com o meu nome? — disse-lhe Amanda, tirando o bilhete do bolso e entregando-o ao psicólogo.

— Ena, isso sim, é novo.

— Que me diz a isso?

— Tanto faz, a única coisa que isto demonstra é que alguém te quer assustar. Nada mais, Amanda.

— A sério que não tenho com que me preocupar?

— Não precisas de te preocupar absolutamente nada.

Amanda suspirou de alívio. A sua cara de angústia deu lugar a um ligeiro sorriso.

— Vai dizer ao meu pai que não se passa nada comigo?

— Claro. — Ele sorriu-lhe.

O psicólogo levantou-se da cadeira e deu uma palmadinha nas costas de Amanda:

— Já te disse, não tens com que te preocupar.

— Fico contente por me dizer isso — respondeu ela descontraída.

— Podes sair e dizer ao teu pai que entre?

— Claro. Deixou-me muito mais tranquila. Muito obrigado, doutor.

Steven esperava Amanda enquanto folheava uma revista de curiosidades numa saleta em que também se encontrava uma senhora de cabelo castanho com uns trinta anos junto do seu filho louro, de uns dez ou onze. A mulher não parava de olhar para ele, levantando a vista a cada poucos segundos por cima da revista de mexericos que ele segurava. O menino também o olhava fixamente, como se não houvesse mais nada na sala. Steven sentiu-se incomodado naquela situação.

— O que deseja, senhora? — A mulher baixou rapidamente o olhar para a revista, sem saber o que fazer. — Isto é incrível — disse Steven, que não aguentava mais a espera.

Ao ver a atitude de Steven, o menino levantou-se do lado da mãe e foi sentar-se junto dele. Debruçou-se sobre a cadeira e preparou-se para observar o que ele estava a ler na revista de curiosidades.

— Queres a revista? — perguntou-lhe Steven.

— Ele não a quer — disse a mãe.

— Pois eu diria que sim, senhora.

Steven recostou-se para trás, tentando ganhar algum espaço porque o garoto se havia encurvado mais sobre o seu assento.

— Toma lá, rapaz — disse Steven, entregando-lhe a revista.

O menino nem se mexeu. Ignorou a revista, levantou-se da cadeira e pôs-se em pé à frente de Steven, fitando-o nos olhos.

— O que queres, miúdo? — disse-lhe este. — Passa-se alguma coisa contigo? — perguntou Steven, desviando o olhar para a mãe, que ficara nervosa e o observava muito preocupada.

— Não faças isso! — gritou a mulher para o filho.

Quando Steven voltou a olhar para o menino, algo nele lhe chamou a atenção: a zona da coxa direita do rapaz estava a ensopar-se pouco a pouco em sangue. A mancha crescia rapidamente nas calças como se fosse uma garrafa de vinho derramada sobre uma toalha de mesa. O menino tocava na coxa com a mão direita e parecia estar a mexer com o dedo na zona que sangrava.

— Por Deus! — gritou Steven.

Levantou-se, comprimiu com a mão a zona da coxa de onde o sangue emanava, levantou o menino com um braço e saiu com ele da sala de espera em busca de uma enfermeira. A mulher, que havia permanecido inalterada perante a atitude do rapaz, começou a rir-se às gargalhadas e gabou-se do sucedido.

Steven correu com o menino por um longo corredor, enquanto ouvia ao fundo o riso da mulher. Estava preocupado com o que acontecera ao miúdo e em lhe curar as feridas, mas aquele uivo de hiena cravou-se-lhe na mente e fê-lo estremecer. Quando encontrou uma enfermeira, Amanda tinha saído do consultório e cumprimentou alegremente a mulher da sala de espera.

— Olá, Amanda — disse esta, interrompendo o seu riso.

Capítulo 60

27 de Dezembro de 2013. Quebeque

— Onde vamos? — perguntou Susan enquanto subia relutantemente para a camioneta que um dia antes a transportara inconsciente.

— Vamos? — inquiriu Steven.

— Sim.

— Tu ficas no Quebeque. Vou dar-te dinheiro para que chames a polícia e venham buscar-te.

— Nem pensar.

— Susan, tenho de acabar com isto tudo. Não posso mais, entendes?

— Claro que entendo, mas quero ir contigo.

— Não podes vir. Não posso pôr-te em perigo, Susan. Se te virem viva, não irão parar enquanto não acabarem contigo. Tu ficas no Quebeque.

Aquelas palavras soaram demasiado sérias para que Susan se atrevesse a refutá-las. Estava cansada, deslocada, a centenas de quilómetros de casa e tinha a sensação de que começava a sentir-se um pouco atordoada.

— Tenciono ajudar-te, Steven. Estou sozinha e não tenho medo de nada — foi tudo o que ela conseguiu dizer. Estava sentada no lugar do co-piloto e recostou-se para trás quando sentiu uma sensação de vertigem que a afastava do chão e lhe desviava a visão de um lado para o outro.

Steven viu Susan começar a ceder sob os efeitos do propofol e como fechar os olhos enquanto se acomodava no assento. No limbo do sonho, Susan esforçou-se por abrir os olhos de novo, pois percebera que seria a última vez que veria Steven.

— Dorme, Susan. Quando acordares, estarás a salvo.

Mal conseguindo falar, lutando contra a força do sono, Susan disse-lhe:

— És um bom homem, Steven.

Aquelas palavras penetraram nele com a fulminante determinação de recuperar, do mais profundo do seu ser, a bondade perdida durante os anos ao serviço dos Sete. Num impulso fortuito e exacerbado, Steven sentiu-se com um ímpeto adicional de força, o mesmo que sentira quando anos antes lhe passara pela cabeça que poderia recuperar Amanda, mas que o introduzira em cheio na voragem de uma espiral autodestrutiva e que agora o tinha relançado no abismo da vingança.

Antes de pôr o carro em andamento, observou-a a dormir e mais do que nunca viu nela Amanda: o seu cabelo castanho, a sua pele pálida, os seus lábios carnudos, os seus braços magros. Ficou pensativo no assento da camioneta, a reflectir sobre a vida que havia deixado para trás e que agora desejava recuperar com todas as suas forças, e arrancou.

Conduziu durante mais de uma hora pelo sumptuoso caminho arborizado do Parque Nacional La Mauricie, rememorando os sorrisos de Kate, as graças de Carla e a desconfiança de Amanda, e, quando chegou à cidade de Quebeque, tinha prometido a si mesmo que tanto Laura como os Sete haveriam de pagar pelas vidas que tinham destruído.

A neve acumulara-se dos lados da calçada, e nenhum sítio lhe pareceu adequado para deixar Susan sem que pudessem vê-lo. Entrou com o veículo num estacionamento do centro da cidade e parou ao lado de um *Dodge* azul com matrícula de Vermont. Desligou o motor e olhou uma vez mais para Susan. Não sabia o que fazer, mas deu-se conta de que separar-se dela lhe iria custar muito mais do que pensara num primeiro momento. Despiu o camisolão azul que trazia e envolveu-a nele.

— Agora estarás a salvo — sussurrou-lhe quando se abeirou dela. A visão de si mesmo protegendo uma Susan adormecida chocou-o e quase nem se reconheceu.

Saiu do carro sem olhar para trás e agachou-se junto à porta do *Dodge*. Não demorou um minuto a abrir a porta com toda a limpeza e a efectuar uma ligação directa no carro, saindo do estacionamento sem que ninguém o visse.

Quando Susan acordou, horas mais tarde, naquele estacionamento vazio e sob o olhar de um par de adolescentes curiosos que estavam a vê-la dormir

fazendo vários ruídos e piadas, Steven já chegara a Boston. Susan gritou de susto, despertando abruptamente, sem ar, de um pesadelo em que tudo à sua volta desaparecia.

Steven abandonou o *Dodge* numa rua no centro de Boston e aproximou-se de uma cabina. Marcou o número que trazia gravado a fogo na mente e esperou. Quando pensava que a pessoa do outro lado tinha atendido, percebeu que não era assim. «O número que marcou não está disponível de momento».

— Raios partam isto — gritou ele.

Voltou a marcar, mas a resposta foi idêntica. Sem saber o que fazer, e num impulso fortuito, voltou para o carro e saiu dali a toda a pressa. Conduziu durante algum tempo com um caminho fixo na cabeça e um destino inamovível: a mansão onde algumas noites antes tinha deixado, nas mãos dos Sete, Jennifer Trause.

Capítulo 61

27 de Dezembro de 2013. Boston

— Jacob, tudo o que tu me contaste parece um disparate — disse Stella, esgotada por uma noite sem dormir. Para si, o tempo havia-se comportado como ela quisera naquela consulta e, embora segundo os seus cálculos, a conversa com Jacob não devesse ter durado mais de algumas horas, os minutos haviam passado com uma celeridade implacável, fazendo-a sucumbir pouco a pouco aos estragos de uma noite de vigília. Jacob, por outro lado, estava mais activo que nunca. Continuava a falar e a gesticular energicamente. Recapitulou a sua vida com ela, contou-lhe os lugares que havia visitado na sua busca pelos Sete — Madrid, Ancara, Singapura, Londres, Orlando, Washington... — e como em Washington encontrara uma pista-chave para os procurar em Estocolmo e aí se esfumaram as possibilidades de lhes dar caça. Disse-lhe ainda que, quatro anos depois, por um acaso do destino, voltara a Salt Lake e encontrara sem querer uma pista que o levaria a Boston.

— Não posso acreditar que a filha do director tivesse de morrer por tudo isto — assinalou Stella.

— A morte da Claudia tem um significado muito mais importante do que pensas, e irás sabê-lo em seu devido tempo.

— Mas porquê agora e não quando a Laura sonhou com ela?

— A Laura não confessou a ninguém que tinha sonhado com a sua filha. Por isso os Sete nunca souberam desse dever não cumprido.

— E porque morreu agora? Porque recebemos a cabeça dela numa caixa justamente hoje? — gritou ela, consternada.

— Não tardarás a sabê-lo, Stella.

Ela fitou-o pensando que, quanto mais lhe contava, menos ela entendia, e, quanto menos entendia, mais parecia que Jacob se sentia dono da história. A cada resposta, surgiam-lhe novas incógnitas, e a cada incógnita ela sentia-se cada vez mais perdida, ao ponto de nem sequer saber quem era. Pouco a pouco fora perdendo a sensação de ser analista de perfis psicológicos do FBI; a sua certeza de que aquele caso mediático era o de um louco perturbado fora desaparecendo; e o controlo dos seus actos e a sua compostura tinham-se desvanecido sem que ela se apercebesse perante o inevitável olhar azul de Jacob.

— Estou cansada de tudo isto — disse.

— Queres saber porque morreu a Claudia? É isso que queres saber?

— Tens de entender que a morte dela foi muito traumática para mim, e nem consigo imaginar como terá sido para o Dr. Jenkins.

— Só o saberás se fizeres uma coisa por mim.

— O quê?

— Tirar-me daqui. Há uma coisa que eu tenho de fazer antes que tudo isto termine.

— O quê? Estás louco?

— Isso és tu que tens de me dizer — respondeu ele com um sorriso condescendente.

— Estás a pedir-me que te tire do centro? Sabes que não posso fazer isso.

— Queres saber porque morreu a Claudia?

— Sim, mas não à custa de pôr mais pessoas em perigo.

— Stella, acreditas realmente que sou perigoso? Há muitas vidas em jogo. A Laura está em Boston e fará qualquer coisa para cumprir o seu objectivo.

— Não me faças isto, Jacob.

— Se não fizermos nada, vão morrer pessoas.

— ...

Jacob levantou-se da cadeira. Stella tinha-se esquecido de que o desamarrara horas antes e sentiu que o seu coração dava um pulo quando o viu de pé diante de si. Quase num impulso de valentia, Jacob agachou-se para se pôr à mesma altura e aproximou-se dela, colocando o seu rosto junto ao ouvido de Stella, que permanecera imóvel, sem saber o que fazer.

— Eu só vim aqui por tua causa — sussurrou-lhe ele.

Stella conteve a respiração, enquanto notava que Jacob estava apenas a poucos centímetros de si. Não sabia porquê, mas queria a todo o custo sentir-se parte dele. O louco perturbado que havia conhecido no dia anterior dera lugar a uma pessoa com uma vida atormentada e inquietante, com uma inigualável atitude protectora, que ela ainda não entendia, mas que a fazia sentir-se como se nada pudesse acontecer-lhe ao seu lado. O céu poderia mudar de cor, as ruas desaparecerem e o mundo sumir-se, que isso não lhe importaria se Jacob continuasse a sussurrar-lhe ao ouvido.

— Não me falhes agora, por favor — suplicou Jacob. — Estamos muito perto do fim.

Stella debateu interiormente as consequências de fugir com ele. Iriam persegui-los por toda a parte: o FBI, a polícia, os serviços de inteligência... Não passariam mais de vinte e quatro horas até darem com eles. Portanto, se quisesse agir, tinha de o fazer já.

— E onde queres ir? Não teremos muito tempo.

— Onde tudo começou.

— Onde?

— Salt Lake.

Capítulo 62

27 de Dezembro de 2013. Boston

O director não sabia se era um sonho ou se era real, mas durante alguns momentos encontrou-se junto de Claudia. Passeava ao lado dela enquanto observavam um lago invadido por um interminável entardecer âmbar. Naquele passeio, ele olhava-a de cima a baixo sem acreditar se o que estava a ver era realidade ou ficção, se a sua mente estava a pregar-lhe uma partida macabra ou se efectivamente tudo o que ele acreditava ter vivido, a morte de Claudia, a descoberta de que Laura estava viva ou a existência do decapitador, nunca houvesse acontecido. Durante alguns momentos, foi verdadeiramente feliz.

De repente, enquanto agarrava na mão de Claudia e estava prestes a contar-lhe a loucura que acabara de sonhar, notou que os pulmões lhe ardiam e que a secura lhe invadia a boca, esgotando cada partícula de humidade da língua. Tentou respirar e, quando olhou novamente para Claudia, ela já não estava presente. Gritou com todas as suas forças, sentiu que caía no vazio e, nesse preciso momento, despertou do coma.

No hospital geral de Boston, a unidade de queimados situava-se no piso térreo do edifício, junto à sala de cuidados intensivos, e era um viveiro de médicos, pacientes e familiares. No meio do burburinho, o Dr. Jenkins, que fora trazido pelos bombeiros um par de horas antes e estava inconsciente desde que chegara, acordou com um grito lancinante.

— Não se preocupe, Dr. Jenkins — disse-lhe uma das enfermeiras —, está são e salvo. Os bombeiros tiraram-no do andar em chamas, onde ficou inconsciente devido ao fumo. Parece um milagre, mas não sofreu nenhuma queimadura.

Inspirou com todas as suas forças, enchendo os pulmões de uma vitalidade impetuosa. Apalpou a cara com as mãos ainda cheias de fuligem e retirou a máscara que lhe cobria a boca e cujos elásticos lhe haviam deixado umas leves marcas no queixo.

— Onde está? — gritou o director. — Onde está?

— O quê? — respondeu a enfermeira.

— A Claudia! Onde está?

— Quem é a Claudia, Dr. Jenkins?

— A minha filha! Onde está?

— A sua filha estava no andar em chamas? — O rosto da enfermeira transformou-se numa expressão de preocupação. — Os bombeiros só o trouxeram a si — acrescentou ela.

O director recordou porque estava ali: o andar com o asterisco na porta, a bomba, o fumo, o fogo, a parede cheia de fotografias, o mapa com milhares de marcadores... Deu-se conta de que aquilo que acabara de viver junto de Claudia fora um sonho, mas sem dúvida o mais real que jamais tivera. Ainda sentia o cheiro a jasmim do cabelo dela, a brisa do ar na sua cara e o tacto da mão dela contra a sua. Num dia Claudia desaparecera da sua vida, ensinara-lhe o caminho a seguir nos álbuns de fotografias e, como num gesto de amor, decidira oferecer ao pai uma última recordação sua, que eliminasse a última visão que tivera dela.

— A Claudia não está aqui — disse ele, olhando para a mão.

A enfermeira observou-o, preocupada, sem saber o que dizer. O director ficou a contemplar a sua mão e sentiu de novo a mão de Claudia. Ficou pensativo por um segundo, e a visão da mão de Claudia desfez-se até se transformar num livro que ele segurava, rodeado de fumo.

— O livro, onde está ele, maldição!

— Que livro? — perguntou a enfermeira surpreendida.

— Eu trazia comigo um livro. Lembro-me! Encontrei-o lá em casa.

— Os seus pertences estão no depósito. Mas...

O director saltou para fora da cama e verificou que ainda tinha um tubo ligado à veia. Arrancou-o sem pensar nisso e saiu da sala com toda a celeridade e equilíbrio que lhe eram permitidos pelo seu rápido recobro.

— ... não pode ir-se embora assim — gritou a enfermeira, surpreendida.

O director correu pelo corredor e saiu para a recepção do hospital ataviado com a indumentária dos pacientes e descalço. Em frente à recepção, encontrava-se a sala de espera, e umas vinte pessoas olharam-no com estranheza quando ele se abeirou da enfermeira que estava ao balcão.

— As minhas coisas! Onde estão?

— Sente-se bem? Tem a alta do médico?

— Onde estão as minhas coisas?

— Sem a alta do médico, não posso entregar-lhe os seus pertences.

— Não preciso da alta! Preciso de sair daqui — gritou ele.

A enfermeira observou-lhe o rosto consternado e cedeu.

— Tem a certeza de que está bem para sair? Se assim é, eu preciso que me assine estes papéis e poderá ir.

O director assinou o formulário de alta voluntária sem pestanejar e bateu com a esferográfica no balcão. Esse gesto surpreendeu a enfermeira.

— Agora vai dar-me as minhas coisas?

A enfermeira perdeu-se por alguns momentos num quarto que tinha atrás de si e regressou com uma cesta de plástico cinzento que tinha a etiqueta «Dr. Jesse Jenkins» pendurada na parte da frente.

— Isto é tudo o que trazia. As suas roupas, uma caneta, um telemóvel...

O director olhou, aturdido, para o conteúdo da cesta. Esperava encontrar nela algo mais e, quando viu que não era assim, ficou desiludido. Tinha a certeza de que encontrara mais alguma coisa no chão, mas não sabia se também fora um sonho.

— Ah, bom — disse a enfermeira. — Também trazia isto.

A enfermeira agachou-se atrás do balcão e retirou lá de baixo de um livro antigo com as arestas carbonizadas.

— Segundo os bombeiros, o senhor protegia este livro como se a sua vida dependesse dele. Agarrava-o com tanta força enquanto estava inconsciente que não havia maneira de lho tirarem.

O director pegou no livro e observou-o de cima a baixo. Não tinha sonhado. Agora que sentia o toque da sua capa, revivia a lembrança mais claramente que nunca. Antes de ficar inconsciente, fizera um derradeiro

esforço para encontrar uma última pista. Se o interior daquela casa ardesse, perderia o último elo que o ligava a Laura e, sem nada, não teria maneira de continuar a sua busca. Num último impulso, cego pelo fumo, turvado pelo sono e abrasado pelo fogo, apalpou o livro nas sombras e, sem saber porquê, sentiu que tinha de o proteger com a sua vida.

— Que livro é esse? — perguntou-lhe a enfermeira, atraída pelo seu aspecto envelhecido e pelo logótipo na capa.

— A minha última esperança — respondeu ele.

Capítulo 63

27 de Dezembro de 2013. Boston

Laura ficou um bom bocado a contemplar passivamente a anotação que acabara de escrever no pedaço de jornal: «Stella Hyden, fim dos dias.»

A visão daquelas palavras desenhou-se-lhe na mente com uma miríade de formas: fogo, trevas, desespero e desolação. Nunca antes tivera um sonho como aquele, nunca antes havia experimentado o desespero de ver que o mundo desaparecia. O seu envelhecido coração continuava sobressaltado, e, embora esse efeito fosse em parte o habitual após os seus sonhos de morte, nesta ocasião era diferente. Era como se algo dentro de si lhe dissesse que este era o dia mais importante da sua vida e, embora soubesse que não, que nunca poderia esquecer aquele dia em que beijara Claudia pela primeira vez na testa dezassete anos antes, sentia como se uma parte da sua alma lhe pedisse aos gritos que fizesse o que fosse preciso para acabar com a vida de Stella Hyden.

Levantou-se do chão e saiu para a rua. Eram doze horas da manhã, e faltava um dia para os Santos Inocentes. Pensou na dualidade da festa e no significado que aquele dia tinha actualmente em numerosas culturas. Num dia como aquele, dois mil anos antes, o rei Herodes havia ordenado a execução de milhares de crianças inocentes, e agora a festa tinha-se transformado num bar aberto de piadas em todo o mundo. «É impressionante o que o tempo faz a qualquer história», pensou ela, e por um instante perguntou a si mesma se aquele dia festivo teria algo a ver com o seu sonho. Com uma vitalidade renovada, e com o ímpeto de um último presságio, avançou pela rua com a absoluta determinação de encontrar Stella Hyden e de acabar com ela. Não sabia por onde começar, nem onde a encontraria. Pela primeira vez em

muitos anos, o seu sonho não continha outras pistas senão o rosto daquela mulher, e essa ideia apoquentou-a. «Nunca darei com ela», pensou, «desta vez é que é o fim».

Caminhou, cabisbaixa, durante mais de três horas sem saber para onde ir, com os olhos semicerrados e com a pele esbranquiçada e enrugada a estremecer devido à força de um radiante sol de Dezembro. A tempestade de frio e de neve que havia assolado os Estados Unidos nas últimas semanas tinha desaparecido, mas as ruas ainda continuavam cobertas por uma neve que irradiava luz e iluminava os edifícios com uma vitalidade avassaladora. Quando se dispôs a virar a esquina e a dirigir-se para a Irving Street, um rapaz que circulava com o seu monopatim chocou com ela, fazendo-a cair ao chão sem perceber o que tinha acontecido. O rapaz foi ajudá-la a levantar-se.

— Lamento muito, sinceramente — disse-lhe ele. — Está bem?

— Não peças desculpa, filho — respondeu ela. — As coisas acontecem por alguma razão, e eu tenho a certeza de que tinha de parar aqui por um motivo.

O rapaz olhou para ela, incrédulo, sem saber o que dizer, e, quando estava prestes a acrescentar qualquer coisa, Laura desatou a rir às gargalhadas.

— Tem a certeza de que está bem? Não é caso para rir, eu acertei-lhe com muita força.

— Rapaz, às vezes o destino quer brincar connosco ou rir-se de nós, mas às vezes esse mesmo destino põe-nos à prova para que percebamos que ele existe.

— O quê? — disse o rapaz com estranheza. — A senhora não está bem.

Laura levantou-se do chão de um pulo e atravessou a rua até uma loja de televisores. Fê-lo com tal habilidade que o rapaz se assustou e fugiu a correr, deixando o seu monopatim onde este havia caído, debaixo de um carro.

Laura deteve-se diante da projecção de uma dúzia de ecrãs que estavam expostos na montra da loja, e todos mostravam a mesma imagem: a conferência de imprensa de Stella Hyden à porta do complexo psiquiátrico de Boston.

— Apanhei-te — disse ela.

Capítulo 64

24 de Dezembro de 2013. 00h00. Boston

Não! Um calafrio percorre-me o corpo de cima a baixo ao ver a cena mais macabra que já presenciei na minha vida. O corpo dobra-se-me e, instantaneamente, as minhas pernas fraquejam. O fulano do machado extrai-o do pescoço de Jennifer Trause com uma pasmosa indiferença, com uma quietude enérgica, e vira-se para mim. Não posso crer que não cheguei a tempo, que não a salvei. Tenho o coração tão acelerado que não consigo pensar nem mais um segundo, lanço-me apenas sobre ele. Não me importo de os enfrentar sozinho, não me importa se são muitos ou poucos, não me importo de morrer..., não se puder evitar que levem outra vida:

— Não! Nem mais uma morte! — grito.

Com o impulso, caímos sobre o corpo sem vida de Jennifer, e os factos ocorrem tão rapidamente que, quando quero dar-me conta do que estou a fazer, já lhe arrebatei o machado e levanto-o energicamente sobre ele. Já o imagino morto sob o impacto do machado e os restantes a correrem, assustados, incluindo o do cabelo branco, a suplicar pela sua vida, mas algo me levanta, e sinto a pressão de uma infinidade de mãos sobre mim.

Agarram-me entre todos e atiram-me contra a imponente lareira que preside ao salão. Está acesa e caio a escassos centímetros do fogo, que me abrasa a pele. As minhas costelas rangem, e a dor invade-me as costas. A mulher corre para mim gritando, possessa, enquanto o homem do machado se levanta e me olha com indiferença. Agarro a forquilha entre os utensílios da lareira e atinjo a mulher na cabeça, que cai, inconsciente, para um lado. Os outros três rodeiam-me, aproximam-se lentamente de mim, e não me resta outra opção senão empurrar a forquilha para dentro da lareira e retirar lá de

dentro vários troncos em chamas. O tapete não tarda a começar de arder, e o do machado põe-se a olhar em volta, preocupado. O fogo começa a alastrar pelo tapete, e vejo ao longe a minha mochila. Dentro dela há um bidão de gasolina e o livro com a lista de nomes. Tenho de lá chegar. O do cabelo branco sai a correr, assustado pela impotência de um fogo que não distingue os bandos, e, quando vai a passar ao lado do tipo do machado, acontece aquilo. Sem piedade, o homem do olhar perdido faz um movimento com o braço e barra-lhe o caminho.

— Que fazes, Eric? — grita ele.

O homem do cabelo branco fita-o com uma expressão de terror e percebe que já é tarde demais. Com uma única mão, Eric levanta o machado e deixa-o cair sobre ele com todas as suas forças. Repete o gesto várias vezes, e por um instante tenho a impressão de que ele poderia ficar assim toda a vida. Desato a correr para a mochila, saco o bidão de gasolina e despejo-a por toda a parte enquanto Eric se encarniça com a sua vítima. O fogo aviva-se com tal vigor que as chamas trepam pelas cortinas e pelas paredes, e noto que um calor infernal me atinge o rosto com virulência. Ao virar-me para trás, contemplo o demónio em pessoa: Eric deixou cair a túnica e está completamente nu, a mirar-me com os seus olhos de fogo, segurando com força o machado. Parece alheio ao lume que o rodeia e lhe abrasa os pés descalços e tem um olhar tão inerte que julgo que não sente nada. O temor perante uma morte sob o machado dele dá-me forças para correr entre o pouco espaço que ainda não está a arder. Aos meus pés está a cabeça de Jennifer Trause, e um calafrio percorre-me todo o corpo quando vejo o rosto dela a olhar para mim. Sem pensar nem mais um segundo, agarro na cabeça e lanço-a com toda a minha força contra uma das imponentes janelas.

Capítulo 65

15 de Junho de 1996. Salt Lake

— Eu conheço-a? — disse Amanda para a mulher na sala de espera.

— Creio que não, Amanda.

— Como sabe o meu nome?

A mulher permaneceu calada durante uns instantes, os suficientes para que a jovem se impacientasse e continuasse.

— Onde está o meu pai? Esperava-me aqui.

A mulher começou de novo a rir às gargalhadas, com um som tão estridente que reverberava nos tímpanos de Amanda como o grasnido de um corvo e lhe eriçava os cabelos da nuca como se de uma corrente de ar gelado se tratasse.

Amanda começou a andar em direcção à porta de saída da sala de espera, com a intenção de sair daquele lugar de doidos, mas a mulher saltou para ela e agarrou-lhe o braço.

— Não podes ir-te embora, Amanda. Estás nos sonhos.

A pulsação de Amanda acelerou tanto com as palavras da mulher que até a notava no seu peito, nas pontas dos seus dedos, no ar que exalava, no seu pescoço. Ficou imóvel sem saber o que fazer. A princípio, sentira-se incomodada ao julgar que estava na presença de uma doida, mas, quando se deu conta de que aquela mulher sabia o seu nome, e além disso o pronunciara com a serenidade e a quietude da pessoa mais cordata do mundo, sentiu que devia sair dali fosse como fosse.

— Que sonhos? — disse ela com valentia.

— Os sonhos de morte.

Amanda baixou a vista para a mão que a segurava, procurando ganhar

tempo e pensando como haveria de soltar-se, e foi então que viu: uma tatuagem na face interna do pulso, parcialmente coberta por um relógio, na qual se distinguia claramente o asterisco de nove pontas. Compreendeu então que tinha de sair dali, de escapar fosse como fosse, e de se pôr a salvo junto do seu pai.

— O que é esse asterisco? — perguntou, tentando ganhar algum tempo.

— Queres saber?

— Sim, claro — disse ela, temerosa.

A mulher sacou da mão que não estava à vista de Amanda e que empunhava uma proeminente faca que ergueu, disposta a cravar-lha.

— A marca do destino! — gritou.

Naquele instante em que a faca cortava o ar com a determinação de um objectivo a cumprir, Amanda, sem saber porquê, lembrou-se de Jacob, e soube que tinha de ser corajosa e de se encontrar com ele mais uma vez. A imagem de Jacob na sua cabeça transformou-se naquilo que estava a ver, e vislumbrou a morte aproximar-se dela sob a forma de loucura. Não era uma rapariga forte. Os seus braços magros já mal suportavam o peso de uma Carla crescida, e a impotência e a dor que sentiu ao sentir a força com que a mulher a agarrava fizeram-na contemplar a possibilidade de morrer ali mesmo às mãos de uma perturbada.

Mas a imagem de Jacob voltou a ela. O seu rosto sorridente e tímido sob o arco da porta dominou-a, e, não pelo amor de uma família, mas pelo de um sonho a cumprir, teve a agilidade necessária para evitar a primeira facada, com tal sorte que a faca acertou na parede e caiu da mão da mulher.

Debateram-se durante uns instantes no silêncio da sala de espera e, quando a mulher estava prestes a atirá-la ao chão, Amanda cuspiu-lhe na cara. Como pôde, safou-se dela no milissegundo que durou essa distracção e correu para a saída, implorando ajuda pelos corredores vazios.

Chegou à saída do centro e viu que o *Ford* azul que tinham alugado ainda lá estava. Steven não saíra do centro, e a única opção que considerou nesse momento foi correr para a rua em direcção a casa.

Estava a anoitecer, e os passos de Amanda ressoavam no passeio. Quando chegou a uma esquina, apercebeu-se de uma sombra que apareceu atrás dela e

que parecia avançar, implacável, seguindo-lhe os passos. Correu durante quase uma hora pedindo ajuda, mas não havia ninguém nas ruas da zona nova. Toda a gente estava na feira, cujas luzes cintilantes se viam reflectidas no lago que bordejava Salt Lake num sombrio e mágico entardecer.

Amanda olhou para trás. Faltavam apenas duzentos metros para chegar a casa. Estava exausta e prestes a sucumbir ao cansaço da corrida, quando viu que já não era uma única sombra que estava prestes a dar-lhe caça, mas sete.

Jacob, que estava sentado no alpendre de Amanda, perturbado por um encontro que não se cumprira, prestes a chorar pensando em quanto a amava sem a conhecer, ouviu o grito com tal crueza, com tal desespero, que morreu por dentro:

— Jacob!

Capítulo 66

27 de Dezembro de 2013. Boston

A mansão, à qual duas noites antes Steven levava uma Jennifer Trause inconsciente, estava carbonizada. A imagem daquele negrume contrastava com a que tinha da mansão antes de ela arder: imponente, opulenta e desmedida. Para Steven, aquele era o sítio onde poderia tê-los encontrado. Agora parecia que um incêndio havia destruído o seu único meio de os alcançar, apenas restavam paredes enegrecidas e um esplêndido jardim de relva escocesa coberto de cinzas. Em frente ao que deveria ter sido a porta principal, estavam estacionados seis carros com os pneus furados.

— Não posso crer — disse ele.

Contornou a casa, procurando através das janelas algum vislumbre de vida e de cor, mas só encontrou carvão. As vidraças tinham derretido, e o fogo fizera desabar o telhado e as paredes interiores. O fogo, desolador na sua forma de crescer, havia-se alimentado do interior daquela casa, deixando apenas as paredes exteriores e fornecendo àquele lugar um vazio como o que Steven sentia dentro de si.

Olhou de novo para o jardim acinzentado e viu algo que passara despercebido aos seus olhos. No tom pardacento das cinzas que cobriam todo o jardim havia um rasto que deixava ver a verdura da relva e que ia de uma das janelas para a parte de trás da mansão. Era um sulco tão claro, tão perfeitamente marcado, que deduziu num instante que não era accidental. Seguiu o sulco desde o que restava de uma janela cujos vidros estavam espalhados pelo chão e penetrou uma centena de metros no jardim até onde estava um montículo que ele não compreendia. Havia um monte de roupas deterioradas e manchadas de sangue.

— Que é isto? — disse ele, pegando em algumas das roupas.

Para sua surpresa, quando afastou um camisolão cinzento que tinha as mangas manchadas de sangue seco, sentiu algo por baixo dele. Atirou a roupa para um lado e viu uma mochila preta que parecia conter algo no seu interior. Enfiou a mão nela, receoso por não saber se iria encontrar um membro decepado de alguma vítima, mas encontrou algo que o impressionou muito mais: o livro com o asterisco na capa.

Abriu-o e viu as anotações, as datas e os nomes. Um calafrio percorreu-lhe o corpo de cima a baixo. Durante um tempo, pensara que havia deixado de ser humano, de sentir a dor da morte, de entender a piedade, de ter sentimentos, mas, quando começou a folhear as páginas e a perder a conta à quantidade de nomes que o livro poderia conter, e o que significavam, estremeceu com tanta morte e esteve prestes a vomitar. Chegou à última página, onde as entradas acabavam em Jennifer Trause, com um 24 de Dezembro de 2013 escrito ao lado do nome, e recordou entre lágrimas que a deixara dentro da mansão sem lhe ter dado opção de sobreviver. Sentiu-se nesse momento tão culpado, tão infeliz, que gritou com todas as suas forças.

— Deus, perdoa-me.

Quando reuniu coragem suficiente para continuar a procurar uma pista que o levasse até aos Sete, recomeçou a folhear o livro, procurando algo fora do comum, e foi então que lhe viu a contracapa. Escritas com os dedos, e com o sangue que já secara, estavam as palavras «Salt Lake».

Capítulo 67

27 de Dezembro de 2013. Boston

Jacob e Stella correram pelos corredores de um centro psiquiátrico invadido pelo amanhecer e cujos raios de luz alaranjada se cruzavam com a poeira que levitava através das frestas das janelas. Os pés descalços de Jacob soavam como bofetadas no chão enquanto corriam ao lado dos de Stella, cujos saltos estavam a fazer demasiado barulho.

— Descalça-os — sussurrou Jacob.

— O quê?

Pararam num recanto do corredor, e Stella apoiou-se com uma mão no ombro de Jacob enquanto descalçava um dos sapatos com a outra. Repetiu o gesto com o segundo sapato, e durante essa aproximação de Stella fitou-a nos olhos. O olhar cor de mel de Stella brilhava com a luz do amanhecer, e durante uns instantes ambos contemplaram a beleza do olhar do outro. De repente, quando já tinham perdido a noção do tempo, um estridente alarme soou por todo o centro.

— Estão ali! — gritou um guarda.

Jacob pegou na mão dela, e dispararam pelo corredor, fugindo dos guardas. Viraram para a ala oeste, a zona dedicada aos pacientes com esquizofrenia, onde se ouviam gemidos e risos portentosos. Daí, tentaram descer um piso, mas depararam com um dos guardas, que subia as escadas à procura deles. Sem saberem para onde ir, subiram um piso tentando encontrar uma escapatória, um resquício de segurança que lhes permitisse fugir.

O terceiro andar era partilhado por doentes com Alzheimer e por autistas. As portas dos quartos estavam abertas e sem vigilância, devido à ausência de incidentes nessa zona, e os idosos e pacientes caminhavam pelo corredor

livres e esperançados. Uns em busca de lembranças de uma vida vivida, outros em busca de uma vida que passava diante deles sem que disso se apercebessem. O ar esperançoso do corredor, do qual se avistava o pátio interior do centro, revitalizava-lhes o espírito e permitia que alguns se unissem às suas memórias e que outros se unissem ao presente. Stella e Jacob correram pelo corredor olhando para trás, de mãos dadas, para verem se ainda estavam a ser perseguidos. Não durou nem dez segundos essa visão dos dois a correrem, mas por uns instantes todos os idosos se lembraram da sua vida, e todos os autistas olharam para eles com atenção. Quando chegaram ao fim do corredor, entraram num dos quartos, ocupado por um casal de idosos que olhou, impressionado, para Stella, com o entusiasmo das crianças.

— És a nova enfermeira? — disse-lhe um deles com um sorriso, mostrando alegremente as gengivas.

— Não, não, lamento — disse Stella, sorrindo com cumplicidade e ao mesmo tempo preocupada com a situação.

Saíram do quarto e deram-se conta de que não tinham escapatória. Dois guardas avistaram-nos ao longe e correram para eles.

— Estão ali — gritaram.

Jacob segurou com firmeza na mão de Stella, enfiaram-se num lavabo que havia no corredor e bloquearam a porta.

— Não podemos fugir daqui — disse Stella.

— Saiam daí! — gritou um dos guardas do outro lado da porta.

Stella ofegava com tal nervosismo que os guardas a ouviam do lado de fora.

— Vamos! — gritou um deles. — Saiam!

À porta chegaram também vários membros da polícia e um investigador do FBI.

— Estão cercados. Menina Hyden, não sei o que pretendia fazer, mas garanto-lhe que a sua fuga com o prisioneiro termina aqui.

A respiração de Stella deixou de se ouvir, e a quietude apoderou-se do ambiente. Um dos guardas, que tinha ficado para trás na busca dos fugitivos, chegou à porta do lavabo com um molho de chaves e abriu-a diante do olhar do investigador do FBI e do resto dos guardas, que não acreditavam naquilo

que viam: a casa de banho estava vazia. Uma a uma, começaram a abrir as portas dos diferentes sanitários e, quando chegaram ao último, perceberam que a janela que havia ao fundo estava aberta. O investigador do FBI debruçou-se para fora dela e viu um *New Beetle* preto acelerar e perder-se entre os carros de Boston.

— Raios partam isto! — gritou.

Capítulo 68

27 de Dezembro de 2013. Boston

O director saiu do hospital, ainda com passos vacilantes, turvado pelo efeito dos medicamentos e exaltado por continuar com vida, e caminhou como pôde com o livro debaixo do braço. Tinha a sensação de que aquele livro continha todas as respostas que ele procurava sobre Laura e deambulou pela rua em busca de um lugar seguro para o ler. Encontrou-se em frente ao Parque Boston Common. Quando chegara à cidade com Claudia, anos antes, passava longas tardes com ela a brincar naqueles jardins, percorrendo os seus caminhos de terra, perdendo-se entre as suas azinheiras e salgueiros e contemplando o fluxo de transeuntes e de desportistas. Gostavam especialmente do ar que se respirava pouco antes do pôr-do-sol, da luz que impregnava e por vezes iluminava a neblina que se formava sobre a lagoa central, do som estaladiço das folhas dos azevinhos quando as pisavam no Outono. Lembrou-se de uma zona do parque onde costumavam sentar-se a olhar para a lagoa e decidiu que era o sítio perfeito para passar o livro em revista. Sentou-se num dos bancos e pousou-o sobre os joelhos.

Era um livro com lombada de couro cartonado e desgastado pelo passar dos anos, devia ter umas trezentas páginas com as bordas amareladas e envelhecidas e parecia ter mais de um século. Certo de encontrar nele aquilo de que precisava para encontrar Laura, abriu-o na primeira página. Quando a viu, o seu corpo estremeceu, as suas mãos tremeram, o olhar encheu-se-lhe de pânico.

Não havia nada.

A página estava em branco, e não apenas essa, mas também todas as seguintes. O livro não continha palavras, nem letras, nem fotografias, nem

símbolos, nem esperança. Passou uma a uma todas e cada uma das folhas amarelas, procurando folhas coladas, meias tintas, algum sinal que o fizesse regressar do seu desespero.

— Não pode ser — disse ele. — Que significa tudo isto? Um livro antigo em branco?

Fechou os olhos, ansiando que, quando os abrisse, algo tivesse mudado nele, mas, nesse momento em que pensava entregar-se à esperança, o seu telemóvel começou a vibrar dentro do bolso do casaco.

— Número desconhecido? — estranhou ele, mas atendeu. — Sim? — disse, aproximando o telemóvel do ouvido com indecisão.

— Olá, Dr. Jenkins — disse uma voz imperceptível do outro lado —, dormiu bem?

— O quê? Quem fala?

— Não vai querer saber.

— Como assim! Como sabe o meu número? De onde me conhece?

— O senhor não quer saber a verdade.

— Quem é você?

— Sou o Dr. Jenkins.

— Esse sou eu.

— Eu também sou o Dr. Jenkins.

— Isso é impossível.

— O que é impossível, Dr. Jenkins?

— Que tenha o mesmo nome que eu.

— E porque pensa isso, doutor? E se estivesse a falar consigo mesmo, com as profundezas da sua mente?

— É um dos meus antigos pacientes? Porque, se assim for, vou descobrir quem me está a pregar esta partida de mau gosto.

— Está perto da verdade, Dr. Jenkins, mas ainda não está preparado para ela.

— O que quer de mim? — implorou ele sem forças para pensar em mais nada.

— Quero que venha ter comigo, Dr. Jenkins. Agora.

— Ir ter consigo? Nem sequer sei quem o senhor é! Nem sei se é meu

paciente, nem tenho tempo para perder com parvoíces.

— Acha que a morte da Claudia é uma parvoíce? Ou não saber onde está a Laura? Ou não fazer a menor ideia da razão por que lhe está a acontecer tudo isto? Será uma parvoíce negar a sua vida?

— Como sabe tudo isso, seu filho da puta? Anda a espiar-me?

— O tempo está a acabar, Dr. Jenkins.

— O que quer dizer com isso?

— O fim está próximo, e agora segura o livro, que para os seus olhos está vazio e não diz nada sobre si, nem sobre a sua vida, nem sobre nada que lhe interesse, mas ele representa algo muito mais importante que tudo isso; e, embora aos seus olhos não seja mais do que um simples livro, com um peso médio, com uma capa austera e de um autor desconhecido, para si, no meio do fogo, da luta contra as chamas, significou muito mais. Significou a sua esperança: a de encontrar a Laura e a de vingar a Claudia.

O director ficou calado, sem saber o que responder. Suspirou ao telefone com um nó tão forte no peito devido às palavras que aquela voz lhe dirigira que sentiu o coração na garganta.

— Abra de novo esse livro, Dr. Jenkins.

— Está a observar-me? — disse o director, olhando para um lado e outro, em busca de alguém que estivesse a falar ao telefone. Não havia ninguém no parque, e a partir da posição onde ele estava era impossível distinguir qualquer silhueta por dentro das janelas dos edifícios distantes.

— Abra-o.

— Já o vi até ao fim. Está vazio. Não há nada nele.

A voz do outro lado da linha desligou, deixando-o em suspenso e com a estranheza de não saber quem era nem porque lhe telefonava.

Sem entender o motivo, fez o que a voz lhe dissera e abriu de novo o livro. O director ficou petrificado.

A primeira página estava escrita de alto a baixo, garatujada com uma caneta, não havia nela nenhuma margem, nenhum espaço em branco, e as palavras repetiam-se por toda a parte em diferentes formas e tamanhos: umas vezes em maiúsculas, outras em minúsculas; umas a tinta vermelha, outras a tinta preta; às vezes cada palavra ocupava cinco a dez centímetros; outras

somente uns milímetros: *Ekaltlas*, *Kaletlas*, «*Lastklea*, *Lastkale*, *Setkaall*. Todas as páginas estavam pintalgadas com as mesmas palavras, e, apesar de nas primeiras a escrita ser mais desordenada, com letras maiúsculas e minúsculas misturadas, algumas palavras direitas e outras do avesso, à medida que ele ia passando as páginas, pouco a pouco, a ordem ia-se apoderando das letras, e o texto adquiria uma nova dimensão: estavam escritas as mesmas palavras, mas alinhadas em filas perfeitas, ocupando todas o mesmo espaço, e respeitando de uma forma milimétrica as margens e as separações. De vez em quando, entre todas elas, destacavam-se as únicas letras que pareciam ter sentido: «Jacob.»

— Jacob? Como é possível que o nome dele esteja aqui? — sussurrou para si mesmo.

Não entendia nada, mas aquele livro que lhe havia dado esperança no meio do fogo acabara por ser para ele um mero embuste. Pegou no livro com todo o seu ódio e atirou-o para o caixote de lixo que estava junto ao sítio onde se sentara.

Apressou-se a levantar-se e a dirigir-se ao centro psiquiátrico para falar com Jacob e lhe perguntar porque estava o nome dele naquele livro, mas de repente as ruas haviam-se inundado com um alvoroço de sirenes da polícia e de pessoas a espreitarem à porta de alguns bares. Acercou-se da multidão que estava diante de um deles, mantendo-se em pé atrás do grupo e tentando espetar a cabeça acima das outras pessoas.

— O que se passa ali? — perguntou ao homem que estava imediatamente à sua frente.

— Não sabe?

— O quê? — respondeu ele preocupado.

— Aquele tipo, o decapitador, fugiu.

— Como assim, fugiu?

— Sim, toda a cidade está a acompanhar as notícias. Imagina um louco daqueles à solta por aí?

— Mas como aconteceu?

— Não faço ideia, ainda não informaram acerca de nada. A única coisa que se sabe é que ele conseguiu escapar. Dizem que foi com uma agente da

polícia, acredita?

O director não respondeu. Limitou-se a assentir com a cabeça e com um olhar perdido.

— O mundo está louco. Uma agente da polícia que ajuda um psicopata a fugir. É como se estivesse tudo de cabeça para baixo e nada estivesse no seu lugar. Serei porventura o único neste mundo que está são? — perguntou o outro.

— Só um momento, o que disse?

— Não me ouviu? Pergunto se serei o único que está são.

— Não, não é isso, a outra coisa.

— Como se estivesse tudo de cabeça para baixo e nada estivesse no seu lugar?

— Isso mesmo!

— O que aconteceu? — disse-lhe o homem com a testa franzida.

O director virou-lhe as costas e pôs-se a correr em direcção ao parque.

— Diz-se até logo, seu malcriado! — gritou o homem.

Quando o director chegou ao local onde estivera sentado, vasculhou o caixote do lixo e tirou de lá o livro.

Abriu-o com a maior celeridade que pôde enquanto se sentava de novo no banco. «Como se nada estivesse no seu lugar», disse para si mesmo. Leu a primeira das palavras, *Ekaltlas*, e, ao fim de alguns segundos, viu claramente.

— Como é que não consegui ver isto antes?

Apercebera-se de que todas as palavras eram compostas pelas mesmas letras e que com elas estavam escritas todas as combinações possíveis, excepto uma: «Salt Lake.»

Capítulo 69

27 de Dezembro de 2013. Boston

O *New Beetle* entrou na auto-estrada para oeste e começou a ultrapassar bruscamente vários carros pela faixa da esquerda e pela da direita. Stella Hyden ia a conduzir, e Jacob, sentado ao seu lado, via-a manejar o volante com uma desenvoltura excessiva. Estava absorto nos gestos dela e, apesar da situação de fuga, fitava-a com uma absoluta tranquilidade.

— Creio que já não nos seguem — disse Stella, vigiando tudo pelo retrovisor.

Jacob não respondeu. Continuou a observá-la por mais uns instantes. Fixou-se na graciosa silhueta do nariz de Stella, que fazia uma ligeira curva para cima quando chegava à ponta. Olhou-a com demora, reparando como as suas delicadas mãos seguravam o volante, como os seus braços magros se moviam como se bailassem, atentando no pestanejar dos olhos dela e na maneira como franzia a testa antes de cada ultrapassagem.

— Não te ajeitas mal com isso — disse-lhe Jacob.

Stella percebeu que ele analisava cada um dos seus movimentos, com aquele olhar de olhos azuis, e não soube como haveria de comportar-se. Olhava pelo retrovisor, mas ao mesmo tempo queria olhar para ele e prestar atenção suficiente à estrada. No treino do FBI, havia passado meses inteiros a fazer cursos de condução avançada, e tinham sido sem dúvida os que lhe haviam corrido pior. Apesar de ter sido aprovada com distinção nos exames de acesso, de ter passado os testes psicológicos e de ter ficado como primeira do seu grupo nos cursos de formação, nas provas de condução consideraram-na inapta. Passou meses a treinar, mas, mesmo assim, inconscientemente, uma parte de si odiava conduzir. Era como se receasse o volante, como se se

assustasse com a velocidade, e nunca era capaz de completar os percursos sem destruir o carro. Agora que ia na auto-estrada, rodeada de veículos, a circular a mais de cento e cinquenta quilómetros por hora, ultrapassando uns e outros, não temia nada. Não sabia se era do impulso de adrenalina da fuga ou se era por estar com Jacob, mas pela primeira vez na sua vida estava a gostar de conduzir.

— Segue por esse desvio e dirige-te para sul — disse Jacob. — Depois de entrares na interestadual, podes pôr-te à vontade. Espera-nos uma longa viagem.

— A que distância?

— Seiscentos quilómetros.

— Tenho uma ideia — respondeu Stella, ao mesmo tempo que girava o volante e saía da auto-estrada na primeira saída.

— Que fazes?

— Tens medo?

— De ti? Nunca.

Stella sorriu e segurou o volante com firmeza. Jacob também sorriu e, quando viu as indicações para aceder ao aeródromo de Boston, não conseguiu conter a impressão.

— Surpreendes-me, Stella, sabes pilotar?

— Claro. Tive aulas de voo de helicóptero na academia.

— És uma caixinha de surpresas.

— Eu? — inquiriu ela com um sorriso zombeteiro.

— Não imaginas quanto.

Aproximaram-se da zona de acesso ao aeródromo com o carro, e dois vigilantes mandaram-nos parar junto da cancela.

— Esconde-te! — disse Stella.

Jacob agachou-se no espaço entre o assento e o *tablier*.

— O que deseja, menina? — disse um deles.

— Preciso de aceder às instalações — disse enquanto lhe mostrava a placa do FBI.

— Bom dia, agente Hyden. Claro que pode passar.

Stella sorriu em jeito de cortesia, mostrando ao guarda os seus dentes

brancos.

— Mas antes — disse o vigilante — importa-se se dermos uma olhadela ao carro? Ultimamente tivemos alguns problemas de contrabando, e o protocolo de segurança foi modificado. Temos ordens para verificar todos os veículos que entrem e saiam das instalações.

O coração dela teve um sobressalto e sentiu que a viagem tinha acabado. O vigilante saiu da sua guarita e aproximou-se do carro, assomando à janela onde Stella se encontrava.

— Que vulto é aquele? — perguntou.

Stella ficou paralisada.

— Quem julgas tu que és para inspeccionares o carro de uma agente do FBI? — repreendeu o outro vigilante a partir da guarita. — Queres que nos despeçam?

O vigilante ruborizou-se e olhou, assustado, para Stella.

— Desculpe, agente Hyden — disse o outro vigilante da guarita. — O meu companheiro não percebe muito de hierarquias.

Stella, que estivera prestes a carregar no acelerador e a romper a barreira, respirou, aliviada.

— Passe — disse-lhe ele com um sorriso.

Entrou com o carro no aeródromo, onde a vasta extensão de superfície pavimentada só era interrompida por três hangares. Dirigiu-se para o mais distante e, quando o contornou e parou o carro junto ao heliporto, Stella suspirou:

— Já podes sair, Jacob.

— Foi por pouco — disse-lhe ele.

— Jacob, tens medo das alturas? — disse Stella, apontando para uma fileira de cinco helicópteros *Bell 206*.

Jacob olhou para Stella com os seus olhos de mar, obnubilado pelo recente desembarço dela. Algo estava a mudar nela, e sentia que isso era mais real que nunca.

— Diz-me, Stella, queres voltar a Salt Lake?

— Voltar?

Nesse instante, a partir do banco de trás, reverberou uma voz envelhecida

cuja vibração estridente lhes penetrou, melosa, nos tímpanos, fez eriçar os pêlos da nuca a Stella e doer a alma a Jacob, o afastou do seu sonho e o trouxe de volta ao presente.

— O destino está escrito — disse a voz, enquanto se ouvia o som de uma arma a ser carregada.

Capítulo 70

15 de Junho de 1996. Salt Lake

— Olá! — gritou Jacob do alpendre.

Levantou-se com uma celeridade portentosa e correu para ela. Não sabiam porquê, mas logo que se viram abraçaram-se por um segundo. Não durou mais que isso, mas o suficiente para perceberem que sempre tinham querido estar assim.

— Quem te segue? — disse Jacob a Amanda.

— Uma mulher, não sei, e mais gente — respondeu ela. — Não percebo nada. Ajuda-me, Jacob, por favor.

Jacob viu lágrimas saltarem dos olhos de Amanda e, sem sequer pensar, decidiu protegê-la do que quer que fosse. Armou-se com a mesma coragem que tivera durante a briga com o pai, meses antes, e disse a si mesmo que não falharia. Desta vez não. Haveria de protegê-la fosse como fosse e faria por ela o que fosse necessário. Sem hesitar nem mais um segundo, pegou na mão de Amanda e disse-lhe:

— Ao meu lado não te acontecerá nada.

As sombras haviam começado a aproximar-se, e distinguiam-se ao longe seis silhuetas macabras de diferentes tamanhos entre a escuridão da noite.

— Segue-me! — gritou ele.

Correram para o lago fugindo das sombras, contornando a velha casa situada em frente à de Amanda. Ultrapassaram o pequeno troço de árvores que os separava do lago e chegaram à margem, onde havia várias embarcações de madeira.

— Ajuda-me a empurrá-la — disse Jacob, enquanto se esforçava por arrastar uma delas para a água.

Montaram-se no barco com um salto quando este já flutuava o suficiente. Rapidamente, Jacob começou a remar com todas as suas forças, ao ver que as silhuetas se aproximavam deles.

Penetraram no lago e, quando estavam a uns escassos cem metros da margem, viram as silhuetas reunir-se à beira da água e ficarem paradas a contemplá-los sob a luz intermitente da feira distante e das mil lanternas que percorriam o cais junto ao povoado.

Naquele instante, Amanda sentiu-se por fim a salvo, longe das sombras que a perseguiam, e percebeu então junto de quem se encontrava. Não tivera tempo para pensar nisso nem para o assimilar. Sonhara várias vezes com o seu encontro: iriam à feira, comeriam algodão-doce, subiriam na roda-gigante, e Jacob oferecer-lhe-ia um peluche de alguma barraca de feirantes. Era a maneira mais típica de os acontecimentos se desenrolarem, mas ela ansiava por isso com a solenidade de quem esperava uma vida nova. Agora que sentia Jacob tão perto, remando por ela com todas as forças, soube que não haveria melhor maneira de estar com ele. Deixou de se importar com a fuga à medida que se afastavam da costa, e a cada golpe dos remos a luz perdia a força com que iluminava o rosto de Jacob, o qual continuava a ofegar para a salvar. Durante mais de dez minutos, Jacob não parou de remar, sem pensar em nada a não ser afastar-se da margem, sob o olhar atento de uma Amanda absorta no seu esforço. Remou com o ímpeto com que fugira de casa para ir viver com o tio, até um ponto em que a luz da feira estava tão longe deles que a única coisa que os iluminava era o céu estrelado. Nesse instante em que não se percebia nada, Jacob parou, e ambos ficaram calados por alguns momentos na escuridão.

O coração de Jacob estava desenfreado, e também o de Amanda, que se ouvia a bater no silêncio do barco. Já não por causa do esforço ou da corrida, mas pela impressão de saberem que se encontravam em frente um do outro. Embora mal se vissem, Jacob sentiu-a mover-se no barco, fazendo-o adornar um pouco para estibordo. Levantou-se instintivamente, tentando controlar o balanço, e nesse instante de silêncio umas mãos delicadas encontraram o seu rosto, acariciando-lhe o queixo e fazendo-o sentir como nunca antes estivera na vida. Jacob continuou a apreciar o toque da carícia dela por mais uns

momentos e, sem hesitar, agarrou-a pela cintura na escuridão com a determinação de não a deixar ir.

Sem dizerem mais nenhuma palavra, beijaram-se na escuridão, com as luzes da feira ao longe e com o céu coberto de constelações.

Para ele, não havia no mundo nada mais importante do que ela. Ela sentia-se a salvo ao lado dele.

Abraçaram-se em silêncio por um bocado, sabendo que as palavras não ditas significavam muito mais do que aquelas que se pudessem dizer e desejando que aquele momento durasse para sempre. Jacob sentiu a respiração descontraída de Amanda, a pressão do corpo dela contra o seu, o cheiro a lavanda do seu cabelo, o toque suave da sua mão, o calor da sua pele e, com uma assombrosa clareza, a força do amor adolescente.

— Não te deixarei ir embora.

— Não me separarei de ti.

— Isto é uma loucura, nem sequer sei o teu nome. Nem sequer sei quem és, mas já te amo.

— Amanda.

— O quê?

— Chamo-me Amanda.

O doce som da voz de Amanda a pronunciar o seu próprio nome pareceu-lhe uma maravilha em si mesma. Reparou no percurso que os lábios e a língua dela fizeram ao pronunciar cada uma dessas três sílabas e, por um segundo, teve a sensação de ter lido um milhão de vezes o nome dela no começo da sua lista de nomes possíveis e de ter passado a vista por algo parecido em muitíssimas ocasiões, mas nunca com a sinuosa, melódica e irresistível voz de Amanda.

Naquele momento um ponto de luz que surgia de uma das margens começou a aproximar-se do barco deles.

— Vem aí alguém — disse Jacob.

— São eles!

Jacob sentou-se de novo, enquanto Amanda tinha a sensação de que não teriam escapatória e começou a remar para a zona da feira. A luz aproximava-se rapidamente deles, e as remadas de Jacob pareciam não ser suficientes para

que não os alcançassem.

Quando finalmente se aproximaram do cais da povoação, iluminado pelas mil lanternas cintilantes e pelo som dos risos e da música da feira, ao longe, o ponto de luz parou atrás deles, no meio da escuridão. Jacob ajudou Amanda a subir para o cais, cujas tábuas de madeira molhada rangeram suavemente com o choque do barco. Jacob foi atrás dela e virou-se para trás, a fim de ver quem os seguia.

A luz imobilizou-se a uns trinta metros do cais, apontando para eles, e o seu brilho apenas permitia perceber várias silhuetas escuras imóveis num barco.

— O que querem? — gritou Jacob para as silhuetas com toda a sua raiva. Ninguém respondeu.

— Jacob, vamos embora, por favor — disse Amanda, pegando-lhe na mão.

Jacob olhou para ela e viu-a chorar de medo perante a impotência que o desconhecimento lhe dava, perante o domínio que a situação exercia sobre ela e perante a possibilidade de que algo de grave lhes acontecesse.

— Jacob, por favor, não me deixes sozinha.

— Nunca — prometeu ele.

Agarrou-a pela mão e correram a toda a pressa pelo cais pelo até que entraram na feira. Caminharam por ela de ponta a ponta, sob a direcção de Jacob, que mal desviava a atenção do seu itinerário, enquanto Amanda observava, incrédula, a beleza da luz amarelada das lâmpadas das atracções que piscavam incessantemente. Enquanto percorria a feira agarrada à mão de Jacob, não pôde fazer mais do que vê-la desfilar, maravilhada, e desse modo agarrar-se ao mundo real: a roda-gigante, os carros de choque, as barracas de habilidades, os domadores de touros, os balões de hélio, os doces e os bolinhos de chocolate, o cheiro a maçã com caramelo, o som da música, os gritos das crianças, os anúncios dos ciganos, as videntes do destino, o golpe com o martelo, a maravilha da diversão. Tudo havia sido colocado com uma ordem tão precisa, e ao mesmo tempo com uma desordem tão minuciosa, que para ela era o melhor sítio do mundo para andar de mão dada com Jacob. As crianças riam junto do grupo de palhaços desajeitados carregados de balões,

os adolescentes diziam adeus do alto da roda-gigante, os mais atrevidos perseguiam as raparigas nos carros de choque, a música sincronizava-se de uma atracção para outra, criando uma mistura inverosímil para o destino, e os cânticos dos ciganos anunciavam as aborrecidas maravilhas de uns ímanes.

A visão fugaz daquele mundo de alegria dissipou-se quando viu umas pessoas vestidas de preto entrarem na feira. Amanda e Jacob saíram pelo outro lado e perderam-se pelo bosque sem que as suas mãos se soltassem.

— Segue-me — disse-lhe ele. — Estaremos a salvo.

À medida que a música se ia afastando deles, e pouco a pouco o silêncio impregnava o ar, somente interrompido pelos seus passos na terra, Amanda aproximou-se mais de Jacob para se sentir protegida.

Chegaram a uma casa de madeira em construção, situada numa clareira junto ao lago. Estava suficientemente próximo da povoação para se considerar parte dela, mas também suficientemente distante para que Amanda se sentisse segura. Era idêntica à que alugara com os pais, mas a sua aparência era bastante distinta. As paredes não estavam acabadas, as janelas não tinham vidros, a pintura notava-se pela sua ausência. A cor da madeira viva impregnava a fachada, e o cheiro a serradura sentia-se ao longe.

— Aqui não te acontecerá nada — disse Jacob.

— De quem é? Estaremos seguros aqui?

— É do meu tio. Comprou este lote há uns anos e andou a trabalhar nela até há uns meses.

— Podemos entrar?

Jacob manipulou a porta e desatou uma corda com que ela estava amarrada à armação.

— Em frente — disse ele.

O interior da casa era idêntico ao da casa que tinham alugado: uma escada situava-se em frente ao vestíbulo e conduzia ao piso superior, e um corredor afastava-se em direcção à cozinha. A ténue luz da noite que entrava pelas janelas junto à entrada mal permitia vislumbrar além de um par de metros.

— Jacob? Onde estás? — disse Amanda ao ver que a sombra de Jacob se afastava para o interior da casa. — Jacob! — gritou ela, assustada.

Uma luz suave acendeu-se no cimo das escadas, e Amanda, temerosa,

aproximou-se dela.

— Jacob, não estou a achar graça! Sai já, por favor.

Quando se aproximou do quarto do piso superior do qual emanava a luz, Amanda sentiu uns passos atrás de si. O seu coração acelerou com a sensação de que havia alguém que ela não esperava, mas, quando sentiu as mãos quentes de Jacob rodearem-lhe a cintura, sentiu-se protegida.

— Aqui estás tu — disse Jacob. — Anda, quero mostrar-te uma coisa.

— O quê? — perguntou-lhe ela, tentando recobrar o fôlego.

— Fecha os olhos.

— Nem morta, Jacob.

— Confia em mim.

Capítulo 71

27 de Dezembro de 2013. Salt Lake

O motor da camioneta vibrava com um zumbido estridente e parecia que se ia desmontar, enquanto Steven agarrava o volante com a firme decisão de chegar ao seu destino. No seu íntimo, temia aquele povoado desde o mais profundo do seu ser. Tinha rejeitado durante anos a ideia de voltar àquele que outrora fora o seu lugar ideal para as férias e onde havia sonhado uma vida perfeita junto de Kate, no alpendre da antiga casa dos Rochester. Com o passar dos anos, as suas recordações idílicas de Salt Lake haviam sido cobertas por uma neblina de terror e, não sabia porquê, sempre tivera a sensação de que mais cedo ou mais tarde regressaria outra vez.

Depois de ter encontrado na mansão o livro com o asterisco na capa, e com a lista interminável de nomes, soube que esse momento tinha chegado. As suas piores suspeitas confirmaram-se quando as palavras «Salt Lake» apareceram escritas a sangue na última página.

«Quem escreveu isto?», pensou nesse momento.

Não hesitou nem um segundo, voltou para a camioneta e, quase em lágrimas, implorando ao céu que o protegesse, pôs-se em direcção a Salt Lake. Conduziu a camioneta vermelha durante mais de seis horas sem parar, com o olhar perdido, enquanto vislumbrava entre soluços a embaciada lembrança de Amanda, Kate e Carla. Quando chegou à entrada de Salt Lake, perguntou-se se seria a mesma povoação onde tudo acontecera. Estava a anoitecer, e a luz do ocaso dava ao local um aspecto mais desolador do que poderia imaginar-se: Salt Lake, outrora próspera e perfeita, transformara-se numa povoação abandonada à mercê do rolo compressor do tempo. O letreiro de boas-vindas à entrada da povoação estava coberto de mofo e soltara-se do

suporte num dos lados. À medida que ia entrando na povoação, notou que havia alguns candeeiros de rua caídos no passeio, vítimas de algum grupo de vândalos, que as casas do centro tinham perdido as suas cores vivas, que a maioria das lojas e dos locais estavam fechados.

— O que aconteceu aqui? — disse para si mesmo.

Deambulou por algum tempo com o carro sem saber para onde ir e decidiu parar numa velha estação de serviço. Saiu do carro estranhando a ausência de actividade na povoação e tentou encontrar alguém no interior da loja. As persianas estavam fechadas, e dava a impressão de que aquela loja havia deixado de vender há muito tempo. Num recanto ao lado das bombas de gasolina ainda havia jornais locais dentro dos expositores, e Steven folheou um deles ao ver a fotografia da capa que acompanhava a manchete: a vista aérea de uma casa de madeira meio construída, cercada por cordões policiais e por centenas de jornalistas. A imagem daquela fotografia atingiu-lhe a alma e levou-o de novo ao pranto. Ficou a olhar para a fotografia durante uns segundos, até que o título que a acompanhava lhe chamou a atenção: «Onde está Amanda?» Reparou na data do jornal e compreendeu que era da manhã seguinte ao dia em que perdera tudo.

Steven afastou-se dali atemorizado pela visão do nome da filha, mas com a determinação de que já passara anos suficientes sem ela. A sensação de estar numa estação de serviço sem usar a cabina para perguntar o nome de outra vítima e o local onde encontrá-la perturbou-o, mas percebeu que havia algo que desejava fazer. Aproximou-se da cabina telefónica e verificou se ela estava a funcionar. Colocou várias moedas e, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto até aos cantos dos lábios, marcou. Ao fim de vários toques, uma voz feminina do outro lado respondeu:

— Está lá?

— ...

— Olá?

A respiração e os soluços de Steven ressoavam do outro lado do auscultador. A voz feminina compreendeu quem estava a ligar-lhe e começou a chorar.

— Porque me abandonaste, Steven?

— Amo-te, Kate. Lamento muito.

— Steven, não sabes quantas vezes sonhei que voltavas para casa e me dizias essas palavras.

— Nunca poderei voltar, Kate — disse-lhe ele com a voz embargada pelo pranto. A crueldade daquelas palavras pareceu-lhe tão dolorosa como o motivo pelo qual não podia fazê-lo.

— Porquê? O que fizeste?

— Não precisas de saber, Kate.

— Onde estás? Porque te foste embora?

— Só quero que saibas que fiz tudo por ti, pelas meninas, e para te devolver a felicidade.

Kate ficou paralisada por aquela frase de uma voz que ela mal conseguia reconhecer. Ao fim de vários segundos em que nenhum dos dois conseguiu dizer mais nada, Steven continuou:

— Amo-te, Kate. Perdoa-me.

— Porquê?

Steven não conseguiu responder e, incapaz de aguentar mais um segundo, desligou.

Capítulo 72

27 de Dezembro de 2013. Salt Lake

— Vamos, saiam do carro — disse Laura apontando a pistola à nuca de Stella. Jacob manteve a calma, e a única coisa em que pensou foi que aquela mulher não apertasse o gatilho. — Se fizerem algum movimento estranho, mato-a.

— Não vais disparar — disse Jacob.

— Queres experimentar? Um movimento, e estará tudo acabado.

— Jacob, por favor, faz o que ela diz — suplicou Stella.

— Não vai disparar contra ti. Não quebraria as suas regras.

— Que regras?

— Saiam do maldito carro! — gritou Laura.

Saíram devagar, sem fazerem nenhum movimento brusco, sob o olhar atento de Laura, e colocaram-se de costas junto à fileira de helicópteros.

— Quem é? — disse Stella.

— Não te lembras, pois não?

— Que queres dizer com isso de não me lembro?

— Não há tempo — disse Laura com um portentoso fio de voz. — Subam para um helicóptero. Temos de ir a Salt Lake.

Jacob fez um gesto de assentimento para Stella, tentando acalmá-la e fazê-la sentir-se segura.

— Faz o que ela diz, Stella.

Subiram para o primeiro dos aparelhos, com a pistola apontada, e Laura subiu para a parte de trás.

— Vamos, não temos tempo a perder.

Stella sentou-se ao comando e, intuitivamente, fitou Jacob nos olhos. Para

ela, aquele momento era como saltar de um precipício sem saber o que haveria no fundo; para ele, era como renascer depois de uma vida de solidão. As hélices começaram a girar com um som atroador, levantando o ar, e soltando uma lona que as cobria.

Quando já estavam a voar, Stella pilotou em direcção a sul para Salt Lake seguindo as indicações de Jacob, mas, quando estavam prestes a chegar, não conseguiu conter-se.

— És a Laura, não é verdade? — disse Stella, olhando de soslaio para trás.
— A mulher do Dr. Jenkins. A dos sonhos. Desapareceste quando a tua filha nasceu.

— És inteligente — disse Laura. — Herdaste isso do teu pai.

— Do meu pai? Os meus pais abandonaram-me num centro de acolhimento quando eu nasci.

— Pensava que já terias resolvido isso — disse Laura.

— O quê?

— Não! — gritou Jacob. — Não deve ser assim.

Laura não respondeu, mas percebeu o que estava a acontecer.

— Mais cedo ou mais tarde ela irá descobrir, Jacob. Que diferença faz? Nunca dura para sempre.

— O que não dura para sempre? — disse Stella. — Não entendo nada. Conhecias os meus pais?

— Isso importa?

— A mim importa — respondeu ela.

— Cala-te de uma vez. Já causaste danos suficientes — disse Jacob repreendendo Laura.

— Chegámos — disse Laura.

A vista aérea de Salt Lake ao entardecer era avassaladora. O Sol reflectia-se sobre o lago e iluminava a povoação com a última luz do dia cor de fogo. As árvores, outrora esplêndidas e repletas de verdura, tinham ficado sem folhas, o lago, imenso desde as alturas, estava invulgarmente plano. Era como se tudo em Salt Lake tivesse perdido a vida, como se as mortes de tanta gente durante tantos anos por parte dos Sete tivessem levado, pouco a pouco, a alma de uma cidade em crescimento. Das alturas via-se apenas uma

camioneta que circulava em direcção ao centro de Salt Lake, e ao longe, do outro lado da cidade, estava estacionado um carro cinzento na antiga zona nova, diante de uma casa branca com o telhado azul destruído pela passagem do tempo.

— Aterra na praça central — disse Jacob.

— Não! Temos de ir à minha antiga casa.

— Preciso de espaço para aterrar — gritou Stella. — Não posso fazer isso numa rua normal.

— Pois terás de o fazer.

— Porquê?

— Porque sonhei contigo, Stella.

Capítulo 73

27 de Dezembro de 2013. Salt Lake

Ao chegar a Salt Lake, o director ficou impressionado com as lembranças do tempo que passara à procura de Laura. Vivera ali os seus melhores anos, a sua juventude, os dois primeiros anos da sua filha, a sua ânsia de esperança, e, para ele, era como se nada tivesse mudado. Ao ver as ruas abandonadas, os jardins secos, as janelas das casas destruídas, foi como se sempre tivesse sido assim. Não prestou a menor atenção à decadência de uma povoação caída no esquecimento e na apatia e, com mais respeito do que saudade, estacionou o carro em frente à casa onde Amanda passara as suas férias dezassete anos antes.

Observou-a por alguns segundos, surpreendido por aquela casa, que ele sempre admirara do passeio em frente, onde morava com Laura, estar abandonada às mãos de Deus. Foi a única coisa da mudança de Salt Lake que impressionou o director, pois para ele tudo naquele lugar sempre fora triste desde que Laura desaparecera. Amava-a com todas as suas forças e teria feito o que fosse necessário para a fazer feliz.

Voltou-se para trás e contemplou friamente a velha casa em frente à de Amanda. As melhores recordações da sua vida estavam divididas por dois sítios: num canto da sua mente onde revivia as noites de amor e as conversas sobre psicologia com Laura naquela casa e nos álbuns de fotografias que estavam no quarto de Claudia. Ambas eram para si dolorosas, mas ambas eram os únicos suportes que o mantinham à tona.

Aproximou-se do umbral da porta, acariciou durante uns segundos a maçaneta corroída pela ferrugem e abriu.

Capítulo 74

24 de Dezembro de 2013. 00h15. Boston

O vidro da janela voou em fanicos com o impacto da cabeça de Jennifer Trause. Dói-me a alma por fazer algo assim, mas não me resta outra opção, o fumo já está a asfixiar-me e preciso de ar a qualquer preço. Vejo Eric a olhar para mim do centro da sala enquanto o fogo o rodeia e começa a subir-lhe pelos pés. Está tranquilo, como se não estivesse a acontecer nada ao seu redor, e compreendo então que não se importa de morrer. Há duas coisas que uma pessoa pode temer na morte: morrer sozinho e morrer sem qualquer motivo. Eric crê que tem um motivo, e é por isso que contempla, maravilhado, as chamas que lhe abrasam a pele. Quando o fogo já lhe chega à cintura, abre os olhos, e é então que percebe que a morte é mais dolorosa do que uma vida de privações. Salto pela janela e sem dar por isso corto-me nos braços com os restos dos vidros que lá ficaram. Não me importam as feridas, neste momento só penso em respirar.

Chegado lá fora, o medo invade-me ao ver que, pouco a pouco, o fogo atroador se apodera do salão. Contemplo-o, maravilhado, e vejo nele, sem hesitação, as lembranças da noite em que a perdi. Foram tantos anos, tanto sofrimento, que eles tinham de pagar por isso. Observo a casa do lado de fora, tenuemente iluminada pela luz da Lua, enquanto o fumo começa a escapar-se pela janela por onde saí.

Que é isto? No segundo andar vejo uma janela com uma luz a piscar, como se estivesse alguém a acendê-la e a apagá-la, fazendo sinais. Há mais alguém? Não pode ser! Mal tendo tempo para pensar, contorno a casa até à porta principal e entro sem analisar as consequências dessa loucura. O fogo já passou do salão para o corredor e derrete sem contemplações o quadro das

Parcas. A tinta escorre para o chão, enquanto a tela encolhe diante de umas chamas enlouquecidas que se expandem em todas as direcções. Ouço gritos de dor que vêm do salão e intuo que provêm do resto dos Sete, que perecem sob as chamas. Não posso crer, mas gosto de lhes ouvir os gritos. Foi tanto o sofrimento que sinto como verdadeira a falsa sensação de felicidade da vingança. Subo as escadas auxiliado pelo meu ar de sucesso e começo a abrir uma porta atrás de outra, procurando qual dos quartos é o da luz que pisca. Abro o último deles e dou-me conta de que é aquele onde me encontrei cara a cara com o tipo do cabelo branco. O fogo sobe pelas escadas e corta-me a saída.

— Não! — grito eu ao perceber que ninguém me pedia ajuda, que ninguém me enviava uma mensagem, mas que era apenas uma lâmpada que estava prestes a fundir-se, e cujo brilho epilético me deixa sem esperanças.

Compreendo que vou morrer e, por um instante, fito a morte nos olhos com a sensação de ter cumprido a minha promessa.

Capítulo 75

15 de Junho de 1996. Salt Lake

Jacob cobriu os olhos de Amanda com a doçura de quem protege um sonho e guiou-a às escuras para o quarto de onde provinha a luz.

— Não abras os olhos — sussurrou ele.

— Porquê?

— Fecha-os.

— Ai, não posso!

— Confia em mim.

Amanda deixou-se levar e por um momento esqueceu-se de quem fugiam, do que faziam e de onde estavam, absorta pela protecção que a voz de Jacob lhe transmitia. O tom dele era endiabradamente sereno, e a ternura com que a guiava arrebatadoramente eficaz.

— Já podes abri-los — disse Jacob, apartando pouco a pouco as suas mãos.

Quando ela abriu os olhos, um espectáculo de luzes ténues alagou-lhe o rosto, cobrindo-o com uma cor âmbar. Cerca de dez velas estavam espalhadas pela sala semiconstruída. Jacob tinha-as disposto em pequenos grupos, de duas, de três e de cinco, salvo alguma vela solta cuja chama fosse mais forte que as demais. Pareciam espalhadas de uma maneira improvisada, mas, talvez por isso, conferiam à sala um contexto maravilhoso para a sua história de amor.

— Jacob, isto é incrível — disse Amanda, maravilhada.

— Pensei que assim talvez te pudesses acalmar.

— Obrigado, a sério. É a coisa mais bonita que alguém já fez por mim.

Jacob calou-se e fitou-a nos olhos, preocupado.

— Quem são aqueles que te seguem?

— Não sei. É tudo muito estranho. Uma mulher tentou matar-me esta tarde. Não percebo nada, Jacob. Foi horrível — ouvir de si mesma tais palavras fez que a voz lhe tremesse e que ela quase se perdesse entre lágrimas.

— Não te preocupes, já passou. Juro-te pela minha vida que estarei sempre ao teu lado.

Jacob pegou na mão dela e fez-lhe um suave gesto para que se deitassem no chão de madeira. Quando o fizeram, ficaram a contemplar, com as cabeças encostadas uma à outra, o suave contorno da luz das velas no tecto.

— É maravilhoso — disse Amanda, respirando calmamente.

— Sim, é. Estou há pouco tempo em Salt Lake, mas venho sempre aqui descontraí-me com a luz das velas. Quando era pequeno, lembro-me de ter queimado a ponta do dedo indicador quando só tinha quatro ou cinco anos de idade. Foi por uma idiotice, ao tentar tocar no fogo que saía do isqueiro do meu pai. Fiquei com um medo horrível do fogo, sabes? A minha mãe, quando viu que isso me causava pânico, apagou as luzes todas da casa e acendeu uma série de velas. Levou-me até lá de olhos tapados e fez-me deitar para observar o movimento relaxante da luz delas no tecto.

— A tua mãe é encantadora.

Jacob não respondeu, ao recordar o motivo pelo qual havia abandonado a sua casa.

Amanda apercebeu-se, sob a luz das velas, da expressão de tristeza que cobriu o rosto de Jacob.

— Disse algo de mal?

— Não te preocupes, Amanda. — Jacob estava prestes a desfazer-se em lágrimas, mas conteve-as com esforço. — Pela primeira vez em muito tempo — disse-lhe ele — estou feliz.

Amanda acariciou-lhe suavemente o queixo, e virou o rosto para ele. Os seus olhos azuis contemplavam-na, firmes, e ela ficou nervosa.

— Sabes, Jacob? Contigo sinto-me a salvo.

— Não temas nada, Amanda. Sempre te protegerei.

Amanda sentiu a promessa como a mais sincera que ouvira na sua vida e

abraçou-o sob o movimento serpenteante da luz do tecto. Ficaram assim durante várias horas, contando as suas vidas um ao outro, rindo-se às gargalhadas, sonhando com o seu futuro. Jacob contou-lhe o plano que havia imaginado para descobrir o nome dela, e ela respondeu:

— Isso é impossível! Como me iria chamar tanto a atenção o meu próprio nome escrito entre várias centenas de outros?

— Fecha os olhos — disse-lhe ele.

— Está bem! — disse ela.

— Não os abras, hein! Espera.

— Vá lá!

— Um segundo! — Riu-se. — Estás pronta? Já os podes abrir.

Quando ela abriu os olhos, à sua frente, num dos lados do papel que Jacob tinha escrito com todos aqueles nomes possíveis, ali estava, destacando-se acima dos demais, o de Amanda. Ela não via outro nome senão o seu.

— Como fizeste isso? Eu poderia ser qualquer outra pessoa! Mas está aí o meu nome! É incrível!

— Poderias chamar-te de qualquer maneira, mas continuarias sempre a ser tu — sussurrou ele.

— Como fizeste isso?

Jacob sorriu e deitou-se de novo junto de Amanda, enquanto ela o olhava com uma doce expressão de entusiasmo.

Conversaram durante um bocado, divagando de um assunto para outro. Jacob, durante a conversa, escutava-a, absorto, e observava o modo como ela gesticulava. Amanda contou-lhe sobre o bilhete com o seu nome, o asterisco na parede da arrecadação, a corrida em fuga até o encontrar. Continuaram a falar sobre eles, sobre os seus sonhos, sobre como se veriam quando ela voltasse para Nova Iorque, e, num alarde de brincadeiras, até imaginaram como seriam os rostos dos seus futuros filhos. Continuaram a conversar deitados no chão, enquanto brincavam a ir apagando as velas pouco a pouco e a luz se tornava mais imperceptível. À medida que as velas que restavam foram derretendo, começaram a cair, rendidos ao sono, enquanto se abraçavam.

Capítulo 76

27 de Dezembro de 2013. Salt Lake

Steven parou o carro ao lado de uma antiga loja de bebidas que visitava quando ia de férias para Salt Lake. Aproximou-se da porta e, pelo lado de fora, conseguiu ver através do vidro sujo que lá dentro só havia estantes vazias. Apoiou a mão na porta e visualizou as recordações do rubor de Amanda diante do olhar de Jacob tantos anos antes. A porta ostentava um letreiro de FECHADO, embora ele soubesse o que tinha de fazer.

Olhou para ambos os lados, para ver se alguém daquela povoação solitária estava a vê-lo nesse momento, enrolou a camisola sobre o cotovelo e quebrou o vidro da porta de um modo decidido. Com mais receio do que valentia, enfiou a mão através do vidro quebrado e abriu-a por dentro. Empurrou a porta e entrou na loja de bebidas, que estava impregnada de partículas de poeira que flutuavam no ar com toda a liberdade.

Observou a vitrina onde tinha estado exposto, em 1996, um par de garrafas que ele acabara por comprar para um seu cliente. Fora ali que conhecera Jacob e fora ali que concebera pela primeira vez a ideia de que a sua filha deixara de ser uma menina.

— Château Latour de 1987 — disse ele, enquanto lia uma etiqueta com um preço exorbitante.

Investigou a loja, sabendo que, se tinha de voltar àquela povoação, teria de haver alguma pista na loja de bebidas. Rebuscou as prateleiras vazias durante uns minutos e depois lembrou-se da adega escondida num piso inferior.

Contornou o balcão e viu o alçapão, cuja fechadura estava enferrujada e que não tardou a sucumbir a várias pancadas que ele lhe desferiu com a caixa registadora. Abriu o alçapão e penetrou na escuridão.

Tacteando com as mãos no ar, tropeçou várias vezes em caixas e garrafas que estavam espalhadas pelo chão, até que sentiu um fino cordel acariciar-lhe o rosto. Agarrou-o e puxou-o na esperança de que servisse para alguma coisa e foi então que, pouco a pouco, se acendeu uma lâmpada, iluminando primeiro o seu rosto e a seguir toda a adega.

Diante dele havia uma dezena de caixas antigas e intactas de vinhos espanhóis e franceses. A visão daquele pequeno tesouro não o perturbou minimamente, mas sim o mural que estava na parede: havia recortes de jornais que comentavam o desaparecimento de Amanda numa casa de madeira, fotografias em que se via ele e Kate caídos em frente à porta do hospital, um mapa do mundo com vários pontos marcados em diferentes cidades e, junto dos recortes de jornal, um grupo de fotografias de seis ou sete pessoas distintas, tiradas de longe, e que estavam ligadas por uns fios vermelhos que percorriam o mural. Steven reconheceu todas elas.

— Portanto, o Jacob também anda a perseguir os Sete — disse ele em voz alta. — Ele também quer recuperar a Amanda.

Entre os recortes, até havia fotografias que pareciam ter sido retiradas do depósito de provas da polícia. Numa delas via-se uma espécie de gancho caído no chão, ao lado de uma fita métrica do departamento forense para lhe calcular o tamanho. Várias dessas fotografias eram de um quarto cheio de velas derretidas, cuja cera se havia derramado sobre um chão de madeira e formara zonas com grandes manchas cor de marfim. Com a última das imagens conteve a respiração, devido às lembranças do significado daquele símbolo: um asterisco de um metro e meio de largura com nove pontas. Estava arranhado numa parede de madeira, fazendo um sulco de vários centímetros de profundidade.

Fixou-se em cada pormenor da fotografia, mas não precisava de a observar para saber onde e quando fora feita.

— A casa do tio do Jacob.

Ainda se lembrava de como os acontecimentos se haviam precipitado no dia em que perdera tudo e, assolado pela imagem daquele asterisco, tentou rememorar os momentos posteriores à busca de alguém que curasse uma ferida profunda aberta na perna de uma criança.

Capítulo 77

15 de Junho de 1996. Salt Lake

Steven correu carregando o rapazinho, enquanto ouvia ao longe o riso de hiena da mulher na sala de espera. O ruído era atrozador, e a cada gargalhada incompreensível o cabelo dele eriçava-se. A perna do menino estava completamente ensopada em sangue, e Steven pensou que poderia sangrar até à morte se não encontrasse ajuda rapidamente. Os corredores tornaram-se-lhe eternos, os balcões vazios pareceram-lhe enigmáticos, e quando, finalmente, se viu cara a cara com uma enfermeira de cabelo branco que fazia orelhas moucas à sua pressa de tratar da criança, compreendeu que algo de estranho estava a acontecer.

— Por favor, ajude-me — gritou ele, comprimindo fortemente a zona da coxa por onde a criança sangrava.

Nesse instante, o riso longínquo da mulher que deixara na sala de espera desapareceu. Não sabia porquê, mas para ele a força do silêncio tornou-se mais esmagadora do que a impressão da gargalhada.

— O que deseja, senhor? — perguntou a enfermeira.

— É preciso estancar a hemorragia! Este rapaz está a sangrar!

— E depois? — respondeu ela calmamente.

— E depois como? Não está a ver como ele está a sangrar?

— Tenha calma, senhor. Está muito alterado.

— Que diz? Será que não pensa ajudar-me?

A enfermeira sorriu e, como se nada importasse, como se o miúdo não existisse, como se não percebesse a raiva dele diante da impotência, acariciou levemente o queixo de Steven, que carregava a criança em desespero.

— Que faz? — gritou Steven.

— Steven Maslow, é muito importante que não saias daqui hoje — sussurrou-lhe ela.

— O quê?

Nesse instante, o rapazinho começou a rir-se de um modo tão desolador que Steven compreendeu que caíra nas redes de algo que não entendia, e o que mais o preocupou foi que havia deixado Amanda sozinha. Naquele momento, voltaram à sua mente as esquisitices que a filha lhe contara: o asterisco, a sombra na estação de serviço, a velha na loja de bebidas, o bilhete com o nome dela; e um calafrio de pavor percorreu-lhe o corpo, fazendo-o largar de repente o miúdo no chão, perante o olhar da enfermeira.

Saiu a correr pelos corredores em direcção à sala de espera de onde viera, mas então já era tarde demais. Não estava lá ninguém, e no chão estava abandonada uma faca ameaçadora. Saiu do centro, procurando até onde poderia Amanda ter ido, assustado pela possibilidade de algo de sério lhe ter acontecido, e decidiu entrar no carro e percorrer a povoação sem perder tempo.

A feira acabara de começar, e as luzes iluminaram ligeiramente o entardecer. Sem saber onde se dirigir, conduziu até à feira, junto ao lago no centro da povoação, pensando que talvez Amanda tivesse ido procurar a mãe e Carla, que tinham saído para ir provar o algodão-doce, saborear as maçãs caramelizadas e embasbacar-se com as incríveis exposições de bugigangas dos ciganos.

Quando chegou à feira, Steven percorreu-a de uma ponta a outra, gritando o nome de Amanda, esperando vê-la, não a deixar sozinha e comprovar que se enganara nos seus piores presságios. No mesmo instante em que Steven quase ficava sem voz a chamar pela filha mais velha aos gritos, Kate e Carla encontravam-se no cimo da roda-gigante, a contemplar a beleza do pôr-do-sol, maravilhadas com o espectáculo do crepúsculo em Salt Lake.

— Que bonito! — disse Carla diante daquela vista.

— Nunca vi nada assim — disse Kate.

— Gostava tanto que a Amanda e o papá vissem isto!

— Quando eles vierem, mostramos-lhes, está bem?

— Sim! Eles vão adorar!

Como Steven também não encontrou Kate e Carla, estranhando, decidiu que seria melhor voltar para casa, onde esperava que elas estivessem. Entrou de novo no *Ford* azul que alugara e conduziu apressadamente pela povoação. O incidente com o atropelamento daquele indivíduo manteve-o alerta enquanto realizava as suaves curvas em direcção à zona nova e, durante os escassos minutos que o seu caminho demorou, a escuridão da noite apoderou-se da estrada. Ao chegar a casa, ficou horrorizado por ver as luzes apagadas e uma rua deserta sem um único candeeiro aceso.

Estacionou em cima do jardim e deixou o motor a trabalhar, assustado pela sensação de ter abandonado a filha:

— Amanda! — gritou ele, entrando na casa. — Kate! Carla! Onde estão vocês?

Percorreu a casa de cima a baixo e não as encontrou. O desespero foi-se apoderando dele pouco a pouco, a cada quarto vazio e a cada luz apagada, ao ponto de começar a chorar de nervosismo.

Sem saber mais onde procurar, saiu da casa e entrou no carro, acelerando até ao centro da povoação.

Capítulo 78

27 de Dezembro de 2013. Salt Lake

No instante preciso em que o director abriu a porta e vislumbrou o empoeirado interior da casa, começou a ouvir um zumbido que se aproximava.

— O que é isto? — estranhou ele.

Olhou para cima e, entre a penumbra do crepúsculo e a neblina de Salt Lake, viu um helicóptero acercar-se do local onde se encontrava.

— Que diabo?!

O helicóptero avançou directamente para ele. Quando parecia que ia chocar contra a casa, travou a fundo e, por uns instantes, manteve-se suspenso no ar por cima do jardim. No momento em que o director já quase conseguia ver quem o pilotava, o aparelho começou a descer lentamente até tocar no chão. O pó dos jardins secos levantou-se diante do vendaval das hélices, ao ponto de turvar a visão do director, que tapou os olhos, enquanto um bando de pássaros levantava voo das árvores da zona. À medida que as hélices giravam cada vez mais devagar, o director não pôde deixar de tentar entrever o interior da cabina e, quando elas pararam, alguém saltou lá de dentro, gritando:

— Dr. Jenkins!?

A voz pareceu familiar ao director, mas este estava tão transtornado que a sua mente não era capaz de lhe atribuir um rosto. Pouco a pouco, o pó foi assentando, e Stella apareceu diante dele como a visão de alguém que lhe iria mudar a vida.

— Stella? Que faz aqui? Porque deixou Jacob escapar?

— Lamento, Dr. Jenkins, tive de o fazer. Algo me diz que preciso de saber

o que se passa e porque aconteceu tudo isto.

Jacob desceu do helicóptero sob as ordens de Laura, que lhe apontava a pistola à cabeça, mas, apesar da promessa latente de apertar o gatilho, o rosto de Jacob denotava uma esperança e uma força recuperadas: a sua expressão de comedido entusiasmo contrastava com a expressão ansiosa de Laura ao ter diante de si, ao fim de tantos anos, o Dr. Jenkins.

— Jesse? — disse Laura, surpreendida, saindo do helicóptero.

— Laura? És tu? — gritou o director.

Mal a reconhecia. Guardava na memória a imagem de uma morena de vinte e poucos anos, ecléctica e sonhadora, enérgica e absorvente, alegre e cativante. Tinha passado tanto tempo que ele esquecera os seus últimos meses de gravidez, a sua atitude reservada e estranha nas semanas anteriores ao parto, e renovara as memórias dela com as dos melhores momentos que haviam passado juntos. A mulher que agora se mostrava diante de si era tudo menos a Laura de que ele se lembrava: uma mulher que poderia muito bem ter sessenta e muitos anos, com o cabelo branco, o corpo enfezado e a pele tão pálida que lhe transpareciam as veias.

— É verdade que a Claudia morreu? — disse Laura ao director, com mágoa.

Apesar do forte contraste entre aquilo que o director via diante dos seus olhos e o que lhe mostravam as suas memórias, fitou-a nos olhos e percebeu que o que Jacob lhe dissera sobre Laura era verdade. Não havia nela nada que ele pudesse reconhecer, excepto uma coisa: a dor que transmitia perante a morte de uma filha.

— É verdade, Jesse? — repetiu Laura.

Ouvir de novo o seu nome sair da boca da idosa destruiu-o por dentro. Fê-lo em fanicos e dinamitou-lhe os últimos resquícios de juízo.

— A sério que és tu? — disse o director.

— Que veio fazer a Salt Lake, Dr. Jenkins? — interrompeu Stella. — Por acaso também está envolvido no que aconteceu?

— Claro que não! — gritou ele e dirigiu-se novamente àquela figura do passado. — Laura, porque me abandonaste? Eu precisava de ti. A Claudia precisava de ti.

— Fiz isso por ela.

— Por ela? Como podes dizer-me uma coisa dessas? Como pudeste abandonar-nos, à Claudia e a mim?

— Tu não compreendes, pois não? Não percebes nada. Nunca percebeste nada. Eu pensava que um dia te lembrarias disso e que de alguma forma acabarias por me agradecer.

— Agradecer-te por me abandonares?

— Se não o tivesse feito, a Claudia teria morrido logo ao nascer. Tive de o fazer. Tive de desaparecer da vida de todos. Foi o destino que mo ordenou.

— O destino ordenou-te? Que diabo estás a dizer?

— Jesse, não te lembras das nossas noites, pois não? Funcionou demasiado bem. Em parte, teria sempre de ser assim. Não deverias estar aqui hoje.

— Sem dúvida — interveio Jacob. — Dr. Jenkins, tem de ver o que há nessa casa. Porque não entra?

— Cala-te! — gritou Laura, ameaçando-o com a pistola.

— Que queres dizer? — perguntou Stella.

— Vou fazer-lhe uma pergunta, Dr. Jenkins. Só uma. — Jacob desviou o olhar do de Stella e, sem desviar a vista dela, sem pestanejar e com uma firme decisão de dar cabo de tudo, continuou: — Alguma vez se pôs em frente ao espelho e perguntou a si mesmo quem é?

Jacob virou o seu olhar para o director, que o fitava, incrédulo, sem saber o que responder. Tinha passado toda a vida a escrutinar doentes mentais, debulhando as mentes dos seus pacientes, martelando as vidas dos seus reclusos com perguntas, mas nunca havia contemplado a possibilidade de fazer a si mesmo a única pergunta cuja resposta realmente nos altera a vida.

— Eu perdi a minha filha, pelo amor de Deus. Que mais queres de mim? — gritou o director em desespero.

Jacob mudou de atitude, ao sentir a dor do director.

— Lamento imenso a morte da Claudia, Dr. Jenkins, mas a sua verdade está escondida atrás dessa porta. Ainda não a vê?

O director olhou para trás, com medo do que pudesse encontrar ali dentro, mas mais receoso ainda da sensação que começava a pressentir. Nada fazia

sentido para ele. Uma velha falava-lhe com muita dor, um psicopata fazia-o duvidar de si mesmo e dizia-lhe que lamentava a morte da sua filha, e uma porta entreaberta preparava-o para uma verdade que não compreendia. Girou sobre si mesmo e empurrou a porta da casa velha, amparado por um halo de recordações, quando o som de um tiro lhe atroou os tímpanos.

Capítulo 79

24 de Dezembro de 2013. 00h20. Boston

— Que fazes, Jacob? Não! Não te podes render! — digo eu, zangado comigo mesmo por perder a cabeça e me entregar de bandeja à morte.

Bato na janela com força e quase dou cabo da mão. Raios partam, é de vidro reforçado. Começo a vasculhar nos móveis da sala à procura de algo com que possa quebrá-la e, dentro de uma gaveta, encontro um bilhete antigo, escrito à mão com uma caligrafia elegante, que me chama a atenção: «Claudia Jenkins, Junho de 1996.»

Claudia Jenkins? A filha do Dr. Jenkins? Porque tem data de 1996? Num primeiro momento não compreendo, mas não tenho tempo para pensar muito mais. Continuo a vasculhar nas gavetas e, no meio de um monte de canetas e esferográficas, aparece outro bilhete: «Claudia Jenkins, Dezembro de 2013.»

Que é isto? Duas vezes a mesma pessoa, em datas diferentes?

— Não faz sentido nenhum! — grito eu.

Amaldiçoo-me a mim mesmo pela minha obsessão em entender as coisas, enquanto continuo a rebuscar todas as gavetas. Mal tenho tempo para voltar a pensar nos dois bilhetes. O fogo avança, implacável, e sinto que o chão já aumentou a temperatura até quase me derreter a sola das sapatilhas, quando o telefone começa a tocar.

Fico imóvel por uns segundos, impressionado por a linha continuar a funcionar e os cabos não se terem fundido ainda, e, por um instante, não sei porquê, contemplo a possibilidade de ter morrido asfixiado pelo fumo e de ser Amanda que me chama. Se assim for, não posso esperar nem mais um segundo para falar com ela. Se não, realmente enlouqueci.

Levanto o auscultador, na esperança de falar com ela, de lhe perguntar

quando a verei, quando terminaremos como Deus manda o nosso primeiro encontro, sem pressas, sem choros e sem este maldito silêncio. Não há nada mais avassalador do que o silêncio da solidão, não há nada mais duro do que não a sentir ao meu lado. Ainda me lembro de como ela olhou para mim e, acima de tudo, da doçura com que pronunciou o seu nome. Ouço dentro de mim a sua doce voz de sonho, sinto no meu braço as suas intermináveis carícias, cheiro o inconfundível aroma do seu cabelo e vejo-a sorrir mais uma vez.

— Sim? — respondo.

— Olá, Jacob — diz a voz feminina mais doce que ouvi na minha vida. O coração pára-me por um momento e sinto-me em paz. É inconfundivelmente a voz de Amanda, mas há nela algo de diferente. Uma ligeira vibração no seu tom de voz que me mantém a meio caminho entre a esperança e a tristeza.

— Amanda? — acrescento inseguro.

— Eu não sou a Amanda.

Estas palavras dilaceram-me a alma e arrancam-me sem contemplações ao meu doce final.

— Quem és?

— O destino, Jacob. Surpreendeu-me deveras que tenhas atendido o telefone. Imaginar-te aí, rodeado de fumo, a pensares como hás-de fugir e a encontrar esses bilhetes com o nome da Claudia Jenkins, parecia-me uma situação complicada para que atendesses o telefone.

— Maldita sejas, quem és?

— Nunca chegámos a ver-nos, Jacob. Não me reconhecerias. Mas há uma pergunta melhor do que essa. Porque está o nome da Claudia Jenkins escrito duas vezes, com dezassete anos de diferença?

— Isso não me importa agora — grito eu ao telefone. Já poucas coisas me importam. O fumo entrou na sala, e o fogo alastrou ao tapete do corredor. Não tardará muito a chegar aqui.

— Eu vou dizer-te, Jacob. Porque a Claudia Jenkins está viva, quando deveria ter morrido há muito tempo. E sabes porquê?

— Não — respondo nervosamente.

— Porque a Laura quebrou as regras. Omitiu o seu destino. Sonhou com

ela antes de nascer e não cumpriu o seu objectivo. Omitiu as suas visões porque não podia fazer algo assim à filha.

— E como sabes tudo isso?

— Que interessa? O importante, Jacob, é que a Claudia Jenkins vai morrer.

— Não! Nem mais uma morte! — grito eu para o telefone.

— Acalma-te, Jacob. Por acaso achas que a história termina aqui?

— Vocês não são só sete, pois não?

— Sete? Isto é muito maior, Jacob. Achas que se podem fazer desaparecer tantas pessoas, em todo o mundo, com a cumplicidade de apenas sete pessoas? Não sejas ingénuo.

— O que fizeram à Amanda?

— Pensei que nunca mais me perguntavas por ela — diz-me a voz. Ao ouvir tais palavras desato a chorar. Começo a desesperar e a perder a esperança de a ver novamente. — Só te direi um nome: Stella Hyden.

— Stella Hyden? Quem é?

— Adeus, Jacob.

— Espera! — grito para o telefone.

Tudo o que se ouve é o som intermitente da chamada terminada e, mais perto do que nunca, o firme crepitar do fogo. Stella Hyden? Que significa? A Claudia Jenkins vai morrer? Não! Não enquanto eu puder impedi-lo!

Primo rapidamente o botão de remarcar, mas não comunica. Procuro sem tempo no historial de chamadas, e todas estão classificadas com o nome «desconhecido». Vou passando pelas chamadas, uma após outra, até que surge um nome no pequeno ecrã: Steven. É ele?

Primo o botão de remarcar e tenho a esperança de que atenda:

— Estou — diz uma voz seca e envelhecida do outro lado.

— Steven! És tu?

— Sim, diga.

— Por favor, não faças nada à Claudia Jenkins. Não é preciso. Não o faças, por favor. Já morreu gente suficiente nesta história. Foram demasiados anos. Faz isso pela Amanda. Pensa nela. A Kate já sofreu bastante, não achas? Deixa ir a Claudia. Por favor, tenta ser feliz, seguir em frente com a

tua vida, mas não destruas mais nenhuma. Faz isso pela Carla, esteja onde estiver, ela não haveria de querer ver-te transformado nisso. Haveria de te querer ver feliz e alegre, mas nisso ninguém te pode ajudar. Estás a ouvir-me? Disso tens de ser tu a encarregar-te.

Quando acabo de falar, quase sem absorver ar, sem respirar, e na esperança de semear nele um grão de bondade, de recuperar os seus anseios de amor, parte-se-me a alma ao ouvir-lhe a voz rouca:

— O quê? Não se percebe nada. Só palavras soltas.

— Steven, estás a ouvir-me? — grito eu, esperançado de que ele ouça o que lhe quero dizer. — Tens de parar de fazer mal, Steven, de lhes entregar o que eles querem.

— Não percebo nada. Só ouvi que tenho de ser eu a encarregar-me disto.

— Não tens de ser tu a encarregar-te disto.

— Não foi isso que combinámos, mas suponho que já estou demasiado envolvido. Mais três dias, e vocês devolvem-me a minha vida.

— Eu não disse que tens de o fazer! Do que tu tens de te encarregar é de ser feliz, de não destruir mais vidas. Estás a ouvir? Steven?

Um fio de suor frio escorre-me pela nuca quando percebo que a chamada foi cortada.

— Não! — grito eu entre lágrimas, abrasado pelo fogo que já entrou no quarto.

Capítulo 80

16 de Junho de 1996. Salt Lake

Jacob acordou ainda a sentir o toque do rosto de Amanda sobre o seu peito, as intermináveis carícias no seu braço e os dedos dela a brincarem-lhe no rosto, mas ela já não estava ali. As carícias tinham desaparecido, o toque dos seus dedos esfumara-se, e a única coisa que restava dela era o aroma a lavanda do seu cabelo.

— Amanda?! — gritou ele.

O silêncio mais absoluto apoderou-se da casa, e ninguém respondeu. Levantou-se, assustado, e, quando se deu conta de que as sombras que os perseguiam poderiam tê-los encontrado, o seu coração partiu à desfilada, e um impulso de adrenalina atingiu-lhe o peito e fê-lo cambalear de terror.

— Amanda!

Desceu as escadas procurando-a pela casa a toda a pressa, enquanto os seus passos faziam ranger a madeira exposta.

— Amanda! Onde estás? — implorou.

De repente, percebeu algo estranho. Ao longe, ouvia um ruído quase imperceptível de algo a roçar na madeira. Não sabia o que era, mas apegou-se à ideia firme de que Amanda estaria no lugar de onde ele provinha. Percorreu rapidamente a casa e, sempre que perdia o rasto ao tal barulho, parava e prestava novamente atenção. À medida que se ia aproximando de uma das paredes do piso térreo, a sua atenção afinou-se para seguir o rasto daquele ruído que rasgava qualquer coisa. Sentiu que provinha da porta que dava para a cave e, sem hesitar, abriu-a e entrou aos gritos.

— Amanda, és tu? Que fazes aqui em baixo? Não tem graça.

A luz da cave estava apagada e, quando desceu as escadas, ficou

impressionado com a imagem ténue e imperceptível que se lhe apresentava: um homem estava de costas para ele, vestido de preto, a rasgar a madeira da parede com qualquer coisa de metal. Ao lado dele, uma mulher um pouco mais baixa, também de costas para Jacob, e que sussurrava algo imperceptível ao ouvido do homem. O que se conseguia perceber era um zumbido, mas num tom tão baixo que não se podia entender absolutamente nada. Um risinho minúsculo escapou da voz da mulher.

— Quem são vocês?! — gritou ele cheio de coragem.

— Olá, Jacob — disse-lhe a mulher sem se virar. A luz mal permitia distinguir-lhes as silhuetas na escuridão, e Jacob movia-se aos apalpões, sem se virar de costas para eles, assustado e sem saber o que fazer.

— O que querem?

— Ai, Jacob, como é bonita a inocência, não é verdade? — continuou a dizer a voz feminina.

O homem continuava a rasgar a madeira sem prestar atenção a mais nada, como se estivesse numa espécie de transe.

— Inocência? Que diabo querem vocês?!

— Estás a falar a sério? Quero salvar a minha filha — disse-lhe ela. — É ela ou a minha filha. Entendes agora?

A mulher virou-se para trás e moveu-se rapidamente entre as sombras. Jacob tacteava as paredes em busca de uma lâmpada, rasgando as mãos nas farpas.

— Foram vocês que escreveram aquele bilhete com o nome da Amanda?

— O bilhete? Sim. Mas o destino dela ainda não me é claro, sabes? Isto é novo para mim.

— O quê?

— Os sonhos, Jacob. Alguma vez sonhaste?

— Que queres dizer? — disse Jacob na escuridão.

— Se já alguma vez tiveste um sonho tão real, tão firme, tão palpável e ao mesmo tempo tão trágico que nunca mais quisesses vivê-lo.

— Só peço que deixem a Amanda em paz, se não hão-de pagar por isso para o resto das vossas vidas.

— Que rapaz tão giro. Já viste, Jesse?

Capítulo 81

27 de Dezembro de 2013. Salt Lake

Quando Steven chegou a casa do tio de Jacob, contemplou-a com os seus mais íntimos receios. A última vez que ali estivera era de noite, e a pressa fez que não prestasse atenção a nada. Agora que o crepúsculo invadia com força a fachada de madeira, corroída e sem cor, a única coisa que predominava era a quietude. O âmbar do pôr-do-sol banhava as plantas que cobriam tudo. A verdura das trepadeiras e das buganvílias tapava o castanho apodrecido das zonas esburacadas pelos carunchos, que se haviam apoderado da casa e a tinham reduzido à sua expressão mínima. As paredes estavam cheias de furos e, quando ele entrou por uma das aberturas da fachada, a madeira do chão rangeu a ponto de ceder.

Achou o interior familiar, mas não sabia exactamente porquê. Não havia lá dentro nenhum móvel. A estrutura que sustentava o tecto do piso térreo havia cedido na zona da cozinha, agora convertida nuns escombros de restos de madeira apodrecida. As mãos fortes de Steven acariciaram suavemente uma das colunas, fazendo que as lascas húmidas desta se desfizessem perante a firmeza da sua pele. O tempo desgastara sem contemplações tudo o que havia na povoação, mas parecia ter-se assanhado afincadamente com aquela casa.

Steven caminhou, a madeira rangia sob os seus pés, e rebuscou sem espalhafato toda a casa, recapitulando na sua memória os restos de uma noite que havia decidido esquecer. Deitou uma olhadela às fotografias que trazia consigo e que recolhera na adega da loja de bebidas e reviu-as atentamente. O gancho media, aos seus olhos, uns vinte e seis centímetros, comparado com a fita métrica que o acompanhava na fotografia. Estava de lado, e no chão de terra, junto dele, havia algumas lascas e aparas de madeira espalhadas.

— A cave — disse.

Caminhou pelo que parecia ser o salão da casa, completamente vazio e etereamente repleto de um ar rarefeito, e aproximou-se da porta da cave. Hesitou durante um microssegundo, mas não contemplava outra opção.

Ao descer as escadas, sentiu que a luz do pôr-do-sol se coava pelas tábuas de madeira do piso térreo, iluminando a cave com faixas cor de laranja. Quando se aproximou da parede do fundo, um nó apoderou-se-lhe da garganta. Diante de si estava o asterisco gravado na madeira e que ocupava toda a altura da parede. Steven notou que estava meio acabado. Um calafrio eriçou-lhe a pele e as suas mãos começaram a tremer enquanto o contemplava solenemente.

— Porque tiveste de ser tu, Amanda? — disse ele com uma voz cheia de ódio.

Rebuscou a cave, decidido a encontrar algo que o levasse aos Sete, quando se apercebeu de algo invulgar. Num dos cantos estavam restos de comida em cima de uma manta.

— Alguém esteve a viver aqui — disse ele.

Ao princípio passou-lhe pela cabeça que fosse um vagabundo que tivesse feito daquela cave a sua casa, mas, quando vasculhou entre a manta e os restos de comida, o seu coração teve um sobressalto porque não compreendia nada.

— Não pode ser.

No meio da manta, encontrou um monte de papéis amarelados. Ainda não tinha lido nada do que lá dizia, mas tinha-os visto tantas vezes que já sabia o que continham.

Leu todos os bilhetes um a um, temendo encontrar nomes que reconhecesse, e ficou petrificado ao ver que eram todos iguais: «Claudia Jenkins, Dezembro de 2013.»

— Claudia Jenkins?

O nome dela ainda lhe reverberava na alma. Tivera de o fazer. E sentia-se por isso mais desventurado do que nunca. Os seus olhos vítreos começaram a chorar enquanto contemplava o bilhete.

— Em que me transformei? — gritou ele, arrependido da sua vida e de

todas as decisões que tomara até chegar onde estava. — Espera aí — disse ele, surpreendido —, esta letra não é a mesma de sempre.

Tinha-os contemplado durante os últimos anos, tantas vezes e durante tanto tempo que sabia em pormenor como era cada uma das letras, como era cada traço e até como a pessoa que os fazia apertava a escrita. Durante algum tempo, até pensara que era impossível uma pessoa escrever sempre exactamente da mesma maneira, sem nenhum traço diferente entre as mesmas letras. Houve até uma época em que comparava bilhetes escritos com vários anos de diferença entre si, e eram sempre idênticos. O papel mudava, e a tinta também, mas nunca os traços nem a letra.

— Quem escreveu estes bilhetes? Não foram eles?

Nesse momento contemplou a possibilidade de ter assassinado Claudia Jenkins em vão.

Virou o bilhete, esperando encontrar o asterisco de nove pontas que havia sempre, mas aquilo que encontrou deixou-o mais perturbado: uma espiral desenhada à mão. Tal como o asterisco, estava exactamente no centro, mas de forma sinuosa, e, como as curvas dela se aproximavam inexoravelmente do centro, fizeram-no cambalear aturdido.

— Que significa isto? Alguém me manipulou? Quem queria que a Claudia Jenkins morresse? Porquê? — gritou.

Apertou o bilhete com força, olhando para o asterisco na parede.

À medida que ia lançando perguntas ao ar, o seu rosto enchia-se de uma raiva incontrolável e, quanto mais pensava na morte de Claudia Jenkins, mais o pânico o invadia, ao recordar o grito lancinante com que se despedira do mundo sob o frio do Quebeque.

Naquele momento, ficara pensativo durante algumas horas, perdido em si mesmo e considerando a hipótese de não prosseguir com o plano. Umas semanas antes de ter assassinado Claudia, recebeu na cabana um par de caixas de cartão e um envelope contendo uma frase escrita à máquina que então não entendeu: «Devolve algo dela ao centro psiquiátrico de Boston.» Steven não entendeu a mensagem, como muitas outras vezes lhe tinha acontecido, e pô-la de lado, esperando que chegasse o momento-chave em que lhe entenderia o significado. Quando recebeu o telefonema a meio da

noite dizendo-lhe que tinha de ser ele a encarregar-se de Claudia Jenkins, compreendeu o que queria dizer aquele bilhete.

Começou a dar socos no asterisco da parede com toda a sua raiva, esfolando os nós dos dedos contra a madeira. Cada golpe perfurava ligeiramente a parede, espetando-lhe farpas e fazendo-o sangrar. A dor que pouco a pouco sentiu nas mãos aumentou-lhe a vontade de destruir o asterisco e continuou a esmurrá-lo durante vários minutos, enquanto ia caindo, esgotado pela dor.

— Filhos da puta! — gritou ele com todas as suas forças, enquanto se desfazia em soluços. — Fiz isso pela Amanda e pela Carla, para as recuperar e para voltar a senti-las por perto. As minhas meninas! As minhas pobres meninas! Em que me tornei?

No instante em que perdeu a esperança, em que a luz do pôr-do-sol que penetrava pelos buracos da madeira se desvaneceu, ajoelhou-se e abriu os braços para o céu.

— Deus, perdoa-me. Perdoa-me, Deus. Por favor, perdoa-me. — Chorou. — Que faço? Diz-me o que tenho de fazer. Farei qualquer coisa, suplico-te.

Deixou-se cair no chão, desfeito em lágrimas e com as mãos ensanguentadas, cujos pingos caíam intermitentemente sobre os bilhetes que tinham o nome de Claudia Jenkins... quando, de repente, ouviu um tiro ao longe.

Capítulo 82

28 de Dezembro de 2013. Salt Lake

— Não! — gritou Laura. O director virou-se para trás com ar de pânico ao ouvir o disparo, largando a maçaneta da porta. Jacob virou-se instintivamente para Stella, que ficara paralisada.

— Estás bem? — sussurrou Jacob para Stella. A voz dele recuperou um tom tão melódico que se tornou imperceptível para os restantes. Ela olhou-o com um ar cúmplice e assentiu em silêncio, com um nó na garganta.

Laura tinha a pistola ao alto, apontada para o céu, e estava ofegante, cansada do esforço de suportar a tensão de uma arma que disparava.

— Ninguém vai entrar nessa casa — disse Laura, com a voz cheia de raiva.

— Que há lá dentro? — perguntou Stella, tentando ganhar algum tempo.

— Nada!

— Entre, Dr. Jenkins — asseverou Jacob.

— Porquê?

— Quer saber quem é?

— A única coisa que eu quero é entender porque morreu a Claudia.

— Já lhe disse, Dr. Jenkins. Morreu porque tinha de ser. Lamento não ter podido salvá-la.

— Salvá-la? Pudeste salvá-la?

— Não pude! — gritou Jacob, entristecido.

— Não pudeste? Não pudeste? Que queres dizer com isso?

— Estava escrito, Dr. Jenkins. Alguém me telefonou, sabendo o que iria acontecer. A chamada foi cortada, e eu não pude fazer nada. Lamento com toda a minha alma.

Os portentosos olhos azuis de Jacob deixaram entrever umas lágrimas que se recusavam a sair deles, e, pela primeira vez, Stella viu-o sofrer.

— E porque me pedes perdão? Não dizias que não tinhas nada a ver com o assunto? — gritou. Pouco a pouco, o medo do director em relação ao que poderia haver no interior da casa transformou-se em ódio, o ódio em ira, e a ira apoderou-se dele. Laura observava-o, enquanto ia percebendo que aquela transformação era a que sempre receara.

— Jesse, acalma-te — disse Laura.

— Acalmo-me? Quem és tu para me dizeres que me acalme? Onde estiveste todos estes anos? Que mãe horrível desaparece e deixa a filha sozinha durante tantos anos? Não passas de uma demente. Como te atreves sequer a falar comigo?

— Dr. Jenkins, entre na casa! — gritou Jacob.

— Cala-te! — O director lançou-se sobre Jacob, e atirou-o ao chão.

— Jacob! — berrou Stella.

O director começou a bater nele uma e outra vez, enquanto Jacob não deixava de olhar para ele, a partir do chão. Não se alterava perante cada golpe, apenas inclinava ligeiramente a cabeça com o impulso do punho. Por um segundo, o Dr. Jenkins achou que ele se estava a rir de si. Não gesticulava nem emitia qualquer som de dor. Ao fim de seis ou sete pancadas, parou.

— Quem és tu?

— Quem sou eu? A questão aqui é quem é o senhor.

— Eu sou o Dr. Jenkins.

Levantou o punho, pronto a atingi-lo mais uma vez, tentando ganhar impulso para lhe bater com muito mais força. Nesse instante, Stella empurrou Laura, fazendo-a largar a pistola e cair de costas no relvado, e saiu a correr para o interior da casa. O uivo de Laura perfurou os tímpanos do director, e Jacob aproveitou essa distração para se libertar dele com um movimento rápido. Girou sobre si mesmo e mudou de posição em relação ao director, que ficou debaixo de Jacob, preso pelas suas pernas.

— Sim, Dr. Jenkins — disse Jacob —, mas que significa isso? Ainda não se lembra? — Jacob abeirou-se dele, enquanto lhe agarrava na camisa com força. — Não se lembra? Eh? Não se lembra de mim?

Tê-lo a alguns centímetros da cara e ver de tão perto os olhos de Jacob bloqueou-o. Parou de lutar e de se debater com ele e ficou petrificado, a observar-lhe os olhos azuis sem pestanejar.

— Eu já te vi antes — disse ele, incrédulo. — Como é possível? Era... era de noite. Estava escuro..., mas..., mas esses olhos... Quando foi isso?

Ao entrar na velha casa, Stella fechou a porta atrás de si sem ouvir nada. Temia pela sua vida, e entendera o olhar que Jacob lhe lançara como um aviso para que fugisse assim que pudesse. O facto de não sentir sobre si a incipiente pistola pronta a disparar relaxou-a durante o segundo em que julgou estar a salvo na escuridão do interior da casa, até que conseguiu acender a luz ligando os fusíveis. Quando contemplou a cena, o seu peito teve um sobressalto.

Ansiava com toda a sua esperança encontrar alguma resposta ali dentro, mas não havia nada. A sala estava vazia: as paredes estavam despidas, não havia nenhum móvel, nenhum quadro, nenhuma cortina. Apenas a luz intermitente de uma lâmpada fluorescente branca que dava à sala uma aparência desolada. As janelas estavam tapadas com tábuas mal colocadas, as portas corroídas pelo caruncho, e o cheiro a podridão era tão avassalador que Stella teve de tapar o nariz para não vomitar.

Começou a notar uns empurrões do outro lado da porta e correu pela casa cobrindo o nariz, desesperada e entristecida por não descobrir nada, quando se apercebeu de que a luz da cave também se acendera ao mesmo tempo que toda a casa. Não sabia porquê, mas, de repente, aquele cheiro a podridão lembrou-lhe algo que não conseguia entender. Cheirou com cuidado, desejando ter à mão um ambientador, e entrou na cave trancando a porta por dentro. Sem saber o que fazer, desceu as escadas a correr e ficou paralisada ao ver o que ali havia: no centro do aposento estava uma cadeira de madeira, com correias nos apoios de braços e aparafusada ao chão. Ao canto, uma secretária abandonada, repleta de livros e de papéis antigos.

— Que é isto?

Aproximou-se dos livros que estavam em cima da secretária e leu os

títulos de alguns deles: *Amnesia pós-hipnótica* de Clark L. Hull, *L'hypnotisme et les états analogues* de G. G. de la Tourette, *Condicionamento e Aprendizagem* de Ernest Hilgard...

— Que significa tudo isto? — murmurou sem compreender nada.

Inspeccionou receosamente a cadeira que estava no centro e acariciou levemente uma das correias. Reparou que o chão tinha vários sulcos, como se alguém tivesse tentado escavá-lo, e que, num dos braços, havia marcas de unhas a arranhar a madeira.

Ao acariciar os arranhões na madeira, sentiu-se mais aturdida do que nunca, com uma sensação de náusea que não compreendia. Pensou que ia cair ao chão, mas, no mesmo instante em que perdia o equilíbrio, sentiu a dor das lascas a cravarem-se-lhe nas suas unhas, a pressão das correias nos seus pulsos delicados e as intermináveis horas de sofrimento perante um cântico de Laura que nunca cessou, até a ver perder tudo. Nesse instante passou diante dos seus olhos um milhão de imagens dela ali sentada, um milhão de novas recordações povoou-lhe a mente, e, perturbada pela dor de haver perdido o que mais amava no mundo, gritou com todas as suas forças.

Capítulo 83

16 de Junho de 1996. Salt Lake

O homem parou de rasgar a parede e virou-se para trás na penumbra, ao mesmo tempo que a jovem ria. Jacob cerrou os punhos e, tremendo, gritou:

— Onde está a Amanda? Onde está?

— A Amanda já não está aqui — disse a mulher. — Esfumou-se, desapareceu. Oh, que pena, não é verdade?

— Mentos! Diz-me onde está, se não irão pagar caro!

— Já viste, Jesse? O rapaz mostra-se valente. Ah, ah, ah. Estavam os dois tão bonitos, abraçadinhos, a dormirem entre as velas. Que romântico!

O homem estava abstraído e a sua silhueta não se mexia minimamente. A mulher começou a sussurrar-lhe qualquer coisa ao ouvido e instantaneamente levantou a cabeça para ele. Na escuridão, Jacob não lhe conseguia ver o rosto, mas sentiu que estava a olhar para si como se estivesse a observar o seu pior inimigo.

— O que lhe estás a dizer?

O sussurro continuou por mais alguns segundos, enquanto uma sensação entremeada de medo e de raiva se apoderava dele.

— Não se lembrará de nada, não te preocupes — disse a jovem.

— A Amanda já não está aqui — repetiu o homem numa voz pausada e inerte — esfumou-se..., desapareceu. Oh..., que pena..., não é verdade?

Ouvir dele as mesmas palavras que a mulher pronunciara fê-lo perceber que algo não era normal. Quando compreendeu que o homem estava o sob domínio dela, não teve tempo para fazer nada. O homem lançou-se sobre ele e, com umas mãos firmes, começou a apertar-lhe o pescoço. Jacob lutou com ele, atingindo-o na cara com os punhos, mas não conseguiu nada. Estava

prestes a desmaiar, quando a sensação de não ter conseguido proteger Amanda se apoderou dele, fazendo-o ir buscar forças onde não as tinha, fazendo-o reabastecer-se de coragem a partir do fundo do seu coração.

— Escuta-me — disse-lhe ele com raiva, quase sem conseguir respirar, tentando com as mãos livrar-se da asfixia —, tu nunca te livrarás de mim.

O homem manteve a pressão sobre o seu pescoço, com uma raiva desmedida e descontrolada, enquanto a mulher continuava imóvel, a rir-se sem parar.

— Vamos! O que esperas para acabar com ele?

Nesse instante, num dos cantos da cave, Amanda acordou, atordoada, e olhou em seu redor, atemorizada por não se encontrar no quarto rodeada de velas.

— Jacob? — disse ela, confusa.

O homem e a mulher viraram a cabeça para a zona onde ela estava, surpreendidos por ela ter acordado, e Jacob aproveitou esse milissegundo em que o homem relaxou a pressão das mãos para lhe dar um último empurrão e ladeá-lo até o ter debaixo de si.

— Amanda! Corre! Foge daqui!

Amanda, sem saber o que fazer, mas cheia da energia que o medo transmite, saiu a correr pelas escadas acima, mirando de soslaio a escuridão que deixava para trás com a maior das preocupações que tivera na sua vida: que Jacob estivesse bem.

— Corre! — gritou-lhe de novo Jacob, enquanto agarrava o homem pela camisa e começava a socá-lo perante a tranquila inexpressividade da mulher.

Jacob aproximou-se do rosto do homem no meio da escuridão, fitando-o com raiva, enquanto a sua face intumescida pelos golpes tremia devido aos nervos e à raiva. Na escuridão, Jacob não distinguia bem o rosto do seu agressor, mas este sim, via-lhe os olhos azuis brilhando na escuridão, repletos de uma ira irrepetível.

— Olha bem para mim, filho da puta, porque não me vais esquecer em dias de tua vida — sussurrou-lhe.

A jovem começou a rir às gargalhadas, mas Jacob não prestou atenção a nada, até que ouviu o grito de Amanda junto às escadas.

O grito fê-lo levantar os olhos para ela e, quando viu várias silhuetas escuras bloquearem a porta, compreendeu que não iria cumprir a sua promessa de a proteger. As suas próprias lágrimas começaram a cair na cara do homem, e, nesse mesmo instante, Laura parou de rir e desferiu-lhe um golpe na cabeça, transformando tudo em escuridão.

Quando abriu os olhos não havia ninguém. As silhuetas tinham desaparecido e Amanda também. O rosto de Jacob estava apoiado contra a terra do chão e, quando ele se levantou, recordou entre soluços as imagens que vira ao acordar na sala de sua casa, quando o pai o deixara inconsciente meses antes: a mesa de vidro quebrada, as fotografias dos pais, a dor nas costas devido aos pontapés... Sangrava ligeiramente da cabeça, mas não se importou, ao sentir, uma vez mais, a perda do que mais amava.

— Amanda? — gritou, aturdido. Não sabia quanto tempo se passara, por isso saiu a correr pelas escadas acima, quando ouviu o som de um carro a arrancar.

— Amanda! — voltou a gritar com força, enquanto saía da casa.

Viu as luzes vermelhas de um carro distanciarem-se e, com elas, a sua última esperança de ser feliz. Desatou a correr gritando, tentando persegui-lo, mas, ao fim de poucos minutos de corrida, já se havia perdido no horizonte.

Capítulo 84

24 de Dezembro de 2013. 00h34. Boston

Quando o telefonema com Steven é cortado, morro por dentro. O que percebeu ele? Que vai fazer? Deus santo! Vai assassinar a Claudia Jenkins? Que fiz eu? Em que me tornei? Uma simples marioneta? Mais um fantoche? Como o Steven? Quem sou? Uma vida sem vida, sonhos sem sonhos, um amor perdido para acabar por me transformar num brinquedo para continuar a massacrar vidas. É isso que sou? Como pude cair nesta maldita armadilha?

Quem me telefonou sabia o que eu faria, sabia que telefonaria a Steven e que pronunciaria aquelas palavras. Sabia que a ligação seria interrompida no momento certo para tirar as coisas de contexto, para o fazer crer que ele tinha de assassinar Claudia Jenkins. Ela não merece morrer. Talvez seja verdade aquilo que dizem, e o destino esteja escrito. Se não, como sabiam que eu pronunciaria tais palavras?

Começo a chorar, desconsolado, e, com o fogo premente que me rodeia por todos os lados e me atinge o rosto com suas brasas, vou-me abaixo. Sento-me à escrivaninha e espero pela morte. Para quê viver se não cumpri a minha promessa de te proteger, Amanda? Acabei com seis, mas eles são muitos mais. Morrerei aqui dentro, e eles continuarão com a sua espiral de destruição: quebrando sonhos, destruindo vidas, divulgando ilusões, debulhando futuros, eliminando aspirações e, acima de tudo, delapidando amores.

No momento em que perco a esperança de sobreviver, noto que em cima da secretária, à minha frente, tem estado durante o tempo todo um livro com capa de couro em que não havia reparado. A luz do candeeiro continua a piscar, embora já não faça falta, uma vez que as chamas iluminam a sala com

sua cor alaranjada.

Agarro no livro, procurando uma última visão antes de sucumbir ao fumo negro que se está a apoderar do tecto. Abro-o na primeira página, e o coração sobe-me à boca:

— Amanda?!

Uma fotografia de Amanda está colada no papel. Está a entrar na loja de bebidas, ao mesmo tempo que uma senhora idosa sai. A fotografia foi tirada à distância, como se estivessem a espiá-la. Serão as fotografias de quando a seguiam?! Passo mais uma página, e vê-se Amanda a correr pela rua, às escuras, e a olhar para trás. Vejo nela o seu rosto de pânico e cerro o meu punho com tal força que cravo em mim as minhas próprias unhas. O rosto dela faz-me perceber a que ponto os receava e não pude fazer nada para a salvar.

Viro a página e, quando vejo a foto seguinte, o coração oprime-me o peito com tal força que o sinto latejar com virulência. Na imagem vê-se Amanda presa a uma cadeira no centro de uma sala, com uns holofotes ofuscantes apontados sobre si, enquanto uma mulher com uma bata branca está inclinada para ela e lhe mostra quatro dedos diante da cara.

— Que diabo significa isto? O que lhe fizeram?

A paz que sentia momentos antes perante a ideia de morrer transformou-se agora em ódio.

Viro a página e vê-se uma rapariga mais velha, com uns vinte e dois ou vinte e três anos, a entrar no gabinete de recrutamento do FBI. Sem dúvida alguma que é Amanda, reconheço-lhe o cabelo acobreado que se destaca sobre a pele. A fotografia também foi tirada à distância, mas vejo-lhe claramente o rosto.

— Estás viva, Amanda? — grito.

Passo mais uma página, e a última fotografia é diferente. É uma imagem de um anuário a preto e branco. Amanda olha de frente para a câmara com o logótipo do FBI em fundo. Embora um pouco mais velha do que na fotografia anterior, não tenho dúvida de que é ela, com o seu olhar, o seu sorriso e as suas ânsias de alegria. Quando leio a legenda em rodapé, fico sem palavras: «Stella Hyden.»

O que significa isto? A voz ao telefone pronunciou esse nome. Quer dizer que é ela? Amanda é Stella Hyden? Não pode ser! É impossível! Retrocedo algumas páginas e compreendo que o que estavam a fazer a Amanda na cadeira não era mais do que a eliminar-lhe a mente, as memórias, e a transformá-la numa pessoa que ela não era. Poderá isso fazer-se? Poderá porventura esquecer-se um amor?

— Não! — grito eu, colérico.

Levanto-me de um salto e recupero as forças para lutar. Agarro na cadeira e começo a bater na janela com toda a energia. Já quase não se consegue respirar, e desde há algum tempo que deixei de ouvir choros e gritos vindos do salão. Continuo a bater, com cada vez mais força, revivendo a cada golpe a memória de Amanda, recuperando a ilusão de que a verei com vida, de que ela olhará para mim, de que eu olharei para ela e de que continuará a amar-me. Porque não há nada mais forte que um amor juvenil, não há nada, absolutamente nada, que me possa separar dela.

Com o último golpe, em que quase caio, exausto, a janela rebenta e cai para o outro lado. Não tenho tempo para pensar e, quando julgo que o fogo me vai atingir, salto pela janela.

O voo dura vários segundos, mas é como se o tempo parasse. Tudo ficou imóvel, e eu sou o único que se mexe, tombando para o jardim, enquanto o ar fresco me acaricia e me transporta de novo para Salt Lake. Nem sequer ouço o crepitar do fogo, só ouço o grito que Amanda vociferou quando veio ao meu encontro. Alegro-me pelo tempo que durou a nossa noite juntos e por como nos beijámos à luz das estrelas.

Quando caio no relvado, dói-me tudo, mas nada que se compare ao que sinto por dentro. A vitalidade que me invade dá-me forças para me levantar e perceber que tenho as roupas em chamas. Dispo-as a toda a pressa, sem pensar, antes que me queimem a pele.

— Esta passou perto — digo para mim mesmo.

Fiquei nu, mas não me importo. Sinto a brisa da noite acariciar-me a pele, e não há sensação mais agradável do que a de um dever cumprido. Tenho de continuar com o meu plano: fazer que me prendam e enfrentar o Dr. Jenkins. Não esqueci o que ele fez. Separou-me de Amanda e destruiu a minha vida.

Só espero que o Steven não cometa nenhuma loucura.

Se a Amanda continua viva, tenho a certeza de que acabaremos juntos, pois, se o destino existe, sabe que fomos feitos um para o outro.

Tenho as mãos manchadas de sangue e cheias de feridas. Na relva está a mochila onde deixei o livro com todos os nomes das vítimas e que acabei por atirar pela janela juntamente com a cabeça de Jenifer Trause. Tiro o livro lá de dentro com determinação, sabendo o que isso implica e olhando-o com ódio. Já nada mais me importa, por isso escrevo na última página, com o sangue dos meus dedos, o lugar onde tudo começou, na esperança de que seja encontrado por algum daqueles que formam este maldito grupo de loucos, e saibam onde penso encontrá-los: «Salt Lake.»

Deixo-o debaixo dos restos das minhas roupas que não se queimaram e morro por dentro quando vejo, a escassos metros de mim, a cabeça de Jennifer Trause. Pego nela com lágrimas nos olhos e, com a firme decisão de recuperar Amanda, atravesso a cerca caminhando em direcção ao centro da cidade, deixando atrás de mim o horror de uma noite sem fim.

Capítulo 85

16 de Junho de 1996. Salt Lake

Steven conduzia nervosamente, implorando ao céu que nada de grave tivesse acontecido a Amanda. O *Ford* azul percorria a toda velocidade as curvas sinuosas da estrada de Salt Lake, ziguezagueando da esquerda para a direita, enquanto ele receava o pior. Não sabia onde estavam Kate e Carla e por um segundo passou-lhe pela cabeça que talvez lhes tivesse acontecido algo também. Começou a chover ligeiramente, e o pára-brisas do carro encheu-se de pequenas gotas que rapidamente se esfumavam no ar.

Numa das curvas alguém se atravessou no meio da estrada com as mãos ao alto, fazendo-lhe gestos desesperados para que parasse. Steven viu-o porque a silhueta ficou iluminada pelos faróis do carro, mas esteve prestes a atropelá-lo. Lembrou-se do acidente que tivera no dia anterior com o fulano que ia ser pai, e o seu coração sobressaltou-se.

— Sr. Maslow? É o senhor? — gritou Jacob. Tinha o cabelo molhado, as maçãs-do-rosto vermelhas e o olhar cheio de desespero.

— Jacob? E a Amanda? Viste-a?

— Sr. Maslow, ajude-me, por favor, duas pessoas levaram-na. Eu acordei, e ela já não estava.

Aquelas palavras martelaram a alma de Steven e fizeram que as mãos lhe tremessem. Instintivamente, Steven saiu do carro e agarrou no braço de Jacob, com a intenção de o acalmar.

— Onde é que vocês estavam? — disse.

— Aqui, na casa do meu tio, atrás daquelas árvores. Aquela casa em construção. Eu acordei, e ela já lá não estava. Lamento imenso, senhor Maslow. Desci à cave, e um homem e uma mulher tinham-na posto a dormir.

Havia um enorme asterisco na parede, e então eles bateram-me, e havia mais pessoas, e...

— Acalma-te, Jacob — disse-lhe. — Para onde foram eles?

— Para o centro da povoação. Por favor, Sr. Maslow, ajude-me. Não fui capaz de a salvar, por favor, desculpe-me.

A voz de Jacob alquebrara-se com os gritos de ajuda, e Steven percebeu que, apesar de manter a compostura, o seu nervosismo e, acima de tudo, a sua decisão de proteger Amanda eram do mais férreo que já vira num rapaz tão jovem.

— Fica aqui, Jacob.

— Eu vou consigo!

— Fica aqui! — gritou com raiva.

Steven entrou no carro, batendo a porta com força. O seu rosto transformara-se e, com os olhos carregados de fúria, arrancou.

— Deixe-me ir consigo, a Amanda é tudo o que eu tenho — disse Jacob começando a chorar.

— Não! — gritou Steven.

Pisou no acelerador, deixando Jacob no meio da estrada, com a chuva a cair sobre ele e a ver as duas luzes vermelhas afastarem-se a toda velocidade. Entre lágrimas, Jacob enfiou a mão num dos bolsos das calças e tirou de lá um bilhete amarelo, cuja tinta se diluía pouco a pouco com a chuva: «Amanda Maslow, Junho de 1996.»

Cerrou o punho com raiva, apertando o bilhete e sentindo que a sua vida não iria ser a que sonhara. Jacob continuava a sentir-se perturbado por aquela sensação de felicidade efémera mas real que experimentara junto de Amanda. De repente, acumularam-se nele todas as experiências recentemente vividas: a morte da mãe, a fuga de sua casa e a solidão que sentia onde quer que estivesse... E percebeu então como havia superado tudo graças a Amanda. Ela tornara-se a sua luz ao fundo do túnel e o seu amor para sempre. Deu-se conta de que já não estava ali e gritou com todas as suas forças para o céu.

Steven conduzia a toda velocidade. A chuva turvava o vidro e mal permitia

que ele visse por onde estava a ir. Dava guinadas com o volante para um lado e para o outro, tentando encontrar um carro na escuridão de Salt Lake, somente interrompida pela luz cintilante da feira. Poucos minutos depois, ao longe, avistou as duas luzes traseiras de um carro, que, sem dúvida, fugia da mesma zona a toda a pressa.

Pisou o acelerador e tentou dar-lhe caça, enquanto ambos os veículos se dirigiam, imparáveis, para a zona da feira. De onde Steven estava, conseguiam ver-se duas silhuetas por trás do vidro.

— Vocês não vão a lugar nenhum — sussurrou ele, decidido.

Steven acelerou ainda mais. As revoluções do motor e o atrito das rodas contra o asfalto molhado criavam uma melodia sinistra, perfeita para os piores planos. Ambos os veículos circulavam pelas imediações da feira a toda a velocidade, quando ele sentiu uma forte pancada no pára-choques do carro.

Tudo aconteceu tão depressa que ninguém conseguiu fazer nada.

O vidro da frente partiu-se em mil pedaços, e Steven ficou petrificado, a segurar no volante com as mãos, que não paravam de tremer. Travou a fundo, perdendo de vista o carro que ia a perseguir, mas receando o pior. Da feira ouviam-se os gritos de pânico, a música parou de tocar, e os ciganos já não apregoavam as maravilhas dos seus trastes inúteis. Steven saiu do carro lentamente, enquanto sentia que, pouco a pouco, as pessoas da feira se iam aproximando dele com uma expressão de horror. No meio do tumulto que começou a cercar o carro, Kate apareceu a correr.

— Carla! Carla! — gritou ele rompendo em pranto, enquanto se atirava para o chão.

Steven ajoelhou-se a chorar, com as mãos na cabeça, e abraçou o corpo da sua filha.

— Por favor, não! Por favor! Carla, minha vida... Por favor, não! — gritou Steven para o céu.

Capítulo 86

28 de Dezembro de 2013. Salt Lake

Stella subiu as escadas da casa e atravessou a saleta que fazia as vezes de vestíbulo, mais desconsolada e mais aturdida do que alguma vez estivera na sua vida. Lá fora ainda se ouvia a briga de Jacob com o director, e, quando ela percebeu que já não se sentiam as pancadas de Laura contra a porta da casa, assustou-se.

Instintivamente, girou sobre si mesma e afastou com um empurrão as mãos envelhecidas de Laura, que estavam prestes a agarrá-la. Stella fez-lhe uma chave e atirou-a ao chão. Assustada, saiu da casa a correr e passou ao lado de Jacob, olhando-o de soslaio enquanto ele socava o director.

— Lembra-se de mim agora? Eh? — gritava Jacob para o director, enquanto este não entendia nada. A mente dele divagava de uma memória para outra, da morte de Claudia para os seus anos em Salt Lake, de quando conhecera Laura para quando conversava com ela todas as noites. Para ele, Laura desaparecera poucos dias depois de Claudia nascer, mas nunca imaginara que tivesse sido um títere nas mãos da esposa. — Lembra-se de mim?!

Stella começou a vasculhar o relvado crescido do jardim, procurando a pistola que Laura tinha deixado cair.

— Stella Hyden, tens de morrer, entendes? — disse Laura com a sua voz mortíça sob a entrada da porta. — Sonhei contigo. Tens de morrer. É assim que funciona. Tu és a Stella Hyden, e eu sonhei contigo, tens de morrer, se não o mundo vai acabar. Tem de ser aqui, em Salt Lake. Foi assim que sonhei, uma cidade que desaparecia. Sim, é isso! Uma cidade em que pouco a pouco tudo ia desaparecendo, como se nunca tivesse existido. Essa cidade é

Salt Lake, sabes? Foi aqui que te transformaste em quem és. Entendes, Stella? É inevitável. Foi o destino que o disse. O destino disse que Stella tem de morrer.

Laura caminhava para ela com uma mão atrás das costas, falando rapidamente e sem ligar uma frase a outra, fazendo que Stella ficasse mais perturbada. Mas de repente a agente sentiu a arma na relva e ergueu-a com um ar decidido.

— Quieta! Mostra-me as mãos!

Laura continuava a aproximar-se e começou a rir-se sem emitir som algum. Enquanto caminhava, gesticulava com a boca como se estivesse a falar com alguém e movia a cabeça de um lado para o outro.

— Entendes, Stella? É simples, tu morres e já está. Aqui. Sim, aqui. Em Salt Lake. Tens de morrer porque é assim que funciona. Não. Não há outra maneira.

— Não te aproximes!

— Eu quis mudar isso há muito tempo, sabes? Mas não. Não é possível. Tens de morrer. Fiz um acordo. A vida da minha filha em troca de conseguir mais alguém que nos ajudasse. Steven vai ficar triste, mas é isso. Aí está. Não, não se pode alterar. Entendes? Não. Não há outra maneira. Ah, ah. É inevitável. O destino pesa. O destino é tudo, Stella Hyden.

Nesse instante, Laura levantou a mão e mostrou uma faca afiada, erguida acima da sua cabeça.

Jacob virou o olhar para Stella e, por um momento, pensou que poderia realmente perdê-la. Levantou-se com rapidez, tentando chegar a Laura, mas, a meio da corrida, Stella disse:

— Eu sou a Amanda Maslow.

E disparou.

Laura caiu de costas no relvado, e, instintivamente, o director começou a correr para ela. Não se aproximava sequer da imagem que recordava de Laura, mas tinha tantas interrogações, tantas perguntas no ar, que começou a chorar quando viu que todas as respostas se desvaneceriam com ela.

— Laura, por favor. Porquê? Que fizeste? O que me fizeste?

O sangue começara a sair-lhe abruptamente do abdómen, e o director

comprimiu-lhe a ferida, tentando conter o sangramento com desespero.

— Desculpa, Jesse — sussurrou Laura. — Não se pode enganar o destino.

— Que dizes, Laura? O que queres dizer?

— Sonhei com a Claudia e decidi protegê-la. Eles tê-la-iam matado. Eu tentei. Afastei-me dela. Mas não se pode mudar o destino. Não se pode — disse ela a custo.

— O que me fizeste, Laura? Porquê?

— Tu cuidarias da Claudia. Não percebes? Não te lembrarias de nada e encarregar-te-ias de cuidar dela. Sairias da minha vida. Os outros não teriam deixado que te fosses apenas embora. Eu tinha de me afastar de ti, mas precisávamos de mais alguém. Tu sabias de tudo e nós tínhamos de ser sete. Foi por isso que o fizemos.

— O quê? O que fizeram vocês?

Laura não respondeu.

— Laura?! Laura!

O director começou a gritar, amaldiçoando a sua vida. Pela mente dele passaram as imagens da cabeça de Claudia, a sua primeira conversa com Jacob na sala de interrogatórios, a sua vida a criar a filha sozinho, a *bella vita*, o seu despertar no hospital, a morte de Laura nos seus braços... As memórias amontoaram-se-lhe na mente, uma após outra, com tal impacto que o puseram fora de si.

— Ah! — gritou ele, colérico.

Levantou-se com raiva e começou a dar pontapés no chão, a lançar socos no ar, a odiar a sua vida com todas as suas forças.

— Acalme-se, Dr. Jenkins — disse Amanda, empunhando ainda a pistola fumegante. — Não quero alvejá-lo.

— Acalmar-me? Acalmar-me? Quem julga que é para me dizer para me acalmar? Quem? — gritou o director, levantando a voz cada vez mais e gesticulando com os braços.

— Dr. Jenkins — disse Jacob com uma voz serena, interpondo-se entre Amanda e o director —, não se aproxime nem mais um passo. Já causou danos suficientes. A Claudia não haveria de querer vê-lo assim.

— A Claudia? Como te atreves a mencioná-la?

— Dr. Jenkins, não faça nenhuma loucura.

— Já não resta nada da minha vida! Nada! — vociferou ele para o céu enquanto os seus olhos se raiavam de sangue.

Lançou-se sobre Jacob com tal velocidade que Amanda não pôde fazer nada. Caíram ambos no chão e começaram a lutar com os braços, cada um tentando dominar o outro. Amanda levantava a arma, mas as mudanças de posição de Jacob e do director eram tão rápidas que não se atrevia a disparar. Numa dessas voltas, o director agarrou na faca que estava junto do cadáver de Laura e levantou-a decididamente para Jacob. A faca desenhou uma trajectória directa ao peito de Jacob, mas este conseguiu evitá-la e mal notou que a sua ponta se lhe cravara ligeiramente nas costelas. Aguentou-a como pôde nas mãos por alguns segundos, enquanto Amanda não sabia o que fazer.

— Dispara! — gritou Jacob. — Vamos!

— Não posso!

— Dispara, Amanda!

Não era a primeira vez que ouvia o seu nome pronunciado pela voz vibrante de Jacob, mas este atingiu-lhe a alma de tal forma que se encheu de coragem e, decidida, fez pontaria no director. Quando estava prestes a apertar o gatilho, pouco antes de Jacob não conseguir aguentar mais a força do director, sentiu alguém passar velozmente a seu lado. Foi uma brisa tão enérgica, com tanto vigor, que ficou paralisada, e a pele arrepiou-se-lhe como se tivesse provado um sorvo do melhor vinho.

Umas mãos fortes rodearam o peito do director, que sentiu que o arrancavam ao seu único objectivo e lhe arrebatavam a faca com a mesma facilidade. Amanda não reconhecia a silhueta do homem que estava de costas para si diante do Dr. Jenkins, mas era-lhe tão familiar e protectora que se lhe encolheu o coração.

Caindo no chão de costas, o director viu Steven olhá-lo de forma ameaçadora. Sem lhe dar tempo, Steven aproximou-se dele e pô-lo fora de combate com um soco portentoso.

— Papá? — disse Amanda, enquanto as lágrimas lhe corriam pelo rosto.

Capítulo 87

16 de Junho de 1996. Salt Lake

Kate chorava ao pé da cama onde Carla se encontrava em coma, enquanto Steven, aturdido, dava voltas ao aposento. Não sabia o que dizer. Kate não lhe dirigira a palavra desde que haviam chegado ao hospital. O silêncio imperava entre ambos com a mesma solenidade que o pânico. Era um silêncio tão denso que Steven se refugiava em cada apito incessante do monitor cardíaco. Aqueles apitos tranquilizavam-no e representavam para ele a esperança de que Carla sobrevivesse.

Dois polícias, um loiro e o outro moreno, assomaram à entrada da porta do quarto e fizeram-lhes sinal para que saíssem. Kate levantou-se com presteza e adiantou-se rapidamente a Steven:

— Encontraram-na? — perguntou Kate, com a voz dilacerada.

— Sr. e Sra. Maslow — disse o moreno enquanto caminhavam pelo corredor —, mandámos todas as unidades revistar a povoação e as imediações em busca de Amanda. — Fez uma pausa ao ver a cara de esperança de Kate. Baixou a cabeça e continuou. — Lamento dizer-lhe que não encontrámos nada.

— Como assim, não encontraram nada? — gritou Kate.

— Não há nada. Não vimos a camioneta que referiu, nem ninguém a viu em parte alguma. Falámos com o rapaz, Jacob, e o pobre coitado passou toda a madrugada a correr pela povoação e perdeu a voz a gritar o nome dela. Segundo nos contou, não se lembra claramente dos rostos de nenhuma das pessoas que a levaram. Está em choque. Disse-nos que não irá parar enquanto não a encontrar, mas, sinceramente, a cada hora que passa, perdemos um pouco mais a esperança.

— Mas têm de a encontrar — gritou Steven. — Como pode desaparecer assim?

— Procurámos impressões digitais na cave daquela casa, mas não encontrámos nada. O asterisco, só isso. O mesmo que estava na sua arrecadação. Custa-me dizer-vos isto, mas preparem-se para o pior.

Kate deixou-se cair de joelhos no chão e chorou desconsolada por Amanda, e no seu íntimo lamentava não a ter deixado em Nova Iorque antes de mais. O sentimento de culpa e a dor dominaram-nos a ambos com tal virulência que os impediram de continuar a ouvir o polícia moreno, enquanto o louro assistia à conversa com uma inexpressividade familiar.

De repente, uma luz vermelha de alarme acendeu-se no corredor, e rapidamente várias enfermeiras acorreram a quarto de Carla. Kate abriu os olhos cheios de terror.

— Carla! — gritou.

Deu um salto e pôs-se em pé, dominada pelo pânico. O coração de Steven parou quando sentiu que a filha ia morrer por sua culpa, mas, quando todos entraram no quarto e se aglomeraram na porta, ficaram petrificados.

A cama estava vazia e Carla tinha desaparecido.

Capítulo 88

28 de Agosto de 1996. Nova Iorque

A casa estava mergulhada numa aura tão desoladora e num cinzento tão perturbador que Steven se sentia morto por dentro. Desde o desaparecimento de Amanda e de Carla, Kate e Steven tinham deixado de falar um com o outro. Ele sentia-se tão infeliz, tão sobrecarregado pela pressão da culpa, que não conseguia pensar noutra coisa que não fosse nas suas filhas. A luz quase nem entrava pelas janelas, cujas cortinas permaneciam sempre fechadas. Depois do que acontecera em Salt Lake, Steven deixou a empresa e entregou-se ao luto, sem se preocupar com mais nada. Passava longas horas a chorar no quarto das meninas, folheando os cadernos delas e olhando para as suas fotografias, para as suas roupas. Não fazia caso das constantes chamadas de atenção de Kate, que chorava dia após dia na cama. Já tentara suicidar-se em duas ocasiões, e as visitas permanentes dos psicólogos não conseguiam fazer-lhe ver que a vida continuava e que, por muitos obstáculos intransponíveis que tivesse, tudo seguia em frente. O correio amontoava-se na entrada da casa, e Steven, com uma barba incipiente como jamais tivera, ignorava, perdido na sua própria dor, os constantes telefonemas de velhos amigos e familiares.

Steven estava no sofá, de olhar perdido, a chorar mais do que nunca. Era o décimo sétimo aniversário de Amanda, e a mera ideia de não a ter ao seu lado juntamente com a pequena Carla dilacerava-o por dentro.

De repente, o telefone começou a soar insistentemente. Ignorou-o por alguns momentos, até que, nesse mesmo instante, alguém bateu à porta, com três pancadas tão firmes e impetuosas que o arrancaram ao seu transe e lhe fizeram pensar que a pessoa do outro lado estava pronta a deitar a porta

abaixo. Olhou para a porta, e o coração parou-lhe ao ver entrar velozmente, pela fresta, um envelope castanho.

Levantou-se e foi até à porta, preocupado.

— Sim? — disse ele.

Ninguém respondeu.

Abriu-a de par em par, mas também não havia ninguém do outro lado.

Estranhando, refez os seus passos e baixou-se para apanhar o sobrescrito. Era de tamanho padronizado e não trazia remetente ou destinatário. Abriu-o com curiosidade e, quando retirou o seu conteúdo, ficou imobilizado: era uma fotografia de Amanda, amarrada a uma cadeira de madeira, amordaçada e de olhos vendados.

— Amanda? — disse ele. Pela sua mente desfilou um milhão de pensamentos, num relâmpago de emoções que o perturbaram.

Instintivamente, virou a fotografia, e lá estava, um asterisco de nove pontas perfeito, idêntico ao que haviam encontrado na cave da casa do tio de Jacob quando ela desaparecera.

A sua mente transformou-se num verdadeiro caos de emoções de culpa e de tristeza pela sua filha. A raiva apoderou-se dele, e, precisamente no momento em que as lágrimas lhe começavam a cair pelas faces, o telefone voltou a tocar com a sua melodia estridente.

Aproximou-se receosamente do auscultador e pegou nele:

— Quem é? — disse, com a voz entrecortada.

— Olá, Steven — disse uma voz feminina do outro lado do auscultador.

— Suponho que já terás visto a fotografia.

— Que queres? — gritou ele. — Onde está a Amanda? O que lhe fizeram? Ela está bem?

— Queres voltar a vê-la? Existe uma maneira de recuperares a tua filha.

— Farei o que for preciso. Dar-vos-ei o que for preciso. Tenho dinheiro. Posso conseguir o que quiserem.

— Dinheiro? Não.

— O que querem? Peçam-me, e farei qualquer coisa.

— Dezassete anos da tua vida.

— O quê?

— A Amanda acabou de fazer dezassete anos. Podes recuperar a Amanda se nos deres dezassete anos da tua vida.

— Farei o que for preciso, mas deixem-na ir. Farei o que quiserem.

— Iremos dizer-te como hás-de encontrá-la daqui a dezassete anos, quando tiveres cumprido o que te pedimos.

— Por favor, digam-me o que tenho de fazer para a libertarem.

— Algures, nos próximos anos, irás receber um bilhete e uma data. Poderá ser amanhã, ou poderá nunca acontecer. Mas, se quiseres recuperar a Amanda, terás de fazer o que te pedirmos quando chegar a hora.

— Qualquer coisa, mas não lhe façam nada. — Desatou a chorar.

— Se fores à polícia, a Amanda morre. Se contares isto a alguém, a Amanda morre. Se não cumprires o que te dissermos, a Amanda morre — asseverou a voz.

— Digam-me apenas que ela está bem.

— Adeus, Steven.

— Por favor, por favor. E a Carla? Está bem?

— ...

E desligou.

Capítulo 89

28 de Dezembro de 2013. Salt Lake

— Amanda? — gritou Steven entre lágrimas. — És tu?

— Papá! — disse ela, correndo até o abraçar. Os seus braços magros rodearam-no e sentiram a pele áspera de Steven, desgastada por uma vida de abandono.

— Filha, lamento muito. Desculpa não te ter protegido. Lamento tanto. Graças a Deus, estás aqui.

Ajoelhou-se em frente dela, enquanto Amanda tentava fazer que ele ficasse de pé ao seu lado. Agachou-se até ficar à mesma altura, sem saber o que dizer ou o que fazer.

— Papá, já estou contigo outra vez. — Chorou.

Steven abraçava-a entre soluços, ao mesmo tempo que estremecia de alegria. Estava morto por dentro, devido a tudo o que tivera de fazer, mas sentir de novo Amanda ao seu lado fê-lo ressurgir das profundezas de si mesmo com um vigor tão doloroso e tão vital que mal conseguia articular uma palavra.

— Desculpa, Amanda. Eu... martirizei-me toda a vida para te recuperar e aqui estás. Tan..., tantos anos.

— Lamento não ter estado contigo. Desculpa.

— Tu não tens culpa, filha. Eu não te protegi como devia. Não acreditei em ti. Desculpa, filha, por favor, perdoa-me. Diz-me que estás bem. Diz-me.

— Estou bem, papá. Estou bem. Não chores mais, por favor — disse-lhe ela entre soluços.

Ficaram em silêncio, abraçados durante vários minutos, enquanto Jacob observava a cena com a solenidade de quem espera uma vida nova. Via como

Steven abraçava a filha e sentia cada sensação de estar junto dela: o cheiro do seu cabelo, o som da sua respiração, o tacto do seu casaco. Brotaram-lhe as lágrimas ao saber que Amanda já era ela própria e estava viva. Tivera-a à sua frente durante as entrevistas e reconhecera-a logo que lhe ouvira a voz. No instante em que chegara à porta da sala de interrogatório e cumprimentara o director, soubera logo que era ela. Custou-lhe manter a compostura, teatralizar a sua loucura, introduzir-lhe pouco a pouco recordações acerca dele, e acerca de Salt Lake, prepará-la para a verdade, mas o que maior esforço lhe exigira, sem dúvida, fora não se levantar e beijá-la logo que a sentira por perto. Sussurrar-lhe ao ouvido que era ele, o seu Jacob, o de há muitos anos; que ela era Amanda, a sua vida e a razão pela qual todos os dias lutava para ser feliz.

Steven olhou para cima e viu-o a chorar junto deles, observando-os de pé, imóvel de felicidade.

— Vem cá, filho — disse-lhe então, levantando-se e abraçando-o. — Obrigado, Jacob. Nunca perdeste a esperança.

Jacob não respondeu. Não conseguia. Tinha um nó na garganta que não o deixava falar. Amanda levantou-se e aproximou-se dele. Steven lançou um gesto de cumplicidade à filha e afastou-se para lhes proporcionar intimidade.

Amanda e Jacob olharam-se entre lágrimas e, como se não tivesse decorrido um minuto desde que haviam passado a noite sob um mar de velas, ele aproximou-se lentamente, com medo de que ela se desvanecesse quando lhe tocasse, que a acariciasse e não fosse real. Aproximaram-se pouco a pouco, sem acreditarem ainda estar diante um do outro. Jacob levantou as mãos com delicadeza e acariciou-lhe ligeiramente o rosto. Amanda fechou os olhos por um segundo, sentindo a interminável carícia de Jacob como a mais verdadeira que jamais poderia ter imaginado.

— Não chores, por favor — sussurrou ele.

— Como não hei-de chorar? — perguntou Amanda. — Estás comigo, como prometeste.

As testas dos dois tocaram-se, e ambos mergulharam nas profundezas do amor adolescente. Rememoraram simultaneamente o seu encontro no alpendre da casa de Amanda. Ela de pijama e o seu grito de surpresa ao vê-lo,

os risos dos dois deitados durante a noite, em cima da madeira, a olharem para o tecto, e o interminável beijo no barco em Salt Lake.

De repente, Jacob agarrou-a com força pela cintura, decidido a não a largar nunca mais, e beijou-a.

Durante o tempo que esse beijo durou, Steven amarrou o director a uma árvore, que continuava inconsciente, e revistou o corpo de Laura, procurando desesperadamente alguma pista que pudesse ajudá-lo a encontrar Carla. No mais profundo do seu ser, esperava que a sua outra filha também estivesse viva algures e que não os tivesse esquecido. Rebuscou-lhe os bolsos e encontrou um pedaço de papel de jornal escrito. Reconheceu logo a letra, era a mesma que sempre recebera, e compreendeu assim que era Laura quem lhe escrevia os bilhetes. Leu-o em voz alta sem prestar atenção ao que lia, mas percebeu instantaneamente que aquele era diferente dos outros: «Stella Hyden, fim dos dias.»

— Jacob — disse ele, interrompendo o mundo que Jacob e Amanda haviam formado, no qual sussurravam coisas ao ouvido um do outro e se maravilhavam entreolhando-se —, o que significa isto?

Jacob aproximou-se e contemplou o bilhete um pouco nervoso, mas seguro de que nunca mais o separariam dela.

— Eu era a Stella Hyden — disse Amanda.

— Tu? Irão perseguir-te até te encontrarem — disse Steven, preocupado.

— Não o farei — respondeu Jacob. — Não o permitirei.

— Como tens tanta certeza? — disse Steven.

— Porque eu não sou a Stella Hyden — asseverou a sua filha. — Eu sou a Amanda Maslow.

Jacob olhou para ela com a alegria de haver recuperado tudo quanto queria, mas sabendo que, quando o FBI chegasse a Salt Lake, o levariam de volta para uma prisão ou para um complexo psiquiátrico. Não lhe importava. Sabia que já podia referir a existência da mansão, o livro com todos os nomes das vítimas dos últimos anos, e dentro de pouco tempo estaria livre. Poderia provar que não tinha decapitado Jennifer Trause, a única coisa que realmente tinha de demonstrar. Steven ficou entristecido pela certeza de que iria passar o resto da sua vida no cárcere caso se entregasse, mas a culpa já lhe pesava

tanto, e a dor de tantos anos à deriva martirizava-o de tal maneira, que a mera ideia de pagar por haver proporcionado tanta desolação e por ter recuperado a sua filha comoveu-o e fê-lo aguardar esse momento com esperança.

— O que faremos agora? — disse Amanda.

— Viver — respondeu Jacob com entusiasmo.

Esperaram, abraçados, a chegada do FBI durante várias horas, sentados no jardim daquela casa abandonada numa povoação abandonada, em frente à velha casa branca com telhados azuis que os vira ruborizarem-se, contemplando as estrelas que permaneciam idênticas às de dezassete anos antes, enquanto Steven os observava com o olhar de um pai feliz.

— Diz-me, Jacob — sussurrou Amanda —, como sabias que eles iriam atribuir-me o teu caso? Como sabias que eu iria prestar apoio aos interrogatórios do Dr. Jenkins?

— Não sabia. — Sorriu. — Deve ter sido o destino.

Epílogo

Julho de 2014. Sítio desconhecido

A luminosidade do luar coava-se pelas clarabóias do tecto no longo corredor do mosteiro em que dois monges caminhavam em silêncio, envergando uma túnica negra que lhes cobria parte do rosto. Um deles transportava uma bandeja de prata com uma jarrinha de metal cheia de água e um prato fundo de cobre, cheio até cima com um caldo acastanhado e espesso. Durante o percurso pelo corredor, havia momentos em que ficavam completamente às escuras e outros em que as velas e a claridade no tecto criavam uma solene iluminação ténue. Quando chegaram ao fundo, dois outros monges escoltavam uma enorme porta de madeira fechada. Ao verem os portadores da comida, assentiram levemente e afastaram-se para os deixarem passar.

— Silêncio — sussurrou um deles.

O que acompanhava o monge que levava a comida abriu ligeiramente a porta, tentando evitar que as velhas dobradiças rangessem. O interior do aposento estava completamente às escuras, e não se via nada para além do arco da porta. O monge da comida entrou sigilosamente e caminhou às escuras e rodeado de silêncio.

De repente, ouviu-se uma respiração forte perto de onde ele estava, assustando-o e fazendo-o deixar cair a bandeja ao chão. Ficou paralisado ao notar que, no interior do aposento, se movia uma sombra que ele não conseguia localizar.

A sombra acendeu uma pequena lamparina, que iluminou ligeiramente o corpo do monge e a bandeja no chão.

A visão que o monge teve de um delicado corpo feminino junto à

lamparina fê-lo estremecer. A jovem ignorou o monge e, rapidamente, pegou num pedaço de papel que tinha em cima da mesa, ao lado de um telefone antigo, e escreveu: «Jacob Frost, Dezembro de 2014.»

Instantaneamente, a jovem virou-se para o monge e permaneceu imóvel perante a falta de jeito do portador da sua comida. O monge olhou-a com uma expressão de pavor e começou a tremer.

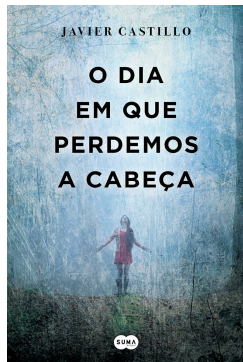
— Eu..., peço desculpa — disse ele com a voz entrecortada. — Perdoame, Carla.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de todo o coração à Ana, a minha editora na Suma de Letras, pelo trabalho árduo e consciencioso na edição do romance e, principalmente, por me ter escrito naquele dia de Fevereiro. Não tenho a menor dúvida de que, sem ela, esta obra não seria a mesma.

Dedico um agradecimento especial à minha esposa, Verónica, pelas suas leituras nocturnas, em que tentava adivinhar para onde seguiria o enredo depois de cada capítulo e por fazer de conselheira e amiga em tantos aspectos da minha vida.

Não me posso despedir sem agradecer com todas as minhas forças aos milhares de leitores, sonhadores e amantes do *suspense* que adquiriram e leram este romance quando ele foi publicado em edição de autor na Amazon. Obrigado por terem conseguido tornar realidade os sonhos de um humilde escritor.



«São doze horas da manhã de 24 de Dezembro, falta um dia para o Natal. Caminho pela rua tranquilo, com o olhar perdido, e tudo parece estar em câmara lenta. Olho para cima e vejo erguerem-se quatro balões brancos que se afastam em direcção ao Sol. Enquanto ando, ouço gritos de mulheres e percebo como as pessoas, ao longe, não param de me observar. Para dizer a verdade, parece-me normal que olhem para mim e gritem, ao fim e ao cabo estou nu, coberto de sangue, e transporto uma cabeça entre as mãos.»

Centro de Boston, 24 de Dezembro, um homem caminha nu, trazendo nas mãos a cabeça decapitada de uma jovem mulher.

O Dr. Jenkins, director do centro psiquiátrico da cidade, e Stella Hyden, agente do FBI, vão entrar numa investigação que colocará em risco as suas vidas e a sua concepção de sanidade. Que acontecimentos fortuitos ocorreram na misteriosa cidade de Salt Lake há dezassete anos? E porque estão todos a perder a cabeça agora?

JAVIER CASTILLO cresceu em Málaga, Espanha, licenciou-se em Gestão de Negócios e fez Mestrado em Gestão da ESCP Europe em Madrid, Xangai e Paris. Trabalhou como consultor de finanças corporativas. *O dia em que perdemos a cabeça*, o seu primeiro romance, vendeu mais de 275.000 cópias, cruzou fronteiras —em Itália, prepara-se um grande lançamento — e será publicado no México e na Colômbia, além de Portugal. Os direitos audiovisuais foram adquiridos para a produção duma série televisiva.

Título original: *El día que se perdió la locura*

Edição em digital: Janeiro de 2018

© 2017, Javier Castillo

© 2018, Penguin Random House, Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Av. Duque de Loulé, 123

Edif. Office 123 — Sala 3.6

1069-152 Lisboa

Tradução: Jorge Pereirinha Pires

Revisão: Inês Guerreiro

Capa: adaptação de Teresa Coelho

ISBN: 978-989-665-750-5

Composição digital: leerendigital.com

Suma de letras é uma chancela de:

Penguin
Random House
Grupo Editorial

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Índice

O dia em que perdemos a cabeça

Introdução

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60

Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68
Capítulo 69
Capítulo 70
Capítulo 71
Capítulo 72
Capítulo 73
Capítulo 74
Capítulo 75
Capítulo 76
Capítulo 77
Capítulo 78
Capítulo 79
Capítulo 80
Capítulo 81
Capítulo 82
Capítulo 83
Capítulo 84
Capítulo 85
Capítulo 86
Capítulo 87
Capítulo 88
Capítulo 89
Epílogo
Agradecimientos

Sobre o livro
Sobre Javier Castillo

Créditos